



**Arthur José Torres da Conceição**

**Reunidos pelo Espírito:  
A assembleia litúrgica em chave pneumatológica**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação  
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro  
Julho de 2021



**Arthur José Torres da Conceição**

**Reunidos pelo Espírito:  
A assembleia litúrgica em chave pneumatológica**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Dr. Luiz Fernando Ribeiro Santana**

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Profa. Dra. Maria Clara Lucchetti Bingemer**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Dr. Gilcemar Hohemberger**

Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 05 de Agosto de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

### **Arthur José Torres da Conceição**

É bacharel em Filosofia pela PUC-Rio em 2014. Graduou-se em Teologia em 2018 pela Faculdade de São Bento – Rio de Janeiro. Atua como professor da Escola Diaconal Santo Efrém na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Durante o Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral foi bolsista da CAPES.

#### Ficha Catalográfica

Conceição, Arthur José Torres da

Reunidos pelo Espírito: A assembleia litúrgica em chave pneumatológica / Arthur José Torres da Conceição; orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. – 2021.

153 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Assembleia litúrgica. 3. Espírito Santo. 4. Liturgia. 5. Mistério Pascal. 6. Salvação. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos meus irmãos e irmãs e aos  
meus professores de Liturgia e  
Pneumatologia.

## Agradecimentos

Ao Deus Uno e Trino que nos alcança com Seu infinito amor.

Aos meus pais que me iniciaram na fé.

Ao Professor Dr. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana, meu orientador, pela esmerada dedicação, competência e amizade fraterna e propulsora.

À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por proporcionar qualificado aprofundamento da fé cristã, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. De modo especial ao Departamento de Teologia pelo trabalho incansável de formar novos teólogos para edificação da Igreja. Deixo registrado aqui meu agradecimento afetuoso aos professores Pe. Waldecir Gonzaga e Francilaide de Queiroz Ronsi, sempre sensíveis e disponíveis.

Aos professores, colegas e funcionários do departamento de Teologia da PUC-Rio pela parceria, sobretudo ao caro amigo, Pe. Eufrázio Morais.

Ao Seminário Arquidiocesano de São José: o reitor, Cônego Leandro Câmara; o prefeito, Padre Júlio Lopes; o diretor espiritual, Padre André Rodrigues; demais padres formadores; às religiosas, sobretudo Ir. Maria Roziane Guimarães, IBC; os seminaristas; os funcionários e colaboradores por todo o zelo e incentivo.

Ao Cônego Cláudio dos Santos pelo imenso, generoso e bondoso coração acolhedor e por todo o suporte no desenvolvimento desta pesquisa.

À comunidade São Luís Maria Grignon de Montfort pela fraternidade.

Aos familiares e amigos pelo apoio e orações.

## Resumo

Conceição, Arthur José Torres; Santana, Luiz Fernando Ribeiro (orientador). **Reunidos pelo Espírito: A assembleia litúrgica em chave pneumatológica.** Rio de Janeiro, 2021. 153p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Todas as religiões possuem no ato de reunir a sua melhor expressão para realizar o culto. No cristianismo, a reunião tem na convocação divina o seu motivo principal. O ato de reunir-se é, por assim dizer, a resposta à convocação realizada. O culto da Igreja se compreende na assembleia litúrgica, entendida como a primeira manifestação da fé cristã. Nela, os convocados se reúnem para uma experiência profunda de fé e transformação. Para que seja efetiva, se faz necessária a presença e ação dinamizadora do Espírito Santo na assembleia cristã. Com isso, está identificado o escopo de nossa pesquisa que será abordada em três capítulos.

A assembleia litúrgica em chave pneumatológica fitou nesta pesquisa um itinerário bíblico-histórico-teológico-litúrgico-pastoral. Para tanto, este caminho percorreu no primeiro capítulo, a Escritura Sagrada. Nela, foram consideradas algumas das principais assembleias da história da salvação que tiveram vinculação com o Espírito Santo. No capítulo seguinte, averiguamos do período dos Padres da Igreja ao Concílio Vaticano II o desenvolvimento histórico da compreensão e práxis das reuniões celebrativas dos cristãos. Ao desfecho e, portanto, terceiro capítulo, reunimos os frutos colhidos da Escritura e da história para identificarmos alguns traços que a teologia hodierna tem investigado sobre esta relação orgânica entre a assembleia litúrgica e o Espírito Santo. Com isso, queremos resgatar esta temática para apresentar uma discreta contribuição à vida cristã que se estabelece a partir de suas assembleias onde o Espírito Santo torna-a viva, atual e continuadora da história da salvação.

## Palavras-chave

Assembleia litúrgica; Espírito Santo; Liturgia; Mistério pascal; Salvação; Participação; Carismas.

## Riassunto

Conceição, Arthur José Torres; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **Riuniti dallo Spirito. L'assemblea liturgica in chiave pneumatologica.** Rio de Janeiro, 2021. 153p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Tutte le religioni hanno nell'atto di riunire la loro migliore espressione culturale. Nel cristianesimo, la riunione trova nella convocazione divina la sua principale motivazione. L'atto di riunirsi è come una sorta di risposta alla convocazione ricevuta. Il culto della Chiesa comprende questa realtà nell'assemblea liturgica, intesa come la prima manifestazione della fede cristiana. In essa i chiamati si radunano per fare l'esperienza profonda di fede e trasformazione. Affinché sia effettiva è necessario che nell'assemblea cristiana ci sia la presenza e l'azione dello Spirito Santo. Su questo tema vogliamo focalizzare lo scopo della nostra ricerca, che sarà svolta in tre capitoli.

La nostra ricerca sul tema dell'assemblea liturgica in chiave pneumatologica svolge un percorso biblico, storico, teologico, liturgico e pastorale. Il primo capitolo prende in esame la Sacra Scrittura per evidenziare le principali assemblee della storia della salvezza che hanno avuto un legame con lo Spirito Santo. Nel capitolo successivo si indaga il percorso storico dei Padri della Chiesa fino al Concilio Vaticano II, e quindi lo sviluppo storico della comprensione e prassi delle riunioni celebrative dei cristiani. Nel terzo capitolo, si riprendono i dati significativi trovati nelle Scritture e nell'evoluzione storica per identificare alcuni elementi che la teologia e la liturgia attuale stanno ricercando sulla relazione organica fra assemblea liturgica e Spirito Santo. Scopo del nostro lavoro è recuperare questa tematica per offrire un piccolo contributo alla vita cristiana, che si stabilisce proprio a partire dalle assemblee nelle quali lo Spirito Santo rende viva, attuale e continuativa la storia della salvezza.

## Parole-chiavi

Assemblea Liturgica; Spirito Santo; Liturgia; Mistero Pasquale; Salvezza; Carismi.

## Sumário

1. Introdução	11
2. As assembleias pneumáticas na revelação bíblica	18
2.1 As assembleias na revelação veterotestamentária	19
2.2 O ministério público-reunidor de Jesus	32
2.3 As assembleias cristãs a partir de Pentecostes	44
3. O contexto histórico-teológico das assembleias	56
3.1 A compreensão assembleal-pneumática nos Padres da Igreja	57
3.2 A configuração da assembleia a partir da cristandade	71
3.3 A perspectiva pneumatológica da assembleia no Movimento Litúrgico e no Concílio Vaticano II	84
4. A proposta teológica para a pneumatologia da assembleia litúrgica	95
4.1 A relação entre Espírito Santo e Liturgia	96
4.2 A assembleia litúrgica reunida no Espírito Santo	110
4.3 A epifania dos carismas na assembleia litúrgica	123
5. Conclusão	135
6. Referências bibliográficas	139



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i>
CD	Decreto <i>Christus Dominus</i>
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CIC	Código de Direito Canônico
DAP	Documento de Aparecida
DD	Carta apostólica <i>Dies Domini</i>
DeV	Encíclica <i>Dominum et Vivificantem</i>
DV	Constituição dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EM	Instrução <i>Eucharisticum Mysterium</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
IGLH	Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas
IGMR	Instrução Geral sobre o Missal Romano
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
PO	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>
SCa	Exortação apostólica <i>Sacramentum Caritatis</i>
RS	Instrução <i>Redemptionis Sacramentum</i>
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i>
VD	Exortação apostólica <i>Verbum Domini</i>

Prestamos o culto pelo Espírito de Deus.

Fl 3,3

Pai nosso, enviai o Espírito Santo à ressuscitar Cristo e torná-lo presente:

Na assembleia celebrante, para reconhecê-lo e recebê-lo nela  
até tornar-nos Igreja de Cristo e Cristo-Igreja.

Nos ministros-servos, para reconhecê-lo e recebê-lo neles  
até tornar-nos servos de Cristo e Cristo-Servo.

Na Palavra proclamada para reconhecê-lo e recebê-lo nela  
até tornar-nos Palavra de Cristo e Cristo Palavra.

Nos salmos celebrados para reconhecê-lo e recebê-lo neles  
até tornar-nos salmos de Cristo e Cristo que canta.

No pão e no vinho feitos seu Corpo e Sangue  
para reconhecê-lo e recebê-los neles

até tornar-nos o Corpo e o Sangue de Cristo.

Fazei de nós mesmos uma Páscoa para Vós:  
vossa passagem para a ressurreição de muitos. Amém.

Mons. Elia Volpi

# 1

## Introdução

Em uma religião, o ato de reunir-se configura a existência do culto, sendo, por isso, sua característica mais essencial. No cristianismo, isso se verifica a partir da convocação divina para reunir pessoas. Essa reunião é aberta e encontra-se sempre franqueada àqueles que dela se aproximarem e quiserem tomar parte de forma efetiva na experiência proposta pela convocação. Aqueles que aceitam, acolhem a proposta e nela se encontram passam a fazer parte como membros da reunião convocada. Com isso, são identificados como uma comunidade.

Oriundo desse chamado divino, um modo de vida é adotado e ritos e símbolos assinalam sua vitalidade perene. Desse modo, a unidade é mantida e a pertença com os seus propósitos inerentes são sempre atualizados. Neste sentido, o culto torna-se, então, o motivo da assembleia, porque Deus, que a convocou, revela-se e renova todos os seus membros. A comunidade cresce e propaga o plano de Deus no mundo, sendo, portanto, sinal de sua presença libertadora, sobretudo, quando se reúnem para o culto.

Nossa pesquisa se inclina sobre a assembleia que no culto se estabelece e consolida no projeto salvífico de Deus. Este trabalho encontra-se impulsionado pelo grande evento eclesial dos últimos tempos: o Concílio Vaticano II. Nele, uma profunda e dinâmica renovação foi empreendida. Para levar a efeito tão importante ensejo e sem descaracterizar a sua essência, a Igreja, partindo de suas fontes bíblicas e patrísticas, reviu o modo de continuar sendo presença de Deus na sociedade e no mundo.

O projeto eclesial de renovação da Igreja nos âmbitos tanto interno quanto externo começou pela sagrada liturgia. Impulsionados pelos movimentos de renovação daquela época, os padres conciliares compreenderam que a liturgia, dada a sua importância para a vida da Igreja, deveria ser o primeiro assunto a ser tratado. Assim, eles a tomaram como o eixo de todos os trabalhos e documentos do Concílio.

O culto cristão alimenta e impulsiona a vida da Igreja. Para tanto, o Concílio conferiu um *status* teológico à liturgia, o que, até então, em toda a história eclesial não havia sido feito. A noção de culto estava, até aquele momento entendida na prática ritual e rubricista. Porém, impulsionada pelos movimentos que antecederam

o Concílio, a Igreja pôde esclarecer a identidade e a importância da liturgia para a vida cristã.

Ao discorrer sobre a natureza do culto cristão, os padres afirmaram que a liturgia está inscrita no contexto histórico da salvação. Segundo eles, ela continua a obra de salvação realizada por Cristo na Igreja. Então, na esteira de toda a história salvífica, a liturgia atualiza todos eventos que foram figura e evento no Antigo e Novo Testamentos, respectivamente, e os torna sacramento na vida da eclesial. Dessa forma, toda a ação litúrgico-ritual garante a salvação acontecendo no “hoje” da Igreja à história da humanidade. Assim, a humanidade é conduzida à salvação total que Cristo levará ao seu pleno cumprimento por ocasião de sua segunda vinda. Portanto, na liturgia se compreende a tensão escatológica do “já” e o “ainda não”, pois suas celebrações são uma real antecipação da eternidade que ainda estão para plenificarem-se.

O Concílio assinalou que a realidade sacramental da liturgia se torna orgânica quando a Igreja se reúne para celebrar o mistério pascal de Cristo. Tudo isso é possível e verdadeiro, graças a presença atuante do Espírito Santo na liturgia e em toda a história da salvação. Desde a criação do mundo, Ele opera as maravilhas de Deus no tempo e no espaço para reconduzir a humanidade ao seu Criador. O Espírito Paráclito foi prometido para recordar à Igreja os ensinamentos de Jesus a fim de que todos fossem transformados e alcançassem a felicidade plena. A Igreja, por seu turno, em obediência à Palavra divina, invoca o divino Espírito para que sua liturgia seja repleta da vida que o Cristo ressuscitado alcançou para todos.

Nesta perspectiva litúrgico-pneumatológica se inscreve a nossa pesquisa. Inspirados pela compreensão teológica que o Concílio em sua “volta às fontes” apresentou para a liturgia, nos debruçaremos sobre a temática da assembleia litúrgica em chave pneumatológica. O interesse por esse tema desperta a nossa atenção porque a assembleia é o primeiro elemento visível de toda a liturgia. Nela, atua o Espírito Santo que foi enviado do seio da Trindade para atualizar a celebração do mistério pascal de Cristo.

Tanto na convocação quanto na resposta da humanidade, o Espírito está presente tornando-as reais e vivificantes. Onde não há resposta à convocação divina, não pode haver assembleia e, conseqüentemente, a celebração. Essa dinâmica pneumática acontece também todas as vezes em que os batizados são congregados para celebrar o mistério pascal de Cristo. Nele, renovam a fé, a aliança

com o Senhor pela Eucaristia e pelos carismas suscitados. Assim, a comunidade reunida edifica a Igreja pelo serviço e testemunham Cristo ao mundo.

Nossa pesquisa está inserida em um contexto histórico da atualidade. Como bem sabemos, a humanidade tem enfrentado uma terrível pandemia. Essa situação tem gerado perdas irreparáveis, atingido muitas pessoas e assolado a humanidade. A Igreja esteve por um bom tempo impossibilitada de reunir presencialmente os fiéis para as celebrações. Mas, ao encontrarem uma solução que oferecesse um pouco de segurança e estabilidade à humanidade, a Igreja pôde retornar suas atividades presenciais com as devidas restrições e precauções.

Como consequência dessa nova realidade, muitos fiéis ainda se encontram amedrontados e inseguros para retornar de forma presencial às assembleias celebrativas e outras atividades religiosas. Nesse contexto, nossa proposta se insere em tal situação e deseja ser uma modesta contribuição para a consciência teológico-ecclesial que é chamada a iluminar possíveis respostas e, também, a todas as pessoas que vivem este momento.

Esta dissertação teve por metodologia a pesquisa bibliográfica. Mesmo condicionados à situação ocasionada pela pandemia, obtivemos um material teórico que possibilitasse aporte para nosso trabalho. Com isso, almejamos com esta pesquisa repropor um estudo sobre a assembleia litúrgica que, atualizada pela potência do Espírito Santo, se insere na história humana para que a presença de Deus seja uma experiência sempre nova e transformadora naqueles que acolhem sua proposta salvífica. Isso significa dizer também que a assembleia, dado o seu caráter divino, excede a um agrupamento comum de pessoas que professam a mesma fé.

A compreensão da natureza teológica da assembleia litúrgica e a sua relação com o Espírito Santo percorre um itinerário bíblico, histórico e teológico nesta pesquisa. Dessa forma, nos reaproximaremos das fontes bíblicas e patrísticas, do legado que se formou ao longo da história da liturgia para chegarmos à teologia do Concílio Vaticano II. Destarte, teremos um rico e abalizado conteúdo para situarmos a organicidade que a assembleia litúrgica possui no Espírito Santo de Deus.

O primeiro capítulo envereda pela Revelação contida na Escritura. A assembleia do Sinai foi o evento pelo qual Deus reuniu o seu povo, manifestou-se e selou mais uma vez a sua aliança. Essa assembleia foi paradigma de todas as

outras assembleias que se seguiram. Em todas elas, Deus revela-se por meio de elementos cósmicos e da sua palavra dirigidos aos líderes da comunidade para conduzir todo o povo o curso histórico da sua salvação.

Em cada assembleia no Antigo Testamento, verifica-se que Deus consolidava na história uma forma sempre nova do desejo de resgatar, trazer para si a humanidade que, devido às consequências do pecado se afastava de sua presença. Assim, aconteceu em Siquém sob a liderança de Josué, como também na ocasião da construção do templo com Salomão e no pós-exílio com Esdras e Neemias. Em todas elas, destaca-se a presença do Espírito de Deus que atua, sobretudo, na unificação de todo o povo, pelo cosmos, pelas simbologias e pela palavra divina que ratifica a sua presença na vida de Israel.

Tendo chegado à plenitude dos tempos, Jesus Cristo, o Filho de Deus, é enviado pelo Pai e concebido pelo poder do Espírito Santo para levar a efeito a obra de salvação que se desenvolvia, até então, na comunidade de Israel. Depois de seu batismo, a atividade pública de Jesus teve seu início em um ambiente sinagagal. Nesse local de culto, Ele, seguindo os costumes de seu povo, anuncia pela palavra proclamada que será no Espírito do Senhor que realizará sua missão. Com isso, revela um ministério público-reunidor e de caráter universal.

Em sua missão, Jesus alcança todas as realidades e instâncias da sociedade do seu tempo. Ele deseja reunir todas as pessoas para que a salvação atinja todos os povos e situações, e que ninguém fique excluído. Para tanto e durante a sua vida, Ele está impelido, age e fala no Espírito Santo exercendo, assim, um ministério público-reunidor que congrega todos os povos, grupos e pessoas em suas diversas situações. A fim de que sua obra continue, Jesus indica como os seus discípulos devem fazer, promete e envia o Espírito Santo para a reconciliação da humanidade com Deus.

Tendo ressuscitado e antes de ascender aos céus, Jesus indica que os discípulos devem permanecer unidos para a vinda do Espírito Santo que os dará força para testemunharem o projeto amoroso de Deus com a humanidade. Será, então, cinquenta dias depois de sua ressurreição, que o Espírito Santo é enviado à comunidade reunida para que continue a obra salvífica realizada por Cristo.

Pentecostes, sem sombra de dúvida, foi uma atualização do que acontecera no evento do Sinai. Agora que o Espírito Santo foi revelado à consciência cristã, é possível compreender toda a história e continuar o projeto salvador. A Igreja da

primeira hora se estabeleceu em comunidades que, vivificadas pelo Espírito Santo, repetiam os gestos de Jesus, sobretudo a ceia eucarística, e testemunhavam as maravilhas que Deus realizava conforme lhes havia sido anunciado. Nessa época, eram abundantes os carismas que o Espírito suscitava para a edificação da comunidade. Prova de tal asserção pôde ser encontrada na comunidade de Corinto.

A dimensão histórico-teológica, perpassa todo o segundo capítulo. Logo no seu início, os Padres da Igreja, seguindo a mensagem do Evangelho difundida pelos apóstolos e discípulos de Jesus, vão ensinar a fé nas comunidades onde vivem. Esses ilustres e sábios cristãos se dispuseram ao Espírito Santo e extraíram os mais belos e profundos entendimentos teológicos contidos na Escritura. Assim e fundamentados na Escritura, formou-se um rico patrimônio teológico da fé cristã e que até hoje, por obra do Espírito, continua sendo uma referência sempre nova para a teologia atual.

Nesses homens cuja vida de fé está comprometida na comunidade eclesial, encontramos um rico e abundante material que favoreceu a compreensão da relação entre a assembleia litúrgica e o Espírito Santo. Foi pela inclinação à fé revelada e contida na Escritura e a experiência comunitária que os Padres puderam compreender a organicidade que a liturgia da Igreja tem em seu conteúdo. Para tanto, visitaremos alguns textos a fim de extrairmos as consequências teológicas que contribuíram de forma decisiva para a vida e a missão da Igreja.

Na sequência dos fatos históricos, localizamos na segunda parte da pesquisa um período que vai do séc. IV até o último Concílio. Nesse período podemos verificar, de fato, a história da liturgia. Diante dos novos desafios que se impuseram à Igreja foi preciso adotar novas posturas frente a uma sociedade que se cristianizava por determinação do Império que a regia. Tais posturas acabaram por condicionar uma vida comunitária que se reunia para o culto de forma massificada porque era obrigatório ser cristão. Isso gerou muitos danos para a Igreja, sobretudo em sua liturgia. O acento pneumatológico estava esquecido, mas não eliminado. A devoção e o subjetivismo eram cada vez mais fortes e sobrepostos.

Nesse longo período, muitas reformas foram empreendidas, mas nenhuma delas conseguia atingir de fato o que desejavam. Diante dessa situação, a liturgia da Igreja caminhava sob um ritualismo rígido e legalista; um clericalismo que anulava a participação dos fiéis; uma sacramentalização mecânica; e uma identidade batismal totalmente condicionada e distante do seu contexto real e missionário. Por

outro lado, ordens religiosas tentavam retomar o frescor e a vitalidade do Evangelho. Dentre elas, estão os mosteiros que já cultivam a vida litúrgica no seu sentido mais original.

Será, a partir dos mosteiros beneditinos, que haverá um movimento de retorno às fontes. Nesse aspecto, destacamos o Movimento Litúrgico. Essa iniciativa, que começou nos monges, ganhou progressiva aceitação na comunidade eclesial. Com isso, a liturgia movimentava-se para uma renovação efetiva. Tal empreendimento teve o apoio dos Papas daquela época.

O Movimento Litúrgico atingiu o seu ápice no Concílio Vaticano II. Este grande evento eclesial de caráter pneumatológico assinalou uma fase decisiva para a liturgia e para a vida da Igreja. Com a contribuição do Movimento, os padres conciliares puderam conferir um *status* teológico para a liturgia quando, então, apresentaram a sua natureza cuja atualidade se realiza “na força do Espírito”. Com os frutos do Concílio, a Igreja iniciou um longo trabalho de atualização em todas as suas instâncias.

No terceiro capítulo, apresentamos os acenos teológicos da pneumatologia da assembleia litúrgica. Para isso, a partir da compreensão que o Concílio delineou sobre a liturgia, apresentaremos a sua relação com o Espírito Santo. Dessa relação, teremos as linhas que nortearão o tema da assembleia no viés que pretendemos abordar. Como se sabe, não foi o objetivo do Concílio apresentar a doutrina pneumatológica, mas com acurada pesquisa podemos identificá-la em alguns documentos que apresentam a liturgia como fonte e meta da vida e ação da Igreja.

O mistério pascal de Cristo, como ensina o Concílio, acontece na Igreja e na potência do Espírito. É Ele quem o atualiza na Igreja e no coração dos fiéis. Sua presença e atuação acontece todas as vezes que a Igreja o invoca. Sendo prometido por Jesus, Ele vem e realiza no “hoje” as maravilhas de Deus para a salvação de todos os homens. Dessa forma, fica, esclarecido que não pode haver liturgia sem o Espírito Santo que a vivifica. Não havendo o Espírito, o mistério pascal de Cristo não é atualizado.

Com a orientação do Concílio no que diz respeito à presença e à ação do Espírito na liturgia, podemos assim, verificar, por todo o itinerário traçado, como essa realidade acontece na assembleia litúrgica. Na convocação divina, na estrutura sacramental e simbólica e nos diversos elementos que engendram a assembleia, constata-se que o Espírito Santo opera em toda a liturgia por sua presença ativa.



Sendo assim, a salvação é realizada conforme ensina o Concílio e a história. É nesse sentido que o título da pesquisa se justifica.

Na força do Espírito Santo, a assembleia litúrgica se torna a manifestação visível da Igreja. Sendo o primeiro ato do culto cristão, a assembleia é constituída também pelos carismas que o Espírito suscita. Radicados no Batismo, os carismas encontram na assembleia litúrgica o *locus* primordial da sua manifestação e exercício. Na liturgia, os carismas são identificados na diversidade de ministérios que compõem a trama da celebração.

Recentemente, o Magistério eclesial, “ouvindo a voz do Espírito”, apresentou uma novidade para toda a Igreja. Essa, compreendendo que a salvação realizada por Cristo atinge todas as pessoas, evidenciou tal aspecto, facultando os ministérios instituídos de leitor e de acólito também às mulheres. Essa atitude da Igreja retoma, em certo sentido, o princípio de volta às fontes que regeu todo o Concílio e evidencia a beleza do sacerdócio batismal dos leigos e leigas que edifica a comunidade cristã.

A dissertação que ora apresentamos tem a pretensão de repropor todo o sentido que a assembleia litúrgica vivificada pelo Espírito Santo tem para a Igreja. A escolha desse tema, sem sombra de dúvida, inspirou-se na atual realidade pastoral em que nos encontramos: a Catedral Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro, localizada na Arquidiocese e Cidade do mesmo nome. A presença desse templo cristão revela a universalidade da Igreja espalhada por todo o mundo e antecipa as realidades da eternidade que pregustamos na liturgia celebrada. O seu formato circular e piramidal evocam as realidades mistagógicas da Igreja compreendida, enquanto corpo de Cristo, templo do Espírito, Mãe e Mestra e tantas outras típicas da sua singularidade. No dia do Senhor, nos reunimos pelo Espírito para celebrar em sua potência dinamizadora o mistério da páscoa de Cristo a fim de que sejamos renovados e tenhamos a vida que o Espírito Santo gera em cada um de nós.

## 2

### Assembleias pneumáticas na revelação bíblica

A consciência religiosa de pertença e unidade de um grupo de pessoas ou povos inteiros encontra no culto a sua melhor expressão. Não sendo diferente, essas características podem ser encontradas na história de Israel que, desde a criação, é conduzida pela presença e ação do Espírito de Deus. Muito embora questões religiosas e político-sociais caracterizem de forma externa a identidade e a vida do povo eleito, jamais pode-se desconsiderar o dado fundamental que o diferencia dos demais povos: a iniciativa divina que se inclina diante da súplica humana a fim de libertá-lo e trazê-lo de volta para si.

O Senhor disse: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios para fazê-los subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3,7-8).

A ação divina acontece na história para que a consciência sobre a condição de povo eleito seja despertada na comunidade de Israel. Nessa perspectiva, G. Cola identifica a confluência de dois êxodos: divino e humano que a partir da assembleia do Sinai perpassará a história salvífica até a encarnação. No primeiro êxodo, Deus sai de si e vai ao encontro do homem para salvá-lo a fim de que seja garantida a fidelidade realizada com Abraão e sua descendência. O homem, por sua vez, inserido no contexto comunitário, encontra-se provocado por Deus e caminha de forma interior e existencial em direção à promessa. Com isso, “aos pés do Sinai, o encontro dos dois ‘êxodos’ revela a unidade original e o princípio absoluto que os desencadeou”<sup>1</sup>.

Nesta parte inicial da pesquisa, a Revelação bíblica será o caminho trilhado. Em seu primeiro bloco abordaremos os traços que constituíram a assembleia em Israel a partir da teofania no monte Sinai. No bloco seguinte, concentraremos a pessoa de Jesus Cristo. Sua vida e missão foram o pleno exercício de um ministério público-reunidor para a salvação em caráter universal. Encontraremos no terceiro bloco, desfecho deste capítulo, o evento de Pentecostes como uma releitura de todas as assembleias até então celebradas e o impulso renovador que foi suscitado pelo Espírito Santo para reunir em Cristo todas as coisas: os homens e toda a criação.

---

<sup>1</sup> COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p.17.

## 2.1

### As assembleias na revelação veterotestamentária

A assembleia do Sinai descrita em Ex 19-24 constitui em todo o Antigo Testamento (AT) o paradigma das assembleias subsequentes.<sup>2</sup> Nela, Deus reúne seu povo, revela-se pelo cosmos, retoma a aliança e anuncia o seu projeto. Dando livre assentimento ao projeto divino, a identidade daquele povo é estabelecida e afirmada diante de outros grupos e povos, superando, assim, as tensões e dominações estrangeiras. Destarte, essa assembleia torna-se o lugar primordial onde Deus manifesta e consolida a fé do povo que escolheu para si. O povo, por sua parte, não é uma realidade fechada em si, mas aberto a todas as pessoas e povos que querem tomar parte na economia salvífica. Com isso, fica clarificada a universalidade do projeto divino.

Entre as assembleias do AT que devem ser comemoradas e representadas, ocupa lugar especial a primeira grande assembleia realizada pelos hebreus aos pés do Sinai logo depois da libertação do Egito, por ocasião da sua constituição como povo de Deus. A tradição bíblica chama tal acontecimento de “assembleia de Adonai” e o dia em que ela se realizou de “o dia da assembleia”<sup>3</sup>

Tendo recebido toda dileção e afeição por parte do Senhor, esse povo acampa diante de uma montanha no deserto do Sinai e é convocado a reunir-se. Ali, todos os presentes verão o agir salvífico que os acompanhara em todo o processo de libertação e saberão como se desenvolverá o projeto divino daquele evento em diante. O relato bíblico que exploraremos situa com precisão o tempo – “terceiro mês” – para indicar que a convocação divina aconteceu no contexto judaico da Festa das Semanas, também chamada de Pentecostes<sup>4</sup>. Importante salientar que a

<sup>2</sup> Nesta exposição, optamos pela dimensão cültica deste evento no monte Sinai. Direcionados neste aspecto fulcral da vida e da fé do povo de Israel será de nosso interesse abordar os elementos que o constituíram, bem como as relações decorrentes, tais como as manifestações cósmicas desta convocação divina.

<sup>3</sup> CUVA, A. Assembleia, p. 96.

<sup>4</sup> “A Festa das Semanas ou Pentecostes é celebrada cinquenta dias (ou 7 semanas) após a festa da Páscoa e dos Ázimos conforme descreve Lv 23,15-16. Esta festa agrícola alvitra a consciência de Israel de que os frutos colhidos na terra são dádivas de Deus que é o senhor do tempo (Dt 26,1-11). Mais tarde, com a destruição do templo em Jerusalém a característica agrícola será substituída, mas não renegada, pela dimensão histórica quando, então, o dom da Torá passa a ser o motivo da festa. Esta nova dimensão “explicita sua condição principal: a responsabilidade de realizar a justiça e a solidariedade, sem a qual os frutos da terra, se transformam de bênção em maldição. [...] Com esta finalidade adornam-se as sinagogas de ramos verdes, que lembram tanto as primícias como, principalmente, a revelação do Sinai [...] nas casas comem-se manjares especiais, principalmente leite e mel que fazem recordar a Terra prometida [...] e a Torá [...]; e dedica-se muito tempo à leitura

localização geográfica, segundo a pesquisa bíblica<sup>5</sup> não pode ser precisada. Talvez isso signifique que a aliança divina tem lugar no coração de cada pessoa que acolhe de forma livre e decidida esse pacto de amor. Aqui acentua-se discretamente um caráter universal.

Nesse cenário do Sinai, Moisés está como único mediador e convocado pelo Senhor para representar todo o povo sobe a montanha. Neste local sagrado, o próprio Deus recorda ao seu servo os inúmeros sinais e prodígios que realizara em favor de seu povo. Servindo-se do símbolo da águia enfatiza de forma positiva que o povo escolhido em toda a sua história foi conduzido pelo Espírito de Deus. Não sem razão, outros textos bíblicos enfatizam a águia como símbolo daquele que paira, protege, conduz e impulsiona (Dt 32,10-11; Rt 2,12). Nessa perspectiva, não restam dúvidas de que a subsistência de Israel se encontra única e exclusivamente no Senhor que lhe sopra a vida.

Tendo recordado as *magnalia Dei* em favor de seu povo, o próprio Senhor lhe propõe uma aliança a partir da escuta da Palavra. Tendo aceitado a proposta, aquele povo se torna *propriedade exclusiva* diante de todos os povos, um *reino de sacerdotes* e uma *nação santa*. Esses três qualificativos identificarão e definirão o povo eleito frente aos outros povos<sup>6</sup>. Cabe ressaltar que esse povo não está fechado em si, mas aberto à possibilidade do ingresso de outras pessoas e outros povos que quiserem dele participar. Até porque, nesse aspecto, a declaração divina não está restrita; apenas a obediência à Palavra e o *pathos* da aliança são a condição de pertença.

A *propriedade*, *sacerdotalidade* e *santidade* identificam a autocompreensão, vocação e missão do povo eleito que, por seu turno, se torna o *locus* da iniciativa, revelação e ação do Deus único e verdadeiro, no mundo e por meio de Israel. Tal agir salvífico na história é orientado pela *Ruah*, porque será na potência do Espírito de Deus que o povo será capacitado ao testemunho da existência e presença de Deus a todas as pessoas.

---

de passagens bíblicas próprias, como Ex 19 [...]” DI SANTE, C. Liturgia judaica, p. 219-223. Este mesmo autor chama a atenção para o discreto caráter universal contido na celebração da festa do Pentecostes judeu quando este passou a ser caracterizado pelo dom da Torá. A estrutura da festa possuía também a leitura da história de Rute que, sendo de descendência moabita, foi constituída participante da herança prometida a Israel. Isto significa dizer, segundo o autor, que a Torá está destinada a todos e é uma resposta e alimento verdadeiros à vida de Israel.

<sup>5</sup> CLIFFORD, R. J. Êxodo, p. 143.

<sup>6</sup> Mais tarde a comunidade cristã os retomará (1Pd 2,9) para identificar-se como continuadora do projeto salvífico.

Diante da revelação divina, Moisés transmite todas as palavras de Deus ao povo que responde com obediência a tudo o que lhes fora ordenado. Mais uma vez, o próprio Senhor, servindo-se dos elementos da natureza criada, anuncia o modo como se revelará ao povo para ratificar a aliança: “uma nuvem” donde sairá a Palavra a Moisés. Durante dois dias o povo se organiza a partir das orientações divinas dadas ao mediador. No terceiro dia, logo no amanhecer, manifestações da criação anunciam a presença de Deus a todo o povo: nuvem, sons equivalentes a uma trombeta, fumaça, fogo e trovão.

Por intermédio das epifanias cósmicas na assembleia do Sinai, Deus consolida a aliança em três manifestações: revelando-se, entregando o decálogo e o código. Esses eventos são concluídos com uma teofania<sup>7</sup> para ratificar o amor e a fidelidade de Deus a seu povo escolhido. Os elementos cósmicos apresentados nessa revelação configuram a presença de Deus na história humana para que cada homem e todo povo creiam e obedeçam Àquele que caminha com eles.

O Espírito aparece como elemento relacional, realidade dinâmica. Em Deus, é seu poder de ação em relação ao homem. Na natureza é elemento do qual Deus se serve em benefício do homem. No homem, é sua vitalidade, isto é, seu sopro e que inspira seu comportamento. Ele não lhe pertence, permanece precário e pode mesmo lhe ser retirado. Recebe-o de Deus e não poderia existir sem ele. O Espírito cria ambiente de vida, espaço vital onde o homem, sob sua influência, pode agir e dar testemunho daquele que o envia.<sup>8</sup>

Nessas três teofanias do Sinai, Deus se revela por meio do cosmos. Com isso, verifica-se que o seu projeto possui unidade e comunhão com toda a criação compondo, assim, uma completa e única assembleia. Dentre os elementos apresentados nas teofanias, a nuvem possui uma expressão singular<sup>9</sup>, pois os aspectos transcendental e mistérico, nela contidos, evocam verdades que fogem à inteligência, ao sensorial e ao controle humanos. Sendo espessa, escura, uma cobertura sobre o monte ou como elemento de ocultamento de Moisés, a nuvem possui uma perspectiva cósmico-religiosa de descida para a realização de um intento divino no mundo criado.<sup>10</sup>

Na primeira manifestação do Sinai, ela está acompanhada também de raios e trovões. E, para M. Girard, isso significa que o poder divino é fecundante e

<sup>7</sup> Ex 19,16-25; 20,18-21; 24,12-18.

<sup>8</sup> VV.AA. O Espírito Santo na Bíblia, p. 12-13.

<sup>9</sup> Ex 19,9.16; 20,21; 24,15-16.

<sup>10</sup> Outros textos, tais como 2Sm 22,10; Sl 18,10 clarificam este aspecto que salientamos.

luminoso.<sup>11</sup> Na *história salutis*, “a nuvem indica a presença do Espírito Santo”<sup>12</sup> para revelar “o Deus vivo e salvador, velando a transcendência de sua glória”<sup>13</sup>. Dessa maneira, podemos entender que, nesse contexto assembleal de Israel, a nuvem aponta nas três teofanias o Espírito de Deus, cuja presença e ação constituem a reunião cültica do povo eleito.

Ao lado do fenômeno cósmico da nuvem encontra-se o fogo e a fumaça que também manifestam a presença de Deus.<sup>14</sup> A fumaça, sempre acompanhada do fogo<sup>15</sup>, “evoca a misteriosa realidade de iniciativa divina, respectivamente, na aliança com o antepassado Abraão e com o povo de Israel”<sup>16</sup>. No culto de Israel, tanto no sacrifício imolatório quanto no incenso, esse simbolismo indica oferta, entrega, louvor, homenagem, purificação, elevação do espírito humano a Deus.<sup>17</sup>

Segundo Marc Girard, o simbolismo da fumaça “alcança camadas extremamente profundas do ser humano, as quais são inacessíveis às outras faculdades de percepção e impermeáveis às outras formas de expressão literária ou gestual”<sup>18</sup>. Nesse elemento simbólico podemos encontrar também a ação do Espírito de Deus que envolve e penetra o interior do homem, dando-lhe a vida e habilitando-lhe a resposta de uma entrega livre e generosa ao Pai. Na assembleia do Sinai aquele povo eleito é purificado pelo Espírito para que tenha ouvidos abertos e atentos à Palavra do Senhor que será proclamada.

O fogo, cuja etimologia grega (*pyr*) e latina (*purus*) remete à pureza (puro/purificador), indica iluminação, aquecimento e destruição<sup>19</sup>. Nas teofanias, o fogo é um sinal eloquente da presença da divindade na história<sup>20</sup>, visto que é um elemento que a caracteriza<sup>21</sup>; sendo, portanto, uma qualidade do ser e do agir

<sup>11</sup> GIRARD, M. Os símbolos na Bíblia, p. 359.

<sup>12</sup> CEC 555.

<sup>13</sup> CEC 697.

<sup>14</sup> A nuvem e o fogo acompanharam o povo peregrino da saída do Egito até o ingresso na Terra prometida. A comunidade israelita os tinha como indicação e luz no caminho (Ex 13,21-22). Em Ez 1,4 a visão profética encontrava neles a manifestação da divindade.

<sup>15</sup> Gn 15,17; Ex 19,18; 20,18.

<sup>16</sup> GIRARD, M. Os símbolos na Bíblia, p. 370.

<sup>17</sup> O profeta Isaías antevê o futuro ao relembrar que “Iahweh criará sobre todos os pontos do monte Sião e sobre todos os ajuntamentos de povo [assembleias] uma nuvem de dia e um fumo acompanhado de clarão de fogo durante a noite” (Is 4,5).

<sup>18</sup> GIRARD, M. Os símbolos na Bíblia, p. 371.

<sup>19</sup> BECKER, U. Fogo, p. 133. Segundo o autor, a destruição pode ter uma interpretação positiva, no sentido de purificar e regenerar para um estado superior.

<sup>20</sup> ALDAZÁBAL, J. Gestos e símbolos, p. 71. As literaturas profética e sapiencial estão permeadas destas considerações do fogo como sinal da presença e do agir divinos: Ez,4; Dn 7,9 Jr 21,12; Is 66,15; Ml 3,2s; Sl 104,4; Eclo 2,5.

<sup>21</sup> MACKENZIE, J. L. Fogo, p. 359.

divinos<sup>22</sup> é o objeto pelo qual o Pai se serve para descer e o que identifica a glória divina no contexto assembleal do Sinai. Aquela comunidade reunida reconhece a presença do Senhor<sup>23</sup> e é chamada a compreender o amor que Deus quer consolidar com todos os homens. Dentre as diversas acepções sobre o fogo, ocupa nesta pesquisa aquela que o considera uma ação do Espírito de Deus em que aquele povo reunido é capacitado à compreensão dos novos rumos que sua história tomará a partir daquele evento do Sinai.

A glória revelada e contemplada pelos israelitas naquela assembleia do Sinai é manifestada na nuvem (Ex 24,16-18), na fumaça e no fogo (Dt 5,21) donde advém uma luz. Esse simbolismo significa na Escritura o poder libertador e salvador de Deus, bem como a benevolência com os homens.<sup>24</sup> Segundo J. L. Mackenzie, “a luz mais raramente é símbolo da revelação, geralmente concebida mais como escuta da Palavra do que como visão. A luz para as pessoas (Is 51,4) é mais provavelmente a revelação”<sup>25</sup>. A iniciativa da iluminação é sempre divina e, nesse caso, comunitária.<sup>26</sup> Em assembleia, Deus manifesta pela luminosidade dos elementos cósmicos a sua presença e proteção. Sobre aquele povo refulgia a santidade de Deus, ou seja, a sua glória, para que pudessem reconhecer a divindade eterna, a exclusividade de sua doação e fossem estabelecidos como escolhidos pelo Senhor.

A glória do Iahweh, o reconhecimento de sua divindade, é o motivo pelo qual ele assiste Israel (Sl 79,9), e o reconhecimento de sua divindade durará para sempre (Sl 104,31). Neste sentido a glória de Iahweh é grande (Sl 138,8), e esta glória de Iahweh não cederá a outros (Is 42,8; 48,11). Desse modo os israelitas são criados para a glória de Iahweh, i. é, para o reconhecimento de sua divindade (Is 43,7).<sup>27</sup>

Com essa manifestação da glória divina, toda a comunidade de Israel é capacitada ao reconhecimento da origem e da presença real e constante de Deus em toda a sua história. Conscientes de que tal verdade é palpável, Israel pode entrever condições da liberdade conquistada e se relacionar com Aquele que se torna *partner* nas tribulações e vitórias<sup>28</sup>. A glória de Deus é “o Espírito que ‘dá vida’”<sup>29</sup> e no

<sup>22</sup> Gn 15; Ex 3.13.

<sup>23</sup> ALDAZÁBAL, J. Gestos e símbolos, p. 71.

<sup>24</sup> Gn 1,3-5; Nm 6, 25; Sl 4,7; 27,1; 31,17; 44,4; 67,2 Dn 9,17; Is 45,7.

<sup>25</sup> MACKENZIE, J. L. Luz, p. 388.

<sup>26</sup> Cabe recordar a narração quando Moisés foi privado para ver a glória (Ex 33,18) e para vê-la deveria cobrir a face e vê-la ao longe quando ela se distancia (Ex 33,22). Agora no Sinai, Moisés e todo povo podem contemplar. Com isso, destaca-se a universalidade da ação divina que é realizada em favor de todo o povo e não apenas na figura de Moisés como membro daquele povo.

<sup>27</sup> MACKENZIE, J. L. Glória, p. 388.

<sup>28</sup> COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p.18.

<sup>29</sup> CEC 705.

evento do Sinai verifica-se a presença, ainda não revelada, do Espírito de Deus que opera na vida daquele povo, preparando-o e conduzindo-o à totalidade obra salvífica que será compreendida integralmente noutra assembleia, isto é, no Pentecostes cristão.

A escuta da palavra, conforme asseverou J. L. Mackenzie, é a melhor concepção da glória de Deus. A palavra é o princípio pelo qual Deus opera na criação e na história dos homens. Essa palavra não é uma simples notícia informativa sobre algo comum ou indeterminado, mas sobre uma realidade histórica que incide no presente e no futuro, tal como fizeram os profetas. Sendo proferida pelo próprio Deus, a palavra possui em si o poder e a força na realização do que contém e deseja alcançar.<sup>30</sup>

Como a Palavra de Deus é manifestação de sua vontade [...] ela é sempre identificada com a Lei. [...] [e] expressando a sabedoria de Deus, ela é identificada como a própria sabedoria personificada. [...] No decorrer da história de Israel cresce a convicção de que a Palavra de Deus, ouvida por seus intermediários e por eles comunicada, deve ser conservada pois tem validade permanente. Com isso torna-se sempre mais clara a consciência de que a palavra pronunciada oralmente deve ser colocada por escrito. Sendo assim, também em outras épocas e situações, ela será capaz de iluminar, pois guarda em si o poder de Deus.<sup>31</sup>

Na aliança do Sinai, o próprio Senhor dialoga com Moisés para falar-lhe de sua proposta para aquele povo reunido: a constituição de uma nação santa e um povo sacerdotal. Tal intento objetiva a liberdade em seu sentido mais legítimo. Para realizá-la, o próprio Deus anuncia um *ethos* como decorrência da fé. O povo ouve, vê as teofanias no cosmos, crê, aceita e oralmente, em uníssono, responde com sua obediência.<sup>32</sup> Com isso, as reuniões de culto serão assinaladas como o *locus* onde a identidade de povo de Deus é consolidada pela recordação dos fatos para avivar a consciência religiosa de Israel e dar novo alento na continuação do projeto divino na história.

Entranhadamente identificada com os acontecimentos, a palavra é a proposição divina capaz de constituir em nação santa a aglomeração dos prófugos, converter em reino de sacerdotes a massa de inominados (cf. Ex 19,6), com uma eficácia só comparável na obra criadora. Do caos da dispersão e do vazio da consciência, esta palavra faz viver um povo reunido e reconciliado.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> Is 55,10-11.

<sup>31</sup> LIMA, M. L. C. A Palavra de Deus em palavras humanas, p. 17.

<sup>32</sup> Ex 19,5,8; 20, 18-20; 24,3.

<sup>33</sup> COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p.20.



No evento do Sinai, Israel compreende e assume a reunião assembleal como o *locus* da aliança porque Deus se revela, convoca, dialoga e instrui pela Palavra o seu povo eleito;<sup>34</sup> que participa ativamente com livre assentimento de fé, gratidão e obediência; em algumas ocasiões, realiza o sacrifício e a sua refeição<sup>35</sup> como expressão tangível de tal ato. Decorrentes do evento reunidor do Sinai, outras assembleias<sup>36</sup> e os profetas testemunham a centralidade da Palavra para a vida de Israel desde a sua convocação até a realização existencial e comunitária.

No culto assembleal do Sinai, a palavra divina ocupa um lugar privilegiado na proclamação, escuta e experiência vital. Dessa maneira, o povo eleito rememora e atualiza as intervenções divinas no passado, sente-se unido à sua história, renova a aliança e estabelece um novo compromisso comunitário para uma nova fase de sua história. Constituídos em um único povo, Israel, diante da palavra divina, responde ao diálogo de forma uníssona: “faremos tudo quanto o Senhor falou” (Ex 19,8). O “nós” diante do “tu” divino expressa uma profunda unidade, colaboração e intimidade entre Deus e seu povo escolhido e o povo entre si. Segundo Gustavo Cola, “a palavra portadora de tanta fecundidade não pode se perder no tédio de uma audiência inerte. Necessariamente, ela produz ressonâncias, anelos de vida feliz, reacende as fagulhas dos sonhos antigos e desperta sadias utopias para o futuro”<sup>37</sup>.

Deus continua a cada instante a criar o universo visível e invisível, continua também a criar a cada instante o universo da comunidade que crê. Essa só subsiste na medida em que acolhe dia após dia essa Palavra que a mantém acima do nada e a conserva viva e acima do abismo.<sup>38</sup>

O Espírito de Deus é quem inspira a palavra divina<sup>39</sup> toda a vez que a assembleia está reunida para o culto. Sendo origem e fonte da palavra inspirada, é Ele quem, na sua proclamação e escuta, opera na realização dessa mesma palavra na história e vida dos homens, sobretudo no diálogo entre Deus e o seu povo.<sup>40</sup>

<sup>34</sup> Dt 31,28.30.

<sup>35</sup> Nem sempre o sacrifício corresponde à imolação de animais mas também outros meios que expressam ou representam o assentimento e a acolhida livre do projeto de Deus. Dentre eles está a profissão de fé.

<sup>36</sup> Siquém (Js 24, 1-28), o Templo (1Rs 8), o pós-exílio (Ne 8) e as sinagogas.

<sup>37</sup> COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p. 21.

<sup>38</sup> DEISS, L. A Palavra de Deus celebrada, p. 33.

<sup>39</sup> “Palavra e Espírito de Deus formam uma unidade como o respirar e o falar divinos [...] pois onde está a Palavra de Deus, ali está também o Espírito de Deus. Do contrário não pode ser Palavra de Deus. E onde está o Espírito, ali fala a nós a Palavra de Deus. Do contrário não será o Espírito de Deus” MOLTSMANN, J. A fonte da vida, p. 99.

<sup>40</sup> “Tendo em si mesma uma estrutura dialógica – como acontece em todo o processo da revelação bíblica –, Deus no Espírito, vem ao encontro do seu povo através de sua Palavra; este, por sua vez,

Ora, qual é o meio primordial e natural com que se transmite a palavra? É o sopro, a respiração, a voz Ele toma, por assim dizer, a palavra que se formou no segredo da minha mente, levando-a até aquele que escuta. [...] A Palavra de Deus também segue esta lei. Ela é transmitida por meio de um sopro, de um bafejo. [Esse é] a *ruach* de Deus [...]. A Palavra de Deus não pode ser animada senão pelo sopro de Deus, que é o Espírito Santo. [...] A notícia divina, enquanto divina, é transmitida via Espírito Santo. Este é seu verdadeiro e essencial meio de comunicação, sem o qual não se percebe da mensagem serão o revestimento humano.<sup>41</sup>

A palavra divina proclamada na assembleia veterotestamentária compreende dois momentos estritamente dependentes e correlacionados. O primeiro é quando um mediador anuncia *ipsis litteris* em viva voz ou pela leitura do texto escrito o que Deus disse; o segundo momento é quando esse mesmo mediador ou alguém designado para tal a explica. Moisés, ao descer do monte Sinai, explica àquela assembleia o agir divino na história. O povo, por sua vez, assente com livre e total obediência. Esse segundo momento da Palavra proclamada na assembleia é para chamar à conversão, renovar a aliança e robustecer a consciência do povo eleito sobre a realização histórica da salvação. Assim Israel contempla a realização das promessas divinas e compreende a presença de Deus em sua história e prossegue decididamente.

Com a assembleia do Sinai, Israel tem a consciência de que a reunião de culto é o lugar onde a comunidade corporifica a convocação divina, renova a aliança e afirma a sua identidade. Com isso, encontra-se impelida a continuar sua condição de povo eleito na história da salvação. Depois do Sinai, outras assembleias<sup>42</sup> testemunharão a vitalidade e a importância dessa reunião convocada por Deus em que a Palavra proclamada recupera a fé da comunidade e a direciona em sua missão.

O culto hebraico está ligado à história, às vicissitudes temporais do povo, interpretadas profeticamente como intervenções salvíficas divinas. [...] Nos ritos de Israel, os participantes eram envolvidos na ação histórico-salvífica de Adonai mediante profunda adesão de fé, de compromisso de vida e de grande esperança para o futuro. [...] O culto que Adonay pede a Israel, seu povo constitutiva e constitucionalmente sacerdotal, consiste num “serviço” mediante o qual o homem se

---

responde, por meio dessa mesma Palavra e na força do Espírito, ao seu Deus. Podemos falar em uma dinâmica ‘descendente-ascendente’, cujo artífice é sempre o Espírito Santo”. SANTANA, L. F. R. A palavra de Deus na celebração litúrgica, p. 87.

<sup>41</sup> CANTALAMESSA, R. O mistério da Palavra de Deus, p. 62.

<sup>42</sup> “Tal assembleia [Sinai] foi a primeira de longa série de assembleias que se repetiram substancialmente com o mesmo ritmo da primeira. Muitas delas adquiriram especial valor emblemático. Basta lembrar da assembleia realizada em Siquém sob a direção de Josué depois da entrada na terra prometida (cf. Js 24), a que houve por ocasião da dedicação o templo feita por Salomão (cf. 1Rs 8), a que celebrou a volta do exílio da babilônia (cf. Ne 8-9)” CUVA, A. Assembleia, p. 96.

coloca totalmente à disposição dele. [...] A profundidade do culto assim entendido é tal que exige que todas as expressões da vida sejam elevadas a atos de culto.<sup>43</sup>

Na assembleia em Siquém (Js 24,1-28), segundo J. A. Grindel, a proclamação da palavra nesse aspecto da pregação, tem seu ponto central na rememoração dos fatos ocorridos com Israel que vai do período patriarcal até a conquista da terra. Nela, Josué, o mediador-pregador, atribui a Deus o protagonismo de toda a história de Israel, mostra os danos da infidelidade e desafia o povo reunido a uma nova atitude. Solenemente a comunidade professa a sua fé no Senhor e por meio da simbologia de uma pedra conclui a aliança firmada na palavra<sup>44</sup>.

Atravessando os séculos da história de Israel, a noção de assembleia foi-se enriquecendo, pois, sucessivamente, de notas doutrinárias. O movimento deuterônômico que pode reivindicar, com razão, a primeira teologia da assembleia, insiste sobretudo na importância da palavra durante o próprio desenvolvimento da reunião. Ele põe igualmente em destaque o caráter universal da convocação e a participação na assembleia.<sup>45</sup>

Na história de Israel, o templo é um eloquente sinal que caracteriza a assembleia. É uma construção determinada por Deus, empreendida por Salomão e que se destaca como morada da presença divina entre seu povo. Ademais, o templo, segundo A. L. Laffey, é o lugar onde se realiza o julgamento justo e para onde Israel deve dirigir sua súplica para a vitória nas guerras.<sup>46</sup>

Para a assembleia de culto, representantes dos israelitas são convocados à cerimônia de dedicação. Nela, a Palavra, razão pela qual o povo foi convocado, é celebrada porque Deus a cumpriu; a arca da aliança é transladada, sacrifícios são oferecidos e uma nuvem intervém preenchendo todo o espaço e interrompendo o ofício sacerdotal para comunicar a glória divina; ao passo que Salomão afirma ser a presença de Deus.

A simbologia da nuvem, tão cara para a comunidade israelita e como expomos na assembleia do Sinai, identifica a presença e comunicação da *Ruah* divina que consente aquela edificação destinada exclusivamente ao culto.<sup>47</sup> Essa

<sup>43</sup> BERGAMINI, A. Culto, p. 272.274.

<sup>44</sup> GRINDEL, J. A. Josué, pág. 231.

<sup>45</sup> MAERTENS, T. Reúne o meu povo, p. 24.

<sup>46</sup> LAFHEY, A. L. 1 e 2 Reis, p. 279.

<sup>47</sup> LAFHEY, A. L. 1 e 2 Reis, p. 279. “O Espírito de Deus torna-se presente na nuvem e na glória que plenifica o santuário; é através dele mesmo que a presença de Deus é experimentada em meio ao seu povo, suscitando nos presentes uma atitude de adoração e louvor (Ex 40,34-38)”. RIBEIRO SANTANA, L. F. Liturgia no Espírito, p. 59.

atitude pode ser verificada na oração doxológica-anamnética-epiclética que Salomão dirige a Deus após essa pneumatofania, em nome de todo o povo.

A memória dos fatos em uma reunião assembleal é um aspecto de suma importância na identidade e razão de ser de Israel. Tendo sua centralidade e paradigma na Páscoa (Ex 12,14), o memorial, vivido no plano da fé, possibilita ao povo eleito a compreensão da intervenção de Deus na história e, como consequência, a atualização da aliança.

Nessa dinâmica vital e existencial do memorial, Deus, “O” fiel eternamente, sempre tem a iniciativa e apresenta as condições para uma resposta efetiva à aliança. Por outro lado, ao recordar-se da *mirabilia Dei*, o homem é chamado a tomar parte da aliança por meio de um compromisso de conversão integral. Assim estará habilitado à compreensão e a viver a aliança de forma eficaz. Isso pode ser verificado na história de Israel, quando, por ocasião do exílio, o povo eleito teve sua fidelidade à aliança posta à prova.

[...] a aliança com Adonai enquanto povo [foi] constituída pela aliança do Sinai. Depois da preparação ritual do povo, Adonai apareceu no meio da tempestade ao terremoto, revelando-se como rei de Israel e impondo-lhes as obrigações da aliança. [...] Ex 24 fala de dois rituais da aliança [a lei e a refeição]. Segundo os termos dessa aliança, os israelitas, escolhidos entre todos os povos da terra, tornaram-se posse peculiar de Adonai, reino de sacerdotes, nação santa.<sup>48</sup>

Durante o período do exílio, quando o povo de Israel encontrava-se impedido de oferecer os sacrifícios no templo, a sinagoga se destaca como reunião assembleal. Identificada tanto como espaço físico da reunião – neste caso, as casas dos judeus – quanto a comunidade congregada. Assim, em pequenos grupos, eles se reuniam para o culto. Embora houvesse sacerdotes e levitas, todos os membros possuíam a mesma dignidade e, por isso, podiam exercer qualquer função litúrgica desde que tivessem capacidade e idade mínima entre os 12-13 anos.<sup>49</sup> Aqui podemos perceber o culto sinagoga reafirmar a identidade de Israel e, de forma interna, a igualdade de seus membros. Em concordância com Thierry Maertens: “consciente da missão e da significação que possui, a assembleia reconhece como seus membros aqueles que são capazes de assumir a mesma missão que ela, e de exprimir a mesma significação”.<sup>50</sup>

<sup>48</sup> MACKENZIE, J. L. Aliança, p. 25.

<sup>49</sup> DI SANTE, C. Israel em oração, p. 188.

<sup>50</sup> MAERTENS, T. Reúne o meu povo, p. 22.

Diferentemente do templo, definido a partir de um determinado lugar e por sua santidade, a sinagoga é caracterizada pela comunidade, que constituiu seu sentido e sua substância. Onde um grupo de pessoas se encontram com a intenção de rezar e de ouvir e estudar a Torá, ali sim, forma-se a sinagoga, quaisquer que sejam o lugar e suas dimensões.<sup>51</sup>

Apesar de ter passado por mudanças ao longo do tempo, a estrutura do culto sinagoga manteve dois elementos fundamentais e que assinalavam sua subsistência: o louvor e a recordação dos fatos. Como no templo, a liturgia sinagoga tinha a sua centralidade na Palavra proclamada. Nela, liam-se os trechos da Lei e dos profetas e proferia-se uma explicação. Dessa forma, “o judeu toma consciência de que vive a tensão universalista e ecumênica da grande assembleia nacional”<sup>52</sup>.

Tendo retornado do exílio, Israel se instala em Jerusalém e uma grande restauração religiosa (do Templo e da comunidade) é empreendida no tempo de Esdras e Neemias. Para tanto, uma assembleia é convocada a reunir-se para a leitura solene da Lei, porque “a oração comunitária rememora o relacionamento passado entre Deus e Israel, e esse relacionamento é a base para as reformas do presente”<sup>53</sup>. Tal leitura é uma referência a Dt 31,10-13, quando Moisés prescreve no fim de sete anos a leitura pública da Torá por ocasião da festa dos tabernáculos.<sup>54</sup> A riqueza de detalhes dessa reunião cúlrica indica que o evento em torno da palavra é primordial para a vida da comunidade eleita que, por sua vez participa ativamente de toda aquela liturgia<sup>55</sup>.

Nos acontecimentos que decorrem da leitura solene da Lei nessa reunião assembleal, destacamos a alegria que é dada pelo próprio Deus àqueles que escutaram a sua palavra. O texto sagrado nos informa a alegria como força. Na perspectiva pneumatológica, alegria e força são indicativos do Espírito de Deus no que diz respeito ao fruto e ação, respectivamente. Nessa assembleia, a Palavra

<sup>51</sup> DI SANTE, C. Liturgia judaica, p. 188. Na sinagoga, a dimensão comunitária é vivida com liberdade, comprometimento e igualdade. Todo o serviço religioso era realizado pela própria comunidade ou por seus convidados. Isso corrobora e expressa a identidade do povo eleito.

<sup>52</sup> MAERTENS, T. Reúne o meu povo, p. 24.

<sup>53</sup> BURNS, R. J. Esdras e Neemias, p. 326.

<sup>54</sup> DI SANTE, C. Israel em oração, p. 137.

<sup>55</sup> O caráter público e aberto desta assembleia que acontece no mês que é o coração do ano litúrgico de Israel (onde ocorrem as principais festas: do dia do grande perdão, das Tendões e da aclamação), o cuidado e a atenção com o livro, a proclamação solene, os gestos rituais como a sua leitura expressos em elementos e rituais que são o assentimento por parte da comunidade, a presença de todos os membros: homens, mulheres e crianças mostram o quanto a Palavra constituía o eixo central da vida Israel.

proclamada tinha por escopo recordar a aliança e, desse modo, suscitar uma resposta de fé. A proclamação (leitura do texto e explicação) transformou o pranto em alegria que se concluiu em uma refeição partilhada e solidária. Assim sendo, percebe-se que o sopro da *Ruah* divina na leitura da Lei recobrou a identidade do povo eleito, que pode prosseguir com alegria a sua missão no projeto divino.

Ainda no período do pós-exílio, a mentalidade nacionalista de Israel está bastante arraigada em sua autocompreensão. Isso constitui um grave problema para a vida pessoal, social e religiosa porque o sentido original da reunião assembleal descaracterizava-se a partir da postura dos sacerdotes judeus. Esses separavam-na da relação com o mundo e estabeleciam proibições, privações e penalizações aos seus membros. Por outro lado, os profetas que testemunham de forma clara e evidente a atividade do Espírito de Deus em sua vida e missão<sup>56</sup>, mantiveram-se fiéis à essência primeva do caráter assembleal estabelecido no Sinai: a universalidade, primazia da iniciativa divina na convocação para a salvação e a perspectiva escatológica.<sup>57</sup>

Eles imaginavam o retorno do exílio e o reagrupamento dos judeus espalhados, como uma espécie de convocação divina à assembleia litúrgica. Deus aparece, assim, como o grande reunidor do seu povo, transformando, se for preciso, sua convocação em perdão e ressurreição, para garantir o sucesso da reunião futura.<sup>58</sup>

A literatura profética, sobretudo no período do pós-exílio, chama a atenção para a perspectiva escatológico-universal da assembleia, em que todos os judeus – inclusive os dispersos – e todas as nações serão reunidas sob a condução de um pastor numa terra prometida. Desta forma, todas as assembleias anteriores são consideradas *tipo* desta assembleia futura pois com alegre expectativa, na tensão do “já e ainda não”, são prenúncio da reunião universal que o Espírito alvitra no coração da comunidade israelita.

Dentre os profetas, Ezequiel evidencia este aspecto escatológico evocando o Espírito de Deus como dom para purificar os pecados e que é incutido no coração humano para vivificar e acolher e viver a Palavra divina. Instruídos pela Palavra e iluminados pelo Espírito os todos os povos da terra serão reunidos numa única

<sup>56</sup> Is 42,1; Ez 2,2; Dn 5,14; Jl 3,1; Mq 3,8; Ag 2,5 etc.

<sup>57</sup> Dt 12,2-12; Jr 29, 14; Mq 2,12; 4,6; Ez 34,13.

<sup>58</sup> MAERTENS, T. Reúne o meu povo, p. 33.

assembleia para que a glória de Deus seja manifestada no mundo.<sup>59</sup> Este intento, almejado pela revelação divina em toda a história e profecias veterotestamentárias encontrarão plena realização no Messias prometido. Ele, ao encarnar-se na história humana, mostrará com sua vida a assembleia universal que o Pai na força do Espírito desejou em todos os tempos.

---

<sup>59</sup> CRAVEN, T. Ezequiel, p. 83. Os profetas mostram que “na Palavra, é concedido o Espírito e da Palavra feita Espírito brota novo culto de Israel, uma vez que é também função da Palavra comunicar o Espírito ao culto” SANTANA, L. F. R. Liturgia no Espírito, p. 60.

## 2.2

### O mistério público-reunidor de Jesus

A revelação veterotestamentária indicou a imagem de um Deus-reunidor que convoca e reconduz toda a humanidade para a salvação. Os profetas dão testemunho desse projeto divino que continua na história até que todas as pessoas estejam reunidas em uma única e definitiva assembleia.

Assim, sendo ela mesma o sinal do desígnio de Deus, a assembleia judia tinha a tendência de contrariar a realização deste desígnio, fragmentando o que deveria ser reunido e separando o que deveria ser agrupado. Os profetas estavam, desde Moisés, na origem da assembleia, tanto na sua significação, como de sua estruturação. Será necessário, então, que também um profeta venha lembrar estes elementos essenciais e devolver à assembleia sua primeira missão de sinal da grande reunião de toda a humanidade, empreendida por Deus.<sup>60</sup>

Aguardado por Israel, Cristo é o profeta<sup>61</sup> que reunirá o povo eleito e toda a humanidade numa assembleia universal. Ultrapassando todas as categorias da compreensão e da mentalidade judaica, Ele, servindo-se das características das assembleias do Antigo Testamento, mostrará o sentido pleno da convocação divina por intermédio de seu ministério público deixando claro que “não é mais um lugar que reúne, mas uma pessoa viva. E a reunião não se opera senão na participação na vida misteriosa desta pessoa”<sup>62</sup>.

Mais do que a qualquer outro fator deve-se à sinagoga a sobrevivência do judaísmo como religião e dos hebreus como um povo distinto contra [...] [o] helenismo. Não era somente um lugar onde a lei e as tradições eram conservadas e explicadas; também era um lugar de encontros da comunidade judaica. A grande descoberta de que o judaísmo podia existir como religião ativa também sem templo e sem culto do templo foi o fator decisivo na criação da ideia de uma religião que era em primeiro lugar uma fé e um modo de viver.<sup>63</sup>

Como um judeu consciente de suas tradições e religiosidade e a partir do seu batismo, Jesus “com a força do Espírito” (Lc 4,14) se dirige para a sinagoga. O evangelista Lucas destaca que toda a vida e a missão de Jesus são conduzidas pelo poder dinâmico do Espírito Santo em vistas da universalidade da salvação.<sup>64</sup>

A missão de Jesus é incompreensível e inseparável de sua unção messiânica pelo Espírito. Sempre que Jesus ensinar, curar, fizer milagres, comer com os pecadores,

<sup>60</sup> MAERTENS, T. Reúne o meu povo, p. 43.

<sup>61</sup> “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (Lc 7,17).

<sup>62</sup> MAERTENS, T. Reúne o meu povo, p. 48.

<sup>63</sup> MACKENZIE, J. L. Sinagoga, p. 883.

<sup>64</sup> KONDEL, J. Lucas, p. 74.



enfrentar os escribas e fariseus, retirar-se para orar, expulsar demônios (Lc 11,20) [...] fará tudo isso sob a unção do Espírito.<sup>65</sup>

Em Lc 4,16-21 temos o relato da presença de Jesus na assembleia sinagoga em Nazaré. Para a teologia de Lucas, esse episódio possui tamanha relevância, pois assinala o início da salvação realizada por Deus em Cristo<sup>66</sup> e quando, então, inicia também seu ministério público-reunidor. Ali, onde fora educado Ele proclama a Palavra num dia de sábado conforme as prescrições do culto judaico. O rolo foi-lhe entregue significando assim que aquela palavra encontra-se na história da vida de fé de seu povo. Para a leitura profética, segundo o rito, foi escolhido o texto de Is 61,1-2. Após a leitura, Jesus continua a proclamação explicando o cumprimento daquela palavra.

O anúncio do *Pneûma Kyρίου* é a força motriz do ministério público-reunidor de Jesus. É *pelo* e *no* Espírito que Cristo realizará a restauração de todo o universo. Nesse sentido, explica J. Kondel que “o contexto original é a unção de um profeta, mas a figura do Messias prometido, o Ungido real, também está subentendida no uso que Jesus faz do texto. Ele é o portador do espírito profetizado por Isaías (11,2)”<sup>67</sup> que prenuncia um novo tempo de liberdade e benevolência divina.

O conteúdo querigmático dessa liturgia da palavra evidencia um programa missionário em que “a proclamação do reino de Deus por Jesus, em palavras e feitos, tem sua origem no Espírito criativo de Deus”.<sup>68</sup> Com isso, Jesus desenvolverá sua missão, sobretudo junto àqueles pelos quais a assembleia dos judeus havia excluído.<sup>69</sup> Pobres, presos, cegos, oprimidos, mulheres, crianças, pecadores e marginalizados serão convocados e reunidos por Cristo em uma nova assembleia, o Reino de Deus.

Esse Reino significa sim, o senhorio de Deus, um senhorio, porém, que não se expressa em dominação, em imposição de leis, mas antes em libertação de todas as dominações e escravidões; expressa-se em paz e alegria [...]. No novo Reino, as relações são invertidas: os últimos são os primeiros, são os privilegiados, os convidados de honra. Não no sentido de que estes se transformaram em novos ricos e novos poderosos (um opressor que acaba com o outro!), mas no sentido de que

<sup>65</sup> CODINA, V. “Não extingais o Espírito”, p. 47. “A unção de Jesus com o Espírito vem unida à entrega da função messiânica, que responde à expectativa do povo e traz [...] a Boa Nova da Salvação [...], há muito esperada. [...] Ele torna realidade histórica aquilo que era um anúncio”. BOFF, L. Espírito e missão na obra de Lucas-atos, p. 26.

<sup>66</sup> BOUZON, E.; ROMER, K J. A Palavra de Deus no anúncio e na oração, p. 181.

<sup>67</sup> KONDEL, J. Lucas, p. 80.

<sup>68</sup> KARRIS, R. J. O Evangelho segundo Lucas, p. 244.

<sup>69</sup> FABRIS, R.; MAGGIONI, B. Os Evangelhos, p. 59.

mudou, em seu favor, o critério de avaliação: o serviço é agora o valor, não o poder; o ser, não o ter.<sup>70</sup>

A atualidade da Palavra proclamada ao dizer “hoje se cumpriu” chama a atenção e causa admiração nos presentes. O cumprimento dessa profecia é realizado em Cristo naquela assembleia sinagoga e conseqüentemente em toda a história que aguardava este momento. Desda forma, a Palavra que era *tipo* de uma realidade futura, encarna-se na história sendo a sua pessoa a realidade visível e palpável da salvação. Nesde ponto, cabe ainda ressaltar a acolhida à Palavra conforme afirma M. Magrassi: “a palavra se mantém viva no seio da comunidade, e encontra hoje sua realização pela transformação que opera naquele que a acolhe”<sup>71</sup>. Cristo acolhe a Palavra e a personifica com sua vida e missão. Da mesma forma, todo aquele que ouve a Palavra é chamado a encarná-la na vida para que a salvação aconteça.

O Espírito [...] é dado a Jesus de modo todo especial para evangelizar. O Espírito não dá a Jesus a palavra a anunciar (porque Jesus, enquanto Verbo, é ele mesmo a Palavra do Pai), mas dá força à sua palavra; mais ainda, é a própria força da Palavra de Deus. [...] O Espírito confere a Jesus, na pregação, também aquela liberdade divina que o coloca acima das contrastantes situações e interesses dos vários grupos (fariseus, saduceus...).<sup>72</sup>

Mesmo sendo considerado um “grande profeta”, Jesus se distingue dos profetas porque essa reunião cúlrica O revelou como o pleno cumprimento de todas as profecias do Antigo Testamento. E, sendo o Ungido do Senhor, o Espírito Santo está totalmente Nele, O possui e permanece incessantemente para realizar as maravilhas de Deus.<sup>73</sup> Em Cristo, o Espírito conduz todas as atividades messiânicas e alcança todas as pessoas para transformá-las de forma integral.

O Espírito de Deus preside todo o mistério de Jesus. Através das obras, dos gestos e das palavras que ele realiza no meio do povo de sua raça, Jesus comunica-lhe este mesmo Espírito. Com sua prática, Jesus portador do Espírito por excelência, começa a nova criação, isto é, faz nascer o novo homem e nova mulher.<sup>74</sup>

Em sua vida pública, Jesus realizava o projeto salvífico do Pai sem exclusões. A mensagem estava direcionada a todos – a pessoa individualmente, pequenos grupos ou multidões no templo, na sinagoga e em qualquer lugar. Sua assembleia

<sup>70</sup> CANTALAMESSA, R. O Verbo se fez carne, p. 616.

<sup>71</sup> MAGRASSI, M. Viver a Palavra, p. 100.

<sup>72</sup> CANTALAMESSA, R. O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 36-37.

<sup>73</sup> Jo 1,32-34.

<sup>74</sup> BOFF, L. Espírito e missão na obra de Lucas-atos, p. 42.

ultrapassava os limites geográficos, políticos e religiosos. Por onde passava, reunia pessoas de todas as classes e operava a salvação na potência do Espírito.

Se em Cristo se cumpriram, segundo o NT, as promessas feitas por Deus a Israel, é lógico afirmar que a salvação cristã tem alcance universal e integral: esta faz referência a toda a realidade, a toda a humanidade e a todos os aspectos do homem. [...] Basta pensar nos milagres, e nas curas realizadas por Jesus e frequentemente indicadas pelo Evangelho como sinal da presença do Reino e do evento dos últimos tempos; ou também à presença benéfica de Cristo, do Espírito e do Pai na vida dos crentes; ou a comunhão fraterna [...] da comunidade eclesial.<sup>75</sup>

A missão de Jesus atraía discípulos. Esse grupo, aberto a todos o que queriam seguir o Messias, reunia homens, mulheres e crianças de diversas classes, situações e condições. Em muitas ocasiões, Jesus se ocupava da formação dos discípulos junto com outras pessoas em geral. No evangelho de Mateus, isso pode ser visto no Sermão da Montanha (Mt 5 - 7) quando, fazendo uma releitura do evento do Sinai, podemos contemplar alguns traços de uma nova configuração da assembleia messiânica.

Dentre as características dessa atualização elencamos algumas. As multidões sobem à montanha significando a participação ativa de todos indistintamente; a proximidade e o diálogo entre Jesus e os discípulos ao passo que somente Moisés podia subir, falar e todo povo apenas via e ouvia as epifanias da natureza criada; a apresentação da nova Lei que nada mais significa que o cumprimento pleno da Antiga; e as bem aventuranças dirigidas aos pobres e impuros em antinomia às maldições deuteronomicas.

Esses critérios foram imediatamente encarnados na vida daquela multidão que testemunhou a sua práxis. Logo após o Sermão, o evangelista Mateus descreve que Jesus acolheu e curou três categorias daqueles que foram apartados pelos judeus de suas assembleias: o leproso, o pagão e a mulher.

A intenção do evangelista, agrupando aqui três milagres que os outros sinóticos situam em contextos diferentes, é evidente. Um novo Sinai apareceu, onde a assembleia do deserto reencontra sua constituição, mas onde ela aprende, sobretudo, a se abrir a todos aqueles que a antiga economia excluía.<sup>76</sup>

Em sua missão, Jesus também se dirigia aos discípulos para ensinar e prepará-los para continuarem a sua obra. No capítulo 18 do mesmo evangelho, o Mestre explica o modo como a comunidade deveria permanecer unida diante de diversas

<sup>75</sup> SALVATI, G. M. Salvação, p. 819-820.

<sup>76</sup> MAERTENS, T. Réúne o meu povo, p. 54.

situações internas e externas. Dentre as várias orientações, destacamos nos versículos 19 e 20, a oração. Por ela, Jesus revela uma novidade ao coração dos discípulos e que será um elemento fundamental da assembleia cristã. Quando os discípulos se reúnem em maior ou menor quantidade para a oração ao Pai, devem realizá-la em unidade e em nome de Jesus.

[...] É prometido aos discípulos que Deus estará por trás de suas decisões na terra. [...] O acordo da comunidade reunida em oração será aceito por Deus, por que está presente na oração da comunidade de maneira especial. O caráter solene e doloroso de excluir o que ignorou a comunidade é contrabalançado, até certo ponto, pela certeza da comunidade de que Deus aprova sua decisão.<sup>77</sup>

Uma vez que o próprio Senhor é o centro e o motivo da comunidade, é preciso estar sempre com Ele. Para tanto, a oração é o elemento fundamental que estabelece a comunhão com Deus pela presença de Cristo no meio daqueles que O invocam e que vincula os homens numa única comunhão assembleal (Mt 18,20). Desse modo, Jesus testemunha aos discípulos que a fecundidade de sua vida e missão eram fruto de sua íntima relação com o Pai. Nesse colóquio, o Espírito é o vínculo da comunhão entre as pessoas divinas e dos homens com Deus.

O Espírito é Aquele no qual eles [Pai e Filho] se unem, se acolhem, se recolhem, se repousam. [Citando Christian Duquoc continua] “Ele é a abertura da comunhão divina para aquilo que não é divino. Ele é a habitação de Deus lá onde Deus está, de alguma maneira, ‘fora de si mesmo’. Ele também foi chamado de ‘amor’. Ele é o ‘êxtase’ de Deus em relação ao seu ‘outro’, a criatura.”<sup>78</sup>

A comunidade é o *locus* da oração e da realização da palavra proclamada porque “no relacionamento com os outros se vive aquele com o Outro, no relacionamento com o irmão, aquele do Pai”.<sup>79</sup> Por isso, o perdão, o acolhimento, o zelo, a integração, a comunhão e a reinserção são as atitudes mais essenciais entre os discípulos. Nessa tarefa comunitária todos são iguais e devem aprender o relacionamento mútuo. Assim, como Deus, na criação, não quis deixar o homem só<sup>80</sup> constituiu outro para que, à imagem do Deus triuno que é amor, pudesse o homem ser salvação para o seu semelhante.

Os limites próprios e dos outros: onde não são aceitos, tornam-se lugar de defesa e ataque, de violência e divisão; onde são aceitos, tornam-se, ao contrário, lugar de alegria e de amor, de esperança e de comunhão. Tudo pode ser visto com

<sup>77</sup> HARRINGTON, D. Mateus, p. 33.

<sup>78</sup> CONGAR, Y. O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente, p. 205; DUQUOC, C. *apud* CONGAR, Y. O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente, p. 206.

<sup>79</sup> FAUSTI, S. Uma comunidade lê o evangelho de Mateus, p. 427.

<sup>80</sup> Gn 2,18.

antagonismo e conflito ou ao contrário, com respeito e aceitação, conforme se vive com o espírito de morte ou com o Espírito de Deus.<sup>81</sup>

Para levar a efeito a presença divina na comunidade reunida, Jesus retoma um preceito do código da aliança que afirmava a presença e a bênção de Deus em todo o lugar em que celebrassem a memória de seu nome.<sup>82</sup> Dessa forma, Ele atualiza a palavra que fora dita em profecia, cumprida por ocasião de sua gestação e reafirmada após a sua ressurreição<sup>83</sup> no mesmo monte<sup>84</sup> onde anunciou o Sermão e transfigurou-se para que a vida fraterna reflita na glória do Filho, o rosto do Pai.

Os irmãos que unem a voz para rezar são uma doce “sinfonia” (união de vozes!) para os ouvidos do Pai. O contexto nos sugere o que pedir ao Pai e o que ele nos concede: viver na terra o seu mesmo poder, que é a capacidade de acolher e não escandalizar os seus pequenos (v. 1-5.6-11), de procurar os perdidos (v. 12-14), de reconduzir os perdidos (v. 15-20), de perdoar a todos (v. 21-35).<sup>85</sup>

Sem sombra de dúvida, o ministério público-reunidor de Jesus encontra seu ápice no mistério pascal. Na Última Ceia, Ele reuniu os apóstolos para tornar atual e nova a assembleia pascal do Antigo Testamento. Nela e pelos sinais do pão e do vinho, Ele tornou-se presente em Corpo e Sangue para todos os seus e até a sua volta. Seu sangue derramado é o sinal da nova aliança. Ao ordenar a repetição do gesto em sua memória<sup>86</sup> indicou uma nova forma de estar presente e instituiu como membros de seu corpo místico a comunidade cristã que teria no novo mandamento a orientação principal desta vida de comunhão.

Na Última Ceia Jesus convocou os seus discípulos, transmitiu-lhes o novo mandamento, celebrou com eles o memorial de sua morte e ressurreição redentoras e pediu que se reunissem para render graças em sua memória. Jesus Cristo envia os seus arautos para convocarem a assembleia cristã que ouvirá sua mensagem, viverá os sacramentos e se disporá a viver o novo mandamento. Aí se renova a aliança em Cristo, o povo de Deus se alimenta para continuar sua caminhada.<sup>87</sup>

Os acontecimentos que constituem o mistério pascal de Cristo não foram compreendidos de imediato pelos apóstolos e discípulos. Era preciso que o dom do Espírito de Cristo lhes fosse comunicado. Essa novidade ser-lhe-á dada ao

<sup>81</sup> FAUSTI, S. Uma comunidade lê o evangelho de Mateus, p. 428.

<sup>82</sup> Ex 20,24b.

<sup>83</sup> Is 7,14; Mt 1,23; 28,20 respectivamente.

<sup>84</sup> A montanha, na Galileia é um cenário capital para Mateus pois ali é o ambiente fulcral da revelação. HARRINGTON, D. Mateus, p. 17-18.

<sup>85</sup> FAUSTI, S. Uma comunidade lê o evangelho de Mateus, p. 448.

<sup>86</sup> Lc 22, 19.

<sup>87</sup> BECKHÄUSER, A. Os fundamentos da sagrada liturgia, p. 133.

conhecimento pelo próprio Jesus que, após a ceia e segundo o relato joanino, lhes explicará em seu “discurso de despedida” (Jo 14-16). Esse discurso, dirigido à comunidade e não apenas aos apóstolos<sup>88</sup>, não é para falar de sua partida propriamente dita, mas para dizer aos discípulos como deveriam agir até o seu retorno. “O retorno de Jesus não acontece somente na parusia esperada pela fé tradicional; é também o retorno do Senhor hoje, percebido na experiência da fé: no amor [...], no dom do Espírito [...], na oração eficaz [...], na paz”.<sup>89</sup> O dom do Espírito é apresentado por Jesus como dom de sua páscoa escatológica porque o Espírito, que não fala por si mesmo, anunciará coisas futuras como disse Jesus a seu respeito.

Não se trata de duas vindas paralelas [de Cristo e do Espírito], mas interdependentes: Jesus ressuscitado continua sendo o lugar do Espírito, donde este brota (cf. 7, 38). A distinção que se faz entre as duas vindas deve-se que a de Jesus se considera como presença, a do Espírito como atividade, a irradiação de sua presença. Para o crente, Jesus é o ponto de referência, centro, ao passo que vê o Espírito como força de vida que a partir dele se difunde. Em outros termos: a presença de Jesus situada já fora das categorias espaciais, realiza-se através de sua ação, a ação do Espírito, que é sua força.<sup>90</sup>

Ainda no contexto do discurso de despedida, Jesus revela aos discípulos outras funções do Paráclito em sua obra redentora. Será missão do Espírito, ensinar e recordar. Intimamente interligadas e dependentes, essas duas funções mostram que a atividade do Paráclito nesse campo será de lembrar e tornar atual os ensinamentos de Jesus para a vida da comunidade<sup>91</sup>. O conteúdo da função didascálica do Espírito em nada se contrapõe a tudo o que Jesus fez e transmitiu. Pelo contrário, tal função está totalmente referida à missão que Jesus recebera do Pai<sup>92</sup> porque “o Paráclito capacitará os discípulos a verem o pleno significado das palavras de Jesus”.<sup>93</sup>

<sup>88</sup> LÉON-DUFOUR, X. Leitura do evangelho segundo João, p. 97.

<sup>89</sup> FABRIS, R.; MAGGIONI, B. Os Evangelhos, p. 421.

<sup>90</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J. O Evangelho de São João, p. 633.

<sup>91</sup> Para falar da presença e ação do Espírito Santo no discurso de despedida, Jesus serve-se de três preposições para que os discípulos entendam a profundidade desta missão divina. As preposições *metá* (com), *pará* (junto de de) e *em* (em) encontradas nos vv. 16b e 17b, querem denotar respectivamente: amizade íntima e profunda, uma hospitalidade acolhedora e de comunhão e presença interior do Espírito.

<sup>92</sup> MALZONI, C. V. Evangelho segundo João, p. 247; LÉON-DUFOUR, X. Leitura do evangelho segundo João, p. 94-97.

<sup>93</sup> BROWN, R. Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1032. O objeto desta compreensão é sempre a morte-ressurreição de Jesus, e que a compreensão advém mediante o Espírito, mas em contato com a experiência e a vida da Igreja pós-pascal (o Espírito iluminador não é um

A vida do Espírito à comunidade é inseparável da de Jesus (14, 17-19); o novo protetor não o substituiu, mas o faz ficar presente, ou seja, Jesus se constituiu centro da comunidade como doador do Espírito (20,19-23); é o novo protetor porque interioriza Jesus nos discípulos; é uma nova qualidade da ajuda do próprio Jesus: não exterior, como antes de sua morte-exaltação, mas interior (14, 17: Vós o reconheceis, porque vive convosco e, de mais a mais, estará em vós).<sup>94</sup>

Ao término do seu discurso de despedida, Jesus se retira com os apóstolos para um lugar costumeiro<sup>95</sup> para rezar. Durante a oração, ele foi entregue para sofrer a paixão. Será por ocasião de sua morte conforme o relato de Jo 19,30 que podemos contemplar um indício da presença e ação do *Pneûma*.

O teólogo Yves Congar indica algumas considerações sobre a possibilidade do envio do Espírito Santo nesse momento. Para ele, o contexto que envolve o uso da expressão *to pneuma* para indicar a morte difere-se dos demais evangelistas; o sopro realizado recai sobre Maria e João, que representam a Igreja. Esse sopro não pode ser entendido que seja o Espírito Santo dado na Páscoa. Nas perícopes de Jo 7,39; 16,5-7, o denso significado das simbologias e a dupla intenção, características do autor sagrado em todo o evangelho apontam que “Jesus dá o seu último suspiro e, por sua morte voluntariamente aceita, entrega o Espírito a seus discípulos”.<sup>96</sup>

Ao ressuscitar naquele primeiro dia da semana, Jesus se faz presente entre os seus. Em Jo 20,19-23 temos a segunda aparição do Ressuscitado situada no contexto comunitário. Nesse ambiente, Ele concedeu a paz como fruto da presença do Espírito Santo no discípulo<sup>97</sup> para dissipar o medo e a insegurança frente à hostilização dos judeus e pagãos.

A paz comunicada por Jesus não é como o mundo a entende: tranquilidade, calma, ausência de guerra ou, ainda, limitada ao aspecto social e resultado de um empreendimento humano. Ela é um dom porque tem sua origem em Deus e expressa o seu ser; por isso, ultrapassa os ditames da racionalidade.<sup>98</sup> “A paz de Deus extrapola nossa compreensão e se revela em suas dimensões [...] mais profundas de

---

acontecimento privado, nem separado da experiência comunitária): as condições para compreender Jesus são portanto duas: o Espírito e o seguimento.

<sup>94</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J. Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 92.

<sup>95</sup> Os evangelistas indicam o Monte das Oliveiras (Mt 26,30; Mc 14,26; Lc 22,39; Jo 18,1)

<sup>96</sup> CONGAR, Y. Revelação e experiência do Espírito, p. 76-77.

<sup>97</sup> Rm 8,6; Gl 5,22.

<sup>98</sup> BROWN, R. Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1032.

comunhão. O nosso ser integrado e reconciliado já nesta vida aguarda maior plenitude dessa experiência por ocasião da segunda vinda do Senhor”.<sup>99</sup>

Comunicada por Cristo como consequência de sua vitória sobre o pecado e a morte, a paz é uma presença viva e real<sup>100</sup>. O Ressuscitado a transmite para dizer-lhes que esse dom é salvífico porque traz em si o poder operativo de transformação. Contanto que, ao dar-lhes a paz, os discípulos tiveram o medo e a insegurança transformados em alegria<sup>101</sup>. Mesmo sabendo que existem o sofrimento, a morte, as perseguições, os discípulos já participam da vitória que o Cristo conquistou em seu mistério pascal.

O discípulo deve superar este medo e abrir-se à fé; só assim torna-se disponível para o dom da paz e da alegria, os dois dons que Jesus tinha prometido aos seus no seu discurso testamentário. A paz de Cristo é o contrário do medo (14,27; 16,33). A paz e a alegria são o dom do Cristo ressuscitado (v. 20-21), mas são também condição para reconhecê-lo. E importa sobretudo compreender que a paz e a alegria são dados unicamente ao homem que superou o apego a si e portanto já não é vassalo do mundo: a paz e a alegria nascem na liberdade, na verdade, no dom de si.<sup>102</sup>

Tendo propagado a paz, Jesus sopra sobre a comunidade o Espírito Santo. Para Y. Congar, nesse gesto pneumático,

Jesus comunica o Espírito Santo, mas não exatamente o Paráclito a qual prometeu em João 14 e 16. O Espírito não é dado pessoalmente (não há o artigo: *to Pneuma*), mas como uma força correspondente à missão comunicada. Certamente essa missão é sobre-humana, ela é continuação da missão do próprio Cristo, enviado do Pai (Jo 17,18). [...] Ele comunica aos apóstolos seu sopro de vítima de propiciação, como energia que age na Igreja para o perdão dos pecados. É como um início desse dom prometido como o deu um outro Paráclito.<sup>103</sup>

Com a paixão-morte e ressurreição-glorificação de Jesus, o tempo escatológico é inaugurado. Somente quando os discípulos estão reunidos é que Jesus sopra o Espírito para a nova criação iniciando assim o *eschaton* – fase do final dos tempos. Essa realidade será atualizada pelos cristãos todas as vezes quando celebrarem o culto.

Os discípulos recebem o Espírito Santo nesta segunda vinda de Jesus [a primeira foi a Maria Madalena]: *eschaton*, a era final, é agora; o futuro está presente. Em 7,39, o Espírito ainda não fora dado, pois Jesus ainda não fora glorificado. Na cruz, manifestando a natureza de Deus, que é amor, Jesus entrega o espírito (19,30), simbolizado em seguida pelo fluxo dos símbolos sacramentais de sangue e água.

<sup>99</sup> FINELON, V. G; SANTANA, L. F. R. Por uma leitura bíblico-mistagógica do rito da paz na celebração eucarística, p. 165.

<sup>100</sup> Ef 2,14.

<sup>101</sup> Jo 20,20.

<sup>102</sup> FABRIS, R.; MAGGIONI, B. Os Evangelhos, p. 484.

<sup>103</sup> CONGAR, Y. Revelação e experiência do Espírito, p. 78.



Agora, em seu primeiro encontro com a comunidade de fiéis, ele sopra novamente o Espírito ao celebrar a recriação do povo de Deus.<sup>104</sup>

Diante da alegria que invadiu o coração dos discípulos, Jesus continua a comunicar os dons de sua vida. Na perspectiva de J. Mateos e J. Barreto, esses gestos de Cristo significam que “começou a festa da nova Páscoa com a alegria do nascimento do Homem [...], que dá início à criação definitiva”.<sup>105</sup> Ao transmitir novamente o dom da paz, Jesus, tal como o Pai fizera consigo<sup>106</sup>, envia a comunidade reunida em missão. Impulsionada e acompanhada pelo sopro do Espírito Santo<sup>107</sup>, tal missão tem seu ponto de partida no perdão dos pecados para manifestar o amor de Deus<sup>108</sup>. Como se depreende, o desejo e a ação de Jesus naquela assembleia recriada<sup>109</sup> quer evidenciar e continuar o caráter universal de sua missão: reconciliar toda a humanidade.

O poder de perdoar os pecados é dado aos discípulos por Cristo ressuscitado e é relacionado com o Espírito. Portanto, não parece oposição entre Espírito e instituição. É somente porque ricos em Espírito – e portanto capazes de comunicá-lo por sua vez – que os discípulos podem perdoar os pecados e são habilitados para a missão. A partida de Jesus e o dom do Espírito inauguram o tempo em que se verifica a palavra *em verdade, em verdade vos digo: Quem crê em mim fará as obras que eu faço, e até maiores* (14,12).<sup>110</sup>

<sup>104</sup> FLANAGAN, N. M. João, p. 137-138.

<sup>105</sup> MATEOS, J.; BARRETO, J. O Evangelho de São João, p. 858.

<sup>106</sup> Lc 1,35; Mt 1,20. “A ‘glória e a riqueza’ que o Pai tinha dado a Jesus ele a dá aos seus, a fim de que sejam um como o é com o Pai (Jo 17,22); essa glória (amor leal), que produz a unidade, é o Espírito que Jesus infunde aos discípulos (Jo 20,22), o mesmo que ele recebeu e o torna um com o Pai (Jo 1,32s; 10,30)” MATEOS, J.; BARRETO, J. Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p.88.

<sup>107</sup> Gn 2,7; Sb 15,11. “O verbo usado por João: *soprou, exalou o seu alento*, é o mesmo que se encontra em Gn 2,7 para indicar a animação do homem ao infundir-lhe Deus alento de vida; com aquele sopro, o homem tornou-se ser vivente. É aquele Espírito que tinha entregue na cruz”. MATEOS, J.; BARRETO, J. O Evangelho de São João, p. 859

<sup>108</sup> “[Jesus] Simultaneamente, envia os discípulos como o Pai o enviara (v. 21). Sua missão passa a ser a deles; sua obra é colocada nas mãos deles. E essa missão, essa obra, é manifestar Deus que é amor em suas palavras e ações. Agora, por meio deles, vivificados pelo Espírito, a presença de Deus será conhecida, vista e sentida no mundo. Se na verdade, Jesus é o sacramento de Deus, exegeta de Deus, sucessivamente, pelo Espírito, nós nos tornamos sacramentos de Jesus, seus exegetas vivos” FLANAGAN, N. M. João, p. 138.

<sup>109</sup> Na visão profética em Ez 37, o sopro do Espírito reaviva uma comunidade inteira de mortos tornando-a uma comunidade de viventes. Este gesto é repetido e atualizado naquele dia da ressurreição de Cristo para recriar a humanidade a partir dos discípulos. Assim a comunidade reunida é capacitada para: compreender todo o conteúdo da Revelação que Jesus manifestara durante sua vida na terra, cujo centro é o mistério de sua paixão-morte-ressurreição, empreender a missão reconciliadora e a realizar o culto “em Espírito e Verdade” porque estão ali reunidos “os verdadeiros adoradores que o Pai procura” (Jo 4,23).

<sup>110</sup> FABRIS, R.; MAGGIONI, B. Os Evangelhos, p. 486.

A paz e o perdão dos pecados estão estreitamente vinculados<sup>111</sup> e constituem por assim dizer, a missão da assembleia<sup>112</sup>. Com a sua ressurreição, Jesus comunica os na força do Espírito para que os homens pudessem continuar a reconciliação integral<sup>113</sup> do ser humano consigo, com Deus, com o outro – sobretudo com os inimigos e com o cosmos para que todos vivam em paz e harmonia. Sendo assim, todos são reunidos pela potência do Espírito, em uma única e integral assembleia que congrega as pessoas e o cosmos.<sup>114</sup>

A paz comunicada é dom escatológico na medida em que os fiéis vivem sua condição de reconciliados com Deus, consigo mesmo, com os homens e com o cosmos. Na verdade, para aqueles que estão “em Cristo” a paz, a reconciliação e a unidade são realidades progressivamente crescente em sua experiência relacional. Os cristãos tornam-se realmente um sacramento vivencial de Cristo, pois passam promovendo a paz: “Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9) [...] A assembleia celebrante recebe o mandato de exercer o perdão em seus relacionamentos feridos e de mediar conflitos. De forma muito patente, [...] [a] paz apresenta uma finalidade universal e cósmica, pois Cristo ressuscitado comunica aos fiéis sua paz para que estes, por sua vez, promovam uma cultura de paz e de unidade.<sup>115</sup>

Na assembleia do Ressuscitado a presença e ação do Espírito Santo é primordial para que a obra redentora continue na assembleia cristã e a partir dela. Dessa forma, cumprindo o mandato de Cristo, os discípulos se reúnem para que o projeto salvífico torne atual e impulsiona com renovador ardor a vida e a missão eclesiais porque “é o Espírito que faz compreender, em cada nova situação vivida pela Igreja, como tornar atual o ensinamento de Jesus”.<sup>116</sup>

<sup>111</sup> A literatura profética nos informa que o pecado é o grande fator para a ausência da paz

<sup>112</sup> “Através de seu sopro e de suas palavras, Jesus dá a entender que essa efusão pneumática da assembleia pós-pascal deve se prolongar ao longo da história nas assembleias litúrgicas de todos os tempos, sempre com o mesmo escopo: transmitir ao mundo o dom da paz e da reconciliação entre os homens” FINELON, V. G; SANTANA, L. F. R. Por uma leitura bíblico-mistagógica do rito da paz na celebração eucarística, p. 167.

<sup>113</sup> “[...] A participação da comunidade no poder de Jesus de perdoar os pecados, podem ser apenas uma referência ao batismo, o sacramento tradicional do perdão, ou à pregação contínua pela Igreja do perdão dos pecados em Jesus. Mas é provável que essa referência à participação no poder de Jesus tenha um propósito maior que esse. Pelo Espírito sempre presente, a comunidade cristã pode oferecer uma união restaurada com o Pai e o Filho, uma morada interior divina que cria a paz (v. 21 com Deus e o próximo. Através dos séculos, as comunidades cristãs criaram meios diferentes pelos quais esse poder unificador é exercido” FLANAGAN, N. M. João, p. 138.

<sup>114</sup> “A descoberta da amplitude cósmica do Espírito de Deus, [...] leva a respeitar a dignidade de todas as criaturas, nas quais Deus está presente por seu Espírito” MOLTSMANN, J. O Espírito da vida, p. 21.

<sup>115</sup> FINELON, V. G; SANTANA, L. F. R. Por uma leitura bíblico-mistagógica do rito da paz na celebração eucarística, p. 171.

<sup>116</sup> MALZONI, C. V. Evangelho segundo João, p. 259.

A assembleia cristã, como se verá adiante, será identificada pelos elementos que se constituíram ao longo da história. Esses são sinais que pressupõe uma introdução à fé, pois foi por eles que Deus se manifestou a fim de congregar o povo eleito. Dentre tantos, os fundamentais são: a convocação divina, a Palavra que desperta para a fé, a realização no hoje histórico e não em um futuro distante, a centralidade da pessoa de Cristo que é a chave interpretativa de toda a *historia salutis*, os poderes divinos (sacramentos, pastoreio etc) confiados àqueles que estão reunidos em comunidade, a refeição, o dia da ressurreição de Cristo como a superação do sétimo dia e inauguração do oitavo dia escatológico, que é o primeiro da semana – o que remete ao dia em que o mundo foi criado e a missão que desdobra e continua a reunião assembleal. Esses elementos são dons que Espírito enviado realiza na comunidade reunida para proclamar as maravilhas de Deus na história e para congregar todas as pessoas e o cosmo em uma única e definitiva assembleia.

A assembleia cristã não se reúne mais simplesmente para lembrar-se do Cristo histórico, mas para reunir o Cristo-Senhor que serve dos próprios elementos do mundo, que ele domina para significar a sua presença. Como tal, esta assembleia-sinal não pode ser percebida só pela virtude da religião. Ela deve ser coroada pela fé, para poder reconhecer o Senhor. Esta iniciação à fé deve ser retomada cada vez; faltando esta, a assembleia se transforma em simples manifestação de piedade e religião.<sup>117</sup>

Sendo caracterizada pela presença do Ressuscitado, a assembleia terá na potência dinamizadora do Espírito Santo um entendimento claro por parte dos discípulos que reconhecerão o Senhor nos sinais que deixou e farão uma experiência profundamente renovadora, missionária e integral. Muito embora, naquele dia pascal o Senhor tenha soprado o seu Espírito sobre a comunidade reunida “para o perdão dos pecados”, Pentecostes será o grande evento pneumático que impulsionará a Igreja à realização do desejo de Cristo em reunir definitivamente o universo inteiro.

---

<sup>117</sup> MAERTENS, T. Reúne o meu povo, p. 70.

## 2.3

### As assembleias cristãs a partir de Pentecostes

A obra redentora de Cristo continuará na Igreja e será conduzida e vivificada pelo Paráclito. Para tanto, Jesus, que escolheu os apóstolos “sob a ação do Espírito Santo”, os convocará para as últimas instruções sobre os acontecimentos que assinalarão o início da missão da Igreja. Os relatos apostólicos sobre esse período nortearão esta parte da pesquisa.

O livro dos Atos dos Apóstolos nos informa que o Ressuscitado permaneceu com os discípulos durante quarenta dias instruindo, realizando sinais<sup>118</sup> e dando provas de sua existência real após a morte. No contexto de uma refeição (At 1, 1-5), Ele determinou que os discípulos permanecessem em Jerusalém para o cumprimento da promessa do Pai: o batismo com o Espírito Santo conforme fora anunciado por João Batista. No batismo de Jesus às margens do rio Jordão, o Pai declara sua paternidade e o Espírito Santo se manifesta na forma corpórea de uma pomba. Assim, Jesus inicia o seu ministério<sup>119</sup> e de forma semelhante – no Espírito – a Igreja também, em um processo de continuidade.

O mesmo Espírito Santo que estava com Jesus quando ele escolheu e instruiu os apóstolos agora lhes seria concedido. [...] ser “batizado no Espírito Santo” é a maneira como o poder de Deus é dado aos homens. O Espírito desceu sobre Jesus e, assim, iniciou a missão de Jesus de pregar e curar (Lc 3,21-22). Em Pentecostes, o mesmo Espírito seria dado aos apóstolos para que comesçassem a pregar e curar. Receber o poderoso Espírito de Deus ultrapassa muitíssimo os efeitos do batismo de João, que apenas usara água como sinal de arrependimento<sup>120</sup>.

Antes de ascender aos céus, Jesus convoca os discípulos. Estando, pois, reunidos, os discípulos solicitam um esclarecimento sobre a restauração do reino de Israel. Aliás, essa preocupação religiosa, que perpassa todo o relato lucano,<sup>121</sup> identifica pensamentos contrários<sup>122</sup> ao projeto de salvação. Jesus, porém, explica que todas as coisas estão na dependência do Pai e que é preciso retomar o caminho histórico e a ele conectar-se. Contudo, isso seria realizado a partir do envio do Espírito que irá “ensinar” e “recordar” tudo o que Jesus realizou em sua vida

<sup>118</sup> Jo 20,30.

<sup>119</sup> Lc 3,21-23.

<sup>120</sup> KURTZ, W. Atos dos Apóstolos, p. 148.

<sup>121</sup> Lc 17,20; 19,11; 21,7; 24,21.

<sup>122</sup> Estes pensamentos são: a libertação de cunho nacionalista, a difusão do ceticismo, elucubrações fantasiosas e crises apocalípticas.

terrena. Para tanto, o próprio Jesus lhes fala sobre a vinda do Espírito sobre eles para serem suas testemunhas até o extremo da terra<sup>123</sup>.

A força do Espírito, o testemunho, a abertura universalista são os três componentes essenciais da experiência ideal de Igreja, que Lucas pretende delinear. A promessa de Jesus redimensiona a ilusão daqueles fanáticos que confundem a efusão do Espírito com a garantia ou o salvo-conduto para o triunfalismo religioso e político: o reino para Israel! [...] o Espírito é uma força não para dominar e controlar os homens, mas para ser testemunhas de Jesus, o Senhor ressuscitado. O conceito de testemunha [...] qualifica a função autorizada dos primeiros enviados de Jesus, dos quais deslancha a experiência da Igreja.<sup>124</sup>

Depois de todas as instruções, Jesus sobe aos céus e uma nuvem encobre a visão daquela comunidade. Mais uma vez tal elemento cósmico participa de um ato da revelação para indicar uma teofania de caráter pneumático-escatológico. Assim como Cristo subiu aos céus, do mesmo modo será a sua vinda, porém, no Espírito, ao coração de cada crente<sup>125</sup> e à assembleia. Esse cenário da Ascensão recorda o arrebatamento do profeta Elias que prometera a Eliseu uma porção redobrada do Espírito divino se o visse subir ao céu. De igual modo, aconteceu com os presentes naquela elevação do Senhor: eles receberam o Espírito depois que o viram ascender aos céus.

Jesus é o ápice da história de Israel, e os que ele chamou e elegeu são a ligação entre o Jesus terrestre e o Senhor Jesus professado pela fé da comunidade primitiva. Cada membro desta comunidade atua pela força do Espírito de Deus, que o mesmo Espírito doado por Jesus no evento de Pentecostes e nos sucessivos passos dados pela comunidade. [...] Nisto consiste a unidade e continuidade da ação e Deus no meio de todas as nações da terra.<sup>126</sup>

Entre a Ascensão e o cumprimento da promessa, a comunidade permanece unida e reunida em oração perseverante. Como em todo o relato lucano (evangelho e atos), a oração é uma característica acentuada em toda a história e o ministério de Jesus e identifica a Igreja nascente em Jerusalém. A oração, como a de Jesus, é realizada no Espírito Santo.<sup>127</sup>

A comunidade dos discípulos, fiel aos ensinamentos de Jesus apresenta-se como um grupo de oração, grupo que se distingue por duas características evangélicas decorrentes do ensinamento do Mestre: a unidade dos corações e a perseverança fiel.

<sup>123</sup> Ecoando a Is 49,6 e ao Sl 8,15, a extremidade da terra naquela época era considerada a cidade de Roma onde se concluem os Atos dos Apóstolos (At 13-28).

<sup>124</sup> FABRIS, R. Atos dos Apóstolos, p. 51.

<sup>125</sup> Dn 7,13-14; Mt 24,30-31.

<sup>126</sup> BOFF, L. Espírito e missão na obra de Lucas-atos, p. 108.

<sup>127</sup> Lc 3,21-22.

As comunidades apostólicas, que vão nascendo, reúnem-se em assembleia para a escuta da Palavra e para a oração.<sup>128</sup>

A comunidade cristã que está se estabelecendo após a Ascensão mostra-se unida<sup>129</sup>, orante e ativa. Em sua comunhão estão as mulheres, sobretudo a Mãe de Jesus. A presença de Maria sinaliza o seu papel maternal na vida de Jesus e agora no início da Igreja. Ela é testemunha qualificada da vinda do Espírito.<sup>130</sup> Outro aspecto da vida comunitária é a sua abertura e inclusão. A comunidade admite outro membro ao grupo dos doze. Para isso, estabelecem critérios<sup>131</sup> e integram Matias como testemunha da ressurreição, sendo, portanto, apóstolo. Essa eleição justifica-se na alusão à profecia da restauração das 12 tribos<sup>132</sup> para o cumprimento da promessa, bem como ao simbolismo das 120 pessoas que configura “este ‘novo Israel’ [...] uma autêntica *qahal*, uma ‘assembleia’ segundo o modelo da primeira aliança, a comunidade convocada para ouvir a voz do Senhor e caminhar pelas suas veredas”.<sup>133</sup>

A assembleia que se reúne para rezar constitui o núcleo originário da comunidade. Essa comunidade, no que lhe concerne, acolhe a todos pelos quais Deus continua convocando para integrarem o seu povo eleito. A partir dela é realizado e continuado o projeto do Pai que o Cristo empreendeu no que tange à integralidade, acolhida e universalidade.

Tendo, então, chegado o quinquagésimo dia depois da ressurreição, a promessa do Pai anunciada pelo Filho se cumpre naqueles que estão confinados naquela assembleia pascal conforme o relato de At 2. A vinda do Espírito Santo àquela reunião assembleal em Pentecostes é uma atualização daqueles elementos

<sup>128</sup> CASTELLANO, J. Oração e Liturgia, p. 817.

<sup>129</sup> “A assembleia cristã que aguarda o Espírito é caracterizada pela unidade: todos estão reunidos no mesmo lugar. Tendo-se presente o modelo literário e espiritual ao qual se refere a cena de pentecostes, na expressão “todos” devem estar incluídos os 120 discípulos reunidos com os 12, as mulheres e os irmãos de Jesus. A assembleia do povo de Deus no Sinai esperava com um só coração o dom da lei, segundo a tradição judaica, era constituída por todos, isto é, homens e mulheres (cf. Filo). Assim, agora, a nova assembleia de Deus que espera o dom do Espírito é unidade e concorde, sem discriminações e exclusões” FABRIS, R. Os Atos dos Apóstolos, p. 61-62.

<sup>130</sup> Outro aspecto é a dimensão fontal que ela exerceu para a Igreja. Seu testemunho de quem “guardava no coração todas as palavras e procurava o seu sentido” (Lc 2,19.51) mostra à comunidade que Deus é fiel às suas promessas e seu amor jamais falhará.

<sup>131</sup> Convém destacar a compreensão da comunidade que, mesmo sem a presença do Ressuscitado, é a Deus que se dirigem para que tenha a iniciativa de eleger aquele que deve ocupar lugar entre os apóstolos. E, tirando a sorte entenderam que a escolha era divina como também atesta a Escritura noutras passagens semelhantes (Nm 26,55-57, 1Sm 10,20-22; 14,41).

<sup>132</sup> Lc 22,29-30.

<sup>133</sup> BENTO XVI. Quaresma e Páscoa, p. 298.

constitutivos da assembleia sinaítica.<sup>134</sup> Não se trata, segundo G. Cola, de uma ruptura visto que não representaria a resposta da Igreja e a ação do Espírito, mas de uma resignificação centrada em Cristo.

A unidade da história da salvação defendida no anúncio evangélico [...] exige que se deixe sempre à mostra o fio que une os seus dois momentos (Antigo e Novo Testamento), de tal maneira que a assembleia genética do Sinai não seja esvaziada no seu significado, inclusive para os cristãos. Da mesma forma, o sábado, o templo, o culto e o sacerdócio não podem ser simplesmente descartados, mas precisam ser resignificados pelo acontecimento Cristo. Eles são elementos relevantes da revelação veterotestamentária e não se confundem, simplesmente, com as deformações históricas que sofreram.<sup>135</sup>

Essa resignificação realizada pelo Pentecostes cristão é capital para a vida e missão da Igreja. Por esse motivo, alguns elementos desse grande evento mereceram uma consideração de nossa parte. O primeiro deles, perseguindo o itinerário do relato lucano, põe em evidência o dia (At 2, 1a), que, distinto da forma plural encontrada na Escritura<sup>136</sup>, assinala o cumprimento das profecias de um tempo final e da promessa.<sup>137</sup> Isso significa dizer que “a data da festa afirma que um acontecimento salvífico de mais alta importância é iminente”<sup>138</sup>. Outrora, o povo de Deus que se consolidava é agora a Igreja, acontecimento do Espírito Santo, que nesse evento, inicia oficialmente, a partir da assembleia de culto, sua formação, identidade cristã e missão. Com isso, a assembleia cristã, a partir dos eventos pascais e de Pentecostes, entende e concentra sua reunião celebrativa em um dia em que se reúnem para celebrar e viver antecipadamente o dia final no primeiro dia da semana, como se verá mais tarde.<sup>139</sup>

Em segundo lugar, a narração indica que, em atenção à orientação de Jesus, todos estão reunidos no mesmo lugar (At 2,1b) mostrando assim a unidade e

<sup>134</sup> Vale ressaltar que por instituição divina (Ex 23,14-17), neste dia os judeus celebravam a festa de Pentecostes ou da Colheita cinquenta dias depois da festa pascal dos ázimos. Nesse período de sete semanas recolhiam o fruto do trabalho no campo (dentre eles, o trigo) para apresentá-los a Deus no quinquagésimo dia, o *pentekostê* (Tb 21,1; 2Mc 12,32). Os judeus também comemoravam nesta festa o memorial da assembleia do Sinai, quando Deus reuniu o seu povo e lhes entregou a lei – sinal de sua aliança. Com esta terceira festa do calendário judaico, todo o israelita deve se apresentar diante do Senhor trazendo os dons de sua colheita conforme Deus lhe havia concedido (Ex 23,17; Dt 16,10.13.17). DI SANTE, C. Liturgia judaica, p. 214; RIVAS, L. H. O Espírito Santo nas sagradas Escrituras, p. 69.

<sup>135</sup> COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p.27.

<sup>136</sup> Gn 25,24, Lv 8,33; Jr 25,12; Lc 2,6; 9,51

<sup>137</sup> Lc 24,49.

<sup>138</sup> DILON, R. J. Atos dos Apóstolos, p. 325.

<sup>139</sup> At 20,7; 1 Cor 16,2; Ap 1,10.

comunhão entre os discípulos. A presença física nessa reunião evoca a resposta obediente de Israel em observar a palavra do Senhor<sup>140</sup>.

Um terceiro elemento pode ser encontrado no ruído que vem do céu “como o agitar-se de um vendaval impetuoso” (At 2, 2). Como no Sinai, fenômenos cósmico-meteorológicos acontecem naquele lugar e emolduram uma teofania conforme acontecera na criação do mundo e do homem.<sup>141</sup> À imagem do “vendaval impetuoso” contempla-se o dom de Deus que vem do céu e que foge à capacidade e ao controle humano e que, no diálogo com Nicodemos<sup>142</sup>, assinala um novo nascimento.

O relato de doação do Espírito aos membros da primeira comunidade cristã introduzindo uma enorme quantidade de elementos que remetem às tradições veterotestamentária da torres de babel e da teofania do Sinai. O vento forte, o grande barulho e o fogo (At 2, 2-3) são componentes da manifestação da glória de Deus durante a aliança do Sinai (Ex 19,16-19).<sup>143</sup>

As línguas de fogo, quarto elemento indicado em At 2,3, condensa uma riqueza de sinais e símbolos. Associado ao Espírito Santo, o fogo é um indicativo eloquente da presença divina que manifesta a glória de Deus e “realiza na ordem sobrenatural o que vemos que o fogo faz no plano físico: ilumina, aquece, purifica, renova”<sup>144</sup>. Nesse episódio do Pentecostes cristão, o Espírito se apresenta como as línguas de fogo que se repartem e pairam sobre a cabeça daqueles que estavam reunidos. Tal como o dom do Espírito que pairou sobre o caos, o homem, a Virgem Maria, e neles fecundou as *mirabilia Dei*, agora paira sobre a Igreja, batizando-a no fogo como profetizou João Batista,<sup>145</sup> a fim de iluminá-la para ser luz, santificá-la para santificar (pelos sacramentos) e fortalecê-la no anúncio do Evangelho redentor para que a salvação alcance a todos.

O verdadeiro fogo, o Espírito Santo, foi trazido sobre a Terra por Cristo [...] [que] fez-se mediador do “dom de Deus”, obtendo-o para nós com o maior gesto de amor da história: a Sua morte na cruz [...]. Este “fogo” puro, essencial e pessoal, o fogo do

<sup>140</sup> Ex 24,3.

<sup>141</sup> Por um lado, o vento remete à *Ruah* que na história vetero-testamentária indica o ‘sopro’ que paira sobre as águas e, como hálito de vida é insuflado sobre o homem modelado pelo barro. Em ambos os casos, a criação e a vida humana possuem no Espírito de Deus o seu princípio vital. Em Pentecostes isto significa a transcrição do universo inteiro (homem e cosmos) a partir do mesmo e único Espírito que desde sempre foi enviado pelo Pai.

<sup>142</sup> Jo 3,8.

<sup>143</sup> RIVAS, L. H. O Espírito Santo nas sagradas Escrituras, p. 70. “O vento significa o poder e a força vital de Deus, sua ação criadora e vivificadora no mundo e na história, invisível, mas real. Sem ele, só existem morte e caos. O Espírito é vento de liberdade e fonte de vida” CODINA, V. “Não extingais o Espírito”, p. 25

<sup>144</sup> ALDAZÁBAL, J. Gestos e símbolos, p. 73.

<sup>145</sup> Lc 3,16.



amor, desceu [...] no Cenáculo, para fazer da Igreja o prolongamento da obra renovadora de Cristo.<sup>146</sup>

No Sinai, a lei foi gravada com fogo em tábuas e entregue a Moisés e consequentemente a todo o povo. Em Pentecostes, é o Espírito Santo é o dom do Pai e do Filho derramado sobre a comunidade reunida (e através dela a todo o orbe) que “imprime a Lei de Cristo no coração dos cristãos”<sup>147</sup>. Em uma significativa aproximação, afirma Yves Congar que “as tábuas da Lei tinham sido escritas pelo dedo de Deus (Ex 31,18): já era o Espírito Santo (Lc 11,20)”<sup>148</sup>. Com esta ação divina sobre o povo reunido, uma nova identidade – predita pelos profetas<sup>149</sup> – é constituída pelo Espírito que age no coração e na vida do novo povo fazendo com que a lei alcance o íntimo da consciência humana e favoreça uma profunda conversão.

A salvação realizada por Cristo possui ampla abrangência e o Espírito foi enviado para continuar a sua obra. Por isso, ao ser derramado naquela assembleia de Pentecostes, Ele conferiu aos cristãos *falar em outras línguas*. Em consonância com a tradição judaica, as línguas significam a universalidade<sup>150</sup>, o que indica a missão pela qual a Igreja é chamada a realizar na comunhão e para além dos limites geográficos e étnicos.

Pentecostes foi o grande evento que marcou o início de uma nova fase da *historia salutis* em que o Espírito Santo intervém para a realização do plano salvífico de Deus. A cada momento da história, faz-se necessária a vinda do Espírito de Deus para que, operando a salvação, os cristãos tivessem mais clareza do chamado universal à fé. Nessa atuação dinâmica verifica-se que, sendo único e idêntico, o Espírito não desflora, invade ou violenta a singularidade e originalidade de cada pessoa, cultura e povos para que “cada um expresse em sua própria língua as maravilhas de Deus”.<sup>151</sup>

São Lucas ressalta, em particular, o papel do Espírito como Espírito de profecia e de testemunho e como princípio de irradiação universal da salvação: porque é o Espírito que move o coração dos apóstolos e toda a comunidade cristã a levarem a todos os homens a boa nova de Cristo para reuni-los numa só família. [...] Já que o Espírito

<sup>146</sup> BENTO XVI. Quaresma e Páscoa, p. 303.307.

<sup>147</sup> ALDAZÁBAL, J. Gestos e símbolos, p. 73; Lc 24,13-35.

<sup>148</sup> CONGAR, Y. Revelação e experiência do Espírito, p. 67.

<sup>149</sup> Jr 31,31-34; Ez 36,25-28.

<sup>150</sup> O relato de Gn 10, a voz de Deus foi ouvida em setenta línguas – o que na época sinaítica correspondia as setenta nações que constituíam o mundo daquela época.

<sup>151</sup> CONGAR, Y. Revelação e experiência do Espírito, p. 68.

foi interiorizado no coração da humanidade e da história, e, desde aí [...] derrama sem cessar a força renovadora e recapituladora da ressurreição.<sup>152</sup>

Diante de tão numerosa assembleia que inicialmente assiste àquela teofania, Pedro em nome da comunidade apostólica exerce no Espírito a primeira proclamação do Evangelho<sup>153</sup> que é uma pregação querigmática em At 2,14-36. Nela, explica-se o cumprimento das profecias<sup>154</sup> naquele evento e apresenta-se a pessoa de Jesus como a realização de todos os fatos anunciados no Antigo Testamento e o reunidor de todos os povos.

A Pedro interessa o fato da efusão do Espírito, a qual se estende a todos os membros do povo de Deus sem discriminações (cf. At 2,17b). A capacidade profética de entender a Escritura (cf. Nm 11, 29) e de comunicar a palavra de Deus é dada a todos. [...] A universalidade na qual se insere o testemunho do Cristo Ressuscitado tem como fonte de origem o Espírito que cria a nova humanidade.<sup>155</sup>

À pregação petrina em At 2,37-40, os membros daquela assembleia questionam sobre a práxis do que lhes fora anunciado. Pedro, então, lhes apresenta o arrependimento, o batismo e o dom do Espírito Santo para o perdão dos pecados e o ingresso na comunidade cristã. Com o sinal de conversão e obediência a Deus (como no Sinai), aqueles que creram acolheram a palavra e foram batizados pela água em nome de Jesus Cristo no Espírito Santo e passaram a fazer parte da comunidade cristã<sup>156</sup>. Muito embora João Batista tenha anunciado um batismo de fogo e no Espírito Santo e sem alusão à água, a Igreja nascente entendeu que a água era um elemento simbólico para externar o perdão dos pecados e comunicar o Espírito Santo, dom do Ressuscitado.

Existe, portanto, um batismo na água que é a participação na salvação doada por Cristo e “inserção” nele, ou seja, um batismo “no nome de Jesus”. Passou-se de um batismo que anunciava, o de João, para o batismo que insere no Cristo, que aperfeiçoa a sua obra enviando o Espírito no dia de Pentecostes. O Espírito de Pentecostes que é dado à Igreja a fim de dirigi-la ao cumprimento da missão de Jesus.

<sup>157</sup>

<sup>152</sup> CODA, P. Pentecostes, p. 690.

<sup>153</sup> MACKENZIE, J. L. Pentecostes, p. 721.

<sup>154</sup> Jl 3,5; Is 57,19; Zc 6,1.

<sup>155</sup> BOFF, L. Espírito e missão na obra de Lucas-Atos, p. 112.

<sup>156</sup> O número de batizados significa uma grande parte dos judeus que creram em Jesus como o Messias verdadeiro. Isto corrobora um caráter mais amplo da salvação que é realizada nos âmbitos individual e comunitário. O batismo é conferido a pessoa que por sua vez, passar a fazer do povo de Deus que Cristo redimiu com sua vida na cruz. Ela se torna membro efetivo na comunidade eclesial.

<sup>157</sup> NOCENT, A. Batismo, p. 111. Para Cantalamessa, “o batismo no espírito é a ocasião em que a pessoa se converte, escolhe livre e pessoalmente Cristo como seu Senhor, confirma o seu batismo [sacramental]” CANTALAMESSA, R. Ungidos pelo Espírito, p. 142.

Ainda na esteira do evento de Pentecostes, Lucas conclui o relato de At 2 emoldurando a bela pintura do novo povo de Deus que se compreende e afirma sua identidade e universalidade a partir da assembleia de culto. A proclamação da palavra, a fé oriunda da conversão, a remissão dos pecados, o batismo e o dom do Espírito Santo constituem o caminho percorrido da salvação e o sinal de pertença total à comunidade cristã. Na opinião de Kurtz, “quando uma comunidade cristã arrepende-se seriamente do pecado e se abre ao poder do Espírito, isso muda de forma dramática o modo de vida dos cristãos e atrai outros ao cristianismo”.<sup>158</sup>

Os quatro princípios fundamentais (At 2, 42) que configuravam a assembleia cristã da primeira hora tem no Espírito Santo a sua novidade, força e diretriz. A Igreja primeva encontrava sua experiência de comunhão com Deus Trino e com os irmãos nesses elementos que, sinais da ação do Espírito, constituíam o núcleo de sua assembleia e assim, expressão visível de sua *koinonia*.

A Espírito Santo, que é o “amor” e a fecundidade, faz com que Pai e Filho se unam para constituir em “nós” comunitário que é o único Ser divino. A visão cristã da pessoa requer um ótica do ser aberto, que estimula à comunhão, ao diálogo, à unidade, à participação de tudo por todos e à respeitosa aceitação da pluralidade e da complementaridade dos carismas com que o Espírito enriquece a comunidade.<sup>159</sup>

Mesmo ainda inseridos no contexto judaico, os cristãos frequentavam o templo, as sinagogas e as práticas cúlitas sob um novo aspecto. Eles reiam a tradição veterotestamentária à luz do evento Cristo. Isso significava uma estupenda força para a fé que se expressava em um eloquente testemunho que atraía na potência do Espírito novos integrantes judeus para a comunidade cristã a fim de realizar a salvação. Assim, “o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos” (At 2,47).

O dinamismo que o Espírito realiza na vida de cada crente e da comunidade não se esgota em sua realidade tampouco possui uma estrutura limitada de sua ação na história, mas capacita para continuar o ministério de Jesus sob uma atividade profética. Nesse âmbito, Lucas apresenta vários personagens que circundaram a vida de Jesus sobretudo por ocasião de sua encarnação e nascimento e que receberam o Espírito de Deus para profetizarem. Não sem razão, aquela assembleia

<sup>158</sup> KURTZ, W. Atos dos Apóstolos, p. 151.

<sup>159</sup> SILANES, N. Comunhão, p. 166. Para o autor a “*koinonia* é o termo que sintetiza e expressa a existência a comunidade primitiva como comunhão com Cristo, morto e ressuscitado, e, por ele, com o Pai e com os irmãos, mediante a ação do Espírito Santo” SILANES, N. Comunhão, p. 161.

e todos os batizados recebem o Espírito do Senhor para profetizar a aliança de Deus com seu povo, realizar com sabedoria a vontade de Deus nas diversas circunstâncias da vida, promover a renovação religiosa e avivar constantemente a esperança escatológica que é, em parte, antecipada nos sinais sagrados que vão tecendo a história.

Típica da pneumatologia lucana é a tendência a enfatizar os efeitos visíveis e objetivos da presença e da ação do Espírito na história [...]: destes, um dos principais é a profecia. Doado a todos os membros da comunidade cristã [...] o *pneuma* caracteriza o tempo da Igreja, que é tempo de continuação e de irradiação em todo o mundo do anúncio do evangelho salvífico. É o Espírito, de fato, que permite repetir eficazmente os gestos e as palavras de Jesus [...] e garante a continuidade entre o Nazareno e a comunidade dos crentes nele.<sup>160</sup>

Os relatos contidos nos Atos dos Apóstolos identificam a Igreja em sua dimensão profético-missionária. Nela, a partir de suas assembleias, os cristãos irão, pelo testemunho, anunciar a salvação realizada por Cristo a todos os povos. Enfatiza Yves Congar que “Lucas mostra o dinamismo da fé, o crescimento da Igreja. Mesmo quando ele diz que Cristo concede o Espírito (At 2, 33), é na linha da missão e da profecia (At 2, 17-18), não na linha da vida nova”.<sup>161</sup> Ao lado do tema da profecia encontra-se a escatologia que, juntos, perpassarão outros textos do Novo Testamento.

[...] a Igreja primitiva amadureceu a convicção de que o Ressuscitado continua sua presença e sua obra salvífica na história graças ao Espírito; tudo isso permite a comunidade cristã levar a toda parte os frutos da morte e ressurreição do Senhor, enquanto se espera sua segunda vinda.<sup>162</sup>

A assembleia do Pentecostes cristão em Jerusalém foi e continua sendo o paradigma das assembleias posteriores. Todas elas são a partir do culto cristão, presença profética e testemunhal do projeto salvífico que continua na história. Paulo, recebendo esse conteúdo da tradição dos apóstolos, discorre sobre sua importância na vida cristã nas comunidades por onde evangelizou<sup>163</sup>. Dentre elas, interessa-nos a reunião assembleal de Corinto. Nela, encontramos uma abalizada relação entre culto cristão e Espírito Santo na assembleia eucarística. Para Paulo, o

<sup>160</sup> SALVATI, G. M. Espírito Santo, p. 308.

<sup>161</sup> CONGAR, Y. Revelação e experiência do Espírito, p. 70-71. Esta característica do Espírito será enfatizada por Paulo que, sob outro prisma, compreende a interioridade de cada pessoa com sua experiência de fé e a realização do ser de Cristo em cada cristão ao passo que para Lucas, o Espírito é enviado por Cristo para que os discípulos realizem a obra redentora.

<sup>162</sup> SALVATI, G. M. Espírito Santo, p. 308-309.

<sup>163</sup> Em Fl 3,3 Paulo afirma que a celebração do culto é realizada pelo Espírito de Deus.

Espírito age, sobremaneira, no culto, inspirando e conferindo dons à edificação do corpo de Cristo.

O Espírito desempenha um papel extremamente importante no culto cristão e em todos os aspectos da experiências de Deus que o fiel tem. [...] O Espírito fortalece diferentes fiéis com dons que beneficiam outros e ajudam no culto; que ele organiza a distribuição de dons de acordo com a necessidade dos fiéis e inspira-os a usá-los corretamente [...]. Isso não significa que tudo que é feito com a ajuda do Espírito no culto deva necessariamente ser feito com espontaneidade, pois o que é feito com inteligência [...] com premeditação resoluta e criativa, ou com fidelidade à tradição apostólica é exatamente tão inspirado e espiritual quando algo feito sob um impulso repentino.<sup>164</sup>

Ao escrever para a comunidade de Corinto, Paulo identifica o Espírito Santo como Espírito de Cristo e que foi comunicado aos cristãos para que se tornassem participantes da natureza divina. Para tanto, ele aborda a perspectiva da vida no Espírito em cada pessoa e na comunidade. Primeiro, o apóstolo reavivará a importância do batismo recebido e que os constituiu em habitação divina (e consequentemente membros do corpo de Cristo): “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? [...] O templo de Deus é santo e esse templo sois vós”<sup>165</sup>. Nessa perícope, o apóstolo identifica o coração do homem e a comunidade como o lugar onde a presença do Espírito realiza o culto. Mas, para que tal realidade seja efetiva, é preciso uma resposta livre e desejosa de cada pessoa à experiência com Cristo que o Espírito deseja edificar.

O que o Espírito Santo é só pode ser definido a partir do que ele faz. É no Espírito que os crentes experimentam a solicitude de Deus em Jesus Cristo, que presenteia nova possibilidade de vida (liberdade) e capacidade de relação (amor). Por meio do Espírito como dádiva escatológica de Deus o Crucificado Ressurreto une seus irmãos e suas irmãs consigo e uns com os outros.<sup>166</sup>

Depois em um segundo momento, Paulo desenvolverá o tema da assembleia sob a perspectiva da teologia do Corpo de Cristo e dos carismas nessa orientação à comunidade.<sup>167</sup> Preocupado com uma vida cristã autêntica que testemunha a presença de Cristo no mundo, Paulo volta a atenção da comunidade ao aspecto cútico que a constitui, transforma e impulsiona.

A atividade apostólica [...] é considerada por Paulo como liturgia, “a ação sagrada do evangelho” (Rm 15,16), em virtude da qual pode ser oferecido o único sacrifício agradável a Deus, a oferta da vida no Espírito Santo [...] Por isso, o templo material,

<sup>164</sup> PAIGE, T. Espírito Santo, p. 494.

<sup>165</sup> 1Cor 3,16-17.

<sup>166</sup> HILBERATH, B. J. Pneumatologia, p. 428.

<sup>167</sup> 1Cor 11,2 - 14,40.

onde se celebrava o culto ao AT, foi substituído pela própria comunidade, “corpo do Cristo ressuscitado” (cf. 1Cor 12,12), verdadeiro povo sacerdotal, que adora, em Cristo e por Cristo, o Pai “em espírito e verdade” (cf. Jo 4, 23-24)<sup>168</sup>

Diante das posturas abusivas que permeavam o culto cristão e que desfiguravam o sentido pleno da Ceia do Senhor, Paulo corrige a assembleia da comunidade. Nessa exortação, ele mostra que não há separação entre o memorial eucarístico e a vida humana e comunitária porque ambas decorrem a caridade de Cristo à humanidade, que, por sua vez, deve impelir a caridade de uns para com os outros em todos os aspectos conforme o mandamento do Senhor. Tal compreensão e postura testemunham uma vivência plena do mistério eucarístico que a assembleia litúrgica é chamada a celebrar e a viver, conforme Paulo entendeu o que recebeu do Senhor e transmitiu. Sobre esse aspecto, enfatiza M. A. Getty que

sempre que os fiéis compartilham este pão e este cálice, recordam o mandamento do Senhor para fazer isso em memória dele. Recordam sua morte, enquanto aguardam sua vinda na glória. Três etapas de tempo, o passado (a Última Ceia original e a morte de Jesus), o presente (a celebração da comunidade) e o futuro (a parusia) estão reunidas nesta ação. Quem quer que a realize indignamente, isto é, separando um desses aspectos uns dos outros, peca por não cumprir o mandamento do Senhor.<sup>169</sup>

A detalhada dimensão eucarística da comunidade apresentada por Paulo a identifica como o *locus* por excelência da assembleia. Nela, os discípulos se reúnem e o Ressuscitado se faz presente em Corpo e Sangue e sopra o seu Espírito a fim de transformá-los e impeli-los à missão salvadora. Nesse processo transfigurativo e missionário estão presentes os dons que o Espírito concede a cada membro para edificar o corpo de Cristo. Na comunidade de Corinto havia abundância de carismas e que precisavam de orientação para que continuassem a avivar a Igreja.

As mudanças que o Espírito acarreta e os dons espirituais que ele fornece ao indivíduo não são só para o aperfeiçoamento próprio; os fiéis devem usá-los para o benefício de todos os cristãos [...]. O Espírito é a força unificadora e criativa que dá origem à comunidade cristã, expressa no termo *koinonia*, que aponta para uma participação mútua no Espírito e para uma solidariedade (i.e., comunidade) criada pelo Espírito. Nessa nova solidariedade, o Espírito confere dons diferentes a pessoas diferentes que devem se reunir e trabalhar juntas, como os vários membros de um corpo natural, formando assim o corpo de Cristo na Terra para servir ao Senhor.<sup>170</sup>

<sup>168</sup> BERGAMINI, A. Culto, p. 275 (270-276)

<sup>169</sup> GETTY, M. A. 1 Coríntios, p. 211.

<sup>170</sup> PAIGE, T. Espírito Santo, p. 494. O autor afirma que o mesmo Espírito que inseriu os batizados vida divina, suscita à oração. Ao mesmo tempo que impulsiona para o alto, comunica o amor de Deus como resposta. Deste modo, a assembleia de culto é uma doxologia de louvor e proclamação da bondade de Deus realizada no mundo e que, por sua vez, constitui o conteúdo da resposta dos homens.

Ao final de sua exposição, Paulo evidencia a assembleia como o primeiro lugar onde os dons são vividos. De acordo com o apóstolo, tudo deve ser realizado para a edificação de todos os membros ali presentes. Para isso estabelece a ordem, a paz e o respeito como a expressão visível da presença do Espírito naqueles carismas que foram suscitados<sup>171</sup>. Nessa grande instrução dada à comunidade sobre a assembleia eucarística e o exercício dos dons, Cantalamessa esclarece que

Os carismas são dons dados a uma pessoa para enriquecer a Igreja; os sacramentos são dons dados à Igreja para enriquecer e santificar as pessoas individualmente [...] há uma harmonia e uma reciprocidade perfeita entre ambos; rompê-los num sentido ou em outro significa empobrecer a Igreja e comprometer o seu admirável equilíbrio; significa cair ou no sacramentalismo, ou num vazio espiritualismo. [...] os sacramentos fortificam e alimentam os carismas e os carismas reavivam os sacramentos.<sup>172</sup>

As assembleias litúrgicas da Igreja nesse período apostólico ainda palmilham diante da novidade que se inaugurou em Pentecostes. Verificamos que o seu núcleo central e propulsor que necessita sempre de compreensão e aprofundamento, segundo o que ele mesmo compreende a sua riqueza e densidade. Sabendo que Espírito Santo conduz a Igreja na realização da obra salvífica de Cristo pelo coração e pelo agir cristão, adentraremos em uma nova fase, que visa apresentar o desenrolar histórico da convocação divina. Sua realização encontra no mesmo e único Espírito revelado; que opera na salvação universal tanto na vida dos homens em geral quanto e, sobretudo, na comunidade cristã: a assembleia dos eleitos.

<sup>171</sup> “Paulo observa que, se não houver caridade, nem os carismas mais elevados são úteis à pessoas que os recebe. [...] infelizmente, pode coexistir com a ausência de uma relação autêntica com o Salvador. Por conseguinte, tanto Pedro como Paulo insistem na necessidade de orientar todos os carismas para a caridade. Pedro oferece uma regra geral: ‘como bons administradores da multiforme graça de Deus, cada um coloque à disposição dos outros o dom que recebeu’ (1Pd 4,10). Paulo preocupa-se particularmente com o uso dos carismas nos encontros da comunidade cristã e afirma: ‘que tudo se faça em vista da edificação’ (1Cor 14, 26)”. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta *Iuvenescit Ecclesia*, p. 14.

<sup>172</sup> CANTALAMESSA, R. O Verbo se fez carne, p. 594. 597. Continua o autor: “o Espírito Santo é, portanto, antes de tudo, a presença ‘espiritual’ de Jesus ressuscitado na Igreja, presença que continua, de maneira diferente, sua presença histórica de uma vez; presença que é, porém, misteriosamente, também uma Pessoa”

O substrato bíblico que anteriormente expusemos mostrou-nos alguns aspectos rudimentares da assembleia e sua acentuação pneumatológica na história da salvação. Esta história, como bem sabemos, continua na Igreja para a redenção de todos os homens. Nesse sentido, nos deteremos na compreensão teológica que foi elaborada a partir da pregação dos apóstolos até o último Concílio para recolher alguns traços que mais correspondam ao fito de nosso tema.

O itinerário que percorreremos compreende três partes. A primeira parte debruça-se a partir do ambiente da Igreja primitiva onde enveredaremos pela tradição patrística; que descortinou a partir da revelação bíblica dos dois Testamentos os primeiros fundamentos para a teologia. A fim de verificar como a realidade em que nos propusemos a pesquisar foi continuada, a segunda parte perpassará pelos desdobramentos históricos a partir da cristandade.

Concluiremos, portanto, apresentando na terceira parte, a contribuição do Movimento Litúrgico que constituiu um prenúncio do Concílio Vaticano II. Esse grande evento conciliar assinalou efetivamente uma nossa fase em toda a vida da Igreja contemporânea. Toda a sua riqueza pode ser constatada a partir de seus documentos, dentre os quais destaca-se o primeiro, pois tratou da liturgia eclesial para nortear os demais e que coroará a exposição de todo este capítulo.



### 3.1

#### A compreensão assembleal-pneumática nos Padres da Igreja

Os Padres da Igreja, testemunhas e garantia autêntica da Tradição dos Apóstolos, estabeleceram os alicerces da sagrada teologia na sua ortodoxia, na evangelização e no aprofundamento da fé. Diante da Revelação e inspirados pelo Paráclito, transmitiram para a Igreja o entendimento da relação entre o Antigo e o Novo Testamento<sup>173</sup> e sua aplicabilidade na vida cristã. Sendo, portanto, depois dos apóstolos, a referência inicial da Tradição da Igreja. Esses homens ilustres elaboraram os primeiros escritos exegéticos, teológicos, litúrgicos, espirituais, pastorais e catequéticos da fé, que resultaram num precioso tesouro do qual a Igreja se enriqueceu e que é tomado como referência pelos teólogos hodiernos na atualização do pensamento teológico.

Os Padres abrem as riquezas doutrinárias e espirituais só a quem se esforça por entrar na sua profundidade através duma contínua e assídua familiaridade com eles. Os Padres são testemunhas qualificadas da Tradição; eles deixaram-nos um método teológico que é ao mesmo tempo luminoso e seguro; os seus escritos oferecem uma riqueza cultural, espiritual e apostólica que faz deles grandes mestres da Igreja de ontem e de hoje.<sup>174</sup>

O cristianismo nascente se defrontava com as culturas judaica e pagã, as heresias e as perseguições. Os Padres, frente a essa realidade, se destacam como autênticos mestres da fé porque explicitaram os elementos essenciais do mistério cristão a partir das Escrituras; dentre esses elementos, o mistério pascal de Cristo celebrado ocupa um lugar central porque a liturgia, além de ser ato de culto, é norma de vida cristã. Nela, eles contemplam a atualização da obra salvífica de Cristo na experiência humana, eclesial e missionária. Nesse sentido, a reunião celebrativa é o *locus* privilegiado onde os Padres realizaram a experiência no mistério pascal de Cristo. Dessa experiência litúrgico-comunitária, eles extraíram os conteúdos e elaboraram abundante material teológico para a doutrina, a catequese e a moral dos quais os Concílios se apoiaram.

Um elemento litúrgico sobre o qual se apoiam fortemente os Padres, a começar por Orígenes, são as interrogações sobre a fé que precedem o batismo, em vista do

<sup>173</sup> No que tange à aliança, Leão Magno afirma que é possível enxergar a fase inicial do Antigo Testamento servindo ao Evangelho porque é o único e mesmo Espírito que instituiu a primeira e a segunda aliança. LEÃO MAGNO *apud* FOLCH GOMES, C. Antologia dos Santos Padres, p. 407.

<sup>174</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Instrução sobre o estudo dos Padres da Igreja na formação sacerdotal, p. 19.

mistério da Trindade, isto vale também para outras fórmulas litúrgicas, como as doxologias e as anáforas eucarísticas. É significativo a este respeito a anáfora de Basílio. A liturgia, intervindo como elemento dinâmico que dá vida à tradição, se torna um *locus theologicus*. Além disso, ela opera por meio dos atos rituais, com seu cunho essencialmente sacro: pondo em ação o mistério cristão, portadores da graça divina, órgãos da oração, eles governam toda a vida e guiam o pensamento religioso dos fiéis.<sup>175</sup>

A assembleia litúrgica é, portanto, a expressão visível e concreta da Igreja.<sup>176</sup> Nela, a comunidade de fé se reúne para celebrar a presença do Ressuscitado na vida comunitária. Ele, por sua vez, continua em seu corpo (a Igreja) a obra salvífica até o fim dos tempos. Em vista disso, os Padres, tais como, Clemente Romano<sup>177</sup>, Tertuliano<sup>178</sup>, Ambrósio<sup>179</sup> e outros enfatizaram o tema da assembleia, pois o seu sentido é inerente à vocação cristã, que se fundamenta na Trindade, e à universalidade da mensagem salvífica.

Muito embora o Espírito de Deus estivesse presente desde a criação do mundo e preparasse a humanidade para acolher o Messias, a sua revelação a todos os homens acontece a partir da ressurreição de Cristo. Naquele primeiro dia da semana, o Espírito Santo é “soprado” sobre os discípulos reunidos e, cinquenta dias após, manifestado publicamente à multidão para que a salvação atingisse a sua finalidade: todos os povos.

Sendo o eixo da vida comunitária dos cristãos, a reunião assembleal encontra sua dinamização na potência do Espírito Santo que a torna atual, orgânica e

<sup>175</sup> VOGEL, C. Liturgia, p. 835.

<sup>176</sup> Dentre as diversas instruções, a Didaqué informa a importância capital da reunião assembleal no dia do Senhor. O culto cristão primitivo seguindo em linhas gerais do que encontramos em At 2 tem a seguinte estrutura: convocação divina, o domingo como o dia consagrado para a reunião dos cristãos, a confissão dos pecados e a reconciliação tanto em nível pessoal quanto em nível comunitário que é condição para a fração do pão e a ação de graças.

<sup>177</sup> Clemente Romano, já no I século em sua Carta aos Coríntios incentivava a frequência à assembleia: “Reunamo-nos também nós num mesmo lugar, em concórdia e em comunhão de sentimento e supliquemos fervorosa e insistentemente, que nos faça participantes das suas grandes e gloriosas promessas”. CLEMENTE ROMANO. Carta aos Coríntios, p. 95.

<sup>178</sup> “Nada mais achara nos ritos dos cristãos, além da reunião antes do nascer do sol para cantarem a Cristo como Deus, e o pacto mútuo pelo qual se comprometiam a não cometer [...] delitos”. “Nós somos uma corporação pela comunidade de fé, pela unidade de disciplina e pelo vínculo duma mesma esperança. Reunimo-nos em assembleias e grupos para assaltar Deus com nossas orações, como um batalhão serrado. Esta violência é agradável a Deus. Oramos também [...] pelo estado presente do universo, pela paz do mundo e pelos tempos sem fim. Reunimo-nos para a leitura das Sagradas Escrituras [...]. Em tais assembleias realizam-se também exortações [...] em nome de Deus” TERTULIANO. Apologético, p. 203-206.

<sup>179</sup> “É justo dizer que os muros de Jerusalém são as assembleias das Igrejas, porque quem entra na Igreja de boa fé e com boas obras, torna-se cidadão e habitante desta cidade do alto, que desce dos Céus. Estes muros edificam-se ao colocar as pedras vivas nos seus lugares”. AMBRÓSIO DE MILÃO. Apologia de David, p. 602.

missionária. O evento do Pentecostes cristão atualizou a assembleia do Sinai e, sem sombra de dúvida, constituiu o paradigma para as demais assembleias no decorrer da história da Igreja porque “todo Pentecostes nos recorda a ressurreição que esperamos no século futuro”<sup>180</sup>. Como é de nosso interesse o escopo pneumatológico da assembleia litúrgica, deter-nos-emos a extrair algumas considerações dos Padres a este respeito.

Ao discorrer sobre o zelo que se deve ter com a fé da Igreja, Irineu recorre à imagem de um vaso de ótima qualidade. Esse vaso é a Igreja e o que ele contém é a fé posta por Deus. Ambos são renovados pelo Espírito Santo, Dom de Deus que confirma a fé e possibilita a comunhão com Cristo. Essa comunhão é realizada na Igreja “porque onde está a Igreja está o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus está a Igreja e toda a graça”<sup>181</sup>. Nesta afirmação, Irineu mostra quão vital e salutar é a presença do Espírito Santo na comunidade eclesial. Servindo-se do exemplo da maternidade, o autor mostra que o Espírito é quem alimenta, sacia, instrui na verdade e mantém a vitalidade da Igreja por meio dos diversos carismas e ministérios suscitados por ele.

A relação binomial Espírito-Igreja, apontada por Irineu, encontra na assembleia cúlrica sua melhor visibilidade. As comunidades cristãs da primeira hora mostram como suas assembleias tinham no Espírito Santo sua potência dinamizadora e criativa.<sup>182</sup> A este propósito, Hipólito de Roma em sua obra *Tradição Apostólica* afirmava à comunidade sobre a importância e a frequência à assembleia cúlrica como o lugar onde o Espírito Santo frutifica. Quando não há a reunião assembleal, orienta que em casa façam leituras e rezem em horas determinadas que evocam o mistério de Cristo, pois “o dom do Espírito e a água do banho batismal oferecidos a jorrar de um coração crente como se viessem de uma fonte, santificam aquele que tem fé. É, pois, necessário rezar esta hora”.<sup>183</sup>

O Espírito Santo que paira sobre a Igreja permanece nela. Isto significa dizer que está em cada um dos batizados. Estes constituem a assembleia quando se reúnem para celebrar como bem afirmou Clemente de Alexandria: “eu não chamo

<sup>180</sup> BASÍLIO DE CESAREIA. O Espírito Santo, p. 458.

<sup>181</sup> IRINEU *apud* FOLCH GOMES, C. Antologia dos Santos Padres, p. 124.

<sup>182</sup> Os Atos dos Apóstolos mostram, depois de Pentecostes diversas reuniões do culto cristão onde Espírito Santo confere pela sua potência operativa as maravilhas de Deus na história dos homens.

<sup>183</sup> HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, p. 256.

Igreja a um lugar, mas à assembleia dos eleitos”<sup>184</sup>. Importante salientar que a catequese dos Padres também está voltada para a iniciação cristã dos catecúmenos e para a comunidade que se reúne para celebrar constituindo assim um itinerário formativo no contexto do Ano Litúrgico. Então, retomar os aspectos iniciais da instrução de um catecúmeno em torno dos sacramentos pascais é reavivar a consciência sobre a importância e incidência das realidades divinas na vida cristã e de toda a comunidade de fé. Devemos considerar também que o uso da primeira ou segunda pessoa do plural (nós e vós, respectivamente) que os Padres utilizam em seus discursos tem caráter eminentemente eclesial.

O batismo, amplamente abordado pelos Padres, é considerado como via principal de acesso à vida divina e inserção na vida da assembleia-Igreja. Não sem razão, toda a comunidade participa objetivamente<sup>185</sup> deste processo de recepção de seus novos membros e que vai da acolhida pessoal à celebração dos sacramentos. Com isso, fica claro que a iniciação cristã é elemento constitutivo para a vida da assembleia. O testemunho de João Crisóstomo é de alguém que exulta de alegria ao contemplar naquela vigília pascal o renascimento pela água e pelo Espírito daqueles neófitos recebidos na Igreja.

Reparo que a nossa assembleia é hoje mais brilhante que de costume e que a Igreja de Deus está jubilosa por causa de seus filhos. Com efeito, como mãe amorosa que, ao ver-se rodeada dos filhos, rejubila, exulta e não cabe em si de contente, assim a Igreja, na sua maternidade espiritual, quando olha para os seus próprios filhos, está alegre e jubilosa, por se ver como campo fértil cheio de espigas espirituais.<sup>186</sup>

A celebração da iniciação cristã acontece na vigília pascal – coração, ápice e fonte da liturgia e da vida da Igreja. Nela, o candidato, pelos sacramentos iniciáticos<sup>187</sup>, recebe o dom do Espírito Santo que lhe perdoa os pecados, o associa por participação à vida trinitária e aos sofrimentos de Cristo<sup>188</sup> e o insere na assembleia dos eleitos tornando-se assim membro do corpo místico de Cristo, a Igreja.

<sup>184</sup> CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata* VII, p 194.

<sup>185</sup> Os escritos deste período patrístico informam que os membros da própria comunidade exercem diversas funções no processo catecumenal. Dentre elas estão: o introdutor para acompanhar de forma personalizada, o catequista que auxilia na harmonização da vida pessoal do candidato com a fé que a assembleia professa, o leigo ou clérigo que o catequiza, a comunidade que reza e jejua etc.

<sup>186</sup> JOÃO CRISÓSTOMO. *Oito Catequeses Baptismais*, p. 706.

<sup>187</sup> Batismo, Crisma e Eucaristia.

<sup>188</sup> CIRILO DE JERUSALÉM. *Terceira Catequese mistagógica*, p. 556.

O dom do Espírito Santo na celebração sacramental da iniciação cristã é conferido por meio de palavras<sup>189</sup>, símbolos naturais ou gestos humanos. A água utilizada no sacramento do Batismo é um elemento natural que, santificada por Cristo no Espírito, contém uma realidade divina, invisível e configurativa.

Viste a água, mas nem toda água cura; contudo, a água que contém a graça de Cristo cura. Uma coisa é o elemento, outra é a consagração; uma coisa é o ato, outra é a eficácia. O ato é da água, mas a eficácia é do Espírito Santo. A água não cura, a não ser que o Espírito Santo tenha descido e consagrado essa água. [...] Cristo, portanto, desceu à água e o Espírito Santo desceu como uma pomba. Deus Pai, por sua vez, falou do céu [...] Tens a presença da Trindade.<sup>190</sup>

A consciência batismal da Igreja neste período patrístico perpassa inúmeras catequeses e instruções que visavam esclarecer ao batizado e à comunidade sobre a necessidade e riqueza deste sacramento. Neste âmbito, Cirilo de Jerusalém ressalta a necessidade de um aprofundamento da experiência sacramental vivida por ocasião da vigília pascal. Em suas catequeses mistagógicas explicita o mistério contido em cada elemento da ação sacramental. Para ele, tais ensinamentos são dados após a recepção dos sacramentos haja vista o influxo da graça sacramental, ou seja, o Espírito Santo que os tornou aptos a tal compreensão.

Na mistagogia batismal, o autor identifica que os batizados são participantes da unção de Cristo, podendo inclusive serem chamados de “cristos” porque “tudo isso foi realizado sobre vós em imagem, uma vez que sois imagem de Cristo”.<sup>191</sup> Tanto no batismo de Cristo quanto no batismo cristão o Espírito Santo é a unção propriamente dita.

Na verdade, quando ele foi batizado no Jordão e comunicou às águas os fragrantíssimos eflúvios da sua divindade e delas emergiu, realizou-se então a descida do Espírito Santo consubstancial, repousando sobre Ele como o Igual sobre o Igual. Também vós de modo semelhante, depois que emergistes da piscina das águas sagradas, foi concedido o crisma, imagem real daquele com que Cristo foi ungido e que é, sem dúvida o Espírito Santo.<sup>192</sup>

Segundo Cirilo, o Espírito Santo que opera na liturgia batismal é o mesmo que pairou sobre Cristo no Jordão e foi anunciado por Jesus na Sinagoga de Nazaré, conforme Isaías havia profetizado (Is 61,1; Lc 4,18) sobre a missão messiânica.

<sup>189</sup> Ensina Ambrósio: “O Espírito Santo conhece as palavras que usa, não as negligencia. E a profecia se cumpre não só nos milagres concreto, mas igualmente na propriedade das palavras”. FOLCH GOMES, C. Antologia dos Santos Padres, p. 311.

<sup>190</sup> SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO. Os sacramentos e os mistérios, p. 35-36.

<sup>191</sup> CIRILO DE JERUSALÉM. Terceira Catequese mistagógica, p. 556-557.

<sup>192</sup> CIRILO DE JERUSALÉM. Terceira Catequese mistagógica, p. 557.

Além da água santificada por Cristo na força do Espírito, a presença e ação do *Pnêuma* é simbolizada por uma unção que é realizada com óleo na fronte e nos sentidos daquele que foi batizado tal como fora figurado no Antigo Testamento<sup>193</sup>. Esta unção configura o segundo sacramento da iniciação cristã: a Crisma, que está estreitamente vinculado ao batismo por causa do dom do Espírito Santo.<sup>194</sup>

Inserido no mistério da morte, sepultura e ressurreição do Senhor, o batizado também toma parte, obtendo o mesmo Espírito da unção de Cristo. Esta unção não foi realizada com óleo, porque o Pai ungiu o Filho com o óleo da alegria, que, segundo Cirilo, é o Espírito Santo.<sup>195</sup> O batizado recebe uma unção corporal para santificar a alma com o Espírito Santo que o vivifica. Para Ambrósio de Milão, a unção é um selo para aperfeiçoar ou complementar o batismo recebido.<sup>196</sup> Em Teodoro de Mopsuéstia, a unção é um sinal que marca a ovelha e o soldado de Cristo.<sup>197</sup> Para Novaciano, o Espírito Santo

É aquele que, sob a forma de pomba, veio e permaneceu sobre o Senhor após seu batismo, habitando plena e totalmente nele, sem nenhum tipo de limitação, e depois foi entregue e enviado em sua superabundância, a fim de que outros pudessem receber dele um fluxo de graças, a fonte de todo dom do Espírito Santo permanecendo em Cristo, em quem o Espírito Santo repousará [...] (Is 11,2-3), e, em outro lugar, em nome do próprio Senhor. “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim [...] (Is 61,1; Lc 4,17-19). E Davi: Por isso, Deus, teu Deus, te ungiu com um óleo de alegria, de preferência a teus companheiros” (Sl 44,8).<sup>198</sup>

Tendo renascido pela água e pelo Espírito, o batizado é convidado a participar da Eucaristia que completa o tríplice quadro da iniciação cristã na vigília pascal. Desta forma, sua associação ao mistério pascal de Cristo é completada e sua

<sup>193</sup> Em Lv 8,1-12 Moisés purifica e unge Arão como sumo sacerdote e em 1Rs 1,38-39.45 Salomão que depois de ter-se lavado foi ungido rei de Israel.

<sup>194</sup> Segundo a pesquisa de R. Falsini, no período apostólico até o século IV há diversos ritos para a iniciação cristã devido a importância, o significado e influência que receberam no tempo. Contudo, eles conservam elementos comuns e orgânicos tais como a imposição das mãos e a unção com o óleo realizadas pelo bispo na Vigília Pascal. Somente o bispo gozava da prerrogativa de conferir o dom do Espírito e assim introduzir o neófito à comunhão eucarística. O nome *confirmatio* foi adotado porque estava relacionado com a readmissão dos hereges que, convertidos, professavam a fé. O bispo recebia profissão de fé e os admitia à vida eclesial. Com o crescimento e a difusão das comunidades, a presença do bispo ficou impossibilitada em todas elas. Como solução, a Igreja no Oriente facultou aos presbíteros ungirem os neófitos com o óleo abençoado pelo bispo na quinta-feira santa; no Ocidente, os catecúmenos irão a Catedral para a unção. Esta postura fez com que a partir do século V a unção fosse separada do batismo. FALSINI, R. *Confirmação*, p. 220-221.

<sup>195</sup> CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses mistagógicas*, p. 557.

<sup>196</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO. *Os sacramentos*, p. 608.

<sup>197</sup> TEODORO DE MOPSUÉSTIA. *Homilias Catequéticas*, p. 796.

<sup>198</sup> NOVACIANO *apud* CONGAR, Y. *Revelação e experiência do Espírito*, p. 98.

condição de membro do corpo místico de Cristo é efetivada<sup>199</sup>. Justino explica pormenorizadamente esse processo de inserção que se dá no contexto de uma reunião assembleal.

Pela nossa parte, depois de assim termos mergulhado (na água) aquele que acreditou e se juntou a nós, conduzimo-lo até ao lugar onde se encontram reunidos os que se chamam irmãos, a fim de elevarmos fervorosas orações em comum por nós mesmos, por aquele que foi iluminado e por todos os outros dispersos pelo mundo, para que, tendo conhecido a verdade sejamos dignos de ser encontrados perfeitos na prática das boas obras e fieis no cumprimento dos mandamentos, para assim alcançarmos a vida eterna.<sup>200</sup>

Após as orações, o pão e o vinho são apresentados e uma longa ação de graças é realizada à Trindade por todos os bens. O povo reunido consente aclamando com o Amém<sup>201</sup>. Terminada esta parte, o pão e o vinho são distribuídos aos presentes e é dado posteriormente aos ausentes. Justino afirma que este alimento o qual fora dado ação de graças é a Eucaristia – o corpo e o sangue do Senhor. E a sua participação neste alimento é franqueada àquele

que, admitindo como verdadeiros os nossos ensinamentos, tenha sido purificado pelo batismo para a remissão dos pecados e a regeneração, e leve uma vida como Cristo ensinou. Na verdade, aquilo que recebemos não é pão nem vinho comum. [...] Assim como nos foi ensinado que o alimento sobre o qual foi pronunciada a ação de graças com as mesmas palavras de Cristo, e do qual, depois de transformado, se alimenta o nosso sangue e a nossa carne, é a própria Carne e Sangue de Jesus encarnado.<sup>202</sup>

A transformação desse alimento (pão e vinho) no Corpo e Sangue de Cristo acontece pelo envio do Espírito Santo<sup>203</sup>, “pois tudo o que o Espírito toca e santificado e transformado”<sup>204</sup>. A oração epiclética, parte integrante da anáfora eucarística, é realizada na reunião assembleal sobre o pão e o vinho, a fim de consagrá-los, e sobre a comunidade reunida<sup>205</sup>. Sobre esta, é pedido o envio do Espírito para associar seus membros ao mistério de Cristo que ali se realiza.

<sup>199</sup> “No dia de hoje, uma vez celebrada a solenidade dos mistérios, misturam-se os batizados e regenerados em Cristo com todo o povo de Deus”. AGOSTINHO DE HIPONA. Sermões, p. 1064.

<sup>200</sup> JUSTINO. Apologia I, p. 147-148.

<sup>201</sup> Palavra hebraica e que segundo Ambrósio de Milão significa “É verdade”. AMBRÓSIO DE MILÃO. Os mistérios, p. 622.

<sup>202</sup> JUSTINO. Apologia I, p. 148.

<sup>203</sup> ISIDORO DE SEVILHA. Ofícios eclesíasticos, p. 1536.

<sup>204</sup> CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses mistagógicas, p. 561.

<sup>205</sup> “Pareceu-te, acerca da oração pela qual no momento do sacrifício se pede a vinda do Espírito Santo, que ela indica uma vinda do Espírito àquele lugar. Ora, acerca do Espírito Santo só poderás pensar corretamente, se não seguides o pensamento da carne. [...] Cristo morreu por nosso amor, e é por isso que, ao celebrarmos no sacrifício o memorial da sua morte, invocamos a vinda do espírito Santo para que derrame sobre nós o dom do amor” FULGÊNCIO DE RUSPAS. Contra Fabião, p. 1370-1371.

E nós pecadores, indignos e pobres, pedimos-Te, Senhor nosso Deus, submetendo-nos à decisão da tua vontade, que o teu Espírito desça sobre nós e sobre estes dons que te apresentamos: ele nos santifique e mostre (que eles são) o Santo dos Santos. Torna-nos dignos de participar nos teus santos (mistérios), para a santificação da alma e do corpo, de modo que nos tornemos um só corpo e um só espírito, e sejamos admitidos na companhia de todos os santos.<sup>206</sup>

Esse mesmo Espírito que age no pão e no vinho consagrando-os, unifica a comunidade dos batizados a partir do sacramento do pão para constituírem um único corpo onde Cristo é cabeça em vistas da eternidade. O corpo eclesial se compreende em duas dimensões: terrena e celeste. Dessa forma, o sentido da eucaristia atinge a sua compreensão mais ampla.

Assim como a virtude da carne santa de Cristo transforma num só Corpo os que dele participam, do mesmo modo o único e indivisível Espírito de Deus, ao habitar em cada um, os vincula a todos numa unidade espiritual. Dado que o Filho está em nós corporalmente como homem, incorporado e unido conosco pela mística da bênção [da Eucaristia], e também espiritualmente como Deus, pela força e graça do seu próprio Espírito, Ele renova o nosso espírito para uma vida nova, tornando-nos participantes da sua natureza divina.<sup>207</sup>

O dom do Espírito evocado na assembleia eucarística não está restrito tão somente aos alimentos e aos batizados numa celebração comunitária. Estes são os meios pelos quais o Senhor escolheu para consolidar a Igreja inteira fazendo com que sejam *um só coração e uma só alma* na unidade e na caridade porque “se a Igreja permanece, é com toda a evidência, porque a assiste o Espírito Santo”<sup>208</sup>, caso contrário, isso não seria possível. Desse modo, a Igreja é edificada em seus membros quando suplica a vinda do Espírito Santo para que possa oferecer-se a si mesma quando oferece o Corpo e o Sangue do Senhor.

O Espírito Santo, que é o Espírito único do Pai e do Filho, produz, naqueles a quem concedeu a graça da adoção divina a mesma transformação verificada naqueles que, segundo os Atos dos Apóstolos, receberam o mesmo Espírito. Na verdade, Deus, enquanto conserva na Igreja o amor que ela recebeu pelo Espírito Santo, transforma-a num sacrifício agradável a seus olhos, de modo que, continuando a receber sempre esse dom da caridade espiritual, a Igreja possa apresentar-se sempre como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.<sup>209</sup>

Na comunidade cristã, a Eucaristia precisa ser compreendida e vivida em sua totalidade. Quando suas dimensões estão fragmentadas ou desconexas de todo o seu sentido geral, pode-se dizer que o corpo de Cristo, a Igreja, não está animado e

<sup>206</sup> ANÁFORA COPTA DE SÃO BASÍLIO DE CESAREIA. Epiclese, p. 1332-1333

<sup>207</sup> CIRILO DE ALEXANDRIA. Comentário ao Evangelho de João, p. 1174-1176.

<sup>208</sup> JOÃO CRISÓSTOMO. Homilia sobre o Santo Pentecostes, p. 731.

<sup>209</sup> FULGÊNCIO DE RUSPAS. A Mónimo, p. 1365-1366.



conduzido pelo Espírito. A este perigo, Agostinho de Hipona adverte à comunidade sobre a importância da unidade e da comunhão no corpo de Cristo que é o *locus* privilegiado onde o Espírito de Deus se manifesta e é doado.

Mas não busquem o Espírito Santo senão no corpo de Cristo. Fora d'Ele tem o sacramento, mas não a realidade desse sacramento, e, por isso, comem e bebem a sua condenação. O pão é sacramento de unidade... Só a Igreja católica é o corpo de Cristo, e Cristo é a cabeça e o salvador de seu corpo. Fora deste corpo o Espírito não vivifica ninguém... Não participará da caridade divina quem for inimigo da unidade. [...] Também não recebe o Espírito Santo quem entra na Igreja com intenção fingida. [...] Se já entrou com má intenção, não persista nela, para que possa incorporar-se, de verdade, na árvore da vida.<sup>210</sup>

A Eucaristia congrega e constitui a assembleia e por sua vez, a Igreja inteira. A dimensão sacramental visa a iniciação e fortalecimento contínuo da fé batismal que é vivida também na dimensão social que é parte constitutiva do mistério eucarístico. Oriundo da caridade de Cristo, o aspecto social da Eucaristia, chama a todos os que a recebem para que proloquem no corpo de Cristo e no mundo os efeitos espirituais do dom recebido. Neste sentido, o Espírito Santo suscita muitos dons para que, postos a serviço, expressem no mundo o amor de Deus em seu Filho, Jesus Cristo. Basílio de Cesareia ao mostrar pelo viés sacramental a ação do Espírito Santo na vida do batizado afirma a sua relação intrínseca com os carismas vividos, sobretudo na comunidade.

Por outro lado, ao distribuir a todos os seus carismas, o Espírito é o todo que se encontra em cada uma das partes. [...] Todos membros reunidos constituem o corpo de Cristo na unidade do Espírito e prestam uns aos outros a necessária entajuda, de acordo com os dons recebidos. Foi Deus quem dispôs os membros do corpo. [...] Os membros são solidários uns para com os outros, em virtude do amor mútuo, nascido da sua comunhão no mesmo espírito vital. [...] E assim como as partes estão no todos, também cada um de nós está no Espírito, pois todos nós, que formamos um só corpo, fomos batizados num só Espírito.<sup>211</sup>

Uma vez inseridos no corpo de Cristo pelos sacramentos da iniciação cristã, os batizados são convocados à reunião assembleal *da e na* comunidade cristã.<sup>212</sup> Nela, como cristãos, se reúnem e celebram o culto em comunidade no dia do

<sup>210</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. Cartas, p. 979.

<sup>211</sup> BASÍLIO DE CESAREIA. O Espírito Santo, p. 459-460.

<sup>212</sup> “Admitidos a formar parte do Corpo de Cristo e regenerados na fonte da vida, podem dizer, cheios de confiança: Irei ao tabernáculo admirável, à casa de Deus. A casa de Deus é a Igreja, seu tabernáculo admirável, porque nele ressoam vozes de louvor e alegria da multidão em festa” JERÔNIMO. Homilias, p. 777.

Senhor<sup>213</sup> segundo o Espírito<sup>214</sup>. Isto é motivo de estupenda alegria pela ressurreição do Senhor e o encontro fraterno que dela decorre.

O domingo é o dia da Ressurreição, é o dia dos cristãos, é o nosso dia. Chama-se domingo porque nesse dia o Senhor subiu vitorioso para o Pai [...] De fato, hoje nasceu a luz do mundo, hoje nasceu o Sol de justiça em cujos raios está a salvação. [...].<sup>215</sup> Nós não nos reunimos nesse dia por se tratar de um dia especial, mas porque, o vermo-nos uns aos outros, é fonte duma alegria muito grande, seja qual for o dia em que nos reunamos.<sup>216</sup>

Como assinala a Didaqué, a “fração do pão”<sup>217</sup>, em todo o seu sentido, é o principal motivo da reunião<sup>218</sup> por que a “Igreja ao pedir no sacrifício do Corpo e Sangue de Cristo que lhe seja enviado o Espírito Santo, pede certamente o dom da caridade, com o qual possa guardar *a unidade do Espírito pelo vínculo da paz*”<sup>219</sup>.

A Eucaristia ocorre num ambiente cúlrico de um dia que alude à criação e festas pagãs às quais se sobrepõem o evento da ressurreição pascal de Cristo. A compreensão deste dia necessitou ser esclarecida e defendida à sociedade romana da época que perseguia os cristãos. Para tanto, Justino apresenta uma descrição pormenorizada, referencial, densa em seu conteúdo e fundamentada na tradição dos apóstolos (At 2, 42).

E no chamado dia do Sol, reúnem-se num mesmo lugar todos os que moram nas cidades ou nos campos, e leem-se, na medida em que o tempo permite, as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas. Quando o leitor termina, o presidente toma a palavra para fazer uma exortação, convidando os presentes a imitar tão belos ensinamentos. A seguir pomo-nos todos de pé e elevamos nossas preces e, como já dissemos, logo que as preces terminam, apresenta-se pão, vinho e água. Então,

<sup>213</sup> CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS. Livro VII, p. 482; CESÁRIO DE ARLES. Sermões, p. 1377;

<sup>214</sup> GREGÓRIO DE NAZIANZO. Sermões, p. 575

<sup>215</sup> JERÔNIMO. Homilias, p. 777; AMBRÓSIO DE MILÃO. Abraão, p. 601;

<sup>216</sup> JERÔNIMO. Comentário à Carta aos Gálatas, p. 777.

<sup>217</sup> “No dia do Senhor reuni-vos para a fração do pão e a ação de graças, depois de terdes confessado vossos pecados para que o vosso sacrifício seja puro. Quem tiver alguma desavença com o seu irmão, não se reúna convosco antes de se reconciliar, para que não seja profanado o vosso sacrifício”. DIDAQUÉ. Instrução do Senhor aos gentios, p. 106.

<sup>218</sup> “Os Apóstolos, nos seus comentários, chamados Evangelhos, transmitiram-nos que foi Jesus quem assim nos mandou fazer (segue-se o relato da instituição da Eucaristia) [...]. Desde então, nunca deixamos de trazer isto à memória uns dos outros; e os que possuem bens socorrem os que têm necessidades, e perseveramos sempre unidos uns com os outro. Em todas as oblações louvamos o Criador do universo por Jesus Cristo, eu Filho, e pelo Espírito Santo” JUSTINO. Apologia I, p. 148.

<sup>219</sup> FULGÊNCIO DE RUSPAS. Contra Fabião, p. 1371. Esta unidade, expressa a partir do pão, foi explicada por Agostinho numa alegoria que alude aos sacramentos da iniciação cristã. Para ele, os grãos de trigo foram unidos pela água e pela trituração até formar a massa e cozidos no fogo feito de azeite. Segundo o autor, Os grãos são as pessoas que passando pelo processo catecumenal (trituração) são batizadas (água) e ungidas (azeite) para se tornarem corpo (pão), expressão da vida comunitária: “vem, pois, o Espírito Santo. Depois da água o fogo. E tornai-vos naqueles pão que é Corpo de Cristo. Por este modo se significa de alguma forma a unidade” AGOSTINHO. Sermões, p. 1065.

aquele que preside eleva, como todo o fervor, preces e ações de graças, e o povo aclama *Amém*. Depois procede-se à distribuição dos dons sobre os quais foi pronunciada a ação de graças; cada um dos presentes participa deles, e os diáconos levam-nos também aos ausentes. [...] Reunimo-nos todos precisamente no dia do Sol, não só porque foi o primeiro dia em Deus, transformando as trevas e a matéria, criou o mundo, mas também porque Jesus Cristo, nosso Salvador, nesse dia ressuscitou dos mortos [...] aparecendo aos seus apóstolos e discípulos, ensinou-lhes tudo o que também nós vos propusemos como digno de consideração.<sup>220</sup>

A assembleia celebrativa no dia do Senhor assinala a sua autocompreensão e identidade frente às culturas, perseguições e aos martírios. Nesse período, podemos encontrar nalgumas Atas dos mártires belos e edificantes testemunhos sobre a importância capital da reunião assembleal aos domingos para a comunidade cristã.<sup>221</sup>

A Escritura sagrada está ao lado dos outros elementos (batismo, unção, eucaristia e comunidade) que constituem a assembleia. Neles podemos verificar, como de fato expusemos, a presença dinamizadora do Espírito Santo que atua em cada um deles. Tão cara ao judaísmo, a Jesus em sua vida pública e às comunidades cristãs, a Palavra contém a vida que o Espírito a conferiu na inspiração e na realização da vontade de Deus. Sua proclamação no culto, caracteriza a memória das *magnalias Dei* na reunião assembleal<sup>222</sup>. Ao lado dos outros elementos que configuram e constituem a assembleia cristã, ela está destinada à instrução da comunidade.

No dia do Senhor, os escritos apostólicos (os evangelhos) e os profetas eram lidos nas assembleias para a instrução da comunidade. Desde então havia a compressão de que “o próprio Espírito Santo falou nas Escrituras. Ele próprio falou

<sup>220</sup> JUSTINO. Apologia I., p. 148-149.

<sup>221</sup> “O procônsul perguntou ao leitor Emérito: “Foi em tua casa que, contra as ordens dos imperadores, se fizeram as reuniões?” Emérito, cheio do Espírito Santo, respondeu: “Sim, foi em minha casa que fizemos o *dominicum*”. O procônsul: “Por que lhes permitistes que entrassem?” Resposta: “Porque são meus irmãos, e não podia proibi-los”. O procônsul: “Mas devias tê-los proibido”. Emérito: “Não podia, porque não podemos viver sem o *dominicum*”. [...] “Sim, celebramos a nossa reunião com toda a solenidade, e sempre que nos reunimos para o *dominicum* é para ler as divinas Escrituras” [...] O procônsul mandou imediatamente que o metesse no cárcere. E foi com grande alegria que se ouviu a voz de Hilário dizer: “Graças a Deus”. ATA DOS MÁRTIRES. Ata dos Santos Saturnino, Dativo e de muitos outros mártires africanos, p. 687.

<sup>222</sup> “O termo grego ‘anamnesis’ (da raiz hebraica *zkr*) possui na mentalidade bíblico-cristã, significado muito mais denso do que o nosso termo equivalente: ‘recordação’. Não significa simplesmente uma ligação da mente com o passado, mas sim reviver o passado em um ‘hoje’ de particular eficácia. Isso é particularmente verdadeiro para o memorial litúrgico, que sempre se vincula às ‘maravilhas divinas’ do passado (da criação ao êxodo, das sucessivas alianças ao ingresso na terra prometida e à construção do templo) para proclamar tudo o que de grande e admirável Deus realiza no presente e realizará no futuro em favor dos seus. Neste sentido, o memorial litúrgico não é simples processo mental, mas ação que atualiza no presente a obra divina do passado, fazendo reviver o seu alcance” ROCHETTA, C. Os sacramentos da fé, p. 192.

de si mesmo o que quis ou o que éramos capazes de compreender”<sup>223</sup> como o próprio Jesus anunciara<sup>224</sup>.

O Espírito “fala” tanto pelo texto escriturístico quanto na sua interpretação porque sempre “temos sempre necessidade da ajuda do Espírito Santo”<sup>225</sup>. No culto celebrativo, o Espírito faz com que a letra morta contida nas Escrituras se torne Palavra da salvação; assim os Padres compreendiam e pregavam a Palavra nas reuniões de culto. Na pregação mostravam, desse modo, a unidade Testamentária, a singularidade do Espírito na Trindade e em toda a história da salvação em que se manifesta de modo diverso produzindo efeitos variados para edificação do corpo de Cristo como verificamos nos escritos paulinos.

Ele (o Espírito Santo) tem um só e mesmo modo de ser. [...] Serve-se da língua de uns para comunicar o dom da sabedoria; ilumina a inteligência de outros com o dom da profecia. A este dá-lhe o poder de expulsar demônios; àquele concede-lhe o dom de interpretar as divinas escrituras. A uns fortalece na temperança, a outros ensina-lhes a misericórdia, a estes inspira a prática do jejum [...] a outros prepara-os para o martírio. Ele vem como protetor fraterno, vem para salvar, curar ensinar, aconselhar, fortalecer, consolar, iluminar a alma de quem o recebe, e depois, por meio desse a alma dos outros.<sup>226</sup>

A dimensão escatológica da reunião assembleal é impulsionada pelo Espírito de Deus<sup>227</sup>. Este, segundo Basílio, “se nos concede de novo a entrada no Paraíso, a ascensão ao reino dos céus [...] e de poder contemplar, como num espelho, como se já estivessem presentes, os bens que em promessa nos estão destinados e que pela fé esperamos usufruir”<sup>228</sup>. Esta compreensão está assinalada pelo “oitavo dia” quando, contra todo o legalismo cúltico, será o início de um novo tempo, “a chegada da nova criação”<sup>229</sup>, que foi inaugurado pela ressurreição do Senhor.<sup>230</sup> Sendo “o

<sup>223</sup> Continua Cirilo: “Ninguém separe o Antigo e o Novo Testamento. Ninguém diga que um é o Espírito lá e outro aqui, caso contrário ofende o Espírito Santo, que com o Pai e o Filho é glorificado e adorado [...]. Sabemos que o Espírito Santo falou pelos profetas e desceu em línguas de fogo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes” CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses pré-batismais, p. 548.

<sup>224</sup> “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse” Jo 14,26.

<sup>225</sup> JERÔNIMO. Comentário ao Profeta Miquéias, p. 776.

<sup>226</sup> CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses pré-batismais, p. 549.

<sup>227</sup> Para Eusébio de Cesareia, a festa de Pentecostes cuja contagem ultrapassa em uma unidade as sete semanas (de sete dias cada) à páscoa, significa que é uma imagem do tempo futuro, alegramos as nossas almas e aliviamos (descansamos) os corpos, como se doravante, nos encontrássemos reunidos ao Esposo e não pudéssemos jejuar” EUSÉBIO DE CESAREIA. A Páscoa, p. 383-384.

<sup>228</sup> BASÍLIO DE CESAREIA. O Espírito Santo, p. 459.

<sup>229</sup> GREGÓRIO DE NAZIANZO. Sermões, p. 578.

<sup>230</sup> “Vede como ele se exprime: não são os sábados atuais que me agradam, mas aquele que Eu próprio fiz e pelo qual, depois de ter conduzido tudo ao repouso, inaugurarei o oitavo dia, isto é, o começo de um mundo novo. É por isso que nós celebramos como uma festa jubilosa o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos” EPISTOLA DE BARNABÉ, p. 129.

dia que o Senhor fez para nós”, a comunidade cristã é chamada a vivê-lo na páscoa de Cristo, já antecipando esta realidade inaugurada pelo Senhor e que ainda não se plenificou. Por isso, deve exultar e cantar, pois “este dia é um dos sete e está para além dos sete. É o chamado oitavo dia”<sup>231</sup> como antevirem os antepassados.

Os santos Patriarcas, cheios de Espírito profético ainda antes da Ressurreição do Senhor, conheceram já esse sacramento do oitavo dia... Contudo, foi um conhecimento reservado e oculto, e só foi mandado que se celebrasse o sábado... Mas quando teve lugar a Ressurreição no corpo do Senhor..., então já pode começar a celebrar-se o oitavo dia, que é igual ao primeiro, isto é, domingo.<sup>232</sup>

Outra perspectiva escatológica do oitavo dia é o repouso. Em suas cartas, Agostinho relaciona-o com o sétimo dia da criação (que é inconcluso, símbolo do descanso eterno) e que os judeus observavam estritamente; isto era uma imagem da ação do Espírito que santifica e repousa. Segundo o autor, o repouso rememora a sepultura do Senhor e que significa na fé e esperança cristãs o descanso livre e eterno para a ressurreição final<sup>233</sup>. Esta será no oitavo dia que já é vivido de forma antecipada pelo Espírito no primeiro dia!

Porque já se realizou em nós a ressurreição pela fé [...] segundo as primícias do Espírito... Só nos falta a redenção do nosso corpo que aguardamos dentro gemendo dentro de nós mesmos. [...] Esse repouso, que é eterno, nasce do oitavo dia, sem se extinguir, de outro modo, não seria eterno. Assim o oitavo dia será como o primeiro, porque não nos tira a vida primitiva, mas no-la devolve eterna. [...] Quando a alma se deleita em Deus, encontra n’Ele o verdadeiro repouso, certo e eterno, que buscava noutras coisas e não encontrava.<sup>234</sup>

Inspirados pela Escritura, os Padres, a partir do contexto celebrativo, souberam sob a assistência do Espírito Santo extrair consequências teológicas da Escritura para que a obra de salvação realizada por Cristo continuasse na Igreja pela liturgia. Nela, identificaram a assembleia como o *locus* privilegiado em que a Igreja se manifesta visivelmente no mundo. Como bem destacaram os Padres e vimos até aqui, a organicidade da reunião assembleal é garantida pela presença e ação do Espírito que opera em todos os elementos que a configuram. Nela o corpo de Cristo

<sup>231</sup> JERÔNIMO. Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 776.

<sup>232</sup> AGOSTINHO. Cartas, p. 958.

<sup>233</sup> Aludindo à ressurreição do Senhor, afirma Isidoro de Sevilha que “assim também nós esperamos ressuscitar nos últimos tempos. Esta é a razão pela qual no dia do Senhor oramos de é, posição que é sinal da futura ressurreição; assim faz toda a Igreja que peregrina na sua condição mortal, aguardando o fim deste tempo” E, o dia do Pentecostes cristão (no quinquagésimo dia depois da Páscoa), afirma que “prefigura o século futuro; este dia é sempre por si mesmo, o oitavo e o primeiro, ou melhor, é sempre o único, é o dia do Senhor” ISIDORO DE SEVILHA. Ofícios eclesiásticos, p. 1537.

<sup>234</sup> AGOSTINHO. Cartas, p. 956-957.

é constituído e impelido para a missão na história do homens para que a salvação alcance a todos. Nessa difusão, os contextos históricos mostram que a reunião assembleal adquiriu novas formas de compreensão e celebração que acabaram por afastarem de sua concepção original. Então, novos paradigmas são adotados e todo o seu sentido litúrgico-existencial é identificado em posturas e ritos alheios à realidade celebrada. Para tanto, o próximo item desta pesquisa pretende identificar os fatores que levaram a tal distanciamento.

### 3.2

#### A configuração da assembleia a partir da cristandade

Com a ascensão de Constantino como imperador de Roma no século IV, o cristianismo torna-se a religião oficial do Império. Por um lado, isso significou o estabelecimento da paz para a Igreja que sofria a perseguição, mas, por outro e uma vez inserida no contexto social, estaria, de certo modo, submissa às leis do Estado. Essa novidade geraria conflitos e dissabores com a proposta do Evangelho.

A Igreja se vê confrontada pelo problema básico da adaptação a um novo clima; a partir do século IV, intensificam-se os intercâmbios entre o ambiente cultural pagão e o cristianismo. Nesse fenômeno histórico polivalente não é fácil distinguir os elementos de objeto de adaptação consciente dos recebidos de maneira passiva, devido à influência do ambiente sócio-cultural.<sup>235</sup>

Vocacionada a continuar a obra redentora de Cristo, a Igreja tem a sua melhor expressão na liturgia. Nela as assembleias cúlitas dos cristãos concretizam essa realidade. Dessa forma, ela é na história e pelo Espírito Santo anúncio e profecia da salvação efetuada por Jesus e que os cristãos da primeira hora empenhavam-se em realizá-la. Com isso, a Igreja, frente à sociedade, mostrava sua identidade e se estabelecia ao propagar o Evangelho e a celebrar os sacramentos.

A missão da Igreja, nesse novo ambiente imperial entre os séculos IV a VI, alcançou outros espaços e povos. Diante da formação de uma consciência cristã obrigatória, ela experimenta a massificação religiosa em que diferenças étnicas e culturais se misturam dentre eles, os bárbaros. Esta expansão da fé cristã acaba por realizar o desejo do próprio Deus quando enviou o Espírito por ocasião do Pentecostes cristão.

Enriquecida pelas etnias e culturas (das) nações, a assembleia cristã cresce em sua capacidade de sinalizar a reunião de toda a humanidade em Cristo. Com novas línguas, mas, no mesmo Espírito, a Igreja dirige-se às gentes com um ardor missionário vibrante. Novos ‘apóstolos’ são enviados para as ilhas britânicas, para as florestas do norte europeu, para as estepes eslavas.<sup>236</sup>

Nesse cenário, o sistema de cristandade é implantado, o Império romano entra em declínio e a Igreja passa a exercer, por meio dos bispos e de todo o clero, funções administrativas na sociedade. O Evangelho, diante dessa situação, é confrontado e

<sup>235</sup> BASURKO, X. O culto cristão na Igreja do Império, p.76.

<sup>236</sup> COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p.71.

o seu conteúdo se tornará cada vez mais difícil de ser vivido. Com isso, elementos religiosos de caráter subjetivista surgem e ocupam espaço, sobrepondo-se à liturgia para fomentar uma perspectiva de sagrado estagnada e que, de certo modo, os bárbaros possuíam.

Com o século IV, tem origem uma completa mudança na situação social e jurídica dos cristãos. A nova fé conseguiu pouco a pouco trazer para o seu lado os diversos extratos da sociedade romana, inclusive as classes dirigentes. A Igreja, em vez de ser perseguida, converte-se agora na religião oficial do Império; e, lugar de ser considerada como um corpo estranho, passa a ser o princípio diretor que anima o império cristão. A Igreja tem diante de si a imensa tarefa de transformar o mundo pagão num mundo cristão, assimilando a cultura pagã em que está imersa. A nova situação traz não só traz benefícios como problemas. A liberdade e a tranquilidade de que agora goza influem na qualidade dos seus numerosos adeptos. São abundantes as infiltrações do paganismo na base e as intromissões políticas nos dirigentes da Igreja.<sup>237</sup>

A assembleia litúrgica movimenta-se para outra direção nesse período. O dia do Senhor recebe uma legislação que o torna exclusivamente obrigatório para o culto cristão e o descanso. Em certo sentido, foi positivo porque garantiu a paz e a liberdade para as reuniões assembleais. Tal preceito significa também uma oposição às festas pagãs que no decorrer da história foram sincretizadas e sobrepostas por festas cristãs.<sup>238</sup> Com isso, temos o gérmen da formação do Ano Litúrgico cuja centralidade está na celebração anual da Páscoa da qual decorrem as outras celebrações. Nelas também houve apropriação de alguns elementos do paganismo que foram cristianizados para que os recém-convertidos, oriundos dos gentios, alcançassem o entendimento da fé cristã.

A celebração do dia do Senhor que era realizada nas casas é transferida para as suntuosas basílicas que foram antigos palácios ou construídas por Constantino. Assim, a liturgia deve adequar-se ao ambiente restrito em que se encontra, alterando a configuração da reunião assembleal. Pelo tamanho de sua edificação, a basílica comporta um grande número de pessoas e, para o culto, isso representa uma massificação que altera a assembleia celebrativa e as relações dos cristãos na comunidade.

As celebrações, especialmente nas grandes cidades, celebram-se agora em esplêndidas “basílicas”, construídas sobretudo com a ajuda do imperador e de

<sup>237</sup> BASURKO, X. O culto cristão na Igreja do Império, p.70.

<sup>238</sup> Por exemplo, o paganismo comemora o dia do Sol. Ao passo que os cristãos, compreendem que Cristo é o “sol de justiça”, a “luz do mundo”, “o sol nascente” etc. O culto aos mártires realizado sobre suas catacumbas para expressar a comunhão se sobrepõe à celebração pagã da refeição funerária realizada em memória dos mortos.



membros de sua família. Isso exige uma liturgia mais solene. Das casas particulares (*domus ecclesiae*) passou-se para um verdadeiro templo e o templo exige o “altar”. A ideia da mesa, portanto, que se coloca no lugar no momento aprazado, passou para um segundo plano e até tomou sempre mais a linha de fora do altar fixo no lugar, exigida por uma visão nunca desaparecida por completo e da qual o Antigo Testamento estava repleto.<sup>239</sup>

Configurada nesse ambiente palaciano, a ritualidade ocupa lugar de proeminência no culto cristão tanto no Oriente quanto no Ocidente.<sup>240</sup> Em consequência, o evento celebrado permanece apenas no âmbito cúlrico-ritual e sua incidência na vida cristã torna-se cada vez mais distante. Por esse motivo, a figura daquele que preside, o ministro ordenado, se destaca dentro daquele povo sacerdotal que se reúne para celebrar, tornando-se assim o responsável exclusivo pela execução dos ritos. Para tal, utiliza vestes reais para officiar e a reunião assembleal se inclina cada vez mais para a sua clericalização.<sup>241</sup> Com os condicionamentos sociais vividos pela Igreja, um novo perfil do clérigo é delineado. A sociedade e os cristãos veem os sacerdotes como especialistas do sagrado.

Por vontade do Imperador, os Bispos são equiparados aos mais altos funcionários do Império. A valorização social do Bispo e do seu clero conduz também a uma indumentária semelhante à oficial: *tunica*, *paenula* ou *toga*, *mappula romana*, da qual se desenvolverá a indumentária litúrgica em sentido próprio. [...] Os ministros da liturgia (clero) conservaram as antigas roupagens festivas, que se transformaram depois nos paramentos sagrados.<sup>242</sup>

O surgimento de tais novidades são alheias à concepção e práxis das assembleias cristãs relatadas na Escritura e a Igreja primitiva. Nessas inovações, verifica-se a transição da economia salvífica realizada e vivida no contexto celebrativo e prolongada na vida para uma sacramentalização mecânica, totalmente

<sup>239</sup> AUGÉ, M. Liturgia, p. 31-32.

<sup>240</sup> Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma são os importantes centros de vida litúrgica. A partir deles e nos diversos locais onde a Igreja evangelizou, surgem as famílias litúrgicas. Em cada uma, subjaz aspectos linguísticos, sociais, culturais, religiosos que identificam a origem, história e a vida daquele povo. Respeitando a identidade de cada povo a Igreja, sem alterar a essência da fé cristã, aproxima-se para apresentar e inserir na vida divina. As famílias são caracterizadas pelos ritos que caracterizam a Igreja naquele local. Contudo, “tudo isso supõe uma determinada vivência da Palavra divina contida nas Escrituras, interpretada pelos Padres, definida pelos sínodos e concílios e expressa na liturgia de acordo com uma tradição eclesial autêntica” MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 103-104.

<sup>241</sup> Na estrutura física dos templos da Igreja no Oriente haviam ícones que eram postos entre a assembleia e o santuário (altar) e em suportes que os mantinham suspensos. Mais tarde, estes suportes deram lugar a biombos chamados *iconostases* ou *iconostásios*. Devido à grande e variada quantidade de ícones nestes biombos houve naturalmente uma separação: na assembleia os cristãos e no santuário, os clérigos. COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p.73.

<sup>242</sup> AUGÉ, M. Liturgia, p. 32.

alheia à continuidade da *historia salutis* e desconexa de seu contexto vital e missionário. Nessa nova postura, a identidade batismal do corpo de Cristo, caracterizada pela unidade, caridade e comunhão, dá lugar ao poder das autoridades dos ministros neutralizando assim todos os carismas suscitados pelo Espírito na vida da assembleia dos batizados.

Com a inauguração da cristandade, a vitalidade da Igreja que se manifestava nas perseguições foi substituída pela vida monástica. Nela, os monges compreenderam o martírio de outra forma: a vida afastada do mundo permeada de renúncias, ascese, mortificação etc. constitui o desejo de uma entrega a Deus. São eles que entre as intempéries da história cultivarão e conservarão a vida litúrgica em sua essencialidade. Ao lado do monacato destacam-se as peregrinações aos lugares santos em Jerusalém, que objetivam reviver o mistério de Cristo com piedade e devoção e resgatar as características essenciais da liturgia pascal celebradas nesse período.

Outra realidade que ficou bastante comprometida nesse período e que possui forte incidência na assembleia cristã foi a iniciação cristã. Uma vez que o cristianismo se tornou obrigatório em todo o estado, era natural que iniciação cristã tivesse a sua mutação. Uma ávida e interesseira (os cidadãos desejavam funções e considerações na sociedade) procura pelos sacramentos fez com que a Igreja adotasse meios para conferi-los à massa populacional. Por sua vez, os cidadãos que solicitavam os sacramentos não estavam minimamente comprometidos com todas as etapas do processo. Essa situação fez com que a Igreja repensasse o processo catecumenal e se ativesse à preparação daqueles que, diante de uma conversão manifesta, quisessem realmente tornar-se cristãos.<sup>243</sup>

Nessa época do Império cristão, a Igreja se vê confrontada pelo problema básico da adaptação a um novo clima: a partir do século IV, intensificam-se os intercâmbios entre o ambiente cultural pagão e o cristianismo. Nesse fenômeno histórico polivalente não é fácil distinguir os elementos objeto de adaptação consciente dos recebidos de maneira passiva, devido à intensa influência do ambiente sociocultural.<sup>244</sup>

Mesmo tendo reorganizado a estrutura catecumenal da iniciação cristã, a Igreja entre os séculos IV e VI manteve-se rígida na orientação ao sacramento da

<sup>243</sup> Registros apontam para uma rica e intensa preparação durante quarenta dias com ritos que assinalavam a transição das etapas e que culminam na celebração da Páscoa.

<sup>244</sup> BASURKO, X. O culto cristão na Igreja do Império, p.76.

Penitência<sup>245</sup> que era recebido somente uma vez na vida nas celebrações pascais. O cristão que desejava a reconciliação sacramental passava por um longo processo de austeras e severas penitências, sobretudo, públicas. Dentre elas, a exclusão temporária da reunião assembleal e da comunidade cristã para ocupar lugar na ordem dos penitentes (havendo pecados muito graves a exclusão era permanente). Contudo, a Igreja não os desamparava: os ajudava e suplicava pela sua conversão quando se reunia para celebrar.<sup>246</sup>

A condição de penitente era vigiada pela Igreja a fim de que todas as penitências fossem aplicadas e cumpridas. Porém, tendo alcançado o perdão por ocasião da Páscoa, havia a inserção na comunidade, mas com privações civis e religiosas.<sup>247</sup> Essa severidade exacerbada fez com que o compromisso batismal não fosse levado tão a sério e o sacramento da Penitência fosse recebido estando próximo da morte.

Em consequência disso, logo se criou uma situação paradoxal: a penitência pública deveria salvaguardar a santidade da vida cristã; na realidade, devido à sua dureza e duração, era cada vez menos aceita, e quem dela necessitasse a adiava até o fim da vida, permitindo-se, neste ínterim, a liberdade de abandonar-se a uma vida menos controlada, porque deliberadamente privada daqueles auxílios que permitiriam – teoricamente – criar um controle: uma razoável Penitência.<sup>248</sup>

Frente às controvérsias e heresias cristológicas desse período, os concílios e o magistério tomaram decisões que influíram na liturgia: as orações, a profissão de fé, o canto e a Eucaristia. Era preciso que a massa cristã tivesse conhecimento destas definições. Para tanto, as orações litúrgicas e os variados formulários de profissão de fé foram um forte veículo para ensinar, defender e propagar o conteúdo da fé. Com isso, o sentido pascal-pneumatológico da união dos homens com Deus até então permeado na reunião cristã dá lugar ao sentido histórico da vida de Cristo e a exaltação da majestade e poderes de Deus.

<sup>245</sup> O termo latino que nomeia o sacramento possui dois entendimentos que estão correlacionados que, sem este entendimento prévio, pode ser percebida certa ambiguidade. Segundo Salvatore Marsili, “o termo latino *paenitentia* vem do verbo *paenitere*, que é uma espécie de *paenam tenere*, isto é, um *sentir dor, desprazer, mágoa* e também *remorso*; não implica, portanto, de forma direta, nenhuma ideia de *mudação, mudança de mentalidade ou de espírito*. Isso, na melhor das hipóteses, é percebido de forma indireta: quem compreende que certo fato pelo qual a pessoa ‘se dói’ e ‘se aborrece’ provém de certa atitude, tende a ‘mudar de atitude e mentalidade’” MARSILI, S. Sinais do mistério de Cristo, p. 397.

<sup>246</sup> MARTIMORT, A.G. Os Sacramentos, p. 100.

<sup>247</sup> Exercícios de funções públicas na sociedade, abstinência sexual no matrimônio, proibição de ingresso na vida clerical etc.

<sup>248</sup> MARSILI, S. Sinais do mistério de Cristo, p. 411.

As festas do Natal, da Epifania, da Apresentação e da Virgem Maria que surgiram nesse período acentuam essa nova perspectiva da oração. E, devido à forte e constante acentuação dos aspectos da divindade de Cristo, considerados pelo viés de sua majestade, soberania e poder, os cristãos se distanciam da comunhão eucarística.<sup>249</sup> A influência dos termos linguísticos utilizados e celebrados na liturgia alvitram temor, tremor e terror que contribuíram para o afastamento da comunhão sacramental.

O aspecto musical da assembleia cristã diante de tais acontecimentos históricos é bastante evidenciado. Herança dos antepassados, o canto, além de expressar o louvor, possuiu uma função intrínseca que é a união das vozes. No culto, essa realidade alcança e realiza plenamente o sentido da reunião comunitária como já sinalizavam os Padres<sup>250</sup>. Convocados, bendizem a Deus na linguagem do Espírito a uma só voz. Nesse período, a música também contribuiu de forma pedagógica para a assimilação dos conteúdos da fé e a cristianização dos subsídios pagãos.

Como se sabe, a antiguidade atribuía à música um extraordinário poder na esfera psicológica do homem, assim, como no âmbito religioso. Fala-se de uma função *catártica* no espírito do homem e de uma dupla função *apotropaica* e *epiclética* com relação dos bons e maus espíritos. É interessante observar a assimilação de todos estes temas pagãos no nível cristão, a começar pela cristologização da lenda de Orfeu.<sup>251</sup>

Com o declínio total do Império Romano e a ascensão do Império Bizantino, a liturgia da Igreja vive um novo período entre os papas Gregório Magno (século VI) a Gregório VII (1073). Dotado de inúmeras qualidades, Gregório Magno empreende na Igreja de Roma<sup>252</sup> uma renovação litúrgica de caráter pastoral. Para tanto, enfatiza a missa estacional. Nela, reuniam-se o bispo, o clero e todo o povo para que pudessem realizar uma experiência litúrgica autêntica e comum. Com o objetivo de unificar a liturgia e torná-la compreensível a todas as classes da sociedade, há também a reforma, simplificação e compilação os rituais litúrgicos em seus respectivos livros. Na parte musical fomenta-se a escola de cantores

<sup>249</sup> Alguns Concílios do século VI prescrevem pelo menos três vezes ao ano a comunhão eucarística. ALDAZÁBAL, J. A Eucaristia, p.180.

<sup>250</sup> Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona e João Crisóstomo.

<sup>251</sup> BASURKO, X. De Gregório Magno a Gregório VII, p.80

<sup>252</sup> Esta reforma local quis indicar que Roma, capital do cristianismo é o local para onde as Igrejas espalhadas por todo o mundo devem olhar como referência, proximidade e garantia de suas atividades litúrgicas.

(*schola cantorum*) que executa o canto com melodias complexas e belas, mas que restringiu a participação orgânica da assembleia.

A celebração é verdadeiramente comunitária; todos cooperam, cada uma faz o que lhe compete. Orações privadas, a ser ditas em voz baixa, quase não existem. A piedade pessoal se realiza no próprio desenvolvimento da sagrada ação comum. Os fieis participam escutando os cantos do coral e as leituras (na própria língua) levam suas oblações; em seguida, todos comungam sob as duas espécies. O bispo está circundado pelos bispos vizinhos, pelos presbíteros e por um grande número de ministros inferiores (diáconos, subdiáconos, acólitos e em seguida outros ministros da *domus ecclesiae*: cada um deles participa da celebração). Tudo acontece com grande dignidade e solenidade. Nota-se também a introdução de formas que refletem o refinamento cultural da época.<sup>253</sup>

A reforma setorizou a assembleia litúrgica e caracterizou o surgimento da Missa Romana e a Missa Solene. Essa possuía três modalidades celebrativas: na cidade, e celebrada pelo bispo e toda a comunidade; fora da cidade, celebrada por um presbítero (que recebia a hóstia consagrada celebrada pelo bispo para significar a intercomunhão) e, em determinadas circunstâncias, para grupos menores. Já a Missa Romana, dado o seu caráter referencial, possuía características celebrativas mais sóbrias, objetivas, menos apologéticas e desvinculadas de sentimentalismos. O conteúdo da oração litúrgica era orientado ao movimento trinitário da Revelação e a celebração expressa bem o seu sentido comunitário.<sup>254</sup> Com o estabelecimento da liturgia romana, outras comunidades cristãs passam a adotar a mesma estrutura que, na práxis, não correspondia ao contexto vital daquela comunidade. Foi então, que se deu um processo de hibridização nos carolíngios<sup>255</sup> e criatividade nos franco-germânicos cujo empreendimento foi deturpador.

A contribuição dos povos franco-germânicos, amigos da exuberância e do dramatismo, é percebida não somente na duplicação de textos e no aumento dos ritos, inspirados no Antigo testamento, mas em uma nova sensibilidade. As tendências originadas na capela imperial [...] são vigorosas e criativas, e buscam a interioridade dentro do realismo. Mas careciam da mentalidade simbólica cultivada pelos Santos Padres. O resultado foi negativo para a teologia dos sacramentos, sobretudo para a eucaristia. O povo começou a se afastar da liturgia e a se dirigir para as devoções.<sup>256</sup>

<sup>253</sup> NEUNHEUSER, B. História da Liturgia através das épocas culturais, p. 107.

<sup>254</sup> “O memorial do Senhor, celebrado sobre a tumba dos mártires, celebra o mistério pascal de Cristo, bem como de seus santos, ao longo do ano litúrgico, num perfeito equilíbrio teológico; por fim a comunidade local não esquece, em sua celebração litúrgica, a realização com a comunidade mais ampla, a Igreja universal” BASURKO, X. De Gregório Magno a Gregório VII, p. 88.

<sup>255</sup> O Imperador Carlos Magno mandou que se fizesse um anexo do missal romano a fim de que a liturgia celebrada em sua circunscrição atingisse a compreensão e realidade dos cristãos que ali habitavam.

<sup>256</sup> MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 106.

Entre os séculos VI e IX, a liturgia da Igreja no Ocidente experimentava uma crescente decadência<sup>257</sup> tal como já estavam a cidade e cultura romanas. Mas, os povos franco-germânicos possibilitaram que a Igreja de Roma pudesse reerguer-se. Contudo, influenciados por esses mesmos povos, a liturgia assume uma nova identidade: subjetiva, dramática, apologética, pouco equilibrada e distante da comunidade que se reúne para celebrar. A língua latina, nessa época, não alcançava mais o entendimento das pessoas mais simples. E, por causa disso, tanto a liturgia quanto a Escritura se tornam um monopólio dos clérigos e não mais do povo.

A vida sacramental da comunidade cristã também passa por drásticas mudanças. A iniciação cristã, celebrada em comunidade se torna restrita; do mesmo modo, a realização do processo catecumental era acelerado e ineficiente. A disciplina da penitência passa a ter uma legislação escrita em livros que contém o objeto da expiação para o tipo de pecado, tarifas, estipêndios, terceirização. A Eucaristia é celebrada de forma privada<sup>258</sup> e estipendiada com a finalidade de obter para si, os favores divinos<sup>259</sup> no presente e na vida eterna. Essa postura também foi assumida pelos mosteiros dada a grande quantidade de sacerdotes (que celebravam como um exercício de piedade) e altares que possuíam. Constata-se, então, uma mentalidade totalmente desconexa e fragmentada da realidade comunitário-asmbleal.

Todos esses fatores oriundos da cristandade e que recebem alta intervenção da sociedade se assemelham ao ambiente judeu que viveram os antepassados dos cristãos. A legislação, como vimos, era o meio para assegurar uma disciplina excludente, contrária aos Evangelhos. Na liturgia, isto é percebido por meio dos complexos elementos tomados do culto veterotestamentário e aplicados com a mesma imponência e fausto nos ritos da Igreja. O “jurisdicismo” em relação ao Dia do Senhor tal como a lei sabática, implicava tributos, penas e sanções previstas nos livros penitenciais e, em certos casos, punições de ordem física.

<sup>257</sup> Dentre os diversos os fatores destacamos: a estrutura da Missa romana fez com que a criatividade se tornasse cada vez mais ausente e os papas orientais que inseriram suas festas de caráter devocional e dogmático.

<sup>258</sup> Somente o sacerdote e a pessoa ou família que solicita a intenção. Um pouco depois haverá a eucaristia celebrada de forma solitária (apenas o sacerdote) onde nem a pessoa ou a família tomam parte na celebração.

<sup>259</sup> Aliás, este é o modo de pensar e celebrar que se construiu neste período a partir das ocorrências históricas que expusemos e influenciaram a liturgia. O culto de louvor, ação de graças deu lugar à petições e súplicas com a finalidade de penhorar a salvação e trazer estabilidade e segurança pessoal. JUNGSMANN, J. A. *Missarum sollemnia*, p. 235.

Nessa situação, surge no final do século IX e se estende até o século XI uma tentativa de tornar inteligível os ritos litúrgicos por meio de alegorias. Porém, estas alegorias não contribuem para o sentido comunitário da reunião assembleal e suscitam controvérsias sobre a identidade da eucaristia<sup>260</sup>, visto que não seguem o itinerário e objetivo da história da salvação tal como fizeram os Padres

O alvorecer de um novo milênio significou uma nova fase para a liturgia entre os séculos XI e XVI. A situação social deste período é transformadora<sup>261</sup> em vários aspectos. Na liturgia da Igreja temos os Papas Gregório VII e Inocêncio III que levaram a cabo uma reforma. A afirmação do Papa como autoridade fez com que os ritos fossem unificados, fixados em livros e utilizados por toda a Igreja ocidental.

A retaguarda eclesiológica de toda a reforma gregoriana tem características hierárquicas e ao mesmo tempo jurídicas. Os fiéis tinham se afastado pouco a pouco da liturgia clericalizada de maneira muito profunda. Gregório não se propõe a diminuir a preponderância clerical da liturgia nem a tornar mais fácil a sua compreensão. Os objetivos que ele tem são: aumentar o apreço pelo sacerdócio; cultivar o sentido de mistério diante da ação litúrgica e abrir espaços às devoções, ainda que sob uma roupagem litúrgica.<sup>262</sup>

Nessa época, a pregação no âmbito assembleal distanciou-se bruscamente de seu propósito original que era toda a realidade celebrativa no dia do Senhor<sup>263</sup>. Influenciada pela escolástica e devido à falta de preparação do clero secular, foi considerada como um “sermão”<sup>264</sup>. Seu conteúdo estava voltado para as investigações da razão de ser dos tratados teológicos, a repetição e sistematização da doutrina contida no credo, entre outros. Na prática, o sacerdote fazia uso de uma eloquente retórica para um discurso exortativo e dogmático, posicionava-se num lugar destacado acima dos fiéis. Por outro lado, surgem as ordens mendicantes que diante da nova face da sociedade, vai ao encontro das pessoas pregar o evangelho de viva voz e com testemunho de vida radicada no mesmo. Essa modalidade

<sup>260</sup> MARSILI, S. Sinais do mistério de Cristo, p. 337-341.

<sup>261</sup> A economia comercial está rendendo lucros, novas geografias são descobertas, o empirismo e a indução aristotélica ganha seu espaço favorecendo uma mentalidade mais intelectualizada.

<sup>262</sup> AUGÉ, M. Liturgia, p. 47.

<sup>263</sup> A tradição patrística contém o melhor exemplo. Os textos desta época nos informam que os pregadores iluminados pela Escritura e de forma simples explicavam a realidade salvífica naquela liturgia para que os cristãos tivessem um experiência real com o mistério celebrado.

<sup>264</sup> “A novidade trazida pela Escolástica é a pregação temática. A Escritura oferece o tema em uma frase textual, que depois será desenvolvida com ordem, segundo divisões, subdivisões, definições e explicações que fazem da prática ou pregação uma construção complexa e engenhosa. Perdeu-se a referência aos textos bíblicos na sua complexidade [...], mas também a ligação com a realidade dos ouvintes” DELLA TORRE, L. Homilia, p. 561.

alcançou as pessoas mais simples que, por sua vez, procuraram, as assembleias de culto nas Igrejas onde os religiosos eram responsáveis.

As ordens mendicantes deram uma visão do mistério da salvação mais próxima dos homens, centrada na humanidade do Salvador e em sua vida terrena. Foi um momento de forte intimismo, de afetividade psicológica e de individualismo crescente, manifestados inclusive no predomínio da genuflexão e no silêncio com o qual se recitava grande parte da celebração eucarística. A piedade popular o preenchia totalmente.<sup>265</sup>

Nesse período, abundante literatura apologética<sup>266</sup> sobre a Eucaristia enfatiza a importância da missa e um técnico e vasto vocabulário é produzido para o seu entendimento. A preocupação em definir com acurada precisão as terminologias empregadas restringiu a compressão ampla, profunda e sempre nova de seu conteúdo. Desse material, Tomás de Aquino elabora uma Suma Teológica. Nela aborda a Eucaristia e os sacramentos pelo viés cristomonista deixando de lado a pneumatologia e a eclesiologia.<sup>267</sup> Com isso, o aspecto essencialmente comunitário do projeto salvífico é privatizado à individualidade do fiel.

O povo pouco a pouco foi sendo marginalizado da participação ativa por várias razões: porque não estava mais em condições de compreender o latim; porque o clero, muito aumentado e com nova mentalidade eclesiológica, começou a monopolizar quase todas as partes e os cantos da assembleia e até as respostas mais simples acabaram paulatinamente reservadas apenas ao ministrante, com a inércia e o mutismo quase totais do povo: esse, no máximo teve que se contentar com entregar-se às suas orações e devoções privadas, que então nada tinham a ver com o sentido e com o desenrolar da missa.<sup>268</sup>

A baixa frequência à comunhão eucarística permanece na assembleia cristã. Nos fins do século XII, desenvolveu-se nos fiéis uma piedade que se tornava cada vez mais devota. O ato de comer é substituído pelo ato de adoração, contemplação etc. Há uma reverência que beira o exagero e a escrupulosidade. Incute-se também uma mentalidade materialista e cambiária em torno dos frutos obtidos por aqueles que tomam parte assistindo-a. Essa realidade será denunciada por seus graves

<sup>265</sup> MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 109.

<sup>266</sup> “Essas apologias se ressentem de uma grande verbosidade, mas aquilo que nelas é mais característico é, na maioria dos casos, um destacado sentimentalismo religiosos, no qual sobretudo o sentido da própria indignidade se exprime em fórmulas que são profundamente alheias ao estilo clássico da liturgia antiga romana ou latina em geral”. MARSILI, S. Sinais do mistério de Cristo, p. 324.

<sup>267</sup> BASURKO, X. De Gregório VII a Trento, p. 111.

<sup>268</sup> VINSENTIM, P. Eucaristia, p. 400-401.



abusos e combatida no século XV com a *devotio moderna*<sup>269</sup> e o brado dos reformadores.

Aquele consumir comunitariamente a oferta “eucaristizada”, ápice de toda a celebração, tão própria da liturgia antiga, é substituído pela passividade individualista do “ouvir” e “assistir” a missa e “adorar” a espécie consagrada. [...] Presenciar a celebração e não participar do “tomai e comei, tomai e bebei” torna-se, neste contexto, comportamento sempre mais normal. A última plataforma sobre a qual ainda se apoiava a participação dos fiéis reunidos no ato litúrgico é retirada.<sup>270</sup>

O Concílio de Trento foi um marco de uma nova fase na vida eclesial, sobretudo litúrgica. Inserido no contexto histórico da Idade Moderna em que o barroco e o iluminismo se destacam, a Igreja se reúne para resolver questões internas abusivas e graves<sup>271</sup> e afirmar sua fé frente aos reformadores. Eles, na figura de Lutero, estão preocupados com o distanciamento que o cristianismo tomava do Evangelho. Com uma postura um tanto anárquica, defendem a reforma pela liturgia.

Dentre tantas demandas, tomamos algumas considerações que, de algum modo, dizem ao escopo desta pesquisa. Os reformadores pleiteavam a conscientização da identidade sacerdotal dos batizados – o que é o ponto de partida para recaracterizar a vida assembleal. A este propósito, afirmam a língua e a música em vernáculo para que todos possam compreender e participar. Da mesma forma, a primordialidade da Palavra de Deus no culto para alcançar frutos nos ouvintes. Sobre o sacramento da Eucaristia, além das críticas e oposições radicais, os reformadores manifestam-se a favor da comunhão sob as duas espécies. De acordo com J. Aldazábal, “as pretensões dos protestantes eram em parte razoáveis, diante da situação tão penosa em que se encontra [...]. As motivações, certamente, não foram felizes, nem tampouco o tom das exigências”<sup>272</sup>.

Para pôr um fim nas questões abusivas que se insurgiram com o decorrer da história e frente à postura dos reformadores, o Concílio de Trento visou corrigir os

<sup>269</sup> Movimento de cunho individual que desenvolve a “prática ascética e o metodismo na oração, não privada de afetuosidade, especialmente na meditação da vida de Cristo. [...] Trata-se sem dúvida, de uma salutar renovação espiritual, que permanece, porém, em grande parte, à margem da liturgia. Os cristãos fervorosos procuram e encontram alimento para a sua vida espiritual em setores periféricos”. AUGÉ, M. Liturgia, p. 48-49.

<sup>270</sup> COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p. 80.

<sup>271</sup> Segundo Martimort, a Igreja precisava reagir contra as superstições, costumes populares e aspectos secundários e superficiais em torno da Eucaristia. MARTIMORT, A.G. A Eucaristia, p. 159.

<sup>272</sup> ALDAZÁBAL, J. A Eucaristia, p. 195.

erros e afirmar a fé católica. Nesse intento, a doutrina dos sacramentos, mormente a Eucaristia, foi estabelecida em âmbito universal. Os ritos descritos em livros, os tratados teológicos estabelecidos com exatidão precisa e delimitada e as leis asseguravam a validade e protegiam sua realização contra dúvidas e heresias. Foi aprovado também o afastamento dos excomungados, o reconhecimento do latim como língua oficial da liturgia (poderia, no entanto, haver rubricas vernáculas), a música polifônica etc. A fim de acentuar a fé na Eucaristia, torna-se obrigatória a devoção eucarística em âmbito universal. Dentre tantas modalidades, destaca-se a manifestação pública de esplendorosas e triunfais procissões que receberam influência do barroco.<sup>273</sup>

A liturgia não é, em primeiro lugar, a participação ativa na celebração do mistério de Cristo, mas preferivelmente sua apresentação quase “teatral”, visual-auditiva, da qual a oração pessoal, subjetiva, obtém o estímulo para elevar-se e edificar-se. A comunhão é preferivelmente um compromisso mora-ascético [...] O fervor eucarístico é antes endereçado ao “devocional”.<sup>274</sup>

As decisões do Concílio não visaram a vida assembleal da comunidade cristã. Na liturgia, os batizados participam de forma passiva como expectadores e o clero detém todos os direitos e privilégios. Para alimentar a vida de fé recorrem às devoções públicas e privadas.

Todas as realidades, acima expostas, permanecerão intactas até pelo menos o século XVIII, quando a corrente iluminista começa a ser divulgada.<sup>275</sup> Até então, temos uma liturgia voltada para a educação moral de cada pessoa e totalmente desvinculada da centralidade do mistério da salvação.<sup>276</sup> Diante desse cenário, uma nova reforma litúrgica começa a inquietar a Igreja porque “nestes desejos de mudança expressa-se sempre de novo o fato de que sobretudo a participação dos fiéis entrou em certo estado de crise”<sup>277</sup>. Os ditames da razão chamam a atenção

<sup>273</sup> “A época do barroco [...] significou o triunfo e a exaltação da liturgia católica pela via da emotividade, o requinte do cerimonial e a suntuosidade da arte” MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 112;

<sup>274</sup> NEUNHEUSER, B. História da Liturgia através das épocas culturais, p. 186

<sup>275</sup> No final do século XVIII em Pistóia, realizou-se um Sínodo diocesano que abordou também a questão da renovação litúrgica. Nela, prezou-se pela participação de toda a assembleia reunida, a simplicidade e compreensão dos ritos, da música e da arte de tal modo que favoreçam o entendimento dos fiéis. Embora houvessem muitos ensejos pela reforma, a sua realização não atingiu plenamente o seu objetivo. Não havia a dimensão teológica da liturgia, mas apenas pastoral – que é um passo importante. Com isso, há apenas uma proposta pedagógica para educar os fiéis a fim de que, desenvolvendo habilidades morais, pudessem atingir um maduro crescimento na vida humana e cristã. BASURKO, X. De Trento ao movimento litúrgico, 120-121.

<sup>276</sup> NEUNHEUSER, B. História da Liturgia através das épocas culturais, p. 193.

<sup>277</sup> JUNGSMANN, J. A. *Missarum Sollemnia*, p. 168.

para essencialidade, a perspectiva comunitária, a simplicidade e a compreensão da ação litúrgica em vistas de uma fé cristã esclarecida e integral. Estes aspectos permearão a consciência e começarão a engendrar a vida da Igreja no século seguinte com o surgimento do Movimento Litúrgico cujo ápice será o Concílio Vaticano II.

### 3.3

#### A perspectiva pneumatológica da assembleia no Movimento Litúrgico e no Concílio Vaticano II

A vida litúrgica sempre foi cultivada com intensidade e zelo nos mosteiros, que, por sua vez, exerceram forte influência no culto eclesial. Será no contexto comunitário dos beneditinos, em que a liturgia é vivida com conhecimento e empenho, que terá início o Movimento Litúrgico no século XIX<sup>278</sup>. Na França, o abade Solesmes Dom Próspero Guéranger será o grande arauto e promotor do Movimento que, posteriormente fecundará mosteiros de outros países<sup>279</sup> no contexto histórico do iluminismo decadente e do romantismo.<sup>280</sup>

O fulcro da atuação de Guéranger referencia-se na liturgia romana<sup>281</sup>, considerada por ele como mais próxima do carisma beneditino. Seu labor consistiu em lançar as sementes para uma compreensão mais profunda da liturgia na Igreja<sup>282</sup> e distanciar-se das influências anárquicas das liturgias galicanas. Os empreendimentos de reforma no campo litúrgico ao longo da história não enveredaram pelo seu aspecto mais essencial. Mas, segundo A. G. Martimort “Guéranger teve o mérito de apresentar a liturgia como fonte principal da vida espiritual”<sup>283</sup>. Com isso, podemos contemplar em Guéranger o gérmen para uma teologia litúrgica. E, no tocante à nossa pesquisa, um discreto aceno

<sup>278</sup> Um testemunho narrativo sobre o movimento litúrgico, pode ser encontrado em BOTTE, B. O movimento litúrgico. Em apêndice: o movimento litúrgico no Brasil por D. Clemente Isnard, OSB. São Paulo: Paulinas, 1978. Este beneditino participou do movimento e o difundiu no mundo e no Brasil (que originou-se no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro com o Abade Dom Martinho Michler, superior e professor de Liturgia de Dom Clemente).

<sup>279</sup> “A obra de Guéranger e seu amor pela liturgia tiveram prosseguimento na Alemanha por parte dos abades fundadores de Beuron, Mauro e Plácido Wolter [...], e na Bélgica de língua francesa”. NEUNHEUSER, B. História da Liturgia através das épocas culturais, p. 202.

<sup>280</sup> SILVA, J. A. A celebração do mistério de Cristo ao longo da história. In: Manual de Liturgia IV, p. 499.

<sup>281</sup> Diversos autores apontam que Guéranger em sua abadia defendia que a dimensão mistérica do culto e o latim (considerado a língua sagrada e própria do culto cristão) eram os postulados para a liturgia e por isso, os amanhava e ensinava. A ele são atribuídas a autoria de duas reconhecidas obras em francês: *Institutions liturgiques* e *L'année liturgique*.

<sup>282</sup> “Dele (Guéranger) e de sua fundação saíram os impulsos mais importantes para aquela grandiosa aproximação da liturgia ao povo e para aquele novo ordenamento de grande alcance do culto cujas testemunhas já somos hoje. Graças à riqueza que está escondida na liturgia, a contemplação respeitosa e carinhosa daquilo que existia se comprovou, afinal de contas, como uma força de bênção. Ela levou à descoberta de meios e caminhos que permitiram construir uma ponte, pelo menos provisória, sobre o abismo milenar entre a liturgia da missa e o povo, sem alegorese, mas sem mudanças que destruíram os fundamentos” JUNGSMANN, J. A. *Missarum Sollemnia*, p. 174.

<sup>283</sup> MARTIMORT, A.G. A Eucaristia, p. 166.

pneumatológico como assinala Xabier Basurko ao descrever o pensamento do abade de Solesmes:

A liturgia é por excelência a oração do Espírito na Igreja, é a voz do corpo de Cristo, da esposa orando do Espírito; há na liturgia uma presença privilegiada da graça; nela se encontra a mais genuína expressão da Igreja e de sua tradição; a chave de inteligência da liturgia é a leitura cristã do Antigo testamento, bem como a do Novo apoiada no Antigo.<sup>284</sup>

A perspectiva de Guéranger, em relação à liturgia, tem a Igreja como corpo místico de Cristo, o *locus* onde influi o Espírito Santo. Ele a faz orar e efunde seus dons para que, agraciada, possa compreender a ação de Deus na *historia salutis*. Para tanto, é necessário que a literatura testamentária seja lida e compreendida numa relação profundamente interpessoal e complementar a ambos os Testamentos. Uma atenção, então, é voltada para os Padres da Igreja que, inclinados aos textos bíblicos, extraíam profundas e ricas consequências teológicas para a fé cristã. Com isso, acentua-se que a Palavra de Deus é elemento fundamental e norteador para a liturgia da Igreja.<sup>285</sup>

O cultivo pelo canto gregoriano recebe de Guéranger um cuidado particular<sup>286</sup> e que foi impulsionado e reconhecido pelo Papa Pio X no *motu* próprio *Tra le sollecitudini*. Nesse documento, o Papa, notadamente inclinado ao culto cristão, impulsionou com entusiasmo o Movimento Litúrgico para o seu crescimento e a sua difusão. No que concerne à música sacra, era preciso colocá-la à serviço da liturgia e que fosse participada por todos os fiéis. A assiduidade à comunhão eucarística bem como o seu acesso às crianças em idade de catecismo, a restauração do canto gregoriano, do breviário, do ano litúrgico observados por Pio X, constituíram, sem sombra de dúvida, um significativo avanço na vida da Igreja. Ao fundo pode-se verificar a recuperação do sentido assembleal da reunião cristã.

Sendo de fato nosso vivíssimo desejo que o espírito cristão refloresça em tudo e se mantenha em todos os fiéis, é necessário prover antes de mais nada à santidade e dignidade do templo, onde os fiéis se reúnem precisamente para haurirem esse

<sup>284</sup> BASURKO, X. O movimento litúrgico, p. 127.

<sup>285</sup> Vale ressaltar que o movimento litúrgico caminhou lado a lado com os movimentos bíblico, patrístico, ecumênico e eclesial que sugeriram por esta época e que mais tarde ganharão notabilidade e credibilidade por parte da Igreja. Ao movimento patrístico, Matias Augé afirma que neste período múltiplas coleções dos Padres e outras produções eram publicadas para corresponder ao desejo de voltar às fontes. Neste período, “Migne inicia e publica celeremente a *Patrologia* latina e grega” AUGÉ, M. Liturgia, 56.

<sup>286</sup> Para ele, a música cristã utilizada no culto não deveria confundir-se com os barroquismos e vulgarismos tão presentes em sua época. Neste sentido, empreenderá uma organização musical à defesa do canto gregoriano com novas regras que visam salvaguardar toda dimensão musical na Igreja.

espírito da sua primária e indispensável fonte: a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja.<sup>287</sup>

A participação ativa ou *actuosa participatio* foi o postulado fundamental que a renovação litúrgica aspirava naquele período. A declaração do Papa foi de capital importância<sup>288</sup>, pois norteou os caminhos do Movimento Litúrgico e tornou-se latente na vida e trabalho de outro expoente, Dom Lambert Beauduin. Sacerdote e depois monge, ele se destacou no Congresso de Obras Católicas em 1909, em Malines, Bélgica.<sup>289</sup> Sua contribuição, que se tornou sua missão por toda a vida, desenvolvia-se em viés pastoral, pois seu objetivo era suscitar a participação dos fiéis na liturgia em geral. Para isso, impulsionado pelo Congresso e pelo magistério de Pio X, dedicava-se à formação litúrgica para que a piedade e a vida de fé vividas no culto alcançassem a mentalidade cristã para a renovação eclesial.<sup>290</sup>

Pelo menos até a primeira metade do século XX, o cenário histórico em que o mundo vivia era conflitante e poderia trazer consequências desfavoráveis para a vida litúrgica da Igreja. As duas guerras mundiais diminuíram um pouco o seu andamento. Mas, com o findar das guerras, o Movimento Litúrgico retomava com toda a força e desbravava outros países em mosteiros, abadias e locais que mais tarde se tornarão centros de estudos e difusão da liturgia eclesial.<sup>291</sup>

<sup>287</sup> PIO X. Motu próprio *Tra le sollecitudini*. Sobre a música sacra, introdução.

<sup>288</sup> Conforme identifica A. G. Martimort “O papa [...] desejava modificações mais profundas que talvez tivessem mesmo acontecido se ele vivesse mais tempo ou se seus sucessores tivessem continuado a sua obra. O estado das coisas ainda não estava maduro. Era necessário que surgissem uma mentalidade renovadora” MARTIMORT, A.G. *A Eucaristia*, p. 167.

<sup>289</sup> Na visão de alguns autores, o Congresso de Malines foi o marco decisivo para o acolhimento e reconhecimento do Movimento Litúrgico em toda a Igreja. Porém, Anton L. Mayer realiza um síntese assertiva: “O Movimento Litúrgico teve início em uma situação histórica bem determinada, isto é, quando os católicos, e, mais precisamente, os leigos, começando a examinar os vínculos que uniam a sua existência – vínculos que se concretizavam no tempo e no espaço – com a Igreja e a hierarquia, puderam, ao fazer este exame, reconhecer e diferenciar as instâncias religiosas, essenciais, absolutas e absolutamente vinculante ou obrigatórias contidas e inseridas na ideia de Igreja, das instâncias culturais, temporalmente condicionadas e relativas, que são apenas expressões de uma época historicamente passada”. MAYER, L *apud* NEUNHEUSER, B. *Movimento Litúrgico*, p. 790.

<sup>290</sup> AUGÉ, M. *Liturgia*, p. 57.

<sup>291</sup> Dentre os já citados, destacamos outros expoentes e suas respectivas origens: Joseph Andrea Jungmann com a história da Missa e Pius Parsch na Áustria, Odo Casel com a teologia do mistério no mosteiro de Maria Laach e Romano Guardini e sua famosa obra *O Espírito da Liturgia* na Alemanha, Mario Righetti numa perspectiva histórica da liturgia e I. Schuster na Itália. Dos locais temos também, Mont-César, o Centro de Pastoral Litúrgica de Paris, o Instituto Santo Anselmo de Roma, Maredsous entre outros. As publicações, como a *Rivista Liturgica* na Itália exerceram ampla divulgação. Foi uma época fecunda para a Igreja pois eram inúmeros os cursos, congressos, semanas, revistas e publicações de formação litúrgica. ALDAZÁBAL, J. *Movimento Litúrgico*, p. 188; MARTÍN, J. L. *A liturgia da Igreja*, p. 113.

As iniciativas de renovação para uma *actuosa participatio* tiveram também suas repercussões conflitantes que necessitavam de esclarecimento e diretriz. A proposta de reforma<sup>292</sup> apresentada pelo Movimento levou à compreensão de que a liturgia deveria acolher elementos e práticas extrarreligiosas a fim de corresponder à realidade vivida naquela época do pós-guerra. Para tal, foi necessário debater e examinar pormenorizadamente a língua adotada na liturgia<sup>293</sup>. Nessa situação, a pastoralidade do monge L. Beauduin conduzirá a uma perspectiva enveredada pela cientificidade da experiência que iria se aprimorando com o tempo.

O Movimento Litúrgico defende a liturgia como o *locus* da ação salvífica realizada em Cristo onde Ele, como cabeça da Igreja, reza com todo o seu corpo místico constituindo assim uma única oração dirigida ao Pai na força do Espírito. Diante dessa novidade, era preciso compreender o grau de importância e o lugar que a liturgia ocupa na Igreja. O seu entendimento, até aquele momento, estava vinculado à estética e às formalidades rituais. E, por isso, era considerada inferior aos sacramentos, às devoções espirituais e práticas ascéticas e místicas. Essa querela, esclarece então a primazia da objetividade e do aspecto eclesial da liturgia sobre as práticas subjetivas e individuais da espiritualidade cristã vigoradas até então. Mas era preciso também manter certo equilíbrio e clareza, pois uma compreensão exclusivista da liturgia poderia desencadear uma ideologização da sua objetividade e eclesialidade. Na práxis isto significa considerar como única e válida as missas com o povo e rechaçar as devoções e práticas religiosas em curso.

Se, de um lado, a liturgia é chamada a mostrar equilíbrio entre expressão religiosa e mediação cultural, deve julgar até que ponto a operação cultural que modifica os símbolos responsabiliza e enfatiza a expressão religiosa ou, ao invés disso, a altera e lhe tira o significado – e isso assinaladamente em relação ao mistério de Cristo. Do outro, ela deve dar-se conta de que a sua atualidade ou desatualidade se medem pela capacidade de filtrar as verdadeiras necessidades do homem e, portanto, depende da reescuta do homem na sua globalidade e da nova atenção dirigida aos símbolos dominantes de determinado setor particular e cultural. [...] A religiosidade escolheu o humano religioso e cultural, deixando muitas vezes na sombra o mistério de Cristo,

<sup>292</sup> É preciso entender a diferença que há entre reformador e reformista neste âmbito da liturgia. Os pioneiros do Movimento Litúrgico eram considerados reformadores pois estavam à serviço da liturgia em sua compreensão mais pura e original do seu significado. Ao passo que, os reformistas são aqueles que assumem uma postura partidária em relação ao que defendem. Neste caso, questões pessoais se misturam e com isso se distanciam do propósito inicial e verdadeiro.

<sup>293</sup> “É certo que a barreira do latim contribuiu para afastar o povo cristão de uma participação ativa aos mistérios sagrados. Quando começou o Movimento Litúrgico, seus promotores compreenderam que primeira coisa a fazer era restabelecer o contato por meio das traduções” BOTTE, B. O Movimento Litúrgico, p. 90.

a liturgia não pode, por seu turno, optar pelo mistério de Cristo, deixando na sombra ou colocando entre parênteses o homem e a sua realidade concreta.<sup>294</sup>

Diligente aos sinais dos tempos e desejoso por fazer com que a Igreja, corpo místico de Cristo, tivesse um entendimento claro de sua identidade e prosseguisse na difusão do Evangelho por toda a parte, o Papa Pio XII publica a encíclica *Mediator Dei* em 1947<sup>295</sup>. Esse foi o primeiro documento que tratou da sagrada liturgia<sup>296</sup> em que o Papa a desejou que fosse cada vez mais compreendida e estimada por todos os batizados e que houvesse uma justa medida em relação às práticas espirituais adotadas pelos fiéis. “Pretendia a Encíclica colocar-se numa posição de equilíbrio: manter intacto e mais ainda realçar o valor da liturgia, mas ao mesmo tempo reafirmar a validade de todas as outras formas religiosas na dependência [...] ao lado da liturgia”.<sup>297</sup> Essa nova configuração corrobora as iniciativas que haviam sido realizadas pelo Movimento Litúrgico<sup>298</sup> que, a essa altura, já tinha alcançado notada expressividade na Igreja.

O Movimento Litúrgico [...] florescente e em crescente expansão, passado pela experiência da guerra, exprime sempre mais claramente o desejo de reformas voltadas a tornar a celebração litúrgica mais clara, mais autêntica, mais significativa. Agora já não se fala apenas de educação, para a liturgia, mas de reforma da própria liturgia.<sup>299</sup>

<sup>294</sup> TERRIN, A. N.; CASTELLANO, J. Religiosidade popular e liturgia, p. 1012.1018-1019. Ainda neste mesmo verbete, J. Castellano afirma que “Se a religiosidade popular exprime a fé e a busca de Deus impregnadas de valores teológicos e antropológicos, não podemos ignorar que, à luz da teologia do culto do NT, um é o culto e um é o mediador desse culto: Cristo Jesus na força de seu Espírito. Não existe resposta válida e agradável ao Pai, a não ser por meio dele. Não podemos, pois, pensar na religiosidade popular sem ser dentro da perspectiva desse culto único agradável a Deus Pai. De um lado, esses princípios ajudam a avaliar e valorizar todas as formas culturais genuínas – orações, peregrinações, sacrifícios, promessas – que aparecem na piedade do povo, também fora da liturgia, já que são assumidas pelo movimento cultural de Cristo em face do Pai; de outro lado eles colocam diante de nós a urgência de evangelizar essa religiosidade, a fim de que corresponda ao desejo do Pai, aos sentimentos de Cristo Jesus, às moções do Espírito”.

<sup>295</sup> Antecedendo este documento, o Papa Pio XII em 1943 publicara outras duas grandes encíclicas (oriundas de movimentos) que também, a seu modo, confluíram na reforma litúrgica da Igreja, foram a *Mystici Corporis* (sobre a Igreja enquanto corpo místico de Cristo) e a *Divino afflante Spiritu* (sobre o modo de estudar a Sagrada Escritura na Igreja).

<sup>296</sup> Frente à vivência duma realidade interna e externa, a Igreja apresenta para este tempo sua visão e postura acerca do modo como deveria compreender o influxo que o Movimento Litúrgico motivava a vida eclesial em sua liturgia. Estruturada em quatro partes mais introdução e conclusão, a Encíclica trata em linhas gerais: apresentou a liturgia da Igreja enquanto culto e o seu desenvolvimento, o culto eucarístico, o ofício divino, o ano litúrgico e as diretrizes pastorais.

<sup>297</sup> MARSILI, S. A Liturgia, momento histórico da salvação, p. 96; BASURKO, X. O Movimento Litúrgico, p. 134-135.

<sup>298</sup> A encíclica é considerada por muitos autores como a carta magna, o reconhecimento oficial do Movimento. NEUNHEUSER, B. Movimento Litúrgico, p. 796.

<sup>299</sup> NEUNHEUSER, B. História da Liturgia através das épocas culturais, p. 213.



Muito embora o documento não tenha atingido todas as instâncias que pretendia a reforma, pode-se assim contemplar os traços que constituirão um substrato teológico para a liturgia e que até então não havia sido estabelecido. Por assim dizer, a *Mediator Dei* foi o ponto de partida para a publicação de outros documentos que direcionavam a reforma litúrgica. A vigília pascal e, na sequência, a semana santa foram objeto de atenção imediata porque a partir delas todos os outros documentos<sup>300</sup> encontrariam seu ponto de apoio e referência.

O Movimento Litúrgico pretendia resgatar teologicamente a liturgia de seu exílio rubricista, estetizante, clericalista, elitista e pietista, não interferindo, primariamente, no *modus facendi*, mas ativando a consciência bíblico-histórica da Igreja. [...] É, antes, a compreensão do verdadeiro lugar do culto na vida cristã, conforme a tradição neotestamentária e patrística soube elaborar e viver. Lugar tão importante que, certamente, não pode ser ocupado pelo protagonismo de apenas uma parcela especializada da assembleia.<sup>301</sup>

Outro significativo acontecimento para a vida litúrgica da Igreja foi o I Congresso internacional de Pastoral Litúrgica realizado em Assis no ano de 1956. O seu objetivo “foi a pastoralidade da liturgia, que a lançava como elemento determinante na vida da Igreja, a fim de realizar o encontro das almas com Deus”<sup>302</sup>. Nessa ocasião, o Papa Pio XII, num belo e histórico discurso repleto de esperança e novidade, identifica o Espírito Santo como o artífice do Movimento Litúrgico. A sua presença alcançou a transformação da Igreja, compressão da liturgia para a *actuosa participatio* de todos os batizados.

O Movimento Litúrgico surge assim como sinal das disposições providenciais de Deus no tempo presente, como passagem do Espírito Santo na sua Igreja, para aproximar os homens dos mistérios da fé e das riquezas da graça, que brotam da participação ativa dos fiéis na vida litúrgica.<sup>303</sup>

Como visto, a *actuosa participatio* é o objeto principal da reforma que almejou o Movimento Litúrgico, os Papas e toda a Igreja neste período. A. G. Martimort referindo-se ao Papa Pio XII evidencia o seguinte: “para que o projeto de renovação fosse levado à sua plenitude, era necessário redescobrir o sentido da assembleia que as vicissitudes da história havia seriamente obliterado” e afirma que

<sup>300</sup> No campo da música, o Papa promulgou a encíclica *Musicae sacrae disciplinae* contendo orientações teológicas, litúrgicas e práticas e afirmando-a como um elemento expressivo da *actuosa participatio* da reunião assembleal.

<sup>301</sup> COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p. 88.

<sup>302</sup> BUGNINI, A. A reforma litúrgica, p. 42.

<sup>303</sup> PIO XII. Discurso do Papa Pio XII aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica em Assis. (tradução nossa)

isso só seria possível se houvesse uma dedicação conjunta entre o clero e os leigos.<sup>304</sup> A Eucaristia, como salientou a *Mediator Dei*, é a razão de ser da assembleia. Para que a participação da assembleia seja ativa ou total é preciso observar duas outras atitudes que qualificam o seu real sentido.

A primeira atitude que é o ponto de partida é interna; isso, significa ter o coração piedoso, atento, em íntimo afeto e desejoso por união. A segunda é a externa que, recebendo a devida instrução, responde ao que profere o sacerdote, entoando cânticos e realiza, se for o caso, algo palpável. Assim, pode-se dizer que há uma *actuosa participatio*, pois entende-se que o fiel, nas disposições mencionadas, está participando ao mesmo tempo da realidade sacramental celebrada em que seja plenamente verdadeira a relação com Cristo ali estabelecida. Sendo um direito e um dever, é importante saber o sentido de participação que a encíclica mostra está voltado à “imitação de Cristo e dos seus sentimentos, pondo, porém, a ação dos fieis em plano mais psicológico do que mistérico”<sup>305</sup>. Esta observação assinalada por A. M. Triacca será esclarecida pelo Concílio Vaticano II.

Em 25 de Janeiro de 1959, o então Papa João XXIII anuncia a realização de um Concílio para toda a Igreja. A partir de então, começou uma laboriosa atividade de preparação, consultas e estudos sobre quais rumos deveria tomar. Três anos após o anúncio e por meio da constituição apostólica *Humanae Salutis*, o Concílio foi convocado oficialmente. Nela, o Papa mostrou a gravidade dos problemas que enfrentava o mundo moderno e o chamado divino que a Igreja recebera para o anúncio da vitalidade quem contém o Evangelho.

A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contato com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno: mundo que se exalta por suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as consequências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus.<sup>306</sup>

O método usado foi profundamente inclinado à eclesialidade pastoral, pois todos os cristãos deveriam se envolver e participar. Contudo, a característica principal desse evento eclesial é a sua ecumenicidade. O Concílio abarcava toda a Igreja e não se encontrava fechado em si, mas aberto a não católicos e a não cristãos.

<sup>304</sup> MARTIMORT, A.G. A Eucaristia, p. 167.

<sup>305</sup> TRIACCA, A.M. Participação, p. 888.

<sup>306</sup> JOÃO XXIII. *Humanae Salutis*, n. 3.

Constatamos aqui um viés assemblear de caráter universal, que será portanto, pneumatológico como acentuou o documento em ser um “novo Pentecostes”, onde mais adiante abordaremos esta perspectiva.

A jubilosa repercussão que teve seu anúncio, seguida da participação orante de toda a Igreja e do fervor nos trabalhos de preparação, verdadeiramente encorajador, como também o vivo interesse ou, pelo menos, a atenção respeitosa por parte de não-católicos e até de não-cristãos demonstraram, da maneira mais eloquente, como não escapou a ninguém a importância histórica do acontecimento. [...] E digne-se o divino Espírito ouvir da maneira mais consoladora a oração que todos os dias sobe de todos os recantos da terra: "Renova em nossa época os prodígios, como em novo Pentecostes; e concede que a Igreja santa, reunida em unânime e instante oração [...] difunda o reino [...] da verdade, de justiça, de amor e de paz." <sup>307</sup>

A atenção da Igreja se voltava para a realização desse evento em que o Papa acreditava ser uma inspiração divina segundo as Escrituras. Portanto, crendo no que está contido na Palavra bíblica, realiza-se então o Concílio ecumênico Vaticano II que foi inaugurado em 11 de Outubro de 1962. Na ocasião, o Papa João XXIII proferiu um solene discurso de abertura. Acentuadamente pastoral, mas profundamente teológico, o Pontífice indica os caminhos que a Igreja deve tomar naquele histórico evento.

Esse discurso foi norteador para toda a Igreja e a sociedade que assistia a essa novidade. A partir dele, os Bispos e demais participantes sabiam qual seria o caminho a ser percorrido. Em linhas gerais, o Concílio deveria ser compreendido como dom de Deus; seguir o testemunho de fidelidade à Tradição que perpassava a história, os concílios anteriores e que continua no magistério na busca pela verdade; e irradiar a união entre Cristo e a Igreja. Diante da sociedade atual, a Igreja deseja elaborar condições<sup>308</sup> para o acolhimento eficaz do *depositum fidei* para que todos sejam salvos; usar de misericórdia na dissipação dos erros apresentando a pertinência da doutrina; comunicar as riquezas da graça divina a fim de resgatar e promover dignidade humana e a consecução do seu fim; e conferir a dignidade da filiação divina a todos indistintamente para que, na caridade, cresçam e vivam como

<sup>307</sup> JOÃO XXIII. *Humanae Salutis*, n. 6. 23.

<sup>308</sup> “A finalidade principal deste Concílio não é, portanto, a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja [...] é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo. Uma coisa é a substância do *depositum fidei*, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance. Será preciso atribuir muita importância a esta forma e, se necessário, insistir com paciência, na sua elaboração; e dever-se-á usar a maneira de apresentar as coisas que mais corresponda ao magistério, cujo caráter é prevalentemente pastoral” JOÃO XXIII. Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na abertura solene do sacrossanto Concílio, VI, n. 4.

irmãos e em paz. Por fim, promover a unidade entre católicos, cristãos e não cristãos.

De fato, quando o Papa João XXIII desencadeou os trabalhos pré-conciliares, em vistas da realização do novo Concílio, na Igreja Católica, sua preocupação era preparar e renovar a Igreja para integrar-se no mundo contemporâneo e continuar sendo a *lumen gentium*, como é a missão transmitida por Jesus Cristo e que seus seguidores tem procurado praticar desde os mais ternos tempos de sua origem, nas pegadas dos apóstolos.<sup>309</sup>

Na esteira do discurso de abertura, os padres conciliares decidem por começar pela sagrada liturgia. Tendo em vista que um longo caminho fora percorrido e desenvolvido durante o Movimento Litúrgico, foi publicada<sup>310</sup>, como primeiro fruto do Concílio, a Constituição litúrgica *Sacrosanctum Concilium* (SC) que, a essa altura, estava sob o pontificado de Paulo VI – que levou a cabo o desejo de seu antecessor. Nesse primeiro documento foi apresentado o objetivo do Concílio que começa a ser realizado pela liturgia, dada a sua importância fundamental na vida da Igreja e o seu desejo de renovação. Como se depreende, quiseram os padres que a vida cristã fosse cada vez mais estimulada. Para tal, era preciso, como assim definiram, atualizar o que poderia ser mudado, favorecer a unidade e incentivar a vida eclesial.<sup>311</sup> Assim, segundo Annibale Bugnini – secretário da comissão preparatória da constituição conciliar – expressou o Papa Paulo VI:

É bom que levemos muito em conta este fruto do nosso Concílio, como aquele que deve animar e caracteriza a vida da Igreja; a Igreja é, com efeito, uma sociedade religiosa, é uma comunidade orante, é um povo florescente de interioridade e de espiritualidade promovidas pela fé e pela graça. Se no momento trazemos alguma simplificação às expressões do nosso culto e se buscamos torna-lo compreensível ao povo fiel [...] queremos torná-la [a oração] mais pura, mais genuína, mais vizinha às suas fontes de verdade e de graça, mais idônea a fazer-se patrimônio espiritual do povo.<sup>312</sup>

Tendo apresentado o propósito do Concílio, o documento identifica a liturgia como uma contribuição decisiva para a Igreja. Segundo a constituição, a transformação interior para alcançar a totalidade em Cristo é realizada pela liturgia.

<sup>309</sup> BOGAZ, A. S.; HANSEN, J. H. Liturgia/culto, p. 552.

<sup>310</sup> “Exatamente no dia 4 de dezembro, completavam-se quatro séculos desde que, em Trento, no dia 4 de dezembro de 1563, aquela sessão conciliar, na urgência de concluir os trabalhos, enviava à Santa Sé a tarefa de fazer uma reforma litúrgica, solicitada de diversas partes, considerada, porém, de interesses secundário na organização geral d, permanecendo, por fim, entre as questões irresolutas. Quatro séculos se haviam passado. Aquilo que, para Trento, pareceu um problema marginal, tornou-se o problema número um no Vaticano II, e tratado em primeiro lugar. Não sem uma disposição particular da Providência divina” BUGNINI, A. A reforma litúrgica, p. 63.

<sup>311</sup> SC 1.

<sup>312</sup> PAULO VI *apud* BUGNINI, A. A reforma litúrgica, p. 64.

Para tanto, ela concede as capacidades essenciais para o anúncio do Evangelho e para “mostrar ao mundo o que é a Igreja, como reunião de todos os filhos de Deus ainda dispersos, até que tornem um só rebanho, sob um único pastor”<sup>313</sup>. Logo em seu proêmio, podemos verificar o aspecto assembleal em sentido universal-escolológico sendo, ao lado do Evangelho, a sua finalidade porque

Um primeiro valor a ser restaurado na assembleia seria uma melhor circulação de dentro para fora, um intercâmbio vital entre a célula local da igreja que se reúne e a sociedade em que ela se insere. [...] Não poderia ser também e primeiramente, ainda que a seu modo, o lugar privilegiado para uma aproximação global da fé cristã tal como é vivida pelos homens e mulheres que se acham reunidos para escutar a Palavra, para fazer oração e partilhar a esperança?<sup>314</sup>

Apresentada em sete capítulos, a constituição litúrgica traz uma novidade que a difere de todas as tentativas de reforma que se propuseram ao longo da história. De forma inédita, o documento apresenta o conteúdo teológico da liturgia, objeto de sua centralidade e realização pastoral. Com isso, aqueles aspectos que foram empreendidos no decorrer da história: a ritualidade, a tradição própria de cada cultura, a estética, as rubricas foram considerados, mas a partir de seu sentido teológico e pastoral de modo a salvaguardar seu aspecto mais essencial e eclesial. Esta riqueza que o Concílio pode extrair da Tradição oriunda da Escritura e dos Padres, pelo movimento de retorno às fontes, constituiu, sem sombra de dúvida, uma nova direção do culto cristão.

As bases do texto conciliar são, portanto, aquelas premissas recavadas pelos agentes do Movimento Litúrgico na dura lavra teológica de buscar resposta para a participação dos fiéis. Daí que se enxergue na redação constitucional e na reforma que ela estabelece muito mais que mudanças materiais na compreensão e execução dos ritos – ainda que este seja um risco metodológico permanente.<sup>315</sup>

A *Sacrosanctum Concilium* apresenta logo no primeiro capítulo a centralidade da liturgia: a obra da salvação realizada por Cristo. Será sobre este eixo, considerado, a *natureza da liturgia*, que todas as realidades ou iniciativas se desenvolverão.<sup>316</sup> E, nesse aspecto, a realidade assembleal será a primeira

<sup>313</sup> SC 2.

<sup>314</sup> GELINEAU, J. O amanhã da Liturgia, p. 51.

<sup>315</sup> COLA, G. O sacramento-assembleia, p. 86.

<sup>316</sup> “A Igreja deve proclamar e atualizar essa obra salvífica justamente na liturgia, em que ‘opus nostrae redemptionis exercetur’ (SC 2). Com esse objetivo, Cristo está sempre presente na sua igreja, e por isso toda celebração litúrgica ‘é ação sagrada por excelência, e nenhuma outra ação da Igreja...a ela se iguala em eficácia’ (SC 7). A ação da igreja evidentemente não se esgota apenas na liturgia, embora esta continue sendo seu ‘ápice’ e sua ‘fonte’ (SC 10)” NEUNHEUSER, B. História da Liturgia, p. 540.

manifestação celebrativa e eclesial como assim frisou o proêmio do documento. Com isso, “a liturgia assume um novo conceito, pela renovação de sua própria identidade. Vista como uma ação divina, realizada em Jesus Cristo, valoriza toda a assembleia como comunidade celebrante”<sup>317</sup>.

A Igreja não é um ser abstrato, mas um mistério de graça que se torna realidade e se manifesta visivelmente nas legítimas comunidades locais dos fiéis, presididas por seus pastores. [...] A assembleia é necessária para a Igreja, como momento de reconhecimento e de edificação, porque nela responde à vocação do Senhor, escuta à palavra e participa de atividades simbólicas, que manifestam sua presença e ação. [...] É sempre através de uma assembleia que se entra em contato e em comunhão com a Igreja e se consolida sua pertença a ela.<sup>318</sup>

Diante da natureza teológica da liturgia, vemos recuperado o contexto em que ela mesmo vive: a história da salvação. Os padres conciliares entenderam, a partir das fontes, que a liturgia continua na Igreja a ação salvífica de Cristo de forma verdadeira e real. Para tanto, os parágrafos 5 e 6 da Constituição, apresentam de forma sucinta e densa o seu desenvolvimento histórico e atual na Igreja. Ao tratar do seu estado na vida eclesial, reconhecem na assembleia e no Espírito Santo sua expressão mais vigorosa.

Desde então, a Igreja nunca deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal, lendo “o que dele se fala em todas as escrituras” (Lc 24,27), celebrando a eucaristia, “em que se representa seu triunfo e sua vitória sobre a morte”, dando igualmente graças a “Deus pelo dom inefável” (2Cor 9,15) em Cristo Jesus, para louvor de sua glória (Ef 1,12), na força do Espírito Santo.<sup>319</sup>

O ato de reunir-se nesse contexto histórico-salvífico da liturgia rememora sob a perspectiva do mistério pascal, seja em figura ou em realidade, todas as convocações de Deus a seu povo que relatam as Escrituras. O evento Cristo é o motivo principal da assembleia litúrgica. Esta, por sua vez, encontra sua realização na potência do Espírito que atualiza a salvação, plasma, prepara e conduz para a única assembleia no fim dos tempos.

Dada a sua importância, como bem destacou a *Sacrosanctum Concilium*, o tema da assembleia litúrgica não recebeu um tratamento específico ou aprofundado. A própria constituição se serviu de outras categorias para indicar um pouco do seu

<sup>317</sup> BOGAZ, A. S.; HANSEN, J. H. Liturgia/culto, p. 553.

<sup>318</sup> AUGÉ, M. Liturgia, p. 75-76. O autor chama a atenção para a consideração sinonímica entre Igreja, assembleia e comunidade. A assembleia é o ponto de partida ou o lugar privilegiado da identificação e manifestação da Igreja, que por sua vez, fora do contexto celebrativo permanece identificada noutras realidades.

<sup>319</sup> SC 6.

amplo conteúdo. Aqui evidenciamos, em viés litúrgico-ecclesial, o reconhecimento da presença de Cristo na comunidade reunida cuja finalidade, juntamente com as outras formas de presença, realiza a obra salvífica de Cristo na Igreja.<sup>320</sup>

Tudo o que significa ato celebrativo cristão é submetido ao exercício da função sacerdotal de Cristo que, por sua vez, atua-o através de seu corpo integral – a Igreja. Com efeito, é esta a segunda categoria teológica que atravessa a constituição litúrgica e redefine a imposição ecclesial diante de sua realidade cúllica: a dimensão comunitária.<sup>321</sup>

Outra categoria bastante explorada e que mostra a preocupação da Igreja é a participação ativa que desde a *Mediator Dei* foi acentuada. Na constituição litúrgica, esta expressão ganhou notabilidade porque é afirmada como elemento integrante e constitutivo da natureza da liturgia e de sua ação celebrativa. Disso decorre a índole sacerdotal que foi configurada no Batismo constituindo assim, a assembleia dos eleitos. A participação, portanto, é um direito e um dever franqueados a todo o fiel batizado. E para que de fato alcance seu fruto é preciso que seja plena, consciente e ativa.<sup>322</sup>

A participação na celebração não pode esgotar-se em ser somente a meta que poderia ser atingida por ativismo pedagógico sadio e bem compreendido. [...] a participação não pode limitar-se a ser na realidade puramente extrínseca, acidental, externa; deve ser interna, verdadeira, consciente, ativa e criar na ‘pessoa do fiel’ a sintonia com a realidade litúrgica, que supõe a santificação com a realidade litúrgica, que supõe a santificação os fiéis em Cristo, em virtude do Espírito, para um culto em espírito e verdade.<sup>323</sup>

Como vimos, será na potência do Espírito Santo que a participação, expressão eloquente da assembleia, alcança sua finalidade. Considerando a importância da assembleia litúrgica e do Espírito Santo na vida cúllica da Igreja, objetos de nossa pesquisa, verificamos que ambas foram tratadas como muita discrição e timidez na constituição litúrgica conciliar e noutros documentos do Concílio.<sup>324</sup> Muito embora, o sujeito do Vaticano II seja o Espírito Santo, o seu tratamento não foi reconhecido e aprofundado pelos padres conciliares.<sup>325</sup>

<sup>320</sup> SC 7.

<sup>321</sup> COLA. G. O sacramento-assembleia, p. 89. Nesta obra, o autor, como indica o próprio título, identifica a partir das categorias do Concílio Vaticano II a assembleia como sacramento.

<sup>322</sup> SC 14. 26.

<sup>323</sup> TRIACCA, A.M. Participação. p. 888.

<sup>324</sup> “O Espírito Santo é citado 258 vezes nos documentos do Concílio e também são ricas e numerosas as citações bíblicas que fundamentam a teologia do Espírito Santo” ROCCHETTA, C. Os sacramentos da fé, p. 179.

<sup>325</sup> BUGNINI, A. A reforma litúrgica, p. 60. “A ausência de uma pneumatologia rica na teologia católica, vácuo do qual dão testemunho vários autores de peso, faz constatar que, em termos da

[...] A renovação eclesial originada pelo Vaticano II, na verdade, tem sua origem na própria ação do Espírito Santo que age e mostra sua maneira de conduzir a Igreja nos tempos atuais. A tradicional imagem do Vaticano II como sendo a abertura das janelas eclesiais para que o vento ali soprasse em vista da atualização de suas práticas, remete diretamente ao Espírito Santo, que é entendido como sopro de Deus e como aquele que renova todas as coisas. Dentro desta perspectiva se entende como se possa dizer que o Espírito é O sujeito da reunião conciliar.<sup>326</sup>

Em nossa proposta, subjaz a intrínseca relação entre liturgia e pneumatologia. O liturgista Gregório Lutz afirmou que a ausência de uma pneumatologia litúrgica bem elaborada nos documentos do Concílio chamou a atenção para o período pós-conciliar. Oriundos dessa reforma, os novos livros litúrgicos mostram a presença e ação do Espírito em seus ritos. Segundo o autor, os seus conteúdos identificam “uma volta às fontes, às origens da liturgia cristã, que nasceu e se celebrou sempre, embora em nosso passado ocidental por muito tempo inconscientemente, pela força do Espírito Santo”<sup>327</sup>

---

relação entre Trindade e Cristologia, ainda se pode dizer que os grandes autores permanecem um tanto cristomonistas” BINGEMER, M. C. Crer e dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo, p. 191

<sup>326</sup> MANZATTO, A. Espírito Santo, p. 362.

<sup>327</sup> LUTZ, G. O Espírito Santo na Liturgia, n. 4.



A terceira parte desta pesquisa concentra-se exclusivamente na temática a qual propomos abordar. Pretendemos apresentar alguns traços que consideramos importantes e, sem esgotar o assunto, oferecemos também possibilidades de aprofundamento ulterior. A pesquisa teológica, pelo seu objeto em questão, encontra-se sempre disponível para as novas descobertas que o Espírito suscitar. Afirma L. F. Ladaria que “o interesse pela pneumatologia é um signo de nossos tempos. [...] para a teologia católica atual é claro que sem a atuação do Espírito Santo não se explica a vida de Jesus, nem também da Igreja [...] e a do cristianismo”.<sup>328</sup>

Um nova fase da história da Igreja foi inaugurada com o Concílio Vaticano II. Com uma preocupação eminentemente pastoral, os padres conciliares quiseram atualizar o ensinamento da Igreja. Esse empreendimento tinha por finalidade fazer com que toda a realidade de fé que sustenta a vida e a missão da Igreja alcançassem todas as pessoas. A liturgia, primeiro assunto a ser tratado, mereceu especial atenção e, por isso, recebeu um tratamento teológico fundamental que norteou todos os trabalhos e documentos do Concílio e posteriores.

Como acenamos, a identidade pneumatológica da liturgia foi assinalada com muita discrição e timidez. Contudo, o Espírito Santo presidiu todo o Concílio bem como suas decisões. Os documentos conciliares e a teologia subsequente podem atestar essa afirmação que é defendida pelos teólogos.

Diante dessa realidade nos debruçamos sobre essa característica dinâmica da liturgia. Então, partindo dos textos conciliares e dos acenos da teológicos posteriores que se desenvolveram nessa área pretendemos extrair a dimensão pneumatológica do culto celebrado na Igreja. Dessa relação, teremos, por consequência, uma introdução basilar que iluminará o tema da assembleia em viés pneumatológico.

A pneumatologia do Vaticano II mostra-se principalmente na mudança de modelo e de estilo eclesial que se perfila; um estilo mais próximo das origens e mais sensível e aberto aos desafios do nosso tempo: passa-se de uma Igreja “jurisdicista” e de sociedade perfeita para uma Igreja mistério de comunhão radicada na Trindade.<sup>329</sup>

<sup>328</sup> LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 324-325.

<sup>329</sup> CODINA, V. O Espírito do Senhor: força dos fracos, p. 153.

## 4.1

### A relação entre Espírito Santo e Liturgia

Ao apresentar a natureza da liturgia no documento *Sacrosanctum Concilium*, o Concílio Vaticano II afirmou ser “na força do Espírito”<sup>330</sup> a celebração do mistério pascal de Cristo. É Ele quem opera na Igreja<sup>331</sup> e, por sua vez, em todo o mundo a salvação realizada por Cristo<sup>332</sup>.

Quando os fiéis se reúnem para a celebração é o Espírito que os reúne (une) em assembleia. Esta, convocada pelo Espírito, invoca a presença do Espírito, evoca os mistérios da salvação, e pela ação dele, tornam-se presentes as *maravilhas de Deus*. [...] Compreende-se que a liturgia [...] seja o sacrário do Espírito, seu pentecostes explosivo no hoje litúrgico, a epifania mais transparente de sua presença, a iconização mais profunda e profícua de sua ação.<sup>333</sup>

Será primordialmente na ação litúrgica que a *historia salutis* se atualiza para continuar na história dos homens a obra de salvação que o Pai iniciara desde a criação e que pelo Filho será consumada no fim dos tempos.

O mistério pascal de Jesus Cristo é fruto do Espírito Santo. Portanto, para compreender a ação sacerdotal e a presença de Jesus Cristo na liturgia, é preciso a força do Espírito Santo. É ele quem atualiza o único Mistério em cada celebração [...], por meio de seu poder transformador torna-o presente [...] Jesus continua sua ação e sua presença nas celebrações litúrgicas, entregando seu Espírito e manifestando-se em seu Espírito.<sup>334</sup>

O mistério pascal de Cristo é o motivo de a Igreja reunir-se para celebrar. Na práxis, o documento explicita que isso se verifica na leitura da Escritura, celebração da eucaristia e agradecimento a Deus pela redenção em Cristo. Esses elementos formam o conteúdo da ação celebrativa e se tornam reais e atuais mediante a

<sup>330</sup> SC 6.

<sup>331</sup> “O Espírito Santo no dia de Pentecostes [foi enviado] a fim de santificar perenemente a Igreja para que [...] os crentes pudessem se aproximar do Pai por Cristo num mesmo Espírito (Ef 2,18). Ele é o Espírito da vida ou a fonte de água que jorra para a vida eterna [...]. Por ele o Pai vivifica os homens [...] até que em Cristo ressuscite em seus corpos mortais. O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo [...]. Neles ora e dá testemunho de que são filhos adotivos [...]. Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total [...] Unifica-a na comunhão e no ministério. Dota-se e dirige-a mediante os diversos dons [...] E adorna com seus frutos [...]. Pela força do Evangelho Ele rejuvenesce a Igreja, renova-a [...] e leva-a à união consumada com seu Esposo. Dessa maneira aparece a Igreja como o povo reunido” LG 4.

<sup>332</sup> “O mais recente magistério da Igreja indicou [...] que, em relação com a unicidade e a universalidade da obra salvadora de Cristo, também o Espírito Santo, o Espírito de Jesus, exerce sua função salvífica para além das fronteiras visíveis da Igreja, associando os homens ao mistério pascal de Jesus [...] Sem o Espírito Santo nem se realiza nem produz seus efeitos em nós a salvação que Cristo nos trouxe” LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 325.

<sup>333</sup> TRIACCA, A. Espírito Santo, p. 378.

<sup>334</sup> SPERA, J. C.; RUSSO, R. Quem de nós celebra?, p. 126.

invocação Espírito Santo. Os princípios teológicos que estabeleceram a natureza da liturgia<sup>335</sup> nessa constituição serão mencionados nos documentos conciliares e posteriores<sup>336</sup>. Neles, verifica-se uma discreta acentuação do viés pneumatológico da liturgia. Isso significa dizer que (na liturgia) o Espírito Santo anima, vivifica e rejuvenesce toda a vida eclesial, porque “a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte que promana toda a força”<sup>337</sup>.

Para compreender a ação sacerdotal e a presença de Jesus Cristo na liturgia é necessária a virtude do Espírito Santo. Jesus Cristo dá continuidade à sua ação e à sua presença nas celebrações litúrgicas, entregando o seu Espírito e manifestando-se no seu Espírito. [...] Sem o poder do Espírito Santo seria impossível celebrar a liturgia; por isso as celebrações litúrgicas começaram em pentecostes. O Espírito é, em Jesus Cristo, constitutivo do culto cristão e da assembleia cultural da Igreja.<sup>338</sup>

Ao tratar da natureza e da missão da Igreja, a constituição dogmática *Lumen Gentium* ensina que, enquanto vivemos o exílio terreno, a obra de salvação realizada na liturgia centraliza-se “sobre o altar”, fonte da unidade do corpo de Cristo. O papel do Espírito Santo enviado em Pentecostes é para santificar a Igreja a fim de que, por Cristo, os cristãos “pudessem se aproximar do Pai”<sup>339</sup>. Nesse processo, a constituição afirma que “na sagrada liturgia [...] a força do Espírito Santo atua sobre nós por meio dos sinais sacramentais”<sup>340</sup> para a unificação de todo o corpo místico de Cristo quando, sobretudo, se reúne para celebrar.<sup>341</sup>

A Igreja existe e vive como efeito da presença nela do poder da Morte e Ressurreição do Senhor. O Espírito Santo recorda tudo o que Cristo realizou e revela o significado salvífico do mistério pascal, mas também torna presente e operante esse mistério e introduz nele todos os homens. A ressurreição de Cristo com o dom do Espírito está portanto, na origem da liturgia da Igreja e é o motivo central de cada uma de suas celebrações, especialmente da eucaristia (1Cor 11,26).<sup>342</sup>

<sup>335</sup> Tanto a natureza quanto a celebração litúrgica tem na Trindade o princípio teológico fundamental. Aliás, como se depreende, foi sobre este princípio que todo o Concílio Vaticano II se desenvolveu e elaborou seus documentos que o podem atestar.

<sup>336</sup> “A função do Espírito Santo por sua presença e ação aparece muito timidamente na *Sacrosanctum Concilium*. É bem mais acentuada nos documentos posteriores do Concílio, Sabe-se que foi por insistência dos padres conciliares orientais que se fez referência à função do Espírito Santo na Sagrada Liturgia” BECKHÄUSER, A. Liturgia, p. 88. Assinala este autor que encontramos apenas três referências ao Espírito Santo na apresentação da natureza da liturgia: a unção de Jesus em sua atividade messiânica (SC 5), sobre os apóstolos e sobre a Igreja quando celebra o mistério pascal (SC 6).

<sup>337</sup> SC 10.

<sup>338</sup> FERNANDEZ, P. Um culto em Espírito e em Verdade, p. 261

<sup>339</sup> LG 3.

<sup>340</sup> LG 50.

<sup>341</sup> Esta constituição apresenta alguns aspectos da identidade do Espírito Santo e sua ação específica noutras instâncias eclesiológicas, como LG 4.13.34.48.

<sup>342</sup> MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 68.

Pelos sacramentos, a vida de Cristo é difundida de forma real e misteriosa nos homens para que sejam associados ao seu mistério pascal. Neles, “a presença do Espírito Santo opera toda a santificação”<sup>343</sup>. O documento chama a atenção para os sacramentos da iniciação à vida cristã que constituem o povo de Deus. Pelo Batismo<sup>344</sup>, obtém-se a configuração em Cristo porque “em um só Espírito fomos batizados para sermos um só corpo”<sup>345</sup>.

Os membros de Seu corpo depois do batismo são enriquecidos pelo dom do Espírito na Confirmação<sup>346</sup> e se tornam participantes “na fração do pão eucarístico” quando são inseridos na comunhão com Deus e com seus irmãos na fé, a comunidade cristã.<sup>347</sup> Aqueles que exercem o sacerdócio ministerial também recebem o dom do Espírito para o serviço do culto em suas comunidades.<sup>348</sup> Tanto no sacerdócio comum como no ministerial, o batizado deve, a partir e por meio da liturgia sacramental realizada no Espírito, fazer de sua vida uma oferta agradável a Deus como testemunho da nova vida que lhe foi possibilitada.

Pois os batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, para que por todas as obras do homem cristão ofereçam sacrifícios espirituais e anunciem os poderes d’Aquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (cf. 1Pd 2,4-10). Por isto todos os discípulos de Cristo, perseverando em oração e louvando juntos a Deus (cf. At 2,42-47), ofereçam-se como hóstia viva, santa, agradável a Deus - cf. Rm 12,1.<sup>349</sup>

Em toda a celebração litúrgica o mistério pascal é atualizado na potência do Espírito para que todas as pessoas ao tomarem parte sejam associadas e atinjam a vida nova que Cristo lhes oferece. Os sacramentos, como vimos, realizam essa vinculação. Porém, a constituição pastoral *Gaudium et Spes* que trata da missão da Igreja no mundo destaca e amplia tal entendimento ao tratar da dignidade da pessoa humana.

Para a Igreja, – assinala o documento –, toda pessoa encontra seu pleno entendimento e realização em Cristo. É Nele e por Ele que o Espírito Santo é

<sup>343</sup> REVEL, J. P. *apud* SILANES, N. Igreja da Trindade, p. 420.

<sup>344</sup> Rm 6,4-5. “[...] pela graça do Espírito Santo se tornam filhos de Deus no batismo, para que o Povo de Deus se perpetue no decurso dos tempos” LG 11.

<sup>345</sup> 1Cor 12,13.

<sup>346</sup> “[...] Pelo sacramento da Confirmação são vinculados mais perfeitamente à Igreja, enriquecidos de especial força do Espírito Santo” LG 11.

<sup>347</sup> LG 7.

<sup>348</sup> “[...] Pela imposição das mãos e pelas palavras da consagração, é conferida a graça do Espírito Santo e impresso o caráter sagrado” LG 21.

<sup>349</sup> LG 10.

comunicado a todos<sup>350</sup> e sem exclusões, como dom e herança para: o cumprimento da lei do amor, a renovação interior, o combate contra o mal. Neste sentido, “devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus a este mistério pascal [...] para que, filhos no Filho, clamemos no Espírito: Abba, Pai”<sup>351</sup>. Cabe, portanto, à Igreja, *locus* privilegiado do derramamento do Espírito, a missão de tornar acessível e profunda a experiência pneumática com esse mistério, sobremaneira em sua liturgia.<sup>352</sup>

A vocação de todo cristão, associado ao mistério pascal, consiste em realizar na própria existência a conformidade com a morte de Cristo para participar da sua ressurreição [...]. E mais: todo homem de boa vontade é chamado a entrar em contato com ele e nele toda a atividade humana atinge a sua perfeição.<sup>353</sup>

A realização da obra de salvação que acontece na liturgia se desenvolve também pela presença de Cristo<sup>354</sup> na Palavra, “pois é ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja”<sup>355</sup>. A este respeito, a constituição dogmática *Dei Verbum* – sobre a Palavra de Deus – explicita que essa presença acontece a partir do “[...] Espírito Santo, pelo qual a voz viva do Evangelho ressoa na Igreja e através dela no mundo, leva os crentes à verdade toda e faz habitar neles abundantemente a palavra de Cristo (cf. Cl 3,16)”<sup>356</sup>

A Igreja, instruída pelo Espírito Santo, se esforça para conseguir uma compreensão cada dia mais profunda da Sagrada Escritura, a fim de incessantemente nutrir seus filhos com os ensinamentos divinos; por esta razão, fomenta devidamente também o estudo [...] das Sagradas Liturgias [...] de maneira que o maior número possível de ministros da divina Palavra possa frutuosa e oferecer ao povo de Deus o alimento das Escrituras que ilumine a mente, fortaleça as vontades e inflame os corações dos homens no amor de Deus.<sup>357</sup>

Nesse serviço litúrgico no qual atua e se difunde o Espírito, a Igreja, no decreto conciliar sobre o ministério e a vida dos presbíteros, *Presbiterorum Ordinis*,

<sup>350</sup> “[...] o Espírito, soprando onde quer e como quer, suscita expectativas e elementos de graça em cada canto da terra. É graças a Ele que ‘Cristo liberta e cura nossa liberdade’; ele sustenta o esforço de solidariedade e de justiça de todos os homens de boa vontade; ele transforma todo esforço de libertação em gesto significativo e eficaz diante da chegada do reino de justiça e de paz. Por isso, *ubi Spiritus, ibi salus*.” SALVATI, G. M. Salvação, p. 823.

<sup>351</sup> GS 22.

<sup>352</sup> Outros parágrafos desse documento o identificam como o principal personagem na vida da Igreja em sua missão *ad intra* e *ad extra*, tais como GS 1; 3; 10; 37; 40; 43; 45; 78; 92.

<sup>353</sup> SORCI, P. Mistério Pascal, p. 772.

<sup>354</sup> Sobre o tema da presença (SC 7), esclarece Nereo Silanes: “A presença de Cristo glorioso na liturgia [...] supõe a presença dinâmica do Espírito, que é o realizador dos membros do Corpo, do mistério operado por ele mesmo na Cabeça”. SILANES, N. Igreja da Trindade, p. 436-437.

<sup>355</sup> SC 7.

<sup>356</sup> DV 8.

<sup>357</sup> DV 23.

destaca o exercício desse Dom na vida dos sacerdotes<sup>358</sup> pois “o Espírito agirá sempre com poder nos sacramentos, através dos ‘vasos de argila’ que são os ministros ordenados”<sup>359</sup>. Segundo o documento, o Espírito Santo configura e habilita os presbíteros para que, nas celebrações sagradas sejam a presença de Cristo<sup>360</sup> e ajam como ministros de Cristo exercendo o Seu sacerdócio em favor da humanidade. A ação de Cristo na vida dos ministros ordenados e da Igreja tem sua centralidade na Eucaristia. Ela “contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, dando vida aos homens, através de Sua carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo”<sup>361</sup>.

[...] o sacerdote recebeu o selo do Espírito Santo [...]. Mediante o caráter sacramental e identificando a sua intenção com a da Igreja, o sacerdote está sempre em comunhão com o Espírito Santo na celebração da liturgia, sobretudo na Eucaristia e nos outros sacramentos. É o próprio Cristo que age em favor da Igreja, por meio do Espírito Santo invocado na Sua potência eficaz pelo sacerdote, celebrante *in persona Christi*.<sup>362</sup>

Sobre o fundamento do apostolado dos leigos, o decreto *Apostolicam Actuositatem* destaca que “[...] o Espírito Santo – que opera a santificação do povo de Deus através do ministério e dos sacramentos – confere dons peculiares aos fiéis [em vista da] edificação da Igreja, dentro da Igreja e do mundo, na liberdade do Espírito Santo”<sup>363</sup>. Nessa afirmação conciliar, verifica-se que o Espírito Santo atua primordialmente na vida litúrgico-sacramental da Igreja para dispensar, por intermédio dos ministros e sacramentos, variados dons para a santidade e exercício da missão eclesial. Dessa forma, a liturgia é considerada o lugar principal em que “esta vida íntima de união com Cristo na Igreja, alimenta-se por meios espirituais,

<sup>358</sup> PO 22. A constituição dogmática *Lumen Gentium* no parágrafo 21 ensina que os sacerdotes são constituídos colaboradores dos bispos. Esses receberam na tradição dos apóstolos a imposição das mãos que lhes conferia distinto derramamento do Espírito (1Tm 4,14; 2Tm 1,6-7) o que o faz ter o sacramento da ordem em sua plenitude. Esse Dom o habilita, por isso, ao exercício do múnus cristológico de santificar, ensinar e governar em nome de Cristo.

<sup>359</sup> CORBON, J. A fonte da Liturgia, p. 132.

<sup>360</sup> “para levar a efeito obra tão importante Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está [...] na pessoa do ministro, ‘pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na Cruz’ [...] de tal forma que quando alguém batiza é Cristo mesmo que batiza, [...] pois é ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na igreja.” SC 7.

<sup>361</sup> PO 5.

<sup>362</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, p. 33-35.

<sup>363</sup> AA 3.

comuns a todos os fiéis, principalmente pela participação ativa na Sagrada Liturgia”<sup>364</sup>.

A presença do Espírito de Jesus na liturgia não apenas transforma o culto na prece carismática por antonomásia, como também capacita a Igreja a agir sacerdotalmente nela, manifestando-a na plenitude do seu mistério aqui na terra. É o Espírito quem estabelece essa maravilhosa sinergia entre Cristo e a Igreja, sua esposa amada. O Espírito Santo, como nos diz o Concílio Vaticano II “dota-a e dirige-a mediante diversos dons hierárquicos e carismáticos. E adorna-a com seus frutos” (LG 4).<sup>365</sup>

Esses traços litúrgico-pneumatológicos nos documentos conciliares indicam um conteúdo que será aprofundado pela teologia pós-conciliar como estimulou o Papa Paulo VI, em 1973.<sup>366</sup> Nesta esteira queremos apresentar algumas contribuições importantes dessa relação orgânica entre o Espírito Santo e a liturgia eclesial que o magistério e a pesquisa teológica têm desenvolvido.

No período do pós-concílio, o magistério da Igreja publicou em 1986, a encíclica *Dominun et Vivificantem* – sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo –, do Papa João Paulo II.<sup>367</sup> Nela, o Pontífice convida a “aproximar-nos do Espírito Santo como aquele que dá a vida”<sup>368</sup> para um avivamento e aprofundamento da fé professada pela Igreja. No aspecto litúrgico, a encíclica em sua terceira parte acentua a vinda de Cristo no Espírito e por meio dos sacramentos para continuar sua presença e missão e compreender sua identidade como sacramento.

Este voltar de Cristo, por obra do Espírito Santo, e a sua constante presença e ação na vida espiritual atualizam-se na realidade sacramental. Nesta realidade, Cristo, que partiu na sua humanidade visível, vem, está presente e atua na Igreja de uma forma tão íntima, que faz dela o seu Corpo. E, como tal, a Igreja vive, opera e cresce “até o fim do mundo”. E tudo isso se realiza por obra do Espírito.<sup>369</sup>

Nesse âmbito da realidade sacramental, o Papa destaca a Eucaristia como a expressão mais completa da partida e vinda de Cristo. Será somente por obra do Espírito Santo, o “outro Consolador”, que a salvação é realizada no sacramento e

<sup>364</sup> AA 4.

<sup>365</sup> FERNANDEZ, P. Um culto em Espírito e em Verdade, p. 263.

<sup>366</sup> “À cristologia e, especialmente à eclesiologia do Concílio deve suceder-se um estudo novo e um culto novo ao Espírito Santo, justamente como necessário complemento da doutrina conciliar” PAULO VI. Audiência geral de 6 de junho de 1973.

<sup>367</sup> Cabe ressaltar que em 1982 foi realizado por desejo do Papa João Paulo II um Congresso Internacional de Pneumatologia para celebrar os 1600 anos do I Concílio de Constantinopla (e também, os 1550 anos do Concílio de Éfeso).

<sup>368</sup> DeV 2. Logo no início da encíclica o Papa faz um levantamento do tratamento dado ao Espírito Santo no Século XX e salienta, como o Papa Paulo VI, a atenção à pneumatologia.

<sup>369</sup> DeV 61.

na comunhão com Deus, consigo e com os outros. Dessa forma, a Eucaristia possibilita o redescobrir do aspecto divino que dá sentido à vida humana. Nesse processo, os cristãos são chamados à conformidade e ao empenho do pensamento, às ações e à deliberação do Espírito “a fim de que todos os batizados num só Espírito para construir um só corpo se redescubram irmãos, unidos na celebração da mesma Eucaristia”<sup>370</sup>.

O ministério sacramental, todas as vezes que é realizado, comporta em si o mistério da partida de Cristo [...] em virtude da qual vem o Espírito Santo. Vem e atua: “dá vida”. Os sacramentos, de fato, significam a graça e conferem a graça: exprimem a vida e dão a vida. A Igreja é dispensadora visível dos sinais sagrados, enquanto o Espírito Santo age nos mesmos como dispensador invisível da vida que eles significam. Em união com o Espírito está presente e age Cristo Jesus.<sup>371</sup>

A pneumatologia da liturgia, mesmo sendo pouco explorada,<sup>372</sup> encontra um substancial conteúdo e seguro referencial no Catecismo da Igreja Católica<sup>373</sup>. Oriundo da proposta de renovação do conciliar e da pesquisa teológica subsequente<sup>374</sup>, o catecismo oferece uma síntese bem elaborada para a proposta de nossa pesquisa nesta parte. No conteúdo da fé professada, o catecismo ensina que a Igreja é o “lugar de nosso conhecimento do Espírito” e que “na liturgia sacramental, por meio de suas palavras e de seus símbolos, [...] o Espírito Santo nos coloca em comunhão com Cristo”<sup>375</sup>.

<sup>370</sup> DeV 62.

<sup>371</sup> DeV 63. Continua o Papa; “Se a Igreja é ‘o sacramento da íntima união com Deus’, ela é tal em Jesus Cristo, em quem esta mesma união se atua como realidade salvífica. Ela é tal em Jesus Cristo, por obra do Espírito Santo. A plenitude da realidade salvífica, que é Cristo na história, difunde-se, de modo sacramental, pelo poder do Espírito Paráclito. Neste sentido o Espírito Santo é o «outro Consolador», o novo Consolador, uma vez que, pela sua ação, a Boa Nova toma corpo nas consciências e nos corações humanos e expande-se na história” DeV 64.

<sup>372</sup> No Ocidente há um “déficit pneumatológico, no sentido de se considerar quicá compreender pouco a função do Espírito Santo na liturgia e na vida cristã”. CÉSAR, D. O Espírito que foi dado na liturgia, p. 11.

<sup>373</sup> Diante da novidade que Concílio Vaticano II empreendeu, a Igreja, vinte e cinco anos (1985) à sua conclusão realiza uma assembleia sinodal para celebrar tão importante acontecimento. Na ocasião, os bispos e o Papa decidem pela elaboração de um Catecismo contendo toda a doutrina católica (professa, vivida, celebrada e rezada) e que fosse expressão da renovação querida pelo Concílio. Em 1992 foi publicado o Catecismo da Igreja Católica pelo Papa João Paulo II, sendo portanto um referencial de capital importância para a fé católica.

<sup>374</sup> Heribert Mühlen, Yves Congar, Louis Bouyer, K. Rahner, Hans Urs von Balthasar, François-Xavier Durrwiel, A. M. Triacca impulsionados pelo Concílio, contribuíram com profunda reflexão teológica sobre o Espírito Santo não somente na questão trinitária, mas também, eclesiológica, litúrgica e sacramental. SESBOÜÉ, B. O Espírito sem rosto e sem voz, p. 85-119.

<sup>375</sup> CEC 688. Os parágrafos 688 a 747 do Catecismo concentram um ensinamento sistemático sobre o Espírito Santo e que não está restrito nesta parte apenas. Como vimos até aqui, o Espírito Santo perpassa toda a história da salvação e consequentemente toda a Escritura, teologia e doutrina da Igreja.



[...] A missão da Igreja não é acrescentada à de Cristo e do Espírito Santo, senão que é o Sacramento dela: por todo o seu ser e em todos os seus membros, a Igreja é enviada a anunciar e testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade. [...] É pelos sacramentos da Igreja que Cristo comunica aos membros de seu Corpo o seu Espírito Santo e santificador [...]. Essas “maravilhas de Deus, [...] produzem seus frutos na vida nova, em Cristo, segundo o Espírito.”<sup>376</sup>

A ação do Espírito Santo na liturgia foi apresentada na segunda parte do Catecismo (a celebração do mistério cristão). A sua exposição encontra-se no conjunto da primeira seção que tem como título “A economia sacramental”. Nela, o capítulo 1 tem como título “O mistério pascal no tempo da Igreja”. Nesse capítulo, o primeiro artigo discorre sobre “A liturgia, obra da Santíssima Trindade”, onde o terceiro item aborda sobre “O Espírito Santo e a Igreja na liturgia”.

O Espírito Santo permeia toda a liturgia da Igreja, que é santificação e culto do Espírito Santo (LG 50-51). De fato, o Pai, por intermédio de Cristo, infunde em nós o Espírito, que é comunhão de verdade e de vida que jorra da fonte trinitária. A resposta da fé, a oração, a oferta do sacrifício chegam até o Pai no Espírito, por Cristo. Não há ação santificante sem a intervenção da que é o “Todo Santo” e Santificador. [...] A sua ação na liturgia eucarística e sacramental, [...] se torna espaço da santificação, da comunhão na verdade e na vida de Deus.<sup>377</sup>

Logo no início da exposição, o Catecismo afirma que o Espírito Santo na liturgia da Igreja exerce duas funções primordiais: “pedagogo da fé” e “artífice das obras-primas de Deus”<sup>378</sup> – os sacramentos. Nessas funções, o Espírito conduz<sup>379</sup> (como pedagogo) a Igreja para o mistério pascal de Cristo e o realiza (como artífice) nos sacramentos e na vida da Igreja<sup>380</sup> e das pessoas em geral<sup>381</sup> para que a vida do Cristo Ressuscitado seja vivida por todos.<sup>382</sup> A atualização do mistério de Cristo, que se concentra sobretudo nos sacramentos, acontece por um processo anamnético em que o Espírito Santo é o artífice que torna presente e real a recordação ora realizada. Essa ação do Espírito que aconteceu no passado da história da salvação

<sup>376</sup> CEC 739-740. O Concílio Vaticano II, na constituição dogmática *Lumen Gentium* apresentou a Igreja como sacramento universal de salvação. Esta definição é explicitada pormenorizadamente no Catecismo da Igreja Católica parágrafos 774 a 776.

<sup>377</sup> COMISSÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. O Espírito que é Senhor e dá a vida, p. 29.

<sup>378</sup> CEC 1091.

<sup>379</sup> R. G. Cougil afirma que o Espírito Santo é o pedagogo da fé do povo de Deus, quando pelo Batismo comunica a vida divina do Pai por Cristo. Na Igreja, Ele é o primeiro a despertar a fé e a inicia a vida nova. COUGIL, R. G. La presencia y acción del Espíritu Santo en las acciones sacramentales de la Iglesia a partir del Catecismo de la Iglesia Católica, p. 252-253.

<sup>380</sup> LG 1. “O Espírito não é apenas poder vivificante de Deus, mas princípio vital do Cristo ressuscitado” PÁDUA-PEDROSA, L. Espiritualidade e Bíblia, p. 71.

<sup>381</sup> GS 22.

<sup>382</sup> CEC 1091.

continua a partir de Pentecostes no “hoje” da celebração litúrgica. Assim, a história da salvação avança para o seu destino.

[...] Os sacramentos, e com eles todos os sinais litúrgicos, não somente supõem a fé e a expressam mediante palavras e gestos, mas sobretudo “a fortalecem e a alimentam” (SC 59). Essa função nutritiva e enriquecedora da fé se chama mistagogia. [...] a mistagogia se produz [...] a partir da sinergia divina ou comunicação interior de Deus ao homem por meio da eucaristia e dos demais sacramentos. Através da liturgia o Espírito transmite ao homem um “experiência” viva e distinta.<sup>383</sup>

Para uma compreensão mais aprofundada dessa relação liturgia e pneumatologia, o Catecismo a explicita por meio de quatro tópicos que são norteados por expressões verbais pneumatológicas<sup>384</sup> encadeadas: “prepara a Igreja para encontrar seu Senhor, recorda e manifesta Cristo a fé da assembleia, torna presente e atualiza o mistério de Cristo por seu poder transformador e, finalmente, como Espírito de comunhão, une a Igreja à vida e missão de Cristo”.<sup>385</sup>

Ao preparar para acolher a Cristo, o Espírito Santo auxilia na compreensão do cumprimento das tipologias do Antigo Testamento<sup>386</sup> no mistério pascal de Cristo celebrado na liturgia. Nessa preparação, “a graça do Espírito Santo procura despertar a fé, a conversão do coração e a adesão à vontade do Pai”<sup>387</sup>; salienta-se, ainda, a assembleia, que reunida no Espírito deve estar disposta a colaborar com a graça, abrindo, portanto, os seus corações.<sup>388</sup>

A confissão da fé, a aceitação da palavra, o louvor e a intercessão, o arrependimento e a oferta, o sacrifício espiritual da livre adesão à vontade de Deus e de sua observância só podem ser vividos de maneira adequada sob a ação do Espírito Santo. [...] Essa é a ação do Espírito: uma cooperação, sinergia, com a Igreja [...] na assembleia. [...] Porém, Ele pede nossa colaboração, a total abertura do coração e da liberdade, a docilidade à sua ação santificante e a seu impulso cultural para o Pai por meio de Cristo.<sup>389</sup>

<sup>383</sup> MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 478. Para o autor, a mistagogia é realizada em cada liturgia celebrada, quando então acontece uma autêntica manifestação do Espírito que o Cristo concede à sua Igreja. A ação litúrgico-ritual evoca e reapresenta o mistério pascal que por sua vez, direciona paulatinamente os batizados ao acontecimento celebrado que se atualizado eficazmente.

<sup>384</sup> Segundo Triacca, “uma cuidadosa análise das expressões verbais nos levaria a compreender a realidade ‘litúrgica’ como ação do Paráclito orientada no sentido de fazer da ação litúrgica, na vida da Igreja, o sinal privilegiado da presença do Cristo pascal e o fundamento do agir ‘apostólico’ dos membros do povo de Deus” TRIACCA, A. M. Espírito Santo, p. 365.

<sup>385</sup> CEC 1092.

<sup>386</sup> Textos bíblicos, eventos, acontecimentos que figuravam o Messias.

<sup>387</sup> CEC 1098.

<sup>388</sup> “[...] para que os homens possam chegar à liturgia, é necessário que antes sejam chamados à e fé e à conversão” SC 9.

<sup>389</sup> CASTELLANO, J. Liturgia e vida espiritual, p. 195-196. De acordo com P. Knauer, ‘a presença do Espírito Santo em todo o universo é o pressuposto para a sua redenção. Pois todo ato de acolhida da graça de Deus deve ocultamente já ser portado pela graça de Deus, para que simplesmente possa ser possível [...]. Assim se torna manifesto na mensagem cristã que o ‘Espírito do Senhor enche o

Na segunda expressão, destaca-se a recordação para enfatizar que o Espírito Santo é a memória viva da Igreja.<sup>390</sup> A Palavra de Deus proclamada e a recordação dos fatos nela contida são os elementos principais nessa ação. A comunidade reunida ao ouvir a palavra e a recordar-se dos fatos é posta em contato com o evento salvífico. Isso só é possível graças à presença do Espírito Santo que também abre a inteligência dos audientes para a compreensão do que foi realizado no passado e para despertar, assim, a gratidão e o louvor.<sup>391</sup>

Com a recordação do mistério de Cristo à consciência dos fiéis, o Espírito, então, atualiza-o tornando-o real e presente<sup>392</sup> pela fé na vida daqueles que o celebram – terceira expressão. Nesse processo, o Espírito é invocado sobre as ofertas apresentadas para que Cristo esteja presente em Corpo e Sangue nos sinais do pão e do vinho e também sobre as pessoas<sup>393</sup> para que, recebendo o sacramento, sejam transformadas na vida nova de Cristo e se tornem uma oblação para o Pai. Essa vida nova é uma antecipação do que será vivido em plenitude no fim dos tempos e que o Espírito garante como uma herança.<sup>394</sup>

O Espírito Santo, que esteve presente e agiu nos fatos históricos realizados por Cristo, agora também está ali onde se celebram os sacramentos [...]. Precisamente, o Espírito torna possível o memorial (anamnese) litúrgico, ou seja, ele é quem traz, aqui e agora a salvação de Cristo, que atualiza os acontecimentos passados do Antigo e do Novo Testamento. Tudo isso é possível através da celebração: ela é o lugar do memorial e da anamnese.<sup>395</sup>

A quarta e última expressão é a comunhão<sup>396</sup>. Ao santificar ofertas e pessoas, o Espírito estabelece a íntima comunhão no mistério pascal, sendo, por isso, com Deus Uno e Trino e com os irmãos. Unidos a Cristo e oferecidos ao Pai pela comunhão do Espírito, a Igreja deseja pela liturgia que os fiéis, unidos qual ramo à videira e transformados espiritualmente à imagem de Cristo, sejam férteis em frutos. Essa frutificação compreende a unidade e a missão da Igreja pelo testemunho e pela caridade.

---

universo' (Sb 1,7). Isso é idêntico ao assim chamado 'existencial sobrenatural' e possibilita que já exista 'fé anônima' antecedentemente ao encontro com a mensagem (Jo 3,21)" KNAUER, P. Espírito Santo/ Pneumatologia, p. 250.

<sup>390</sup> CEC 1099.

<sup>391</sup> CEC 1103.

<sup>392</sup> Mt 10,8; 29,19; Lc 22,19; 21,36; 24,49; Jo 20,22.

<sup>393</sup> Mais adiante aprofundaremos a temática da epiclese na liturgia.

<sup>394</sup> CEC 1107.

<sup>395</sup> MAQUEDA, A. L. Espírito Santo e Liturgia, p. 58.

<sup>396</sup> CEC 1108-1109.

Terminada a celebração litúrgica, não se esgota a obra do Espírito. Ele [...] faz com que [os fiéis] vivam no culto da existência quotidiana o sacerdócio real e o culto espiritual. O Espírito Santo, finalmente, prolonga a presença viva de Cristo nos fiéis, transforma-os em imagem do Primogênito. [...] A liturgia da Igreja aparece, assim, com a contribuição de uma releitura da ação do Espírito Santo nela, uma obra da Santíssima Trindade.<sup>397</sup>

No desfecho desta parte, chamamos a atenção para a práxis litúrgica. A ação ritual na liturgia expressa concretamente a celebração do mistério pascal de Cristo. Ela é dinamizada pelo Espírito Santo que, invocado, torna o evento celebrado contemporâneo à comunidade litúrgica reunida. Os ritos estão em íntima conexão na celebração que é “o momento expressivo, simbólico, ritual e sacramental no qual a liturgia se torna ato que evoca e torna presente, mediante palavras e gestos, a salvação realizada por Deus em Jesus Cristo com o poder do Espírito Santo”<sup>398</sup>.

O ritos litúrgicos, objeto de atenção do Concílio<sup>399</sup> e escritos nos livros aprovados pela Igreja<sup>400</sup>, condensam o conjunto de ações pelas quais a obra salvífica de Cristo continua na história.<sup>401</sup> Dentre essas ações, encontramos o protagonismo do Espírito Santo na estrutura ritual. Será Ele a ensinar, recordar e vivificar na Igreja tudo o que Jesus realizou e ordenou em sua vida terrena. Para tanto e como se verifica, os ritos litúrgicos aprovados contêm uma estrutura basilar e comum a todos eles: a orientação trinitária<sup>402</sup>, o conteúdo bíblico na linha da história da salvação e a teologia subjacente. Nesses três elementos estruturais, a presença do Espírito

<sup>397</sup> CASTELLANO, J. Liturgia e vida espiritual, p. 200-201.

<sup>398</sup> MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 147.

<sup>399</sup> “O rito deve se caracterizar por uma nobre simplicidade, ser claro e breve, evitar as repetições, estar no alcance dos fiéis e não necessitar de muitas explicações” SC 34.

<sup>400</sup> SC 25. Afirmou, posteriormente o Papa Paulo VI que os livros litúrgicos “são uma nova pedagogia espiritual nascida do Concílio. São a grande novidade deste. E nós não devemos hesitar em nos tornar primeiramente discípulos e, depois, continuadores da escola de oração que há de se iniciar” PAULO VI *apud* GOENAGA, J. A. O pós-concílio, p. 148.

<sup>401</sup> A este propósito, afirmou o Papa João Paulo II: “A renovação conciliar da Liturgia encontra sua expressão mais evidente na publicação dos livros litúrgicos. [...] torna-se agora necessário um aprofundamento das riquezas e das potencialidades que eles encerram em si mesmos” JOÃO PAULO II. *Spiritus et Sponsa*, n. 1.

<sup>402</sup> Em relação ao Pai é doxopatrológica; ao Filho, cristomediada e ao Espírito Santo, pneumatoamalgamada. Explica-nos C. Vagaggini: “A revelação nos adverte em primeiro lugar que o Deus ao qual devemos ir é o Deus Trindade [...]. Em segundo lugar, essa mesma revelação, para iluminar mais o nosso caminho, nos abre uma maravilhosa espiral de luz sobre todo o ciclo das relações entre Deus Trindade e cada um de nós. Eis brevemente o ciclo: todo bem nos vem do Pai, por meio de seu Filho encarnado, Jesus Cristo, na presença em nós do Espírito Santo, e assim, na presença do Espírito Santo, por meio do Filho encarnado Jesus Cristo, tudo deve retornar ao Pai e atingir o seu fim, a bem-aventurada Trindade. [...] É o movimento cristológico-trinitário da história sagrada e da salvação, da economia de Deus no mundo. Toda a estrutura da liturgia pressupõe esse movimento, fora do qual seria compreensível”. VAGAGGINI, C. O sentido teológico da liturgia, p. 185.

Santo atua de forma epiclético-transformadora para atingir a finalidade que é Cristo.<sup>403</sup>

O Espírito Santo age na Igreja e no mundo para operar no coração dos fiéis a salvação realizada por Cristo, pelo seu mistério pascal. O ato litúrgico-sacramental que tem sua realização na *anamnese* em estreita vinculação à epiclese “recorda o evento histórico de Cristo e nele fundamenta o ato sacramental da Igreja [...] Pois a ação do Espírito exige que as grandes obras de Deus de antigamente sejam lembradas para hoje”<sup>404</sup>.

Ora, é Ele que presenciariza a obra de Cristo no tempo da Igreja e a sua doxologia. Ele concelebra conosco para realizar hoje a obra de Cristo. É o Espírito que dá ao tempo, penetrado e dominado por Ele, esta qualidade própria que o faz ser um tempo sacramental, no qual o memorial do passado O torna presente e ativo com uma eficácia em vistas ao futuro absoluto.<sup>405</sup>

A ação litúrgica alcança sua notabilidade quando, sobretudo, a comunidade de fé se reúne para celebrar. Em assembleia, a Igreja expressa sua vida e missão no mundo. Tudo isso é possível graças à presença e ação dinamizadora do Espírito na liturgia eclesial e na vida das pessoas. Atuando no início da convocação divina, durante o ato celebrativo e no envio para missão, o Espírito opera a salvação de Cristo na história da humanidade realizando assim a história da salvação até a sua consumação definitiva. Dessa maneira, compreendemos que a assembleia litúrgica ao reunir os batizados e acolher todas as pessoas é o lugar por excelência onde o Espírito invocado, transforma e admite à comunhão divina.

<sup>403</sup> “O Espírito Santo age da mesma forma no sacramento e no evento histórico, isto é, na economia da salvação em curso ontem e hoje. Na verdade, onde o Espírito Santo está presente, Ele age para conduzir a Cristo” TRIACCA, A. M. *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della Chiesa*, p. 140. (tradução nossa).

<sup>404</sup> STUBENRAUCH, B. Invocação do Espírito/ epiclese, p. 287.

<sup>405</sup> CONGAR, Y. Palavra e Espírito, p. 51.

## 4.2

### A assembleia litúrgica reunida no Espírito Santo

A assembleia litúrgica em chave pneumatológica ocupa o eixo central desta pesquisa. Sua inspiração advém da elaboração teológica sobre natureza da liturgia, conforme nos apresentou o Concílio Vaticano II em seu primeiro documento, a *Sacrosanctum Concilium*. Essa constituição litúrgica ensina que a Igreja “nunca deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal, [...] na força do Espírito Santo”<sup>406</sup>.

A eficácia da liturgia é garantida pelo Espírito Santo<sup>407</sup> que santifica a Igreja e o mundo. O ato de reunir-se encontra-se como a primeira expressão de toda a ação litúrgica eclesial.<sup>408</sup> Decorrente da iniciativa divina em sua convocação<sup>409</sup>, a assembleia reúne em seu seio os batizados e todas as pessoas que desejam esta experiência de encontro com o Ressuscitado. Essa comunidade, convocada e reunida, possui em si a característica da presença divina.

Toda a assembleia cristã como tal, [...] possui valor de sinal da liturgia enquanto é convocação de Deus em Cristo Jesus, a reunião “no nome” de Cristo, congregação *populus Dei* e, como tal, realiza em si a *ekklesia* de Deus (*qahal Yahweh*) do Antigo Testamento. É a expressão máxima da comunidade local e da Igreja universal e já é um primeiro esboço da sombra anunciadora da liturgia cósmica e perfeita da Jerusalém celeste de que fala o Apocalipse.<sup>410</sup>

Compreendendo que a convocação divina é o primeiro elemento que fundamenta a existência da assembleia e que Cristo afirmou sua necessidade para estar presente, então ela se inscreve entre as realidades sacramentais da Igreja. Essa compreensão vem assinalada pelo próprio Concílio quando afirma ser a Igreja-assembleia sacramento e instrumento da união de Deus com todas as pessoas.<sup>411</sup>

<sup>406</sup> SC 6.

<sup>407</sup> “Na Igreja foi depositada a comunhão com Cristo, isto é, o Espírito Santo, penhor de incorrupção, confirmação de nossa fé e escada para subir a Deus...Onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus, aí está a Igreja e toda a sua graça” IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*, p. 182.

<sup>408</sup> EM 9. “A tal chamado o povo responde, reunindo-se em assembleia: nisso consiste o primeiro ato litúrgico do povo. Se não existir resposta ao chamado, não haverá assembleia, nem consequentemente, celebração litúrgica. Definitivamente, o constituir-se dos cristãos em assembleia é a *actio litúrgica* primordial” BOSELLI, G. *O sentido espiritual da Liturgia*, p. 103.

<sup>409</sup> “É necessário reconhecer que a Igreja não se reúne por vontade humana, mas sim convocada por Deus no Espírito Santo, e responde pela fé ao seu chamado gratuito” RS 42.

<sup>410</sup> VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*, p. 185.

<sup>411</sup> LG 1.

A sacramentalidade da assembleia litúrgica deriva de sua qualidade de “convocada”. É esta a sua condição existencial e sua emanção comunicativa mais autêntica. A reunião celebrativa cristã não nasce circunscrita a necessidades de socialização que, embora não contenham em si nada de depreciativo e pertençam ao núcleo das realidades humanas, são, de qualquer maneira, segunda em relação à ontologia.<sup>412</sup>

A celebração do mistério pascal de Cristo é realizada “na força do Espírito” quando a comunidade se reúne. Para levar a efeito a reunião pascal, o documento litúrgico indica três elementos basilares: leitura da Escritura, celebração da eucaristia e ação de graças. Esse tripé da assembleia tem sua realização fundamental no dia do Senhor e “nesse dia, os fiéis devem se reunir para ouvir a Palavra de Deus e participar da eucaristia, dando graças a Deus”<sup>413</sup>.

A reunião cristã, prefigurada na assembleia do Sinai e decorrentes<sup>414</sup>, realizada e ampliada no ministério público-reunidor de Jesus, foi impulsionada em Pentecostes e permanece na Igreja, atualizada pelo Espírito, até a sua consumação. Ela assinala a identidade eclesial da Igreja, pois a expressa, a visibiliza e a constitui, sobretudo, quando celebra a Eucaristia. Nela, o corpo de Cristo é constituído pelos sinais que a acompanham e manifestam. Desse modo, a realidade da salvação acontece na história da humanidade para redimir a todos.

A celebração litúrgica, na virtude do Espírito, é um acontecimento sempre novo pelo seu caráter epiclético e é o lugar do Espírito, fonte de vida e de santificação por excelência. [...] A missão vivificadora do Espírito na Igreja aparece em especial nas celebrações litúrgicas, quando cada assembleia cristã manifesta e realiza o mistério da Igreja universal, sobretudo na ação eucarística.<sup>415</sup>

Na celebração litúrgica, a assembleia se encontra com o Ressuscitado que está “presente por sua palavra, pois é ele quem fala quando se lê a Escritura da Igreja”<sup>416</sup>. Como nas demais presenças, essa que se refere à Palavra de Deus tem no Espírito Santo sua garantia e perene atualização. O impulso dado pelo Concílio, tanto na

<sup>412</sup> COLA, G. O sacramento-assembleia, p. 121.

<sup>413</sup> SC 106.

<sup>414</sup> “Desta maneira, a ‘Igreja de Deus’ no At, reunida pela primeira vez no Sinai, depois no deserto em torno da tenda da reunião e portanto idealmente (no que se refere à sua totalidade) em torno do templo feito por mão de homem em Jerusalém, constituiu a comunidade cultural convocada [...]. Esta comunidade não é somente localizada, mas é também temporalizada: com efeito, fala-se repetidas vezes de ‘dia da Igreja’, para indicar a assembleia do Sinai (Dt 9,10;18,16)” MARSILI, S. A liturgia, momento histórico da salvação, p. 134.

<sup>415</sup> FERNANDEZ, P. Um culto em Espírito e em Verdade, p. 262-263.

<sup>416</sup> SC 7.

*Sacrosanctum Concilium*<sup>417</sup> quanto na *Dei Verbum*<sup>418</sup>, fez com que a Igreja preparasse a mesa da Palavra de Deus com mais abundância.<sup>419</sup> Para levar a cabo tal missão, a Igreja publicou o documento *Ordo Lectionum Missae*<sup>420</sup> (OLM) a fim de orientar de um modo geral a celebração litúrgica da Palavra de Deus e especificamente na celebração eucarística. Sobre a dimensão pneumática, o documento destaca amplamente o papel do Espírito Santo como o protagonista, causa vital e eficiente da Palavra de Deus proclamada na assembleia<sup>421</sup>.

O protagonismo do Espírito Santo faz com que a Escritura Sagrada se torne, no culto assembleal, ‘Palavra da Salvação’ para a vida cristã. Assim, a história da salvação pela Palavra proclamada é plenamente tornada realidade na história dos homens. A proclamação da Palavra possui uma força transformadora porque “foi sob o impulso do Espírito Santo que pessoas humanas falaram da parte de Deus”<sup>422</sup>. Na assembleia litúrgica, o “Espírito faz ressoar em nós, de modo que a Palavra ouvida comprometa profundamente a nossa vida”<sup>423</sup>.

[...] O Espírito, que faz ouvir nas palavras a Palavra de Deus, faz comungar com a Páscoa de Cristo nos sinais que a figuram. [...] A presença e a ação do Espírito assumem por vezes formas espetaculares [...]. Geralmente o Espírito é sussurro interior, e mesmo silêncio. É o Verbo que é a expressão; quanto ao Espírito, ele é a inspiração. Este sopro vem, aliás, do Pai. Por isso, conjuntamente com o Verbo-Filho,

<sup>417</sup> Recomendou-se o apreço pela Escritura que deve ser considerada como fonte e decisão para hinos, pregação, sinais e eucologias da liturgia; e que juntamente com a Eucaristia, formam um único ato cúltico. SC 24. 35. 51.56. 92.

<sup>418</sup> “A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da Palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo. Sempre as considerou, e continua a considerar, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus, e exaradas por escrito duma vez para sempre, continuam a dar-nos imutavelmente a Palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos Apóstolos. É preciso, pois, que toda a pregação eclesial, assim como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura” DV 21.

<sup>419</sup> SC 51.

<sup>420</sup> Elenco das Leituras da Missa.

<sup>421</sup> “A eficácia salvadora da Palavra de Deus, tanto na celebração quanto na vida, é atribuída continuamente no OLM à atividade protagonizada pelo Espírito. Por ele se torna realidade a história da salvação que a palavra proclama. É ele quem abre o coração de todos para a força salvadora que ela tem (At 6,7; PO 4), trazendo para sua memória o proclamado nas leituras. Afirma-se que o Espírito inspirou os livros sagrados (OLM 2), que ele atua internamente em cada fiel (OLM 3), que por seu poder a Palavra na Liturgia se faz viva e eficaz (OLM 4), que é ele quem dá eficácia à resposta dos fiéis (OLM 6), que é ele quem congrega a Igreja na celebração litúrgica (OLM 7) e faz de todos, pelo dom da Confirmação, mensageiros da palavra (OLM 7), se são dóceis a ele (OLM 12); o diálogo entre fiéis e Deus se faz com sua ajuda (OLM 28); a palavra, na celebração, se converte por ele no sacramento (OLM 41) e ilumina assim os fiéis (OLM 47). Podemos dizer que há uma atitude ‘epiclética’ não apenas na Oração eucarística, mas também na celebração da palavra” ALDAZÁBAL, J. A mesa da Palavra I, p. 24.

<sup>422</sup> 2Pd 1,21

<sup>423</sup> DD 41.



o Espírito traz o alhures, o estar junto do Pai. A santa liturgia é um lugar de “vida eterna”.<sup>424</sup>

Na hermenêutica da continuidade, o Papa Bento XVI promulgou<sup>425</sup> a Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (VD) sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. A exortação atualiza com maturada reflexão a proposta teológica do Concílio e do OLM. No âmbito litúrgico-pneumático, o documento apresentou a perenidade ativa do Espírito Santo na Palavra de Deus em toda a história da salvação. Mostrou ainda que, somente na potência do Espírito, a Palavra divina é capaz de produzir efeito, tornando-a atual e suscitando resposta no coração de todos os que a ouvem na assembleia<sup>426</sup> e nos sacramentos celebrados<sup>427</sup>.

Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai de minha boca: ela não volta a mim sem efeito; sem ter cumprido o que eu quis, realizando o objetivo de sua missão.<sup>428</sup>

No documento, o Papa ensina que “não é possível uma compreensão autêntica da revelação cristã fora da ação do Paráclito. Isto deve-se ao fato de a comunicação que Deus faz de Si mesmo implicar sempre a relação entre o Filho e o Espírito Santo”<sup>429</sup>. Do mesmo modo, é preciso acolher o Espírito Santo para que o propósito real que a Palavra proclamada quis comunicar se realize no “hoje” da Igreja-assembleia em cada pessoa que a ouve.

O mesmo Espírito, que atua na encarnação do Verbo no seio da Virgem Maria, guia Jesus ao longo de sua missão e é prometido aos discípulos. O mesmo Espírito que falou por meio dos profetas, sustenta e inspira a Igreja no dever de anunciar a Palavra de Deus [...]. Tal como a Palavra de Deus vem até nós no corpo de Cristo, no corpo eucarístico e no corpo das Escrituras por meio do Espírito Santo, assim também só pode ser acolhida e compreendida verdadeiramente graças ao mesmo Espírito.<sup>430</sup>

<sup>424</sup> CONGAR, Y. Palavra e Espírito, p. 51-52.

<sup>425</sup> Em 30 de Setembro de 2010, quando a *Dei Verbum* completava 45 anos de publicação.

<sup>426</sup> VD 52.

<sup>427</sup> “Na relação entre Palavra e gesto sacramental, mostra-se de forma litúrgica o agir próprio de Deus na história, por meio do caráter performativo da Palavra. Com efeito, na história da salvação, não há separação entre o que Deus *diz e faz*; a sua própria Palavra apresenta-se como viva e eficaz (Hb 4, 12), como aliás indica o significado do termo hebraico *dabar*. Do mesmo modo, na ação litúrgica, vemo-nos colocados diante da sua Palavra que realiza aquilo que diz. Quando se educa o Povo de Deus para descobrir o carácter performativo da Palavra de Deus na liturgia, ajudamo-lo também a perceber o agir de Deus na história da salvação e na vida pessoal de cada um dos seus membros” VD 53.

<sup>428</sup> Is 55,10-11.

<sup>429</sup> VD 15.

<sup>430</sup> VD 15.16.

Tendo fecundado a Escritura para que se torne Palavra divina, a “força do Espírito” encontra-se sobremaneira presente na Eucaristia celebrada.<sup>431</sup> Será no poder do Espírito que as espécies eucarísticas são presentificadas<sup>432</sup> e a unidade do Corpo místico de Cristo estabelecida e compreendida pela da presença dos fiéis naquela celebração. Em vista disso a Eucaristia torna-se a razão de ser da assembleia litúrgica,<sup>433</sup> sendo, portanto, sua exigência interna. Nela, a comunhão com Deus e com os irmãos alcança sua melhor fonte, ápice, expressão e visibilidade,<sup>434</sup> sobretudo no dia em que toda a comunidade é convocada para celebrar a ressurreição do Senhor.<sup>435</sup>

[...] é em virtude da ação do Espírito que o próprio Cristo continua presente e ativo na sua Igreja, a partir do seu centro vital que é a Eucaristia. [...] e para que a comunidade inteira se torne cada vez mais corpo de Cristo. O Espírito, [...] é o mesmo que reúne os fiéis ‘num só corpo’, tornando-os uma oferta espiritual agradável ao Pai.<sup>436</sup>

A Igreja invoca o Espírito Santo na ação litúrgica para a deificação e porque a capacidade humana é incapaz de executar atos que são da competência de Deus.<sup>437</sup> Assim, “santificador em sua essência, o Espírito Santo revela-se como princípio

<sup>431</sup> “Como num prelúdio, o Espírito Santo abre-nos primeiramente, para a liturgia a celebrar. Depois, num primeiro movimento, o da liturgia da Palavra, manifesta-nos o Senhor que vem. Num segundo movimento, o da anáfora, realiza para nós a Páscoa de Cristo. Essa transformação completa-se, num terceiro movimento, na Comunhão do Corpo de Cristo. Então, num acorde final onde tudo começa, abre-nos para a liturgia viver” CORBON, J. A fonte da Liturgia, p. 111; MAQUEDA, A. L. Espírito Santo e Liturgia, p. 58.

<sup>432</sup> SC 7.

<sup>433</sup> SCa 14-15.

<sup>434</sup> “O sacramento exprime esse vínculo de comunhão [...] que em Cristo, pela ação do Espírito Santo, nos une ao Pai e entre nós [...] A relação íntima entre os elementos invisíveis e os elementos visíveis da comunhão eclesial é constitutiva da Igreja como sacramento de salvação. Somente neste contexto, tem lugar a celebração legítima da eucaristia e sua autêntica participação nela. Por isso, uma exigência intrínseca da Eucaristia é que seja celebrada na comunhão e, concretamente, na integridade de seus vínculos” JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*, p. 48-49.

<sup>435</sup> “Por esta ligação vital com o sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor, o mistério da Igreja é anunciado, saboreado e vivido de modo supremo na Eucaristia. A dimensão eclesial intrínseca da Eucaristia realiza-se todas as vezes que é celebrada. Mas com maior razão exprime-se no dia em que toda a comunidade é convocada para relembrar a ressurreição do Senhor” DD 32.

<sup>436</sup> SCa 112-13.

<sup>437</sup> SCHÖKEL, L. A. *Meditações bíblicas sobre a Eucaristia*, p. 65. A Escritura nos informa no Antigo Testamento que o povo eleito, temente a Deus, invocavam-no pedindo o Espírito Santo para seus empreendimentos pessoais ou comunitários em Israel: Moisés (Ex 10,30; 31,1-11); Ana (1Sm 1,15); Saul (1Sm 11,6); Eliseu (2Rs 9,15-16); Davi (Sl 51,9); Salomão (1Rs 3; 2Cr 1; 2Cr 6,3-42; 7,1-3), o profeta Ezequiel (Ez 37,10) e nos salmos (Sl 104, 30). No Novo Testamento, Jesus ensinou a pedir o Espírito (Lc 11,13; Jo 7, 37-39). Abundantes passagens nas literaturas subsequentes ao Evangelho e a partir de Pentecostes mencionam a Igreja “repleta da consolação do Espírito Santo” (At 9,31) invocando-o sempre sobre suas necessidades prementes. Segundo F. Taborda as “palavras pronunciadas por Cristo na última ceia [...] eram repetidas no contexto de uma *toda*, ou seja: de uma oração de aliança, na qual constava como elemento essencial a invocação do Espírito Santo” TABORDA, F. *O memorial da Páscoa do Senhor*, p. 288-289.

ativo de qualquer operação divina”<sup>438</sup>. Essa invocação recebe o nome de ‘epiclese’.<sup>439</sup> Ela é o “cerne de cada celebração sacramental”<sup>440</sup> porque é “a oração para a o efeito pleno da comunhão da assembleia com o mistério de Cristo”<sup>441</sup>. Na Eucaristia, o Espírito é invocado sobre os dons (pão e vinho) e sobre toda a assembleia para a transformação e para a comunhão. Segundo J. Libânio, “à invocação do Espírito Santo que empenha o poder divino para que opere a transubstanciação, segue a narrativa da instituição, com a qual forma a unidade em vista da transubstanciação. Esta está ordenada [...] à assembleia cultural reunida”<sup>442</sup>.

Na transubstanciação dos dons, a invocação do Espírito é acompanhada das palavras da narrativa da instituição. Como vimos, Palavra e Espírito possuem uma sinergia<sup>443</sup>. Na consagração do pão e do vinho, o Espírito Santo é invocado como “força operativa” para que unido às palavras operativas da instituição torne eficaz, real e verdadeiro o Corpo e Sangue de Cristo<sup>444</sup>. Desse modo, “palavras da instituição e invocação do Espírito, juntas, operam o prodígio”<sup>445</sup>.

Sobre a assembleia, o Espírito é invocado para que se torne presente (paráclese) a fim de que opere nela a transformação e a insira na comunhão divina para “retornar ao Pai em Cristo (anáclese) com tudo o que o Sagrado Pneuma provocou na cotidianidade da pessoa”<sup>446</sup>. Com isso, “quando o Espírito é implorado [...], Ele desce, penetra este ícone desfigurado e transfigura-o na comunhão de Cristo”<sup>447</sup>. Segundo A. M. Triacca, “o Espírito transfigurante é o princípio da

<sup>438</sup> EVDOKIMOV, P. O Espírito Santo na tradição ortodoxa, p. 99. Nesta temática, é importante destacar a antiga discussão que há entre orientais (gregos) e ocidentais (latinos) sobre o momento exato da consagração ou transformação dos dons. Para os ocidentais a consagração acontece no momento em que se pronunciam as palavras de Cristo sobre as espécies eucarísticas na narrativa da instituição. Os orientais compreendem este momento durante a epiclese quando se invoca o Pai para que envie o Espírito para a consagração do pão e do vinho. Contudo, diante deste impasse, e já apresentado, recorreremos à analogia de Santo Irineu que referenciou o Filho e o Espírito como as mãos do Pai que modelou o homem sob seus dons para obter o Espírito e ter íntima união com Deus.

<sup>439</sup> Substantivo grego oriundo do verbo *epi-kaleo*, que significa chamar, invocar sobre.

<sup>440</sup> CEC 1106.

<sup>441</sup> CEC 1109.

<sup>442</sup> LIBÂNIO, J. B. Como saborear a celebração Eucarística?, p. 101.

<sup>443</sup> Os termos *dabar* e *ruah* indicam ação vivificante.

<sup>444</sup> GIRAUDO, C. Num só corpo, p. 527-546. “A tradição oriental mantém unidos os dois aspectos do pedido; a tradição romana, ao contrário, coloca-os antes e depois da narrativa da instituição: como quer que seja, em qualquer Oração eucarística é o Espírito Santo que age, santifica, transforma” COMISSÃO LITÚRGICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. Vinde Espírito Santo, p. 25.

<sup>445</sup> CANTALAMESSA, R. Isto é o meu Corpo, p. 40.

<sup>446</sup> TRIACCA, A. M. Espírito Santo, p. 378. “Esta descida do céu sobre a terra, que torna possível a subida (anáfora) da terra ao céu, enche a terra de luz, graça e alegria, e faz da liturgia uma festa, uma celebração, da qual os fiéis retornam ao mundo plenamente felizes e cheios de graça” ZIZIOULAS, I. A criação como Eucaristia, p. 94.

<sup>447</sup> CORBON, J. A fonte da Liturgia, p. 181.

transformação que os fiéis assumem cada vez mais em razão do rosto de Cristo transfigurado, transfigurante e transformador”<sup>448</sup>.

A epiclese é essa ação do Espírito na celebração sacramental. Nela, a invocação do Espírito sobre os dons é inseparável de sua invocação sobre os fiéis: aliás, a transformação dos dons está em função da transformação dos fiéis. É nos sacramentos que a intervenção do Espírito Santo opera a nossa conformação ao Verbo encarnado e nos põe na condição de verdadeiros “filhos” (“filhos no Filho” como proclama Santo Agostinho), permitindo que possamos nos dirigir a Deus chamando-o *Abbá*, “Pai”.<sup>449</sup>

A constituição *Sacrosanctum Concilium* assinala que a obra da salvação continua na Igreja porque Cristo, na força do Espírito, está presente nas atividades litúrgicas. Dentre elas, merece consideração “quando a Igreja ora e salmodia”<sup>450</sup>, pois foi desse modo que Cristo prometeu estar no meio dos seus que se reunissem em seu nome.<sup>451</sup> Na assembleia, a oração é essencialmente trinitária<sup>452</sup> e sua dinâmica é pneumatológica. Ao lado da Palavra e da Eucaristia, ela é o terceiro elemento constitutivo da celebração do mistério pascal de Cristo na Igreja porque é por ela e no Espírito que a Igreja também dá graças a Deus.<sup>453</sup>

O Espírito é o vínculo da comunhão entre os orantes e o artífice da oração unânime. Nos indivíduos e na comunidade, como em um templo, o Espírito suplica, louva e intercede; por nossa vez, nós pedimos ao Espírito o dom escatológico supremo [...] Ele purifica e interpreta a nossa oração e nos torna capazes daquela coerência filial que é condição da invocação a Deus; toda manifestação orante autêntica, individual ou comunitária é fruto do Espírito. É Ele, enfim, que leva a Igreja à profundidade teologal mais pura na oração e à fidelidade no cumprimento da vontade do Pai.<sup>454</sup>

<sup>448</sup> TRIACCA, A. M. *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita dela Chiesa*, p. 148. (tradução nossa).

<sup>449</sup> ROCCHETA, C. Os sacramentos da fé, p. 183-184.

<sup>450</sup> SC 7. Outras traduções compreenderam o ‘canto’ no lugar da salmodia. Nesta pesquisa optamos pela salmodia cuja razão será explicitada mais adiante.

<sup>451</sup> Mt 18,20.

<sup>452</sup> A III Conferência Latino-americana em Puebla explicitou no número 917 a Trindade econômica na história: “O Pai pelo Filho no Espírito santifica a Igreja e, por ela, o mundo; mundo e Igreja, por sua vez, por Cristo e no Espírito, dão glória ao Pai” CELAM. Conclusões da Conferência de Puebla, p. 286. Assim, a Trindade nos possibilita a liturgia que celebramos e nos capacita a oferecer o perfeito louvor ao Pai, cuja glória é a origem e o fim de toda a liturgia e de todas as coisas. A obra de Cristo é a expressão concreta do convite feito ao homem (e ao mundo) para que, mediante a potência do Espírito Santo, se una, no *laudis canticum* entoado no céu<sup>452</sup> ao Pai de amor e adoração.

<sup>453</sup> SC 6.

<sup>454</sup> CASTELLANO, J. Oração e liturgia, p. 819. “Quando a Esposa de Cristo, divinamente plena do Espírito Santo ora em união com seu Chefe e seu Esposo, sua oração não é a oração deste ou daquele indivíduo, de um ou de outro grupo de pessoas isoladas, mas é a oração que procede do Espírito de Deus, a oração da verdade mais objetiva. É, ao mesmo tempo, a oração que reúne em comunhão todos os membros do Cristo místico. Partir de agora, vemos que, longe de negar e de impedir a oração pessoa litúrgica, ela exige uma participação pessoal real e íntima, viva e ativa. CASEL, O. O mistério do culto no cristianismo, p. 101.

Na oração, a Igreja reunida e cada batizado fazem memória dos mistérios de Cristo, e por isso, se tornam contemporâneos do evento celebrado. Isso é possível graças à presença ativa e operante do Espírito<sup>455</sup> que age na memória<sup>456</sup>, gera a vida, triunfa sobre a divisão criando comunhão. Com isso, faz com que toda a celebração litúrgica se torne uma ímpar e irrepetível experiência da páscoa do Senhor porque a Água prometida por Jesus (o Espírito Santo) sacia a sede, jorra para a vida eterna<sup>457</sup> e hoje irriga a *Ecclesia orans* para a sua salvação.

O Espírito Santo, que está em Cristo, em toda a Igreja e em cada um dos batizados, é quem realiza a unidade da Igreja orante. O mesmo “Espírito vem em socorro de nossa fraqueza” e “intercede em nosso favor com gemidos inefáveis (Rm 8,26). Com o Espírito do Filho, ele infunde em nós, “o espírito de adoção filial, no qual clamamos: Abba, Pai” (Rm 8,15; Gl 4,6; 1 Cor 12,3; Ef 5,18; Jd 20). Por conseguinte não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo, que unifica a Igreja inteira, levando-a pelo Filho ao Pai<sup>458</sup>.

Nesse aspecto da oração, a salmodia é identificada como presença de Cristo que é o orante nos salmos.<sup>459</sup> Sendo o coração da Liturgia das Horas e a inspiração de hinos e cânticos, a salmodia é a oração de Israel que Cristo utilizava no diálogo com o Pai. Após a ressurreição, tal literatura sagrada adquire um sentido que a plenifica, pois o próprio Cristo os declara como elemento real de sua identidade, consciência e missão salvífica.<sup>460</sup> Tendo sua origem na inspiração do Espírito Santo e, em razão disso, os salmos elevam a mente humana até Deus despertando assim a piedade, os bons afetos, a gratidão nos êxitos e “o consolo e fortaleza de ânimo”<sup>461</sup> no contraditório. Não somente nos salmos, mas “o Espírito Santo sob cuja inspiração os salmistas cantam, assiste sempre com sua graça aqueles que de boa vontade, salmodiando com fé, proferem esses poemas”<sup>462</sup>. Pelos salmos, a Igreja é a voz do Espírito e como “esposa de Cristo, animada pelo *Pneûma* da Ressurreição,

<sup>455</sup> “A economia do Espírito e sua manifestação na liturgia não significam dissociação em relação à economia de Cristo, mas até assinalam continuidade, aperfeiçoamento e consumação desta. E, ao mesmo tempo, a economia do Espírito é a economia do Pai que envia o Espírito, escutando a epiclese permanente do Filho Jesus Cristo (Jo 14,15) na invocação da Igreja. Por outro lado, a ação do Espírito na liturgia glorifica o Filho Jesus Cristo (Jo 16,14; 17,10) e, por seu intermédio, o Pai é outrossim glorificado (Jo 17,1.4)” MARTÍN, J. L. Liturgia, p. 523.

<sup>456</sup> Jo 14,26.

<sup>457</sup> Jo 4,14.

<sup>458</sup> IGLH 8.

<sup>459</sup> IGLH 3-4.

<sup>460</sup> Lc 24,44.

<sup>461</sup> IGLH 100.

<sup>462</sup> IGLH 102.

canta sem cessar a ação de graças em resposta ao *Ágape*, amor benevolente e totalmente gratuito do Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo”<sup>463</sup>.

O Espírito não cessa de renovar a Igreja convidando-a a ter “os mesmos sentimentos de Cristo” (Fl 2,5) e tornando-a um único corpo. Ela, por sua vez, celebra com os lábios e com coração o louvor que Cristo realizava constantemente em sua existência. Fecundada e conduzida pelo *Pneûma* (a Igreja) “se autoexperimenta como corpo orante e comunidade de louvor e, configurada ao *Kýrios* torna-se participante com Ele da única oração que sobe ao Pai”<sup>464</sup>. Assim, a Igreja revela-se, em sua identidade, missão e progride à sua consumação final.

O próprio Espírito, que inspirou os salmistas, continua a ajudar os que se servem dos salmos na oração, de modo que eles se sintam imersos na história da salvação em processo contínuo de realização. Rezar os salmos para o cristão, supõe que ele saiba recitá-lo unido a toda a Igreja, com Cristo e em Cristo.<sup>465</sup>

A Liturgia das Horas realiza o culto de louvor quando consagra a Deus cada parte do tempo rendendo-lhe glória pelo louvor e pela súplica<sup>466</sup>. Essa glória tributada a Deus refere-se a todos os fatos da economia salvífica: a aliança e sua renovação, a libertação, a experiência orgânica e gratuita da presença divina, a necessidade humana de glorificar e tudo mais que o Amor divino realiza para a redenção dos homens.

O Espírito que no seio da Trindade leva à plenitude o Deus amor consoma também o obra salvadora que, realizada por Cristo de uma vez para sempre por iniciativa do Pai, é efetivada constantemente nos homens, até o momento final da história, pelo Espírito Santo. O Espírito Santo fecha e arredonda assim o círculo do ser de Deus como amor, uma palavra que se pode resumir tudo o que constituiu a vida divina.<sup>467</sup>

Ao afirmar que a liturgia “contribui decisivamente para que os fiéis expressem em sua vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a natureza

<sup>463</sup> REYNAL, D. D. Teologia da Liturgia das Horas, p. 30-31.

<sup>464</sup> RIBEIRO SANTANA, L. F. O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã, p. 104.

<sup>465</sup> TARRUEL, J. G. Salmos, p. 1095. 1095-1109

<sup>466</sup> MATOS, H. C. J. Liturgia das Horas e Vida Consagrada, p. 44. Continua o autor: “Dar glória a Deus significa reconhecer e aclamar a grandeza e a bondade de Deus descobertas na revelação salvífica. O saltério em hebraico é chamado “tehillim”, que significa hino de louvor, loa, bênção, tendo esse livro bíblico como finalidade derradeira a glorificação de Deus. E este Deus, Jesus no-lo revelou como uno e trino. Pelo batismo, fomos, de fato, incorporados em Cristo e, mediante seu Espírito, podemos nos comunicar com o Pai, no louvor e na súplica”.

<sup>467</sup> LADARIA, L. F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 341. “O resgate de uma teologia trinitária que valorize uma cristologia prene da historicidade do Cristo da fé e uma pneumatologia que move o ser humano e a comunidade eclesial para a transformação da história se tornam, pois imprescindíveis” BINGEMER, M. C. Crer e dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo, p. 198.

genuína da Igreja”<sup>468</sup>, quis o Concílio que a comunhão com Deus e os irmãos fosse plena. Isso se torna possível graças à efusão que o Espírito Santo realiza quando a Igreja se reúne para celebrar o mistério pascal.

O Espírito Santo, realizador do acontecimento Cristo (cf. Mt 1,18; Lc 1,35) e do mistério pascal (cf. Hb 9,14), é também o que realiza nos homens a adoção filial pela qual nos tornamos filhos de Deus (cf. Rm 8, 15; Gl 4, 5-7). Os homens são salvos ao serem introduzidos na corrente do amor divino que os faz filhos de Deus e herdeiros com Cristo. Essa é a missão da Igreja na [...] história da salvação.<sup>469</sup>

Sendo a liturgia fonte e meta da Igreja, todos os batizados, os que tem fé e toda a atividade eclesial se encontram na assembleia litúrgica. Ela é a expressão orgânica da vida eclesial, pois o louvor a Deus e a participação no mistério da Eucaristia e da Palavra identificam o motivo pelo qual há a reunião. Na assembleia, renova-se e aprofunda-se a aliança divina, efetua-se uma real experiência de amor em Cristo e a graça é derramada para santificar os fiéis que por sua vez, glorificam a Deus.<sup>470</sup>

A liturgia cristã não somente recorda os acontecimentos que nos salvaram, como também os atualiza, tornando-os presentes. O mistério pascal de Cristo é celebrado, não é repetido; o que se repete são as celebrações; em cada uma delas sobrevém uma efusão do Espírito Santo que atualiza o único mistério.<sup>471</sup>

O mistério pascal de Cristo celebrado em cada liturgia é sempre novo e irrepetível. Diante disso e para que cada celebração atinja sua finalidade, a Igreja insiste na participação ativa, consciente e plena. Essa é característica fundamental da assembleia litúrgica. Oriunda do batismo e da reivindicação da liturgia eclesial, a participação é o meio pelo qual a comunidade reunida no Espírito Santo é inserida na comunhão da vida divina.<sup>472</sup> Ao participar da liturgia, o fiel e toda a comunidade orienta-se a Deus de forma concreta por meio de cantos e orações, visibilizando assim que, como povo convocado e reunido, são um só coração e uma só alma. Devido a presença de Cristo e do Espírito na celebração, a participação ativa, consciente e plena será sempre original porque

é sempre uma realidade nova e que torna novos os fiéis, tem necessidade de se renovar e de reagir a todo e qualquer tipo de rotina ou padronização. [Assim] tudo se consegue à medida que cada fiel participa da celebração em “sintonia” com o

<sup>468</sup> SC 2.

<sup>469</sup> MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 80.

<sup>470</sup> SC 10.

<sup>471</sup> CEC 1104.

<sup>472</sup> SC 14.

Espírito Santo. De fato, na ação litúrgica significa “ponto de inserção” entre o mistério e a vida em virtude da presença e da ação do Espírito.<sup>473</sup>

A participação ativa revela o caráter comunitário da assembleia litúrgica em preferência ao privado ou individual. Essa índole expressa que as celebrações não são restritas porque a Igreja, sendo una, é chamada a expressar sua característica essencial. Sendo, então, a liturgia o âmago da vida eclesial, as suas celebrações “são ações de todo o corpo da Igreja, que lhe dizem respeito e o manifestam, interessando a cada um dos membros de maneira diversa, segundo a variedade de ordens, das funções e da participação efetiva”<sup>474</sup>.

A unidade da Igreja se torna visível na celebração litúrgica, sobretudo quando é presidida pelo bispo<sup>475</sup>. Ele reúne todo o rebanho (fiéis, ministros e presbíteros) em uma única assembleia. Nela, a participação ativa, como bem salienta a constituição litúrgica, alcança sua manifestação mais notável.<sup>476</sup> Contudo, sendo impossível a sua presidência em todos os locais, as comunidades devem ser constituídas, principalmente na vida paroquial sob a condução de um presbítero que, em nome do bispo, o representa. Essas comunidades, em estrita unidade com seus ministros visibilizam a Igreja como um todo mormente quando celebram a Eucaristia dominical

O Domingo, que rememora o dia da *Ekklesía*<sup>477</sup>, é o primeiro dia da semana em que a comunidade se reúne para celebrar o mistério pascal. Por isso, é o dia da assembleia e que comporta em si uma dimensão sacramental<sup>478</sup>. A Igreja, em seu mistério, comunhão, unidade e universalidade, se realiza de forma concreta. Em

<sup>473</sup> TRIACCA, A. M. Participação, p. 898.

<sup>474</sup> SC 26-27.

<sup>475</sup> “Os bispos, pois, com seus auxiliares presbíteros e diáconos, recebem o encargo de servir a comunidade, presidindo no lugar de Deus ao rebanho do qual são pastores, como mestres da doutrina, sacerdotes do culto sagrado, ministros [...] Os bispos, por instituição divina, sucederam aos Apóstolos, como pastores da Igreja, e quem os ouve a Cristo, mas quem os despreza a Cristo e Aquele a quem Cristo enviou (Lc 10,16)” LG 20. Ulteriores aprofundamentos: LG 26; CD 15.

<sup>476</sup> SC 41.

<sup>477</sup> Dt 4,10.

<sup>478</sup> L. Brandolini se serve de uma expressão de S. Agostinho (*sacramentum paschae*) para indicar que esta dimensão sacramental é orgânica porque a presença do Ressuscitado é efetiva. Mas só se tornará real no coração da assembleia se houver acolhimento na fé. Essa é a condição para a comunhão divina e fraterna e o entendimento da novidade que se descortina a partir da fé na Ressurreição. Segundo o autor, a reunião, a palavra e a eucaristia encontram seu significado na páscoa de Cristo e por isso, estão dispostos um ao outro de forma natural. Porém, será na eucaristia, considerada o vértice, que juntamente com os outros dois elementos atingirão a plenitude e consumação em sua realização. Estes elementos encontram-se indicados no capítulo cinco da *Sacrosanctum Concilium* quando trata da centralidade do domingo no ano litúrgico. BRANDOLINI, L. Domingo, p. 311.314.



torno da Eucaristia e da Palavra de Deus, a assembleia é instruída e alimentada para renovar a fé, reafirmar a identidade eclesial e prosseguir na missão conforme o Espírito Santo impeliu naqueles domingos da Páscoa e de Pentecostes.

O Pentecostes não é só um acontecimento das origens, mas um mistério que anima perenemente a Igreja. Se tal acontecimento tem o seu tempo litúrgico forte na celebração anual com que se encerra o “grande domingo”, ele permanece também inscrito, precisamente pela sua íntima ligação com o mistério pascal, no sentido profundo de cada domingo.<sup>479</sup>

Nesse dia também efetua-se um dado significativo e que só é compreendido à luz do Espírito. A assembleia dominical, como realidade sacramental da páscoa do Senhor, será sempre um fato novo. Pelo Espírito que a torna vital, ela realiza uma páscoa (ou passagem) na existência de cada membro e da comunidade em si para a vida nova na condição de ressuscitados. Assim como Cristo estabeleceu com sua morte, essa páscoa consiste na transposição integral da situação de separação (ocasionada pelo pecado) para a comunhão todas as vezes que estão reunidos e celebram o mistério pascal.<sup>480</sup>

O domingo [...] é também o dia em que expressa mais claramente a identidade da própria assembleia, a comunidade reunida em torno do Senhor e movida por seu Espírito. [...] A assembleia dominical nos vai educando para uma consciência mais viva de Igreja, para um sentido mais profundo de pertença, para um compromisso de construção da comunidade, que não é realidade já conquistada, mas processo de amadurecimento a partir da convocação de Jesus Cristo e da animação do Espírito.<sup>481</sup>

O dia da assembleia comporta em si a dimensão escatológica. Peregrinando de domingo a domingo, entre perseguições e consolações, a assembleia se encaminha para o último domingo, o oitavo dia inaugurado por Cristo. Tornada esposa do Cordeiro, a Igreja-assembleia se une ao Espírito para clamar “Vem, Senhor Jesus”<sup>482</sup> em todas as celebrações.

Mas nós, Igreja, vivemos em nosso presente histórico, em um mundo tão injusto e inteiramente sobrecarregado de velhice; temos a impressão de imensos espaços vazios que somente a presença de Cristo poderá preencher. Também na esfera pessoa, a assembleia eclesial sabe que ama o Cristo, mas descobre que se acha ainda

<sup>479</sup> DD 28. O Papa salienta que, à luz do prolongamento da experiência pascal durante a semana, o Pentecostes acontece do mesmo modo. Isso quer dizer que os cristãos ao terem uma experiência de encontro com o Ressuscitado são igualmente vivificados pelo sopro divino do Espírito tal como aconteceu com os Apóstolos naquele ‘primeiro dia da semana’.

<sup>480</sup> “[...] passagem da dispersão-divisão, operada pelo pecado, para a comunhão com Deus e com os irmãos. E isto é o resultado da ação misericordiosa de Deus, e exige dos convocados docilidade à ação do Espírito e, portanto, atitude de conversão contínua. Por isso, toda assembleia dominical deve sempre incluir gestos concretos de perdão e de reconciliação” BRANDOLINI, L. Domingo, p. 314.

<sup>481</sup> ALDAZÁBAL, J. Domingo, o dia do Senhor, p. 82.

<sup>482</sup> Ap 22,17

no meio do caminho; gostaria de amá-lo mais e melhor; ela deseja, quer e neste anseio de amor sente-se animada e levado pelo Espírito de Cristo: “O Espírito e a Esposa dizem: ‘Vem!’” (Ap 22, 17). A invocação pressionante deve ser repetida ao infinito, pois é a atitude de quem conseguiu ouvir a voz do Espírito.<sup>483</sup>

Antegozando a liturgia celeste<sup>484</sup>, a assembleia antecipa e pregusta no dia do Senhor a plenitude deste mesmo dia, o “oitavo”<sup>485</sup>; e aguarda com desejosa esperança a sua consumação final quando, então, celebrará em núpcias o banquete do Cordeiro<sup>486</sup> com seu divino Esposo<sup>487</sup>. De acordo com G. M. Salvati, “é o Espírito, enfim, que faz da eucaristia antecipação da liturgia celeste e cria clima de espera ardente enquanto não chega [o dia] eterno do banquete nupcial do Cordeiro da santa Jerusalém”<sup>488</sup>.

---

<sup>483</sup> VANNI, H. Apocalipse, p. 199-200.

<sup>484</sup> SC 8.

<sup>485</sup> “O Domingo é dia cheio de sentido. Chamá-lo de ‘primeiro dia’ recorda-nos a criação e a redenção, e soa a gênese e começo. Dizer que é ‘oitavo dia’ fala de marcha rumo à escatologia e ao domingo sem fim da volta do Senhor. Mas o nome ‘dia do Senhor’ é o que nos assegura que a plenitude de sua presença já está no ‘hoje’ de nossa celebração e nossa história. A recordação do passado e profecia do futuro condensam-se na plenitude do presente, graças à presença misteriosa do Senhor entre os seus. O Domingo condensa em si mesmo toda a história da salvação no ‘hoje’ de cada semana”. ALDAZÁBAL, J. Domingo, o dia do Senhor, p.73.

<sup>486</sup> Ap 19,9. “O Espírito conduz a Igreja de Cristo, o Cordeiro de Deus, em sua comunidade nupcial com Deus, ao Pai” MÜLLER, G. L. Dogmática Católica, p. 296.

<sup>487</sup> Ap 21,2.

<sup>488</sup> SALVATI, G. M. Espírito Santo, p. 311.

### 4.3

#### A epifania dos carismas na assembleia litúrgica

A assembleia litúrgica é a manifestação visível da Igreja. Essa epifania é protagonizada pelo Espírito Santo. Com sua potência dinamizadora Ele a vivifica pela celebração do mistério pascal de Cristo. Sendo uma reunião cristã, mas não fechada em si<sup>489</sup>, a assembleia litúrgica congrega todos batizados. Nela, o Espírito sopra seus dons para que a Igreja, edificada na fé, seja uma realidade concreta e experiencial da salvação que o Ressuscitado realiza na vida dos crentes.

A assembleia é o lugar onde o Espírito Santo “dá fruto”, é a epifania de todos os dons que o Espírito faz à Igreja. Nela se reúnem todos os componentes da Igreja; ninguém pode ser excluído, porque o conjunto dos dons do Espírito existe, só e unicamente, no conjunto dos membros da comunidade.<sup>490</sup>

A comunidade cristã que se reúne para o culto é uma convocação a todos os batizados.<sup>491</sup> Segundo afirmou o Concílio, a liturgia eclesial é um direito e dever de todo o cristão que é chamado a tomar parte de forma ativa das celebrações.<sup>492</sup> Tendo

---

<sup>489</sup> “Não haja na liturgia nenhuma acepção de pessoas” SC 32. “Quando é experimentada e compreendida como obra do Espírito criador de Deus, a Igreja revela também seu caráter interior, libertador e aberto: toda a estrutura institucional da Igreja só faz sentido na dependência e em função da atuação do Espírito (LG 8). Por isso a Igreja é essencialmente uma realidade interior e [...] configura-se como [...] um edifício pneumático. E a Igreja só existe plenamente onde opera o Espírito de Deus (LG 14). Assim, a Igreja é também uma grandeza aberta, porque, em sua história, o Espírito produz eventos imprevisíveis, que não podem ser planejados ou deduzidos. Uma Igreja que se entende dessa forma, a partir do Espírito de Deus, assume uma nova abertura ecumênica, porque tem em conta a possibilidade de que o Espírito de Deus também atue em outras igrejas e comunidades. MOLINERO, M. A. A. O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia, p. 39-40. “Existe, porém, uma maneira de concretizarmos e tornarmos visível e palpável o sacramento da Igreja através da assembleia litúrgica: é conseguir que, graças a ela e dentro dela, se reúnam e reconciliem os que estavam separados ou isolados da vida. [...] A assembleia litúrgica aceita e acolhe a todos, da mesma forma com que aquele Jesus que conhecemos dos evangelhos não tinha escrúpulos em se sentar à mesma mesa com os publicanos, com as prostitutas, com os fariseus, com os violentos zelotas, e com os considerados impuros por não cumprirem as leis judaicas... Com esta atitude, Jesus se colocava visivelmente como sendo aquele sinal do reino de Deus que veio trazer o perdão, a filiação a Deus e a fraternidade a todas as pessoas de boa vontade. Estava começando, assim, a ideia fixa, envolvente e apaixonante de Jesus: instituir a eucaristia” MALDONADO, L. A ação litúrgica, p. 127-128.

<sup>490</sup> BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia, p. 117.

<sup>491</sup> “No dia do nosso batismo fomos introduzidos na comunidade cristã, que nos acolheu como dom do Espírito Santo; nós, à medida que crescemos na vida teologal e na experiência de comunhão, fomos aprendendo a alegria do ‘nós’. O cristão é uma pessoa comunitária, porque viva imagem da Santíssima Trindade: não vive mais só, pois todo aquele que está em Cristo está com todos os irmãos, mesmo que fisicamente distante. Nosso espírito vibra com o anseio de comunhão, pois percebe a urgência de encarnar na vida cotidiana o dom da vida divina e de tornar participantes dela outros irmãos” DONGHI, A. Gestos e Palavras, p. 18.

<sup>492</sup> SC 14.

renascido pela água e pelo Espírito, o neófito se torna membro do corpo de Cristo<sup>493</sup> e constituído em seu tríplice *múnus*: sacerdotal, profético e real<sup>494</sup>. Estando, pois, ungido pelo Espírito, o cristão é enviado à missão da Igreja, por força do sacramento recebido na fé professada. A missão está totalmente dependente de Cristo que sopra o seu Espírito constantemente e alimenta-a por diversos meios comuns aos cristãos, sobretudo pela “participação ativa na sagrada liturgia”<sup>495</sup>.

Como povo sacerdotal, profético e real, os fiéis gozam do direito e do dever a plena participação da vida litúrgica, ponto alto de toda a vida cristã. [...] O sacramento do Batismo imprime no fiel um poder permanente de participar da vida cultural da Igreja (LG 10.26.31). O caráter batismal é o fundamento do sacerdócio dos fiéis e o motivo teológico dessa participação ativa [...]. Como membros do corpo de Cristo, os fiéis são chamados a imitar Jesus Cristo e a se empenhar no trabalho apostólico.<sup>496</sup>

Tornado templo do Espírito<sup>497</sup> e configurado ao sacerdócio de Cristo, o batizado, independente da condição ou estado, exerce um sacerdócio comum a todos os cristãos porque foi chamado pelo Senhor a um caminho de santidade. Essa atividade “sagrada e organicamente estruturada da comunidade sacerdotal efetiva-se [sobretudo] através dos sacramentos e através do exercício das virtudes”<sup>498</sup>. Nela, os cristãos realizam oferecimento de si na Eucaristia, anunciam e testemunham a sua esperança, perseveram na oração, louvam e agradecem a Deus em comunidade e recebem os sacramentos. Isso significa dizer que os batizados no exercício do sacerdócio comum oferecem a Deus um culto total que é uma mudança integral de vida “por meio da caridade divina”<sup>499</sup> tal como foi o sacerdócio de Cristo: existencial, oferente e reconciliador.

Ser batizado, então, inaugura um estado novo na própria vida, quando o fiel incorpora-se a Cristo, adentra no seu mistério e passa a viver na ótica dessa experiência, torna-se nova criatura [...] É uma vida oferecida e alimentada no seio comunitário, onde a comunhão eclesial, principalmente pela prática dos sacramentos, fortalece e desenvolve a fé, que é movida pelo Espírito.<sup>500</sup>

<sup>493</sup> CEC 1213. “O Batismo não somente purifica de todos os pecados, mas também faz o neófito ‘uma criatura nova’, um filho adotivo de Deus que se tornou ‘participante da natureza divina’, membro de Cristo e co-herdeiro com ele, templo do Espírito Santo” CEC 1265.

<sup>494</sup> “[...] pelo batismo, Deus Pai te libertou do pecado e renascestes pela água e pelo Espírito Santo. Agora fazes parte do povo de Deus. Que ele te consagre com o óleo santo para que, inserido em Cristo, sacerdote, profeta e rei, continues no seu povo até a vida eterna” CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, p. 100.

<sup>495</sup> AA 4.

<sup>496</sup> SÃO JOÃO, A. Batismo, p. 52.

<sup>497</sup> CEC 797-798.

<sup>498</sup> LG 11.

<sup>499</sup> VANHOYE, A. *Sacerdotes antigos, sacerdote nuevo según el Nuevo Testamento*, p. 243.

<sup>500</sup> KUZMA, C. Sacerdócio comum, p. 851.

O *múnus* profético se explica pelo testemunho de fé e de caridade cristãs e pelo culto oferecido a Deus<sup>501</sup>. Cristo, na força da Palavra<sup>502</sup> continua a exercer essa missão em todos os cristãos nas mais diversas instâncias e até o fim dos tempos. Completando esse tripé da identidade batismal encontra-se o *múnus* real (ou de reger). Essa missão visa proclamar e estabelecer o Reino de Deus tal como Jesus realizou com a sua vida, mostrando que Deus está na história dos homens conduzindo-a à salvação segundo seus desígnios. Neste sentido, justifica-se a Igreja (e todos os cristãos) enquanto sacramento porque é sinal e meio de salvação e liberdade.

Por isso a prometida restauração que esperamos já começou em Cristo, é levada adiante na missão do Espírito Santo e por ele continua na Igreja, na qual pela fé somos instruídos também sobre o sentido de nossa vida temporal, enquanto com esperança dos bens futuros levamos a termo a obra entregue a nós no mundo pelo Pai e efetuamos a nossa salvação.<sup>503</sup>

A efusão do Espírito ocorrida no dia em que a pessoa é batizada “opera de múltiplas maneiras a edificação do corpo inteiro na caridade [...] pelas múltiplas graças especiais (chamadas de ‘carismas’)”<sup>504</sup> e não apenas pelos sacramentos. Na vida cristã da comunidade e de cada fiel, os carismas capacitam todo o serviço “à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo”<sup>505</sup>. Oriundos do Espírito<sup>506</sup>, os carismas são verdadeiros quando efetuam o encontro com Cristo nos sacramentos.

<sup>501</sup> LG 12.

<sup>502</sup> “A função profética pertence às várias modalidades de relação entre a comunidade dos fiéis e a palavra de Deus: sua acolhida na fé, sua vivência no amor, seu testemunho exterior, seu aprofundamento pela catequese e pela reflexão teológica, a denúncia em seu nome, o anúncio pela pregação, sua meditação na oração pessoal, sua celebração na liturgia comunitária. A pregação da palavra não foi confiada somente a alguns, mas a todos. A palavra cria e reúne constantemente a Igreja, despertando nela a fé e a obediência; e é da Igreja que a palavra deve sempre de novo sair para que ela ressoe em toda a terra. Aqueles que foram ‘chamados’ pela palavra devem não só testemunhá-la, mas pregá-la, segundo o carisma próprio a cada um. Com efeito, “todos ficaram repletos do Espírito Santo, e proclamavam com firmeza a palavra de Deus”, realizando, assim, o desejo de Moisés e as promessas dos profetas: “Oxalá todo o povo de Deus fosse profeta, dando-lhe Javé o seu Espírito!” CNBB. Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas, p. 54-55.

<sup>503</sup> LG 48.

<sup>504</sup> CEC 798. “É o Espírito Santo [...] que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai” EG 117.

<sup>505</sup> CEC 799-801; AA 3.

<sup>506</sup> “Na experiência carismática o Espírito Santo é experimentado como energia vitalizante. [...] o carisma também é denominado de *dynamis* ou *energia*. Desde a antiguidade a maneira como o Espírito Santo é experimentado carismaticamente é designada como ‘fluir’, como ‘derramar’ e como ‘brilhar’. A concluir por estas experiências, o Espírito Santo nos aparece como a ‘fonte da vida’, como a ‘origem’ do fluxo de energia, como a ‘fonte da luz’ para o esplendor luminoso” MOLTSMANN, J. O Espírito da vida, p. 186.

Que relação existe entre carisma e sacramento? Um único é o Espírito que os inspira “onde quer”, como que e quando quer: é a manifestação livre do Espírito, não condicionada a ritos nem a instruções particulares; o outro é o Espírito que se doa através de gestos instituídos por Cristo e confiados à mediação e à justificação da Igreja. Mas se trata sempre do “mesmo Espírito” que opera em um e em outro para a utilidade de todo o corpo.<sup>507</sup>

Sendo discretos ou vistosos os carismas são uma abundante riqueza na vitalidade e rejuvenescimento da Igreja. Oriundos do Espírito Santo que os impulsiona conforme quer e para o bem de todos<sup>508</sup>, os carismas devem ser vividos e exercidos na medida do amor<sup>509</sup> que, ao lado do discernimento, tem na responsabilidade dos Pastores a sua orientação conforme ensinou o apóstolo.<sup>510</sup>

O Paráclito é [...] aquele que, através dos sacramentos, difunde eficazmente a graça salvífica ofertada por Cristo [...], e aquele que dispensa os carismas. [...] Ao aproximarmos-nos da Eucaristia, Cristo nos dá o Espírito. O mesmo Espírito, seguidamente, por meio da sua ação nos fiéis, alimenta a vida em Cristo, conduzindo-os novamente a uma mais profunda vida sacramental, sobretudo na Eucaristia. Desde modo [...] alcança para os fiéis o dom da salvação e simultaneamente anima-os, a fim de que eles correspondam livre e plenamente com o compromisso da própria vida.<sup>511</sup>

No exercício do sacerdócio comum os carismas tem na assembleia litúrgica considerada diversificação na unidade<sup>512</sup>. A “participação ativa” tão salientada pelo Concílio se inscreve como uma das condições para que o culto cristão atinja seu objetivo na vida dos fiéis. Nesse âmbito, sinais, funções, tarefas desempenham este papel. Para que seja, de fato, ativa e integral é preciso instrução, organização, ordenamento, envolvimento, atenção às orientações litúrgicas e direcionamento por parte daquele que preside a assembleia.

O liturgista Armando Cuva salienta a importância do estudo dos carismas na assembleia litúrgica. Na reunião cristã, a atividade carismática do Espírito Santo “favorece o desempenho das várias tarefas da assembleia, servindo para a sua

<sup>507</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta *Iuvenescit Ecclesia*, p. 28-29.

<sup>508</sup> Jo 3,8; 1Cor 12,7.11.

<sup>509</sup> 1Cor 13; Ef 4,1.

<sup>510</sup> “A eles em especial cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas e ficar com o que é bom” 1 Ts 5,12; 19,21.

<sup>511</sup> CANTALAMESSA, R. O Verbo feito carne, p. 594.

<sup>512</sup> Segundo M. Augé, “a assembleia é ao mesmo tempo, carismática e hierárquica, isto é, não é uma amálgama de indivíduos anônimos e impessoais, mas uma comunidade dotada de carismas e de dons e estruturada com uma hierarquia de serviços e de caridade. [...] Vários ministérios ou serviços não devem limitar a assembleia, mas tem função de vivificá-la. Não são um privilégio, mas um compromisso. Por isso a celebração litúrgica é essencialmente dialógica, e quando há alguém que atua em nome de todos, há sempre uma resposta coral por parte da assembleia”. AUGÉ, M. Liturgia, p. 77-78.

vivificação. Isto se reverte, pois, em vantagem da eficácia de toda a celebração e da edificação da assembleia”<sup>513</sup>. Nesse sentido e por força do Batismo, cada membro da assembleia é atingindo de forma peculiar pelo Espírito Santo quando, no contexto da ação litúrgica, insere a todos no mistério pascal de Cristo <sup>514</sup>. Essa ação, por sua vez, pertence, manifesta e afeta toda a Igreja.<sup>515</sup> Neste sentido, a liturgia é uma epifania da Igreja.

E os fiéis sentem-se fortemente unidos entre si por um princípio de vida positivo que lhes é comum. Esta vida comum é Cristo vivo: a sua vida é a nossa vida; estamos ‘incorporados nele’, somos o ‘seu corpo’, *Corpus Christi mysticum*. Existe um poder real que anima e domina esta unidade de vida, que incorpora nela o ser individual, o faz participar na vida comum e nela o mantém: ‘o Espírito de Cristo’, o Espírito Santo. Cada crente é individualmente uma célula desta unidade vital, um membro deste corpo.<sup>516</sup>

Para que a ação litúrgica, seja expressão visível de todo o corpo bem unido e ordenado (sob a direção dos Bispos) é preciso que cada um “no desempenho de sua função, faça somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação de acordo com as normas litúrgicas”<sup>517</sup>. Dessa forma, a Igreja não extingue o Espírito, mas a seu serviço, orienta como deve ser o exercício dos carismas na edificação do corpo de Cristo para o bem comum<sup>518</sup>. Outro aspecto da visibilidade da ação litúrgica é o espaço sagrado. Sendo expressão da centralidade de Cristo na Eucaristia<sup>519</sup>, pelo qual, no Espírito, a assembleia se reúne, forma o ambiente onde os todos os fiéis exercem os carismas na liturgia.<sup>520</sup> O espaço sagrado do culto é o local privilegiado

<sup>513</sup> CUVA, A. Assembleia, p. 102. “E, em relação à sua constituição interna, a Igreja caracteriza-se pelo fato de apresentar uma estrutura carismática: o dom do Espírito de Deus manifesta-se na Igreja no grande número de dons para a edificação da comunidade e para o serviço com o mundo” MOLINERO, M. A. A. O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia, p. 40.

<sup>514</sup> GS 22.

<sup>515</sup> SC 26.

<sup>516</sup> GUARDINI, R. O Espírito da Liturgia, p. 34.

<sup>517</sup> SC 28.

<sup>518</sup> “Um duplo aspecto é característico da doutrina paulina dos carismas: 1) dons do Espírito não são apenas fenômenos extraordinários, mas atitudes cristãs básicas (fé, esperança, amor, caritas/diaconia) e o esforço cotidiano de ser cristão. 2) também funções ministeriais são dons do Espírito e devem servir à vida espiritual das comunidades. [...] O que importa a Paulo é, portanto, uma ordem espiritual da vida comunitária e particularmente do culto, porém mais ainda que se percebam e se deixem desenvolver-se os dons do Espírito” HILBERATH, B. J. Pneumatologia, p. 426-427.

<sup>519</sup> LG 41; SC 6.11; IGMR 16; PO 2.5-6; CD 30; UR 15.

<sup>520</sup> Sendo Cristo, o centro de toda a atividade litúrgica da Igreja é preciso que toda a assembleia esteja equidistante (circular ou semicircular) e convergente ao altar. Para C. Pastro, o círculo é “o primeiro símbolo perfeito gerado pelo centro [...] é a primeira manifestação do centro e significa perfeição, harmonia e unidade” PASTRO, C. Guia do Espaço Sagrado, p. 17. Nessa disposição, destaca-se também a dignidade comum e igual de todos os batizados; e, pela posição que se encontram, todos podem ser vistos, reconhecidos e ouvidos. Com isso, fica evidenciado que em Cristo, todas as pessoas naquela assembleia são protagonistas, irmãos e irmãs.

onde a divindade se une à humanidade.<sup>521</sup> Nele, o batizado é chamado a ser aquilo que significa o espaço, tempo do Espírito.

Partilhando do sacerdócio de Cristo que foi conferido no Batismo, os fiéis (clérigos e leigos) são habilitados ao culto. Nele participam com disposição interior, em uma conexão perfeita entre coração e voz, em correspondência com os bens celestes, “sabendo o que estão fazendo”<sup>522</sup>. Neste ponto, a Instrução Geral sobre o Missal Romano (IGMR) indica linhas fundamentais dessa participação e, em uma análise profunda são uma práxis do carisma pois no culto é o “Espírito que socorre, ora com gemidos inefáveis”<sup>523</sup> no povo convocado para a comunhão trinitária.<sup>524</sup> Além da ação de graças e do oferecimento do sacrifício de si, os fiéis manifestam a religião que professam e a caridade com todos, superando assim o individualismo e a divisão. A Eucaristia, no seu significado integral, concentra o sentido pleno do que significa participar tanto na dimensão sacramental quanto na dimensão eclesial.

Formem um único corpo, seja ouvindo a Palavra de Deus, seja tomando parte nas orações e no canto, ou sobretudo na oblação comum do sacrifício e na comum

<sup>521</sup> Para J. Corbon, “o espaço iconográfico das nossas igreja é um espaço aberto ao Senhor que vem, espaço em expectativa e cumulado, espaço portador do mundo e atraído pelo Reino, lugar da epíclase do Espírito Santo e da transformação de toda a oferenda no Corpo de Cristo” CORBON, J. A fonte da Liturgia, p. 146.

<sup>522</sup> SC 11.

<sup>523</sup> Rm 8,26. “Viver e orar como cristão é viver e orar no Espírito. O Espírito conhece as profundezas de Deus e o mais recôndito do interior do homem (1Cor 2,10-11). Assim como Cristo está no Pai pelo Espírito, assim nós permanecemos em Cristo (Jo 14, 20) pelo mesmo Espírito. Não sabemos orar como convém, mas o Espírito nos faz exclamar Abbá, Pai (Rm 8,15). Ele é luz e é dom de amor que nos fazer sentir a necessidade da unidade e nos impele a ser na Igreja corresponsáveis da salvação do mundo. A presença ativa do Espírito ensina a simplificar a oração, orienta-a para formas mais contemplativas e favorece a simbiose entre ação e contemplação na vida do orante. O Espírito educa quem se deixa conduzir por ele; treina o orante para que acerte a reconhecer Cristo nos irmãos, especialmente nos mais pequeninos e nos últimos, que são seus prediletos. O Espírito, finalmente, abre à compreensão da Palavra e aquece os corações para que se incendeiem ao ouvi-la. Em frase de João Paulo II, realmente ‘é belo e salutar pensar que, em qualquer lugar do mundo onde se ora, ali está o Espírito Santo, sopro vital da oração’” GAMARRA, J. Oração, p. 631. “Segundo as antiquíssimas fórmulas doxológicas cristã, a oração dirige-se ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo; ela completa o sentido dialógico da revelação, que é manifestação de Deus por Cristo no Espírito à igreja (DV 2): a oração atualiza a história da salvação na dimensão de resposta à revelação feita por Deus com palavras e obras e que culminou no dom de Cristo e do Espírito. [...] o Espírito é o vínculo da comunhão dos orantes e o artífice da oração unânime. Nos indivíduos e na comunidade, como em um templo, o Espírito suplica, louva e intercede; por nossa vez, nós pedimos ao Espírito dom escatológico supremo, além do qual nada podemos obter de melhor. Ele purifica e interpreta a nossa oração e nos torna capazes daquela coerência filial que é condição da invocação de Deus; toda manifestação orante autêntica, individual ou comunitária, é fruto do Espírito. É ele, enfim, que leva a igreja à profundidade teológica mais pura na oração e à fidelidade no cumprimento da vontade do Pai” CASTELANO, J. Oração, p. 818-819.

<sup>524</sup> “A liturgia se torna continuamente eco desta espécie de *perikóresis* manifestada na economia salvífica sacramental: o Filho está no centro para revelar a caridade infinita do Pai e transmitir o dom do Espírito aos homens nos sacramentos da Igreja, singularmente na Eucaristia: o Filho continua no centro para que a consciência filial e a alegria dos novos filhos de Deus se transformem em louvor sob ação do próprio Espírito, e por Cristo, com Cristo e em Cristo, se efetue a ação de graças ao Pai” MARTÍN, J. L. Liturgia, p. 525.



participação da mesa do Senhor. Tal unidade se manifesta muito bem quando todos os fiéis realizam em comum os mesmos gestos e assumem as mesmas atitudes externas.<sup>525</sup>

Na liturgia em geral, os gestos obedecem o princípio de que devem significar as realidades divinas que são celebradas no “hoje” da reunião cristã. Expressões, movimentos, atitudes e manifestações devem estar em consonância com a natureza da liturgia que é sempre atualizada na “força do Espírito”.<sup>526</sup> Os gestos realizados pelos fiéis na assembleia litúrgica, integram a linguagem da mesma. Esta, como os gestos, possui uma intrínseca dimensão pneumatológica porque intermedia a atividade do Espírito Santo na celebração. Desse modo, possibilita a adoção na filiação divina e o impulso para clamar “Abba, Pai” e “Vem, Senhor Jesus”<sup>527</sup>.

Existe a atitude bíblica dos que interpretam a sua precária corporeidade, com todas as pobreza que ela inclui e supõe [...], como lugar que é, como o templo vivente, consagrado pelo Espírito do Filho enviado pelo Pai, do qual eles clamam em voz alta “Até quando, ó Senhor santo e verdadeiro, tardarás a fazer justiça?” (Ap 6,10), e, sentindo-se Esposa, com a voz do Espírito dizem: “Vem, vem Senhor Jesus! (Ap 22, 17.20). [...] Resta para nós o convite no sentido de tomarmos consciência de que “caro salutis est cardo” [a carne é o eixo da salvação].<sup>528</sup>

Para o seu correto entendimento e uso, a linguagem litúrgica, nesse viés que abordamos, é compreendida plenamente quando o seu conteúdo está fundamentado na Escritura e na fé eclesial. Assim, a linguagem pode “auxiliar cada fiel a projetar-se para além da ‘veste literária’ e da ‘linguagem gestual ou ritual da liturgia’, a fim de viver proficuamente tudo o que se celebra e que tem valor em razão da sintonia vital com o Espírito Santo”<sup>529</sup>.

O Espírito Santo outorga às pessoas um conhecimento que está acima da capacidade humana. Ele estabelece um paralelismo com o que ocorre no homem: assim como somente o espírito humano pode conhecer o que há na mais profunda intimidade do

<sup>525</sup> IGMR 95-97.

<sup>526</sup> SC 21. “Os gestos e posições do corpo tanto do sacerdote, do diácono e dos ministros, como do povo devem contribuir para que toda a celebração resplandeça pelo decoro e nobre simplicidade, se compreenda a verdadeira e plena significação de suas diversas partes e se favoreça a participação de todos. Deve-se, pois, atender às diretrizes [...] à prática tradicional do rito [...] e a tudo que possa contribuir para o bem comum espiritual do povo de Deus, de preferência ao próprio gosto ou arbítrio. A posição comum do corpo, que todos os participantes devem observar, e sinal da unidade dos membros da comunidade cristã, reunidos para a sagrada Liturgia, pois exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes” IGMR 42.

<sup>527</sup> Ap 22,17; 1Cor 16,22; At 3,20-21

<sup>528</sup> CIBIEN, C. Gestos, p. 511. Para este autor a encarnação foi o principal gesto de sua entrega cujo ápice encontra-se na cruz realizada “de uma vez por todas” (Hb 9,12) em benefício de toda a humanidade. O homem, por sua vez, é interpelado, chamado pelo Espírito, na Igreja a fazer tudo o Filho disser (Jo 2,5; Lc 22, 19) “toda vez” (1 Cor 11,25-26) no dia a dia da vida sacramental. O sacramento, é então o espaço e o evento histórico e eficaz do encontro com Deus realizado totalidade de Cristo (em-por-com) no Espírito Santo.

<sup>529</sup> TRIACCA, A. M. Espírito Santo, p. 364.

ser humano, do mesmo modo o Espírito Santo conhece o que há no mais íntimo de Deus. E o Espírito comunica esta sabedoria “aos que tem o pensamento de Cristo”. A razão pela qual os fiéis podem dar testemunho daquilo que nenhuma mente humana chega a pensar é esta: a eles “Deus revelou-se por meio do Espírito”.<sup>530</sup>

Ao esclarecer as funções do povo de Deus na liturgia, sobretudo eucarística, a IGMR destaca a unidade e a comunhão do corpo de Cristo nas atividades comuns, externas e gestuais. Enfatiza também que “os fiéis não se recusem a servir com alegria ao povo de Deus, sempre que solicitados para algum ministério particular ou função na celebração”<sup>531</sup>. Os ministérios<sup>532</sup>, cujo ponto de partida encontra-se na liturgia, estão a serviço da santificação e eclesiologia de comunhão (também perspectiva ecumênica e dialógica)<sup>533</sup>. Distribuídos por Cristo e pelo Espírito Santo que os impele, os ministérios concluem para o seu fim: a salvação da humanidade. Eles são meios pelos quais o Espírito santifica, direciona e une a Igreja. A práxis dos ministérios é serviçal e realizada na mútua caridade.

D’Ele [Cristo] “todo o corpo, alimentado e ligado pela juntas e ligaduras, aumenta no crescimento dado por Deus” (Cl 2,19). Ele mesmo distribui continuamente dons dos ministérios no seu corpo que é a Igreja, através dos quais, pela força derivada D’Ele [o Espírito Santo] nos prestamos mutuamente os serviços para a salvação, de tal forma que, vivendo a verdade na caridade, em tudo, crescamos n’Ele que é a nossa Cabeça (Ef 4,11-16). Para que n’Ele incessantemente nos renovemos (Ef 4,23), deu-nos Seu próprio Espírito, que sendo um só e o mesmo na Cabeça e nos membros, de tal forma vivifica, unifica e move.<sup>534</sup>

Diante da variedade de ministérios que o Espírito dotou a Igreja, ocupa-nos nesta parte aqueles que estão no contexto da assembleia. Ela se faz presente por meio de seus membros que atuam em diversos ministérios pelos quais o Espírito Santo dirige, atua e inflama nos membros um amor-serviço alegre e feliz. De

<sup>530</sup> RIVAS, L. H. O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras, p. 89.

<sup>531</sup> IGMR 97.

<sup>532</sup> “‘Ministério’ (m.) é uma tradução portuguesa do termo latino *ministerium*, que, por sua vez, traduz o grego *diakonia*, significando, no Novo Testamento, ‘serviço’ ou ‘ministério’: [...] o carisma de servir à comunidade de algum modo (1Cor 12,5); o serviço que alguém presta a outrem no trabalho eclesial (2Tm 4,11); o ministério ou ofício eclesial (At 1, 17-25; 20, 24; 21,19); o papel de algum servidor da comunidade (Cl 4,17 ou a função dos ‘presbíteros-episkopos’ (2Tm 2, 4-5). [...] Os movimentos de renovação (bíblico, patrístico, ecumênico, litúrgico e de renovação teológica) que prepararam o Vaticano II ajudaram os bispos reunidos em Concílio a redescobrirem o vocabulário ministerial e a reinterpretarem, graças à retomada da Tradição antiga em diálogo com a cultura contemporânea, os múnus, os ministérios e os serviços eclesiais em sua sacramentalidade universalidade, variedade e missionariedade” ALMEIDA, A. J. Ministérios, p. 617-618.

<sup>533</sup> “[...] Cristo [...] vive na Igreja e por meio do seu Espírito é quem põe em ação os carismas. A linha Igreja-Ministério-sacramentos é a que [...] hoje [...] se inspira no aspecto carismático e vivo do Cristo operante na igreja, mais do que no estritamente jurídico dos ministérios como poderes, restabelecendo assim também a linha da evangelização” LODI, E. Ministério/ Ministérios, p. 738.

<sup>534</sup> LG 7. Outros excertos podem ser encontrados em LG 7.12.13.32.33; GS 32.43; UR 2; AA 24.

acordo com C. Vagaggini ao referir-se à assembleia, “todos são atores, parte de um todo; mas cada um no seu lugar, no seu tempo e na sua função, sem usurpar o que diz respeito aos outros, mas sem isolar-se dos outros nem materialmente, nem espiritualmente”<sup>535</sup>. Dentre eles destacamos aqueles que estão orientados à celebração litúrgica: o ministério ordenado para a presidência e os ministérios laicais: os instituídos para o serviço do altar e da Palavra e os ministérios que, não sendo ordenados e instituídos, a Igreja os reconhece para uma função específica na assembleia litúrgica e no serviço externo da comunidade eclesial.

O que preside deve ser polarizador e catalizador da ação do Espírito em benefício dos participantes [...] o diácono é a teca do Espírito; os leitores são a voz do Espírito; o animador é eco do Espírito; o salmista é a harpa do Espírito; o acólito é o diácono da energia do Espírito; o ministro extraordinário da Eucaristia é o portador do Corpo e do Sangue espiritualizados de Cristo, etc. A função simbólica dos diversos serviços não podem ser separados do princípio da diversidade na unidade. A origem da diversidade é a mesma que a unidade: o Espírito Santo.<sup>536</sup>

No ministério ordenado, distribuído em três graus, estão os bispos, os presbíteros e os diáconos (estes dois estão dependentes e em estreita colaboração com o episcopado). Mediante a imposição das mãos e cada qual a seu turno, recebem o sacramento da Ordem: os bispos e presbíteros, para o sacerdócio e os diáconos para o serviço. O Espírito Santo lhes é comunicado para que possam na assembleia exercerem o ministério da presidência e também da pregação<sup>537</sup>

O presidente presta um duplo serviço: a Cristo e à assembleia. O sacerdote é membro e representante do corpo da assembleia ao mesmo tempo que sinal de sua cabeça: Cristo. [...] Assim, a assembleia e o ministro presidente se completam mutuamente: o ministro que preside em nome de Cristo, completa a comunidade, tornando-a realização sacramental de toda a Igreja, e ao mesmo tempo é completado por ela, porque não atua sozinho, mas com ela e para ela.<sup>538</sup>

No ministério da presidência, o ministro atua *in persona Christi in nomine ecclesiae*<sup>539</sup> para dispensar pelo dom do Espírito as realidades divinas da salvação para todos os fiéis. Aquele que preside tem missão da homilia. Sendo ele o vínculo

<sup>535</sup> VAGAGGINI, C. o Sentido teológico da liturgia, p. 257.

<sup>536</sup> TRIACCA, A. M. *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita dela Chiesa*, p. 89. (tradução nossa).

<sup>537</sup> “O ministro recebe do Espírito Santo via comunidade as qualificações necessárias para que a presida”. TABORDA, F. A Igreja e seus ministros, p. 110. Sendo também um ministério, a pregação ou a homilia é “um lugar eminentemente pneumatológico, no qual o Espírito intervém na preparação das palavras, no homileta, na assembleia e até na forma de proclamá-la. [...] Certamente o homileta é um amigo do Espírito Santo [...] Certamente se pode dizer que o Espírito atua nos pregadores (homiletas) e nos fiéis como guia que os leva a um encontro com Cristo para serem conformados à sua imagem”. MAQUEDA, A. L. *La pneumatologia litúrgica*, p. 179-181 (tradução nossa).

<sup>538</sup> SPERA, J. C.; RUSSO, R. A assembleia celebrante, p. 126.

<sup>539</sup> SCA 23.

de unidade e de verdade da assembleia, o presidente estará sempre ao serviço da reunião cristã. Assim, sua função, como dissemos acima, favorece e auxilia a comunidade litúrgica a testemunhar perfeitamente a natureza servidora da Igreja.

Os ministros ordenados

são pessoas “pneumatizadas”, ou seja, transbordantes do Espírito cuja tarefa principal é introduzir os fiéis no corpo do Senhor e levá-los até Cristo, pela força do Espírito. [...] o dinamismo pneumatológico une o ministro ordenado com Cristo [...]. Essa relação é ontológica-existencial: cria-se entre o Sacerdote/Cristo e aqueles que se fizeram mais semelhantes a ele um vínculo inquebrantável. [...] O Espírito Santo permeia, de modo irrevogável e permanente, suas atitudes: cumprirá suas funções próprias de seu novo estado e modo de ser.<sup>540</sup>

Ao lado do ministério da presidência que é exclusivamente ordenado estão os ministérios instituídos do leitorato e do acolitato que são exercidos pelos leigos. Atento à orientação do Concílio, o Papa Paulo VI reorganizou as antigas ordens menores. Ele fixou duas funções designou-as como ministérios e confiou também aos fiéis leigos. Os ministérios estão à serviço da Palavra e do Altar e são confiados pela Igreja com uma oração própria. Para cada rito, há uma estrutura que indica a presença e ação do Espírito na vida daquele que é instituído.

Ao leitor pede-se a docilidade ao Espírito Santo para acolher a Palavra, meditá-la e anunciá-la na celebração e na missão. Depois, recita-se uma eucologia<sup>541</sup> menor em que é realizada uma epiclesse sobre o candidato corroborando o que foi-lhe pedido e fortalecendo-o na fé da Igreja com a bênção de Deus.

É o Espírito Santo que dá aos leitores e ouvintes, segundo as disposições de seus corações, a compreensão espiritual da Palavra de Deus. Por meio das palavras e das ações e dos símbolos que formam a trama de uma celebração, o Espírito põe os fiéis e os ministros em relação viva com Cristo, palavra e imagem do Pai, a fim de que possam fazer passar à sua vida o sentido daquilo que ouvem, contemplam e fazem na celebração.<sup>542</sup>

No ministério de acólito, o candidato, no contexto do rito, recebe a instrução sobre a sua participação singular no mistério eucarístico da Igreja. Nele, a Eucaristia, em toda a sua dimensão sacramental e eclesial, é: a meta e o cume, o

<sup>540</sup> MAQUEDA, A. L. Espírito Santo e Liturgia, p. 111-112.

<sup>541</sup> O termo *Eucologia* é oriundo das palavras gregas *euché*, prece e *logos* palavra, donde resulta “palavra da prece”. Com isso, tradição litúrgica apropriou-se deste termo para designar as preces ou orações litúrgicas da Igreja que são essencialmente trinitárias. MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja, p. 200.

<sup>542</sup> CEC 1101.

sentido da missão e a inspiração para o ato livre de sua entrega a Deus. Depois disso, é recitada a oração eucológica-epiclética sobre o candidato para que seja dedicado, fiel e, crescendo na fé e no amor, edifique a Igreja.

Nesta ardente súplica pedindo a vinda do Espírito sobre os participantes do rito, [...] não devemos esperar da Eucaristia nenhum efeito mágico. De fato, quem tira proveito e recebe benefícios da grandeza objetiva do dom a nos oferecido no sinal do altar, se não soubermos inserir-nos nesta riqueza e dela nos apropriarmos pessoalmente? Por isso, é indispensável a ação do Espírito Santo que personaliza e interioriza o dom, cria as disposições necessárias dentro de nós e sobretudo cria a unidade com a oferta-sacrifício de Cristo e entre nós.<sup>543</sup>

O Papa Francisco, no motu próprio *Spiritus Domini*, em recente publicação, afirmou que os ministérios na Igreja são da natureza dos carismas. Com isso, modificou um parágrafo do Código de Direito Canônico para ampliar a participação em dois antigos ministérios instituídos da Igreja. Segundo o Papa, os ministérios tem seu fundamento e práxis no sacerdócio comum de todos os batizados e sendo estáveis, corroboram o sentido de comunhão do Concílio Vaticano II.

O Espírito do Senhor Jesus, fonte perene da vida e missão da Igreja, distribui aos membros do Povo de Deus os dons que permitem a cada um, de modo diverso, contribuir para a edificação da Igreja e para o anúncio do Evangelho. Esses carismas, chamados ministérios, sendo publicamente reconhecidos e instituídos pela Igreja, são postos, à disposição da comunidade e da sua missão, de forma estável.<sup>544</sup>

Como “um pai de família que sabe tirar do seu tesouro coisas novas”<sup>545</sup>, o Papa realizou um gesto que constituiu um impulso e uma novidade do Espírito para toda a Igreja. Os ministérios instituídos do leitorato e do acolitato, que até então estavam reservados aos homens, foi fraqueado à participação das mulheres<sup>546</sup>.

<sup>543</sup> VINSENTIM, P. Eucaristia, p. 410.

<sup>544</sup> FRANCISCO, PP. *Spiritus Domini*, p. 9.

<sup>545</sup> Mt 13, 52.

<sup>546</sup> “É indispensável olhar para o caminho vivido por Jesus, em conformidade com a vontade do Pai, um caminho de serviço solidário, de anúncio de um Deus vivo, gratuito e misericordioso, de apelo urgente à conversão, de denúncia da falsidade e hipocrisias farisaicas, das relações de dominação que levam ao desprezo do fraco, do pobre, do pecador, da mulher ou da criança. Quer dizer, é necessário prestar toda a atenção ao modo de vida, às atitudes e ao comportamento global de Jesus de Nazaré. [...] O significado da ressurreição de Jesus Cristo não pode ser separado do sentido da sua morte, por sua vez, do sentido total da sua vida” RÚBIO, A. G. Unidade na pluralidade, p. 210. Para T. Maertens, “a participação das mulheres [...] deve ser um sinal de ecumenicidade. E cada comunidade, que se submete a esta regra, reúne, em realidade, as dimensões universais impostas à reunião” MAERTENS, T. Reúne o meu povo, p. 138-139. “As mulheres constituem, geralmente, a maioria de nossas comunidades. São as primeiras transmissoras da fé e colaboradoras dos pastores, os quais devem atender-las, valorizá-las e respeitá-las” DAp 455. “Na experiência do Espírito surge uma nova comunhão de [...] servos, de [...] servas” MOLTSMANN, J. A fonte da vida, p. 31.

Muito embora, segundo o Papa, já houvesse uma indicação explícita na lei eclesial<sup>547</sup>, a partir de então, torna-se esclarecido e oficial.

As funções litúrgicas confiadas às mulheres podem ser identificadas na atividade pastoral da Igreja da primeira hora.<sup>548</sup> O Concílio Vaticano II, servindo-se dos textos bíblicos a esse respeito, afirmará que “os leigos podem, de diversos modos, ser chamados a uma cooperação mais imediata com o apostolado da hierarquia, à semelhança daqueles homens e mulheres que ajudavam o apóstolo Paulo no Evangelho, trabalhando muito no Senhor”<sup>549</sup>.

A IGMR indica que, diante da ausência do leitor e do acólito instituído, outros ministros leigos podem ser designados para o exercício dessas funções e de outras que estão à serviço da liturgia celebrada<sup>550</sup>. Para essas funções ou esses ministérios litúrgicos, indica-se a preparação prática depois, uma “bênção litúrgica ou designação temporária”<sup>551</sup> e que as funções sejam distribuídas aos que estiverem presentes e tiverem condições. Dessa forma, a Igreja entendeu que os ministérios, radicados na condição e dignidade batismal podem ser confiados aos leigos. “Na verdade, todo carisma é dom do Espírito à Igreja que se atualiza como serviço no Corpo de Cristo. Esta é a razão de ser da instituição ritual e, na sua sequência, do exercício litúrgico dos diferentes ministérios laicais”.<sup>552</sup> No Brasil, essa praxis ministerial nos leigos já vigora há bastante tempo e inclusive foi ampliada para os sacramentos do Batismo e do Matrimônio.

No desfecho desta parte, vimos que os carismas na assembleia litúrgica estão na estrita dependência do Espírito Santo que os suscita para edificar a Igreja. Essa realidade encontra-se aberta e suscetível à mudanças e transformações porque “o Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento”<sup>553</sup>.

Reconhecer a atuação contínua do Espírito Santo nos fiéis e na Igreja pede do cristão e da Igreja atenção e acolhida à possíveis inspirações do Espírito, que podem deixá-los desconcertados e perplexos pois os caminhos de Deus não são os caminhos dos homens (Is 55,8). [...] Portanto, não devemos extinguir as iniciativas do Espírito, mas examiná-las para discernir sua autenticidade (1Ts 5,19-21).<sup>554</sup>

<sup>547</sup> CIC Cân 230, § 2.

<sup>548</sup> A título de exemplo citamos apenas alguns: Fl 4,3; Rm 16,3-5.

<sup>549</sup> LG 33.

<sup>550</sup> IGMR 98-106.

<sup>551</sup> IGMR 107.

<sup>552</sup> CARDITA, A.G. Ministérios laicais: a questão da instituição litúrgica, p. 24.

<sup>553</sup> EG 280.

<sup>554</sup> MIRANDA, M. F. A Igreja em transformação, p. 43.

## 5 Conclusão

A proposta de nossa pesquisa pretendeu adentrar no culto cristão, especificamente na assembleia para realizarmos uma leitura em chave pneumatológica. Percorrendo essa tarefa nos deparamos com uma bibliografia teológica que ainda é muito pequena. Verifica-se, com isso, que o tratamento dado ao Espírito Santo nas literaturas é escasso e encontra-se limitado a reapresentação das questões dogmáticas que o circundam. Condiçionados pelo tempo pandêmico que vivemos nos encontramos confinados, isolados e limitados em nossa pesquisa.

Este trabalho objetivou conjugar duas instâncias que constituem a liturgia da Igreja: a assembleia como primeira ação litúrgica e o Espírito Santo na sua relação com o culto cristão. Esses dois temas combinam-se em uma relação intrínseca. Como sabemos, o Espírito Santo é quem desde Pentecostes tem conduzido a Igreja pelos caminhos da verdade. A Igreja, por sua vez, se autocompreende quando está reunida para a celebração do culto. Posto o desafio, nos debruçamos sobre essa temática em um itinerário bíblico, histórico e teológico a fim de que pudéssemos extrair consequências para a pastoral e a atividade missionária.

O primeiro capítulo realizou uma abordagem bíblica considerando a Assembleia do Sinai o evento que consolidou Israel como o povo eleito. Sempre que o povo se afastava da aliança que Deus havia realizado a seu favor, era preciso reuni-los para ouvirem a palavra, professarem a fé e estabelecerem novamente a aliança como sinal de sua adesão ao projeto salvífico.

Assim aconteceu com as demais assembleias que se seguiram ao evento do Sinai. Em todas elas destacamos a presença comedida, mas ativa do Espírito Santo que efetivava através dos elementos cósmicos, da palavra e de outros sinais tudo o que fora celebrado quando estavam reunidos. Não foi possível ainda revelar o Espírito Santo no Antigo Testamento, pois as etapas da Revelação aconteciam na história de Israel de maneira progressiva. Com isso, o israelita ainda não tinha alcançado maturidade suficiente para compreender sua presença tão ativa e operante desde o início da criação do mundo e no desenrolar dos tempos.

A segunda parte do capítulo em questão concentrou sua exposição na assembleia da sinagoga de Nazaré onde Jesus Cristo revelara que sua vida e missão

seriam realizados no Espírito Santo como predisseram os profetas. Em Jesus, vemos a realização de um ministério público-reunidor que na ação do Espírito já realizava a salvação de todas e quaisquer pessoas, sem exclusões. A fim de continuar a sua obra, Ele afirma sua presença quando dois ou mais se reunirem sob a invocação do seu nome. Esse pedido é uma afirmação sobre a missão terrena de Cristo: reunir. Por ocasião de sua ressurreição, Ele transmite o seu Espírito aos discípulos reunidos para que continuem a sua obra reunidora e que tem por objetivo primeiro a reconciliação com Deus. Ao solicitá-los à comunhão e à unidade, Jesus insiste nesse objetivo da reunião até que envia o Espírito Santo sobre eles.

O evento de Pentecostes, como se pôde analisar, foi uma releitura atualizada da assembleia do Sinai. Com a revelação e a doação do Espírito à comunidade reunida, tudo o que Jesus realizara em sua vida terrena é esclarecido. Diante disso, os apóstolos e os discípulos assumem a identidade e a missão de Cristo e passam a difundir o evangelho da salvação e a formar comunidades. Em todo o momento, o Espírito Santo os acompanha fortalecendo-os e confirmando-os na missão, na vida comunitária e nos carismas.

O segundo capítulo enveredou pelos caminhos da história a fim de extrair as consequências teológicas do percurso realizado. Nesse sentido, destacamos na primeira parte a rica e abundante teologia que nos brindaram os Padres da Igreja. Essa teologia, cuja raiz está fincada na experiência comunitária, possui um conteúdo profundo, orgânico e norteador para a proposta da nossa pesquisa.

Na segunda parte desse capítulo, vimos que a assembleia ficou cada vez mais distante do propósito que a Escritura e a Patrística apresentaram. Conforme assinalamos, o Espírito Santo torna-se cada vez mais esquecido. Já a terceira parte mostrou pelo Movimento Litúrgico o início do adejar das asas do Espírito Santo sobre a Igreja. Os monges foram os precursores do Movimento que desembocou no Concílio Vaticano II.

O Concílio – um evento de caráter pneumatológico e que não abordou com especificidade o Espírito Santo na Igreja e na liturgia – conferiu condição teológica à liturgia ao apresentar sua natureza. Nela, verificamos que o mistério pascal de Cristo é o centro de toda a atividade litúrgica da Igreja e que é realizado na força do Espírito quando a comunidade se reúne. Dessa forma, a obra salvífica continua na Igreja e no mundo. A atividade do Espírito Santo, descrita no conteúdo da natureza da liturgia, foi o ponto de partida que estimulou esta pesquisa. Com isso,



perpassamos a Escritura e a história da liturgia para averiguar as situações, as instâncias e os autores que abordaram a temática do nosso estudo.

O terceiro capítulo esteve debruçado na pesquisa teológica pós-conciliar na qual procurou colher o que melhor encontrou para apresentar a relação entre o Espírito Santo e a liturgia. Como se pôde constatar, há poucos autores que pesquisam esta área tão importante para a vida da Igreja. Em nossa proposta, procuramos destacar alguns elementos que vimos nesta pesquisa para apresentar um conteúdo que pudesse alcançar um conhecimento módico e que somasse ao que foi encontrado até o momento.

Tendo, portanto, esclarecido o papel do Espírito Santo na liturgia, apresentamos, então, o fito da nossa proposta: a assembleia em chave pneumatológica. Nesta exposição, vimos por todo o itinerário percorrido que, não é possível conceber a convocação divina e a resposta humana sem a presença ativa do Espírito Santo. Desse modo a assembleia litúrgica torna-se o *locus* privilegiado onde Deus continua a operar no Espírito a redenção humana. Essa realidade foi mostrada pelos elementos que a configuram (palavra, sacramentos, epiclese etc.), sobretudo pelos carismas.

No desfecho de nossa proposta, declinamos nossa pesquisa para a atividade que o Espírito realiza pela liturgia no coração dos batizados. O carisma é dom que o Espírito concede por ocasião do Batismo para a edificação da Igreja. Nesse sentido, o sacerdócio batismal, pelo qual o cristão foi inserido, lhe habilita o acesso ao culto. Na assembleia, o carisma é vivido no âmbito ministerial. Na liturgia, os ministérios são realizados pelos batizados para o exercício da caridade a fim de que a comunidade celebrativa seja consolidada na fé.

Impulsionados pelo que vimos até o momento, nossa pesquisa permanece aberta às novidades que o Espírito suscitar no curso do tempo. Na conclusão deste trabalho, lançamos duas intuições que se tornaram latentes nos últimos tempos. Elas estão intimamente relacionados com a temática que expomos e, como comunidade de fé, acreditamos que sejam a voz do Espírito à Igreja.

A primeira intuição. A situação da pandemia impossibilitou, durante um tempo considerável, que os fiéis pudessem frequentar de forma presencial a assembleia litúrgica. E até hoje, sentem-se inseguros em retornar. Pensamos também nos enfermos e naquelas pessoas que se encontram, em um motivo real, restritas à celebração presencial mesmo fora de um tempo pandêmico. Mas, diante

destas situações e sobretudo as que a pandemia ocasionou, os meios de comunicação social tiveram expressiva atuação nas transmissões da liturgia que é celebrada na Igreja para as residências dos fiéis. Isso foi recomendado e estimulado para que a comunhão na fé cristã fosse alimentada e robustecida. Porém, mentes distantes da misericórdia, aprisionadas em um passado infrutífero e presas ao legalismo são radicalmente contrárias a qualquer tipo de renovação. Diante desse fato, impõe-se um questionamento para a pesquisa ulterior: é possível justificar (e de que modo seria) a consideração ampla de uma assembleia litúrgica onde as pessoas, estando impossibilitadas de frequentar presencialmente e usufruindo dos meios de comunicação, estejam de fato inseridas na comunhão eclesial e participem dos mesmos bens espirituais?

Segunda intuição. O Papa Francisco tem voltado sua atenção para assuntos pertinentes à criação (ecologia, meio ambiente, cosmos etc.) e que integram fé que a Igreja professa, vive e celebra. Na liturgia, há muitos elementos e símbolos oriundos da natureza criada que são associados à celebração sacramental para comunicarem a graça divina (água, fogo, azeite etc.). Porém, a Escritura ensina que toda a criação participa do louvor a Deus e, com toda a comunidade de fé, segundo o apóstolo Paulo, também, aguarda o dia da sua libertação final. Por essas razões, podemos considerar que a criação juntamente com toda a comunidade humana (de batizados ou não) constituem a assembleia litúrgica?

O interesse teológico por este trabalho e a paixão pela liturgia da Igreja, sem sombra de dúvidas, nortearam todo este labor que é para a glória de Deus e a santificação da humanidade. Conscientes da incompletude desta pesquisa, desejamos que as contribuições aqui elencadas favoreçam o despertar de uma renovada consciência sobre a assembleia litúrgica que é vivificada pelo Espírito Santo.

## 6

## Referências bibliográficas

ALDAZÁBAL, J. **A Eucaristia**. 4 Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ALDAZÁBAL, J. **A mesa da Palavra I**. Elenco das leituras da missa. São Paulo: Paulinas, 2007.

ALDAZÁBAL, J. Movimento Litúrgico. In: *Dicionário elementar de Liturgia*. Prior Velho: Paulinas, 2007, p. 188-189.

ALDAZÁBAL, J. **Gestos e símbolos**. São Paulo: Loyola, 2005.

ALDAZÁBAL, J. **Instrução Geral sobre o Missal Romano**. Terceira Edição. Comentários de J. Aldazábal. São Paulo: Paulinas, 2007.

ALDAZÁBAL, J. Domingo, o dia do Senhor. In: In: BOROBIO, D. (Org.) **A celebração na Igreja**. Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000, v. 3, p. 67-91.

ALDAZÁBAL, J. **Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas** / comentários de J. Aldazábal. São Paulo: Paulinas, 2010.

ALMEIDA, A. J. Ministérios. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 617-625.

AGOSTINHO. Cartas. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 944-992.

AGOSTINHO. Sermões. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 993-1126.

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os sacramentos**. Livro I. São Paulo: Paulus, 1996.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Abraão. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 600-601.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Apologia de David. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 602.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Os sacramentos. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 604-613.

ANÁFORA COPTA DE SÃO BASÍLIO DE CESAREIA. Epiclese. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 1331-1333.

ATA DOS MÁRTIRES. Ata dos Santos Saturnino, Dativo e de muitos outros mártires africanos. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 686-688.

AUGÉ, M. **Liturgia**. História, celebração, teologia espiritualidade. 3 Ed. São Paulo: Ave Maria, 2007.

BASÍLIO DE CESAREIA. O Espírito Santo. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 457-462.

BASURKO, X. O culto cristão na Igreja do Império. In: BORÓBIO, D. (Org.) **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I. p. 37-125.

BASURKO, X. De Gregório Magno a Gregório VII. In: BORÓBIO, D. (Org.) **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I, p. 84-97.

BASURKO, X. De Gregório VII a Trento. In: BORÓBIO, D. (Org.) **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I, p. 98-111.

BASURKO, X. De Trento ao movimento litúrgico. In: BORÓBIO, D. (Org.) **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I. p. 112-125.

BASURKO, X. O movimento litúrgico. In: BORÓBIO, D. (org.) **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I. p. 126-135.

BECKER, U. Fogo. In: **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 133.

BECKHÄUSER, A. **Os fundamentos da sagrada liturgia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BECKHÄUSER, A. **Liturgia**. Iniciação à teologia. Petrópolis: Vozes, 2019.

BENTO XVI. **Quaresma e Páscoa**. São Paulo: Paulus, 2013.

BENTO XVI. **Sacramentum Caritatis**. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.

BENTO XVI. **Verbum Domini**. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BERGAMINI, A. Culto. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 270-276.

BINGEMER, M. C. Crer e dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo (algumas reflexões sobre a teologia trinitária hoje). **Atualidade teológica**, ano V, n. 9, p. 181-203, jul/dez. 2001.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. Ver. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BRANDOLINI, L. Domingo. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 305-318.

BOFF, L. **Espírito e missão na obra de Lucas-Atos**. São Paulo: Paulinas, 1996.

BOGAZ, A. S.; HANSEN, J. H. Liturgia/culto. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 551-560.

BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

BOTTE, B. **O Movimento Litúrgico**. Em apêndice: O Movimento Litúrgico no Brasil por D. Clemente Isnard, OSB. São Paulo: Paulinas, 1978.

BOUZON, E.; ROMER, K. J. **A Palavra de Deus no anúncio e na oração**. São Paulo: Paulinas, 1980.

BROWN, R. **Comentário ao Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, v. II, 2020.

BUGNINI, A. **A reforma litúrgica**. (1948-1975). São Paulo: Paulinas, Paulus, Loyola, 2018.

BURNS, R. J. Esdras e Neemias. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 8 Ed. São Paulo Loyola, 2014. v. II. p. 303-332.

CANTALAMESSA, R. **Isto é o meu Corpo**. À luz de dois hinos eucarísticos. 3 Ed. São Paulo: Loyola, 2008.

CANTALAMESSA, R. **O Espírito Santo na vida de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1987.

CANTALAMESSA, R. **O mistério da Palavra de Deus**. São Paulo: Canção Nova, 2011.

CANTALAMESSA, R. **O Verbo se fez carne**. 5 Ed. São Paulo: Ave Maria, 2012.

CANTALAMESSA, R. **Ungidos pelo Espírito**. 3 Ed. São Paulo: Loyola, 1996.

CARDITA, A.G. Ministérios laicais: a questão da instituição litúrgica. In: ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL. **Atualização litúrgica 1**. São Paulo: Paulus, 2018.

CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2009.

CASTELLANO, J. **Liturgia e vida espiritual**. Teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.

CASTELLANO, J. Oração e Liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 814-826.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Puebla**. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 14 Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 6 Ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2008.

CÉSAR, D. O Espírito que foi dado na liturgia. **Revista de Liturgia**, ano 44, v. 261, p. 11-13, mai/jun. 2017.

CESÁRIO DE ARLES. Sermões. In: Cordeiro, J. L. (Org.). **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 1373-1411.

CIBIEN, C. Gestos. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 502-512.

CIRILO DE ALEXANDRIA. Comentário ao Evangelho de João. In: Cordeiro, J. L. (Org.). **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 1172-1177.

CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses mistagógicas. In: Cordeiro, J. L. (Org.). **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 552-564.

CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses pré-batismas. In: Cordeiro, J. L. (Org.). **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 535-551.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Stromata VII. In: Cordeiro, J. L. (Org.). **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 194-195.

CLEMENTE ROMANO. Carta aos Coríntios. In: Cordeiro, J. L. (Org.). **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 91-100.

CLIFFORD, R. J. Êxodo. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**. São Paulo: Paulus, 2018.

CNBB. **Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas**. São Paulo: Paulinas, 1999.

CODA, P. Pentecostes. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. **Dicionário teológico O Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 686-694.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2001.

CODINA, V. **“Não extingais o Espírito” (1Ts 5,19)**. Iniciação à Pneumatologia. São Paulo: Paulinas, 2010.

CODINA, V. **O Espírito do Senhor: força dos fracos**. São Paulo: Paulinas, 2019.

COLA, G. C. **A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação: teologia da assembleia litúrgica**. Rio de Janeiro, 2013. 159. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

COLA, G. **O sacramento-assembleia**. Teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.

COMISSÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. **O Espírito que é Senhor e dá a vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

COMISSÃO LITÚRGICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. **Vinde Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Sacrosanctum Concilium**. Sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Presbiterorum Ordines*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONGAR, Y. **Palavra e Espírito**. São Paulo: Loyola, 1989.

CONGAR, Y. **O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGAR, Y. **Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta *Iuvenescit Ecclesia***. Sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Instrução sobre o estudo dos Padres da Igreja na formação sacerdotal**. Petrópolis: Vozes, 1990.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução *Redemptionis Sacramentum***. Sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. 25 de Março de 2004. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20040423\\_redemptionis-sacramentum\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html)  
Acesso em: 08 Dez 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**. São Paulo: Paulus, 2001.

CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS. Livro VII. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 480-487.

CORBON, J. **A fonte da Liturgia**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2016.

COSTA, R. F. **A mistagogia em Cirilo de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2015.

COUGIL, R. G. La presencia y acción del Espíritu Santo em las acciones sacramentales de la Iglesia a partir del Catecismo de la Iglesia Católica. In: TRIACCA, A. M. **Spiritus spiritalia nobis dona potenter infundit**. Roma: Centro studi S. Anselmo, 2005.

CRAVEN, T. Ezequiel. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 8ª Ed. São Paulo Loyola, 2014. v. II. p. 67-87.

CUVA, A. Assembleia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 94-104.

DEISS, L. **A Palavra de Deus celebrada**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELLA TORRE, L. Homilia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 555-571.



DIDAQUÉ. Instrução do Senhor aos gentios. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 100-107.

DILON, R. J. Atos dos Apóstolos. In: BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**. Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2018, p. 309-398.

DI SANTE, C. **Israel em oração**. As origens da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 1989.

DI SANTE, C. **Liturgia judaica**. Fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

DONGHI, A. **Gestos e Palavras**. Iniciação à linguagem simbólica. São Paulo: Paulus, 1995.

EPÍSTOLA DE BARNABÉ. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 125-131.

EUSÉBIO DE CESAREIA. A Páscoa. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 383-384.

EVDOKIMOV, P. **O Espírito Santo na tradição ortodoxa**. São Paulo: Ave Maria, 1996.

FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos (II)**. 2ª. Ed. São Paulo: Loyola, 1995.

FABRIS, R. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1991.

FALSINI, R. Confirmação. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 217-236.

FAUSTI, S. **Uma comunidade lê o evangelho de Mateus**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

FLANAGAN, N. M. João. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 7ª Ed. São Paulo Loyola, 2013. v. III. p. 109-141.

FERNANDEZ, P. Um culto em Espírito e em Verdade. In: BOROBIO, D. (Org.) **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990, v. 1, p. 252-264.

FINELON, V. G; SANTANA, L. F. R. Por uma leitura bíblico-mistagógica do rito da paz na celebração eucarística. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. **Cultura da paz num mundo em conflito**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2017, p. 157-184.

FOLCH GOMES, C. **Antologia dos Santos Padres**. São Paulo: Paulinas, 1979.

FULGÊNCIO DE RUSPAS. A Mónico. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milénio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 1364-1366.

GAMARRA, J. Oração. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. **Dicionário teológico O Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 623-632.

GELINEAU, J. **O amanhã da Liturgia**. Ensaio sobre a evolução das assembleias cristãs. São Paulo: Paulinas, 1977.

GETTY, M; A. 1 Coríntios. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 7ª Ed. São Paulo Loyola, 2013. v. III. p. 193-219

GIRARD, M. **Os símbolos na Bíblia**: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal. São Paulo: Paulus, 1997.

GIRAUDO, C. **Num só corpo**. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. 2 Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

GOENAGA, J. A. O pós-concílio In: BOROBIO, D. **A celebração da Igreja**, p. 147-160.

GREGÓRIO DE NAZIANZO. Sermões. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milénio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 567-578.

GRINDEL, J. A. Josué. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 8ª Ed. São Paulo Loyola, 2014. v. I. p. 217-231.

GUARDINI, R. **O Espírito da Liturgia**. 2 Ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

HARRINGTON, D. Mateus. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 7ª Ed. São Paulo Loyola, 2013. v. III. p. 11-44.

HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. **Manual de Dogmática I**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 403-497.

HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milénio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 244-257.

IRINEU DE LIÃO. Contra as heresias. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milénio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 177-190.

ISIDORO DE SEVILHA. Ofícios eclesiásticos. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milénio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 1534-1537.

JERÔNIMO. Comentário à Carta aos Gálatas. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 777-778.

JERÔNIMO. Comentário ao Evangelho de Mateus. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 776.

JERÔNIMO. Comentário ao Profeta Miquéias. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 776.

JERÔNIMO. Homilias. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 777-778.

JOÃO XXIII, PP. **Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na abertura solene do sacrossanto Concílio**. Vaticano, 1962. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-spe_19621011_opening-council.html). Acesso em: 25 mai 2021.

JOÃO XXIII. **Humanae Salutis**. Para a convocação do Concílio Vaticano II. Vaticano, 1961. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost\\_constitutions/1961/documents/hf\\_j-xxiii\\_apc\\_19611225\\_humanae-salutis.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html). Acesso em 25 mai 2021.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homilia sobre o Santo Pentecostes. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 730-731.

JOÃO CRISÓSTOMO. Oito Catequeses Baptismais. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 697-712.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta apostólica Dies Domini**. Sobre a santificação do Domingo. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica Dominum et Vivificantem**. O Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo. 6ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

JOÃO PAULO II, PP. **Ecclesia de Eucharistia**. Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOÃO PAULO II, PP. **Spiritus et Sponsa**. Carta apostólica no 40º aniversário da Constituição Sacrosanctum Concilium. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2003/documents/hf\\_jp-pl\\_20031204\\_spiritus-et-sponsa.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2003/documents/hf_jp-pl_20031204_spiritus-et-sponsa.html). Acesso em: 20 mar 2021..

JUNGSMANN, J. A. **Missarum Sollemnia**. Origens, liturgia, história e teologia da missa romana. São Paulo: Paulus, 2009.

JUSTINO. Apologia I. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 145-149.

KARRIS, R. J. O Evangelho segundo Lucas. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**. Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2018, p. 217-308.

KNAUER, P. Espírito Santo/ Pneumatologia. In: EICHER, P. (Org.). **Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 243-252.

KONDEL, J. Lucas. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 7ª Ed. São Paulo Loyola, 2013. v. III. p. 273-292.

KURTZ, W. Atos dos Apóstolos. In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 7ª Ed. São Paulo Loyola, 2013. v. III. p. 143-174

KUZMA, C. Sacerdócio comum. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 848-852.

LADARIA, L. F. **O Deus vivo e verdadeiro**. O mistério da Trindade. 4 Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LAFHEY, A. L. 1 e 2 Reis In: BERGANT, D.; KARRIS, R. J. (Orgs.) **Comentário Bíblico**. 8ª Ed. São Paulo Loyola, 2014. v. I. p. 273-292.

LEÃO MAGNO. Sermões para a Ascensão. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 1206-1207.

LÉON-DUFOUR, X. Leitura do evangelho segundo João III. São Paulo: Loyola, 1996.

LIBANIO, J. B. **Como saborear a celebração Eucarística?** São Paulo Paulus, 2005.

LIMA, M. L. C. **A Palavra de Deus em palavras humanas**. Para ler e compreender a Escritura. São Paulo: Paulinas, 2020.

LODI, E. Ministério/ Ministérios. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 736-749.

LURKER, M. Fogo, In: **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 105-107.

MACKENZIE, J. L. Aliança. In: **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 24-27.

MACKENZIE, J. L. Fogo. In: **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 359-340.

MACKENZIE, J. L. Glória. In: *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 388-390.

MACKENZIE, J. L. Luz. In: *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 560-561.

MACKENZIE, J. L. Pentecostes. In: *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 720-721.

MACKENZIE, J. L. Sinagoga. In: *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 882-884.

MAERTENS, T. **Reúne o meu povo**. São Paulo: Paulinas, 1977.

MAGRASSI, M. **Viver a Palavra**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MALDONADO, L. **A ação litúrgica**. Sacramento e celebração. São Paulo: Paulus, 1998.

MALZONI, C. V. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MANZATTO, A. Espírito Santo In: In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 362-365.

MAQUEDA, A. L. **Espírito Santo e Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2020.

MAQUEDA, A. L. *La pneumatologia litúrgica. Em la obra de Don Achille Maria Triacca*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2012.

MARSILI, S. **Sinais do mistério de Cristo**. Teologia litúrgica dos Sacramentos, Espiritualidade e Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2010.

MARSILI, S. A Liturgia, momento histórico da salvação. In: NEUNHEUSER, B. et alii. **A liturgia: momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 37-190. (coleção Anámnese 1)

MARTIMORT, A. G. **A Eucaristia**. A Igreja em Oração. Petrópolis: Vozes, 1989. V. II.

MARTIMORT, A. G. **Os Sacramentos**. A Igreja em Oração. Petrópolis: Vozes, 1991. V. III.

MARTÍN, J. L. **A liturgia da Igreja**. Teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARTÍN, J. L. Liturgia. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. *Dicionário teológico O Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 520-530.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João**. São Paulo: Paulus, 1999.

MATOS, H. C. J. **Liturgia das Horas e Vida Consagrada**. Belo Horizonte: Lutador, 2004.

MIRANDA, M. F. **A Igreja em transformação**. Razões atuais e perspectivas futuras. São Paulo: Paulinas, 2019.

MOLINERO, M. A. A. **O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia**. Para uma teologia do espaço litúrgico. São Paulo: Paulus, 2019.

MOLTMANN, J. **A fonte da vida**. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, J. **O Espírito da Vida**. Uma pneumatologia integral. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MÜLLER, G. L. **Dogmática Católica**. Teoria e prática da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

NEUNHEUSER, B. **História da Liturgia através das épocas culturais**. São Paulo: Loyola, 2007.

NEUNHEUSER, B. História da Liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 522-544.

NEUNHEUSER, B. Movimento Litúrgico. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 787-799.

NOCENT, A. Batismo. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 109-122.

PAIGE, T. Espírito Santo. In: HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus: Vida Nova: Loyola, 2008, p. 484-495.

PASTRO, C. **Guia do Espaço Sagrado**. 3 Ed. São Paulo: Loyola, 2001.

PAULO VI, PP. Audiência geral de 6 de junho de 1973. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1973/documents/hf\\_p-vi\\_aud\\_1973\\_0606.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1973/documents/hf_p-vi_aud_1973_0606.html). Acesso em: 20 mai 2021.

PÁDUA-PEDROSA, L. Espiritualidade e Bíblia. **Atualidade teológica**, v. 6, p. 58-80, jan/abr. 2014.

PIO X, PP. **Tra le sollecitudini**. Sobre a música sacra. Vaticano, 1903. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/pius-x/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-x\\_motu-proprio\\_19031122\\_sollecitudini.html](http://www.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini.html). Acesso em: 17 mai 2021.

PIO XII, PP. **Discurso do Papa Pio XII aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica em Assis**. Assis, 1956. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/piusi/fr/speeches/1956/documents/hf\\_pxii\\_spe\\_19560922\\_liturgia-pastorale.html](http://www.vatican.va/content/piusi/fr/speeches/1956/documents/hf_pxii_spe_19560922_liturgia-pastorale.html). Acesso em: 18 mai 2021.

REYNAL, D. D. **Teologia da liturgia das horas**. São Paulo: Paulinas, 1981.

RIBEIRO SANTANA, L. F. **Liturgia no Espírito**. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida. Rio de Janeiro: PUC-Rio São Paulo: Reflexão, 2015.

RIBEIRO SANTANA, L. F. A palavra de Deus na celebração litúrgica. In: DONDICI, G. **Fecundados pela Palavra** comentários à Exortação Apostólica Verbum Domini. São Paulo: Paulus, 2014, p. 81-96.

RIBEIRO SANTANA, L. F. **A liturgia das horas como memorial de Cristo e santificação do tempo**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2001.

RIBEIRO SANTANA, L. F. **O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã**. Rio de Janeiro: Bom Pastor, 1999.

RIVAS, L. H. **O Espírito Santo nas sagradas Escrituras**. São Paulo: Paulinas, 2001.

ROCCHETA, Carlo. **Os sacramentos da fé**: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da igreja. São Paulo: Paulinas, 1991.

RÚBIO, A. G. **Unidade na pluralidade**. 3 Ed. São Paulo Paulus, 2001.

SAGRADA CONGREGACION DE RITOS. *Eucharisticum mysterium. Instrucción sobre el culto a la Sagrada Eucaristia*. 25 de Maio de 1967. Disponível em: <https://obtienearchivo.bcn.cl/obtienearchivo?id=documentos/10221.1/45876/1/208545.pdf> Acesso em 08 mai 2021.

SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO. **Os sacramentos e os mistérios**. Iniciação cristã na Igreja primitiva. Petrópolis: Vozes, 2019.

SÃO JOÃO, A. Batismo. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 50-53.

SALVATI, G. M. Salvação. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. **Dicionário teológico O Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 815-827.

SALVATI, G. M. Espírito Santo. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. **Dicionário teológico O Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 305-314.

SCHÖKEL, L. A. **Meditações bíblicas sobre a Eucaristia**. São Paulo: Paulinas, 1988.

SESBOÜÉ, B. **O Espírito sem rosto e sem voz**. Aparecida: Santuário, 2012.

SILANES, N. Comunhão. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. **Dicionário teológico O Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 156-167.

SILANES, N. Igreja da Trindade In: PIKAZA, X.; SILANES, N. **Dicionário teológico O Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 420-441.

SILVA, J. A. A celebração do mistério de Cristo ao longo da história. In: **Manual de Liturgia IV. A celebração do mistério pascal**. Outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007, p. 445-518.

SORCI, P. Mistério Pascal. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 771-787.

SPERA, J. C.; RUSSO, R. Quem de nós celebra? In: CELAM (Org.). **Manual de liturgia I. A celebração do mistério pascal**. Introdução à celebração litúrgica. São Paulo: Paulus, 2005, p. 119-150.

SPERA, J. C.; RUSSO, R. A assembleia celebrante. In: CELAM (Org.). **Manual de liturgia II. A celebração do mistério pascal**. Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. 2 Ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 111-141.

STUBENRAUCH, B. Invocação do Espírito/ epiclese, In: BEINERT, Wolfgang; STUBENRAUCH, Bertram. **Novo léxico da teologia dogmática católica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

TABORDA, F. **A Igreja e seus ministros**. Uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.

TABORDA, F. **O memorial da Páscoa do Senhor**. Ensaio litúrgico-teológico sobre a eucaristia. 2 Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

TARRUEL, J. G. Salmos. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 1095-1109.

TEODORO DE MOPSUÉSTIA. Homilias Catequéticas. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 790-811.

TERRIN, A. N.; CASTELLANO, J. Religiosidade popular e liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / Paulistas, 1992, p. 1006 -1021.

TERTULIANO. Apologético. In: Cordeiro, J. L. (Org.) **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 203-208.

TRIACCA, A. M. *Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita dela Chiesa*. Vaticano: Editrice Vaticana, 2011.

TRIACCA, A. M. Espírito Santo. In: SBORRIELO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M. R. (Orgs.). **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 2003, p. 376-379.

TRIACCA, A. M. Espírito Santo. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 359-370.



TRACCA, A. M. Participação. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas / paulistas, 1992, p. 886-904.

VV.AA. **O Espírito Santo na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1988.

VAGAGGINI, C. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.

VANNI, H. **Apocalipse** uma assembleia litúrgica interpreta a história. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

VANHOYE, A. *Sacerdotes antigos, sacerdote nuevo según el Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1984.

VINSENTIM, P. Eucaristia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas / Paulistas, 1992, p. 395-415.

VOGEL, C. Liturgia. In: BERARDINO, A. D. (Org.) *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulus, 2002, p. 833-849.

ZIZIOULAS, I. **A criação como Eucaristia**. Proposta teológica ao problema da ecologia. São Paulo: Mundo e Missão, 2001.